HISTORIA DE GIL BRAZ DE SANTILHANA

DAVID CORAZZI-EDITOR
LISBOA.

Historia

DE

Gil Braz

DE

Santilhana

LISBOA
DAVID CORAZZI
Editor.

HISTORIA

DE

GIL BRAZ

DE SANTILHANA

SCIENCIAS LETRAS E ARTES
CASA EDITORA
LISBOA

HISTORIA

DE

GIL BRAZ

DE SANTILHANA

POR

LESAGE

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA DE

JULIO CESAR MACHADO

EDIÇÃO MONUMENTAL

ILLUSTRADA COM PERTO DE 400 GRAVURAS INTERCALADAS NO TEXTO

E

30 OLEOGRAPHIAS EM SEPARADO

TOMO II

LISBOA

40, Rua da Atalaya, 5?

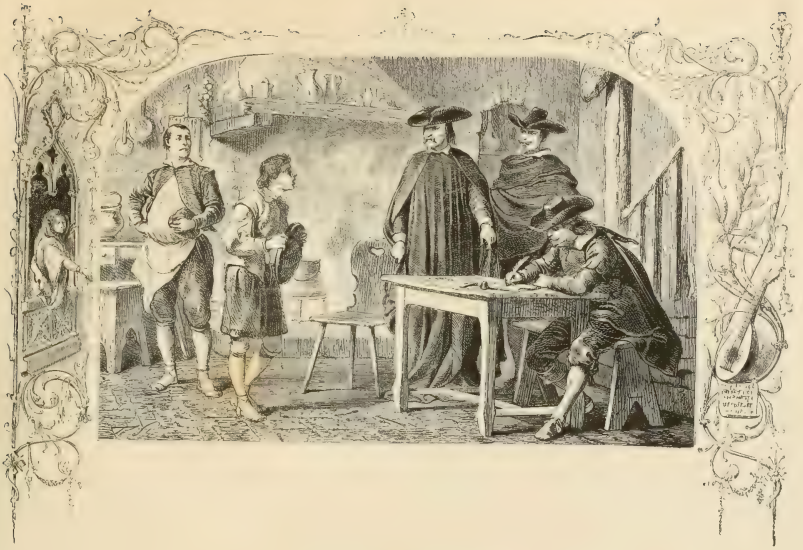
FILIAL NO BRAZIL

38, Rua da Quitanda, Rio de Janeiro

1886

Typ. das Horas Romanticas — 40, Rua da Atalaya, 52. Lisboa

LIVRO SEXTO



CAPITULO I

D'O QUE FIZERAM GIL BRAZ E OS SEUS COMPANHEIROS DEPOIS DE SE SEPARAREM DO CONDE DE POLAN; DO IMPORTANTE PROJECTO QUE FORMOU ANTONIO E DA MANEIRA POR QUE O EXECUTOU

Depois de ter passado metade da noite a dar-nos mais e mais agradecimentos, com os protestos de uma gratidão eterna, chamou o conde o locandeiro para o consultar sobre o melhor modo de chegar com segurança a Turis.

Despedimos-nos d'elle deixando-o n'essas consultas e seguimos pelo caminho que o Lamela escolheu.

Tinhamos andado duas horas, quando nos amanheceu perto de Campillo.

Foi um pulo emquanto chegámos ás montanhas que ficam entre aquella villa e Requena.

Passámos alli o dia a descançar e a contar os nossos dinheiros augmen-

tados com os trezentos dobrões-itos que pilharamos nas algibeiras dos ladrões.

A noite a chegar e nós a mettermos-nos outra vez á estrada, dando entrada no reino de Valencia á dôce luz do romper da aurora.

Fomos rompendo por entre umas arvores até irmos dar a uma ribeira de crystallina agua que vagarosamente deslisava até ao Guadalaviar.

Quando mesmo nos não fizera conta descançar alli algumas horas estava a herva a sorrir tanto aos cavallos, como a sombra a convidar-nos a nós.

Toca a apear alegremente, e de resolução formada para passarmos o dia n'aquelle poiso encantador.

Almoçâmos, não almoçâmos, vamos a isto, melhor é já, e ainda agora nos achâmos n'uma escacez de viveres lastimosa.

Nós sem pão, e a borracha convertida n'um corpo sem alma.

— Senhores, disse então Ambrosio. Não ha sitio, por mais bello, que sem Ceres e sem Baccho logre agradar-me, cavalheiro.

O meu voto é que tratemos de renovar provisões.

Vou-me a Chelva n'um prompto. É uma terra linda. Duas leguas curtas. Não percamos tempo. Estou aqui, estou de volta.

Dicto isto, montou a cavallo com a borracha e os alforges, e elle ahi vae.

O caso foi que por mais que o esperassemos, quem é que fala de o tornarmos a vêr?

Passava já de meio dia, foi vindo a tarde, já ia a descer a noite e só então o nosso provedor, cuja tardança começava a inquietar-nos, nos deu o gôsto de o vermos.

O que aquelle diabo trazia de cousas! A borracha vinha cheiissima. Boas carnes assadas nos alforges, que vinham atestadinhos de paparoca vária, e na garupa uma trouxa grande que era o que os olhos podiam vêr.

Elle largou a rir.

— Aposto eu que nem o D. Raphael, nem quantos haja no mundo, por mais espertos, são capazes de adivinhar que fardo é este?

Ahi abriu a trouxa e nos mostrou o que vinha dentro.

Uma capa.

Uma sotaina.

Duas véstias e dois pares de calções.

Um tinteiro de pau do ar com o competente areeiro, um canudinho para metter as pennas.

Papel para escrever, finissimo.

Um grande sêllo.

Um cadeado.

E um pau de lacre verde.

D. Raphael arregalou o olho:

—Ó sr. D. Ambrosio, exclamou jubiloso, isso é o que se chama saber uma pessoa empregar bem o dinheiro! Para que diabo é isso?

O Lamela, muito serio:

—Para o que é preciso.

Dez dobrões me custou tudo isto, e se os meus calculos me não falham, ha de render mais de quinhentos.

Quinhentos, não é nem menos nem outra cousa: hão de ser quinhentos.

É contar com elles.

Não sou homem para comprar bugiarias.

Fartos de cousas inuteis andâmos nós na vida.

Para que possam formar conceito, sobre se eu fiz compras ás tontas, vou informal-os de um projecto.

Este é valente!

Este é dos mais finos, a que o entendimento do homem se tem atrevido.

É ouvir.

Vae!

Apostemos que vão ficar attonitos, tão depressa o saibam.

Attenção:

Primeiro que tudo fui á padaria. Comprado o pão, dirigi meus passos á

loja de um pastelleiro, que se encarrega de assados, e encommendei-lhe seis perdizes, seis frangos, e seis coelhos que ficassem bem tostadinhos.

Emquanto levavam isso para o forno, entrou na loja um individuo, furioso, a desabafar em queixas contra um logista d'aquella mesma rua, um Samuel Simão.

Diz-lhe o pastelleiro:

— Olhem que novidade! Isso é o maior cão, que ha no logar!

Palavra!

Póde correr Chelva de porta em porta, que não encontra um perro mais ruim com casa de negocio.

— Publicamente me injuriou agora.

Esse grande biltre!

Ora, o ladrão!

Não me quiz fiar seis varas de panno, sabendo muito bem quem eu sou, e que nunca, até hoje, fiquei a dever nada a ninguem.

É bruto, ou não é bruto?

Fia aos caloteiros, aquelle infame animal, e rompe em escrupulos com um vizinho honrado, tendo a certeza de que eu não seja homem de deixar de pagar-lhe até ao ultimo maravedil!

Judeu das tamaras!

Áquelle, é que era bem pregada uma peça!

Dia virá em que este desejo se realise, e hei de ter muitos companheiros no alegrão que isso me dê!

Ouvil-o, e nascer em mim o empenho de vingar aquelle sujeito, foi obra de um só instante.

— Com effeito! ponderei. Nunca fiz idéa de que houvesse um birbante d'esses!

Samuel Simão, hein? Já o nome é de quisilia. Que caracter de physionomia tem esse melcatrefe? Má rèz, já se vê, que elle é...

— Pessima. Refinado hypocrita. Usurario de má morte disfarçado em san-

tarrão. Judeu armado em christão novo, porque isto lhe renda mais, mas, sempre alma de judeu de rabo!

Não deixei cahir uma só palavra de quanto aquelle linguoso homem disse, e logo que sahi da pastellaria tratei de informar-me de onde fôsse a casa do Samuel Simão.

— Alli a tem, olhe o senhor, é aquella mesma! disse-me um homem que passou proximo.

Detive-me a observar, e, de repente, esta retentiva estupenda de que a natureza me prendeu suggeriu-me o enredo para uma passagem, que não admittia demoras, e em tudo digna de um illustre creado do senhor Gil Braz.

Fui comprar estes fatos, que aqui vêem.

Um de commissario do santo officio.

Outro, para figurar de secretario.

E mais este, de aguazil, magnifico, verdadeira fatiota de meirinho-mór, alto governador, capitão de toda a gente da terra.

Fiz poucas cousas, para a demora que tive?

D. Raphael, todo enlevado em jubiloso extase, rompeu em exclamações:

— Queridissimo Antonio! Que idéas de homem! Abençoados talentos! Que plano, senhores, que rijeza de projecto! Eu tenho inveja a cabeças d'estas! Palavra de honra, que trocava de boa gana todas as malhadas em que me tenho achado, por esta invenção delicadissima.

E voltando-se de cara para o Lamela:

— Ó Lamelinha, proseguiu, quem te lê por dentro, quem te aprecia, quem te dá o valor todo? Eu, rico velhaco, eu, meu lindo! Digo-te então, essa está certa, essa é de truz, essa dá honra ao primeiro e ao ultimo quartel de um seculo! O que precisas é de quem te ajude. Actores, que não deitem a peça a perder!

Mas, — (com um sorriso) — tu os estás vendo!

O senhor Gil Braz, se quizer fazer o favor, desempenhar-se-ha da parte do aguazil.

Eu ir-me-hei á do secretario.

E tu, menino, para que se aproveite esse teu ar de devoção, brilharás de commissario do santo officio.

Ámanhã, a peça em scena!

Respondo pelo exito. Vae dar enchente.

Pelo que me respeita, não percebi quasi nada do embrulhado projecto que o D. Raphael tanto engrandecia; durante a ceia é que m'o explicaram por miudos, e achei-o deveras engenhoso.

Manducámos regaladamente e démos uma sangria boa á borracha.

Extendidos depois sobre a relva, fizemos um somninho reparador.

Quando ia a manhã principiando a luzir, entrou o desapiedado Antonio a berrar:

— Vá acima! Álerta! Quem tem cuidados não dorme!

D. Raphael resmungava ainda meio a dormir:

— Os diabos carreguem com o commissario.

O Samuel Simão ha de esconjurar-se de tanta vigilancia!

— Por essa estou eu! respondeu o Lamela a rir. De mais a mais, fui sonhar ha boccado que lhe estava arrancando os cabellos da barba a um por um! Ó *sôr* secretario, a modo que isto é agoiro!

Almoçámos, e puzemos-nos em pé de marcha, como se foramos uma companhia ambulante de comicos de officio.

Ambrosio de tunica..

D. Raphael e eu em estylo de secretario e de meirinho.

Ensaiámos alli a peça com tal apuro, que já passava das duas horas da tarde quando sahimos do bosque e seguimos para Chelva.

Verdade seja que a pressa era pouca, e até não convinha que nos vissem antes de escurecer o dia.

Fomos devagarinho, e ainda esperámos um pedaço primeiro que entrassemos no logar.

Tão depressa foi noite, deixámos os cavallos n'aquelle sitio, ficando D.

Affonso a tomar conta n'elles, contentissimo por signal de não ter que desempenhar-se de outro qualquer papel.

D. Raphael, Ambrosio, e eu, fomos direitos á porta de Samuel Simão.

Veiu elle mesmo abrir, e ficou pasmado de vêr entrarem-lhe em casa estes tres figurões.

— Senhor Samuel, disse-lhe o Lamela em tom de imperio, (e ahi então é que o homem ficou ainda mais pasmado) — da parte do santo officio, do qual indigno representante sou aqui, o intimo a entregar-me a chave do seu escriptorio sem perdermos tempo com falas nem razões. Houve denuncia a seu respeito.

O mercador recuou dois passos, como se lhe houvessem atirado ao peito um murro.

Sem desconfiar da tramoia, e quem sabe se movido da consciencia que tinha de ser a boa peça que era, acreditou ter havido delação a seu respeito, e descoberta formal de suas virtudes ausentes.

Fôsse o que fôsse, nunca vi em dias da minha vida homem mais perturbado e coacto.

Obedeceu sem resistir, e com o acatamento proprio de quem se pélla com medo da inquisição.

Escancarou as portas ao escriptorio, e ao entrar disse-lhe o Ambrosio:

— Está feito, vocemecê ao menos obedece com a submissão devida ás ordens do santo officio. Mas, entendâmos-nos, cada um no seu logar; passe lá para outra casa, e deixe-me praticar livremente as funcções do meu cargo.

Egual obediencia a esta segunda ordem.

Retirou-se para a tenda, e fomos nós metter-nos no escriptorio, remexendo tudo n'um abrir e fechar de olhos em busca do dinheiro, que logo alli encontrámos n'um cofre que estava aberto e que tinha mais e bem mais do que poderiamos levar comnosco.

Taleigos de arregalar o olho! Prataria basta!

Melhor fôra que tivesse esta dinheirama em ouro, já se sabe; mas a

prata tem aquelle sorriso alvar, que desafia a gente n'um caso semelhante a fazer da necessidade virtude.

Arrecadámos nas algibeiras, no alçapão dos calções, e nos canos das botas, o mais que pudemos, de maneira que ficámos carregados como burros, mas sem ninguem poder dar por tal, mercê da destreza do Ambrosio e do D. Raphael, que assim me deram occasião de apreciar não haver cousa melhor no mundo do que saber cada qual do seu officio.

Feita a obra, e por motivos que julgo inutil ponderar, sahimos do escriptorio muito lepidos, o commissario puxou do bello cadeado, pôl-o por sua propria e veneranda mão na porta, pregou-lhe o sêllo com o rico lacre verde, e disse ao Simão:

— Cuidado, *sôr* Samuel! É-lhe defeso tocar com um dedo n'este cadeado, ou n'este sêllo, que lhe cumpre respeitar, attentas a qualidade e prerogativas de sêllo do santo officio.

Ámanhã voltarei á mesma hora de hoje, para que eu proprio o levante e lhe dê as respectivas ordens.

Concluido isto, mandou abrir a porta que dava para a rua, e ahi desfilámos nós.

A cincoenta passos andados, démos ás pernas com tal ligeireza que mal roçavamos o pé pelo chão commum, sem embargo da carga que levavamos.

Uma vez fóra da villa, montámos a cavallo, e tomámos a direito pela estrada de Segorve, entoando canticos de louvor ao deus Mercurio por tão feliz jornada.

CAPITULO II

DA DELIBERAÇÃO QUE D. AFFONSO E GIL BRAZ TOMARAM DEPOIS D'ESTA AVENTURA

ANDAMOS toda a noite, segundo nosso louvavel costume, e ao raiar da manhã chegámos a uma aldeola, a duas leguas de Segorve.

Cançados como iamos, não quizemos mais saber da estrada real, e avistando uns salgueiros a mil passos de distancia do logar, fomos aproveitar-lhes a sombra.

Era um sitio lindo.

Apeámos-nos logo, de feição a passarmos alli todo o dia. Tirámos os freios aos cavallos, para elles pastarem á sua vontade, deitámos-nos um boccado a descançar o corpo, e atiramos-nos depois com gana aos alforges e á borracha.

Depois de um almoço opiparo, principiámos a contar, para entretermos o tempo delicadamente, o dinheiro que haviamos surripiado a Samuel Simão.

Tres mil ducados.

Com o que já tinhamos, podia considerar-se estarmos senhores de um capital muito decente.

Acabadas as provisões, e sendo necessario tratar de arranjar outras, disseram o Ambrosio e o Raphael, os quaes haviam despido já os trajos de disfarce, quererem tomar aquelle empenho a si.

Era a victoria de Chelva, que assim lhes avivára o gôsto pelas aventuras!

Caprichavam em ir a Segorve renovar façanhas!

—É esperarem-nos aqui, disse o filho da Lucinda. Quietinhos á sombra d'este salgueiral, e sem especie alguma de inquietação, porque não teremos demora.

—Senhor D. Raphael, veja lá o que faz! disse-lhe eu sorrindo. Não vá isso ficar em fumo, e nunca mais lhe pôrmos a vista!

O Ambrosio formalisou-se.

—Essa suspeita só póde ter desculpa se nos lembrarmos do que fizemos em Valladolid! Assim como deixámos por lá os companheiros, não seria muito que abandonassemos agora as vossas pessoas.

Convem, porém, observar, que aquel'outros, eram má gente.

Já os não podiamos aturar!

E alêm d'isso, para sermos justos, o nosso officio costuma ter a particularidade de ser o que mais se accommoda para partilhas.

Tudo vae da inclinação das pessoas. Em os genios se não dando bem, adeus amizade. Todos os gremios são assim.

Portanto, faça-nos favor o senhor Gil Braz, e egual favor espero do senhor D. Affonso, nos deixarem ir a Segorve sem desconfianças e sem pieguices.

—Homem, acudiu o filho da Lucinda, não estejamos com cousas. Fiquem com o bolo, e não ha fiança mais segura.

Guardem para ahi isso.

Nem o Ambrosio nem eu desconfiâmos de que sejam capazes de nos pregarem peça.

Já ficam socegados, ou ainda se lhes não tira com isto a pedra do sapato?

— Ora essa! retorqui. Façam o que lhes parecer melhor, e demorem-se quanto quizerem.

— Então, está direito?

— Está direito, está.

Immediatamente abalaram, de borracha e alforjes, deixando-me á sombra dos salgueiros com o D. Affonso, que me disse por estas palavras:

— Senhor Gil Braz, quero-lhe dizer uma cousa.

Tenho-me arrependido centos de vezes da condescendencia que tive de me juntar com esta sucia.

Ainda hontem, em quanto estive de guarda aos cavallos, pensei e tornei a pensar na celebreira em que ando, de me achar exposto a cahir nas mãos da justiça por alguma ladroeira que estes diabos façam.

Dá-me isto que scismar; e estou resolvido a separar-me d'elles, para não continuar a ser cumplice d'estas vergonhas todas.

Que me diz?

— Digo que tem razão. Apesar de que ainda hontem me viu representar de meirinho na peça que pregámos ao Samuel Simão, creia que de mim para mim tudo era o coração dar-me uma pancada de instante a instante com estas reflexões:

— Ó maroto, olha se te agarram! Para que te mettes n'isto!? Lembra-te que de alguma, não te saes a limpo!...

Por isso, approvo o que o meu amigo me diz, e, se quizer companheiro, é dizel-o. Em elles voltando, diz-se-lhes para repartirmos o que ha, e ámanhã de madrugada, ou ainda esta noite, despedimos-nos, e ala!

Approvou esta minha determinação o namorado da bella Serafina, e disse-me:

— Iremos a Valencia, embarcaremos para Italia, e entraremos ao serviço da republica de Veneza.

Sempre é outra obra, hein?

Ou a carreira das armas, ou esta!

Podemos, com este dinheiro que vamos receber, arranjar a nossa vida dignamente.

Não foi lá muito bem adquirido, mas fechemos os olhos a isso.

O que se póde fazer, é reembolsarmos o Samuel Simão a todo o tempo...

Tenha eu fortuna na guerra, e sou muito capaz de lhe restituir o dinheiro.

—E dois! exclamei. Está bem pensado.

Ficámos justos.

Na manhã seguinte, apenas alvorecesse, separar-nos-iamos dos camaradas.

Honra nos seja feita, não deixámos entrar em nós a tentação de arrecadarmos o dinheiro que tinhamos á vista e pôrmos-nos a andar.

Impedia-nos d'isso a confiança que em nós haviam depositado os companheiros, e nem tal cousa nos passou pela idéa, comquanto a passajola que me haviam armado na estalagem de Valladolid devêsse auctorisar de certa maneira o roubo.

Voltaram de Segorva o Ambrosio e o D. Raphael ao cahir da tarde.

A primeira cousa que nos disseram, foi que haviam feito uma viagem muito feliz, e que tinham deixado entabolada uma aventura, que, pelos geitos que levava, seria superior ainda á da vespera.

Principiou o filho da Lucinda a explicar-nos o plano; mas D. Affonso interrompeu-o logo, advertindo-lhe achar-se resolvido a separar-se da companhia.

Disse-lhe isso cortezmente, e eu aproveitei o ensejo e fui dizendo o mesmo.

Por maiores diligencias que fizeram para que continuassemos juntos, não houve conseguir tal cousa.

Estava dicto, estava dicto.

Na manhã seguinte despedimos-nos d'elles, depois de se haver repartido o dinheiro em quinhões eguaes, e seguimos, os dois, direitos a Valencia.

CAPITULO III

EXEMPLO DE ALEGRIA DE D. AFFONSO; E DE COMO O ACASO VALEU A GIL BRAZ

Fomos até Bunhol, onde por desgraça nossa tivemos de parar.

Sentiu-se doente o D. Affonso. Ardia em febre. Não havia medico no logar, e foi uma pechincha, porque não nos custou aquillo senão um boccado de susto.

Ao terceiro dia, estava o homem prompto, devido isso em grande parte aos cuidados com que o tratei.

Mostrou-se muito agradecido, e, porque sympathisassemos um com o outro, ficámos amigos para emquanto vivos fôssemos.

Seguimos, na deliberação firme de embarcarmos para Italia logo que em Valencia se nos offerecesse occasião propicia; mas, o céo, que velava pelas nossas pessoas, dispoz as cousas por outra maneira.

Vimos á porta de uma quinta uns camponezes a bailarem.

Chegámos-nos, e, entre os que faziam roda, quem havia de estar? O barão de Steinbach.

Vê D. Affonso, e corre para elle de braços abertos:

—Aqui! meu querido Affonso! Que fortuna! Pelo mundo todo a procurarem-te, e tu aqui!

Apeou-se, sem perda de um momento, o meu companheiro, e abraçou mil vezes o barão, que parecia louco de alegria.

—Agora saberás quem és! disse-lhe o bom velho. Vem commigo, filho!

Levou-o para casa, e fui atraz d'elles, depois de prender os cavallos a uma arvore.

Encontrámos logo o dono da quinta, homem dos seus cincoenta annos, a quem o Steinbach disse:

—Aqui lhe apresento seu filho!

Ao ouvir estas palavras, D. Cesar de Leiva, que assim se chamava esse cavalheiro, deitou os braços, como um sofrego, ao pescoço de D. Affonso, e, a chorar de alegria:

—Sou teu pae, e só Deus sabe o que tenho soffrido por não t'o haver dicto ha mais tempo.

Casei por amor; e contra a vontade de meu pae, desgostoso de que tua mãe fôsse de condição inferior á minha.

Cuidou sempre de ti carinhosamente o barão de Steinbach, unica pessoa, no mundo, em quem me eu fiava.

Hoje, meu pae já não é d'este mundo, e não preciso de continuar a esconder que és meu filho.

Espero até casar-te com uma senhora de nobreza egual á minha.

—Por Deus, interrompeu D. Affonso; seria cruel pagar tão caro uma felicidade com que eu não contava. Já meu avô foi duro para com meu pae, mas, não tanto, como meu pae o quer ser commigo.

—Filho, respondeu D. Cesar, longe de mim a idéa de combater a inclina-

ção amorosa que tiveres; exijo apenas, que, antes de te deliberares, vejas a pessoa que eu me empenhava em destinar-te.

Não a ha mais formosa, e teria este casamento mil vantagens para ti; descança, porém, nenhuma violencia hei de empregar para que acceites por esposa esta menina.

Não está longe; está n'esta casa; vaes vêl-a, e tenho a certeza de que me confessarás não haver mais encantadora pessoa.

Dizendo isto, foi conduzindo D. Affonso, indo o barão de Steinbach em companhia d'elles.

Alli se achavam o conde de Polan com suas duas filhas Serafina e Julia, com D. Fernando de Leiva seu genro e que era sobrinho de D. Cesar; e outras senhoras e cavalheiros.

D. Fernando, que, como disse, já raptára Julia, recebera-a por esposa n'esse dia, e era por motivo da boda que a gente das aldeias vizinhas alli concorrêra.

— Bem vindo seja o meu libertador! exclamou o conde de Polan tão depressa avistou D. Affonso. Reconhece n'isto o poder que tem a virtude nas almas generosas. Se tiraste a vida a meu filho, tambem salvaste a vida ao pae. Sacrifico-te todo o meu resentimento, e em premio de haveres salvado a honra de Serafina, offereço-t'a para mulher.

Não seria facil dizer o que n'aquella hora maior gôsto deu ao filho de D. Cesar, se o haver descoberto o segredo de seu nascimento ou se a ventura de alcançar por esposa Serafina.

O caso foi que, uns poucos de dias depois, estavam casados com geral applauso e regosijo.

Como eu havia sido um dos que acudiram ao conde de Polan, conheceu-me elle e logo me disse que ficava ao seu cuidado o ajudar-me e favorecer-me nos negocios da minha vida.

Fiquei por mordomo, para me não separar de D. Affonso, o qual, da mesma maneira que me honrou com toda a sua confiança, logo me pediu que fôsse ao Samuel Simão levar-lhe o dinheiro que lhe haviamos tirado.

Estava engasgado com aquella feia acção, coitado; e, o mais galante, é que, d'aquella restituição sordiu a graça de principiar um mordomo por onde sempre os mordomos deveriam acabar.

LIVRO SETIMO

CAPITULO I

AMORES DE GIL BRAZ COM LOURENÇA SETORA

Fui eu a Chelva levar ao bonissimo Simão os tres mil ducados que lhe haviamos empalmado.

Estive vae não vae, no caminho, para ficar com elles, e dar assim á minha mordomia uns rasgos de prologo mais verosimil.

Seria caso para viajar cinco ou seis dias e voltar depois muito sereninho, como quem se houvesse desempenhado virtuosamente de uma commissão honrosa.

Se não houvera tratado toda a minha vida senão com homens de bem, estou que não resistia á tentação; mas, vivêra com ladrões: foi o que me valeu.

Restituido o dinheiro, que o mercador não contava tornar a vêr, voltei

para a quinta de Leiva, onde já não se achava o conde de Polan, que com Julia e D. Fernando haviam ido para Toledo. Fui encontrar o meu amo e senhor mais namorado que nunca da sua Seraphina, a noiva de dia para dia mais apaixonada por elle, e D. Cesar n'um mar de venturas pelo gôsto de os vêr na sua companhia.

Appliquei-me a agradar ao pae, deram-me a administração da casa, governava eu tudo, recebia as rendas, pagava as contas, mandava nos creados todos.

Mas nunca abusei, para não parecer administrador.

Não despedia ninguem, favorecia todos o quanto estivesse ao meu alcance e promovia os interesses da casa.

Não roubei nada.

Não haverá muitos administradores como eu.

Invejoso, o amor, dos sorrisos com que me tratava a fortuna, accendeu no coração de Lourença Sefora, creada grave de Seraphina, uma paixão por este seu creado.

A fidelidade de historiador coage-me n'este ponto a confessar, que o diabo da bella tinha já os seus cincoenta annos.

Mas que frescura, que par de olhos, que corpanzil!

A côr era desmaiadita; mas, isso, attribui-o eu á austeridade e privações do celibato.

Olhava-me de soslaio, com a ternura de quem se derrete; e eu fazia que não entendia.

E por ella julgar inutil que os seus olhos me dissessem tudo, por me considerar noviço n'aquelles assumptos, declarou-se-me em termos formaes, para que me não ficasse nenhum boccado de duvida.

Fingiu que se agoniava, e depois de dizer quanto lhe veiu á cabeça, tudo era tapar a cara como que envergonhada de sua fraqueza.

Ahi principiei eu, por vaidade, a dar testemunho de meus ardores, e ella a reprimir-se com recato. Foi uma historia, das que tem que se lhes diga.

Andavamos n'aquella caturreira, quando um escudeiro de D. Cesar veiu perturbar a minha alegria com uma ruim nova.

Era d'aquelles creados, que não cuidam senão de saber o que se passa no interior de uma casa. Vinha todos os dias com contos.

De uma occasião sahiu-se a dizer-me que sabia umas cousas da Lourença, porém me pedia o maior segredo.

Disse-lhe eu com ares de indifferença:

—Está feito! Ora a ratona da Lourença!

—Mette todas as noites no quarto, ás escondidas, o cirurgião do logar. Não digo que seja para mal, mas tem sempre um boccadinho de demora, que faz com que não pareçam visitas de medico.

Mesmo sem estar namorado, dei o cavaco com aquillo.

Escondi-me, quando foi noite, e vi entrar o cirurgico para o quarto da Lourença.

Esperei-o á sahida, e vi um macholão robusto, de braço longo, e um espadão de legua e meia.

Fui-me direito a elle.

O homem estacou.

—Então o que é isto, ó seu Gil Braz, exclamou; isso é brincadeira?

—Não é brincadeira, não, senhor barbeiro, que se quer fazer galan, respondi eu.

O cirurgião ao ouvir isto:

—Por S. Cosme, que as apparencias illudem muito!

—Quaes apparencias, nem qual diabo.

—Ó senhor, proseguiu, para evitar alguma desgraça prefiro revelar-lhe um segredo. Isto é o mais que um homem no meu caso póde fazer. A profissão impõe-nos sermos muito calados, e, se abro bico a este respeito, torno a dizer, é para evitar um lance grave. Toda esta cautela que a Lourença exige, é para os creados não saberem da doença d'ella. A mulher tem um tumor nas costas. Um tumor maligno. Todas as noites lhe faço o curativo.

— Então dê cá um abraço. Já podia ter dicto isso ha mais tempo.

Deu-se o abraço, e foi cada um de nós para seu lado.

Desde aquelle instante a Sefora metteu-me nojo, e não tratei senão de fugir d'ella, que ficou pasmada da minha inconstancia, e tanto fez que me encontrou.

— O senhor mordomo, dá-me uma palavra. Que significa esta mudança?

Fiquei perplexo.

Respondi para alli não sei o que.

A Sefora, em se zangando, era peor que um tigre.

— A culpa foi minha, de me rebaixar indignamente até um misero aventureiro.

Tinha uma lingua de palmo e meio.

Se eu tivesse juizo, haver-me-ía rido d'aquellas injurias, mas perdi a paciencia, quando ella me disse que nobres personagens aspiravam áquelle especial agrado que ella assim concedera a um *pilho*.

— Veja lá, não lhe mostre as costas!

Eu a disparar esta setta e ella a assentar-me na bochecha a maior bofetada, que uma mulher tem dado desde que ha mundo.

Para não apanhar outra, e por considerar que uma vez vingada e por estimação de si propria me deixaria em paz, puz-me ao fresco sem mais demora.

Quinze dias se passaram effectivamente sem eu saber mais d'ella.

Já principiava a não me lembrar de semelhante pessoa, quando me constou haver adoecido.

Affligiu-me isso.

Cuidei ser eu a causa principal de se lhe haver aggravado o mal.

Tive dó.

Tive; tive dó d'ella.

O peor, porém, é que toda aquella ternura transformada em odio não cogitava senão em me perder.

Estando n'uma manhã com D. Affonso, pareceu-me triste e pensativo.

Perguntei-lhe respeitosamente o que é que tinha.

—Tenho grandes máguas. A Lourença, creada da minha mulher, não te póde vêr. Não sei o que lhe fizeste, mas odeia-te. Diz ser infallivel a sua morte se d'esta casa não sahires promptamente. Seraphina gostava de ti e tem resistido o quanto tem podido aos impulsos d'este singular enfado; mas é mulher, e estima muito a Sefora, que foi quem a creou.

Quer-lhe como se fôra mãe d'ella

E não é só isso...

O peor é metter-se-lhe na cabeça que será causa da morte da creada, se não condescender em lhe fazer a vontade.

Vê em que lucta me acho.

Sabes se quero, ou não, muito a Seraphina... e entretanto, sobre este ponto, não somos do mesmo parecer.

Não consentirei que te separes de mim, ainda que morram as creadas todas de Hespanha.

Para mim, tu não és creado nem como tal te olhei nunca.

Não és mordomo, não és administrador...

És um irmão.

Quando D. Affonso acabou de dizer-me isto, respondi-lhe eu:

—Nasci para sacco de azares.

Já cuidava que a sorte deixaria de perseguir-me n'esta casa.

Não deixa.

Tudo aqui me promettia uma existencia quieta e feliz.

Devo ir indo o meu caminho sem alegria e sem mais nada.

—Não, não, exclamou o generoso filho de D. Cesar.

Espera.

Eu me encarrego de convencer Seraphina.

Não se ha de dizer, que te sacrificámos ao capricho de uma teimosa. Já não a temos aturado pouco!

—Para que? Isso vae dar causa a contendas domesticas. Vale mais re-

tirar-me do que motivar a desunião entre casados com a minha permanencia n'esta casa: se tal desgraça acontecera, não haveria consolação para mim.

Prohibiu-me D. Affonso de tomar esta deliberação, e tão resoluto o vi que de certo não lograria a Lourença o seu intento se eu não persistisse no proposito que formára.

Ainda estive, azedado n'um pique de vingança, vae não vae a pôr-lhe a calva á mostra, mas lembrei-me de que bem bastava o seu mal, á desgraçada mulher, e entendi em consciencia dever restabelecer o socego na casa, sahindo eu.

Foi o que fiz no dia immediato.

Ainda antes de amanhecer, e sem dizer adeus a ninguem com medo de que a amizade me estorvasse na partida, deixei no quarto uma conta exacta do meu pouco tempo de administração, e elle ahi vae.

CAPITULO II

DO QUE SUCCEDEU A GIL BRAZ DEPOIS DE SAHIR DA CASA DE TEIVA, E DAS FELIZES CONSEQUENCIAS QUE TIVERAM SEUS MALAVENTURADOS AMORES

TINHA eu um bom cavallo e levava duzentos dobrões na mala.

Vinha-me este dinheiro, pela maior parte, do que me havia tocado dos ladrões que matámos e dos mil ducados que roubáramos ao Samuel Simão, visto como D. Affonso generosamente havia restituido o total da somma, cedendo-me a parte que me tocára.

Olhando por isso os meus fundos como de legitima proveniencia, ia-me gosando d'elles sem escrupulo.

Quando se tem a edade em que eu estava, confia um homem nos seus talentos, e com o dinheiro que eu levava parecia-me não haver revez que pudesse entrar commigo.

Por outro lado, Toledo offerecia-me agradavel asylo, e era seguro para mim que o conde de Polan teria muito gôsto de receber em sua casa um dos seus libertadores.

Reservava, porém, esse recurso para quando tudo se annunciasse mal no meu caminho, e quiz primeiro arejar os meus haveres correndo os reinos de Murcia e Granada, que tinha grande empenho em vêr.

N'esse firme proposito me encaminhei para Almanza, de onde, sempre em jornadas, fui de povo em povo até á cidade de Granada, sem me succeder contratempo algum.

Dir-se-ia que a fortuna, já satisfeita de me haver pregado tantos percalços, resolvêra emfim deixar-me em paz.

Fôsse lá fiar-me n'isso!

A traidora preparava-se para me armar novos lances, como já se vae vêr.

Um dos primeiros individuos, que encontrei nas ruas de Granada, foi o senhor D. Fernando de Leiva, genro, como D. Affonso, do conde de Polan.

Ficámos ambos surprehendidos de nos vermos em Granada.

— Que é isto, disse-me, tu em Granada!? O que te traz por cá?

Ainda ha motivo para maior admiração do que a de me vêr aqui: quando lhe disser o que deu causa a sahir eu de casa de D. Cesar e de seu filho.

Narrei-lhe então tudo o que fôra passado com a Senora, sem lhe occultar um ponto, só, que fôsse.

Largou a rir.

Passado um boccado, disse-me:

—Fica isso tudo ao meu cuidado; escreverei a minha cunhada...

—Isso é o que lhe eu peço que não faça. Não sahi da casa de Leiva para voltar outra vez para lá. Se quer ser-me agradavel, a melhor protecção que me póde dar, será a de recommendar-me a algum amigo seu que precise de secretario.

— Com muito gôsto, respondeu: vim a Granada visitar uma tia velha, que está doente, e não voltarei para a quinta de Lorqui, onde deixei Julia,

senão d'aqui a tres semanas. Alli está a casa onde estou morando! proseguiu, indicando-me um predio grande, que ficava a distancia de cem passos. Deixa passar uns dias e apparece por cá; já talvez haja descoberto algum commodo bom para ti.

Effectivamente, na primeira occasião que nos vimos, disse-me elle:

—O senhor arcebispo de Granada, meu parente e amigo, escriptor abalisado, necessita de alguem instruido e com boa lettra para pôr a limpo os seus trabalhos litterarios. Tem sermões eloquentissimos!

Expliquei-lhe que se acha em ti o homem que lhe convem.

Deu-me palavra de te acceitar.

Vae procural-o da minha parte, dize-lhe quem és, e lá verás no modo por que te elle receba as boas informações que lhe dei de ti.

O commodo pareceu-me bom.

Preparei-me de vestuario o melhor que pude, e fui, n'uma manhã, apresentar-me ao prelado.

Queria-se um contista para descrever as pompas do palacio episcopal de Granada!

Que edificio, que riqueza de moveis, que de estatuas e de pinturas, e que de historias se acham representadas em tudo isso!

Eguala em magnificencia o palacio dos nossos reis, é o que basta dizer.

Vi nas ante-salas padres e mais padres, e uma quantidade de seculares, gente da casa, esmoleres, escudeiros...

Eram de tal qualidade as librés dos lacaios que pareciam fardas de grandes senhores.

Emproados, altivos, parecia recolher-se-lhes ao interior a importancia da fatiota.

Não fui capaz de olhar para elles sem me rir.

Cheguei-me a uma personagem grave e gordanchuda que estava á porta dos quartos do arcebispo, para a abrir e fechar quando era preciso, e perguntei-lhe com muita cortezia se não seria possivel falar a sua illustrissima.

— Vá esperando, disse-me seccamente; quando sua illustrissima fôr ouvir missa, é possivel que se digne escutal-o.

Não respondi palavra.

Armei-me de paciencia e dispuz-me a travar conversação com os famulos.

Bem podia esperar por isso.

Nem se dignaram dar-me resposta, e tudo foi entreterem-se a examinar-me dos pés á cabeça.

Depois, olhando uns para os outros, trocaram entre si um risinho de desdem pela liberdade que eu tomára de ir metter-me na conversação d'elles.

A vontade que lhes tive, sei-a eu.

Estava ainda perplexo, attonito, vae não vae a pôl-os no seu logar, quando se abriu a porta do gabinete e appareceu o arcebispo.

Ficou, aquella creadagem toda, sem se atrever a bulir nem a pestanejar, respeitosa, humilde.

Teria o prelado os seus sessenta e nove annos, dava uns ares de meu tio conego Gil Peres, baixito, grosso, trocando as pernas, e tão calvo que tinha apenas um pennachinho de cabellos, vendo-se obrigado a tapar a cabeça com um barretinho de algodão.

Olhâmos nós sempre, os que somos do que se chama arraia miuda, para as personagens que dão na vista, como se tivessem soberanas prendas, que por via de regra a natureza lhes nega. Foi o que fez, talvez, com que, apesar da figura d'elle, se me representasse um cavalheiro finissimo.

Logo que o arcebispo poz os olhos em mim, encaminhou-se para o meu lado e perguntou-me, com grande doçura, o que pretendia eu.

Apressei-me a levar ao seu conhecimento ser eu a pessoa recommendada pelo senhor D. Fernando de Leiva.

— Ès tu de quem elle faz tantos elogios? Estás acceito; pódes desde já deixar-te ficar.

Dictas estas palavras, encostou-se a dois escudeiros, ouviu alguns ecclesiasticos, que lhe disseram cada um a sua cousa, e sahiu da sala.

Elle a voltar costas e logo a acocorinharem-me os mesmos figurelhos, que se haviam feito graves em não quererem falar commigo.

Elles á roda de mim...

Elles com apertos de mão...

Elles a desmancharem-se em cortezias, felicitando-me pela protecção que o arcebispo mostrava dar-me, e a quererem saber que emprego me ia ser offerecido.

E, eu, caladinho.

Ralei-os alli.

Não tardou nada que voltasse o arcebispo, convidando-me a entrar para o gabinete.

Comecei immediatamente a pesar as palavras com cautela, e respondi a todas as suas perguntas como versado nos auctores gregos e latinos.

Passou em seguida á dialectica, e n'isso então sahi-me eu por maneira tal que o homem exclamou maravilhado:

—Esmerada educação te deram! Vamos agora a vêr a lettra.

Tirei da algibeira um papel, que expressamente havia levado commigo para aquelle exame, e offereci-o respeitosamente ao seu apreço e observação.

—Está bem boa; estimo. Realmente estimo que tenhas um caracter de lettra tão rasgado; e ainda estimo mais a tua viveza e a instrucção que mostras ter. Hei de agradecer a meu sobrinho D. Fernando.

Interrompeu a nossa conversação a chegada de alguns cavalheiros granadinos, que iam almoçar com o arcebispo.

Deixei-os, e fui lá para dentro reunir-me com os familiares da casa.

Desfaziam-se em obsequios.

Quando chegou a hora do almoço, almoçámos.

Não tiravam os olhos de mim, nem havia escapar-lhes um movimento que eu fizesse.

E o mesmo eu para com elles.

Os padres estavam com um ar bomzinho de modestos exemplarissimos.

Pareciam-me santos.

A idéa de estarmos no palacio episcopal tornava impossivel em mim a idéa de poder haver affectação na singeleza beatifica d'aquelles senhores.

— Sempre é casa de principe da egreja! dizia eu de mim para mim, sentado ao lado de um escudeiro velho, Belchior da Ronda, que esteve sempre em attenções commigo, a deitar-me no prato os melhores boccados.

Vendo-o tão amavel, principiei tambem a desfazer-me em civilidades para com elle.

O velho parecia satisfeitissimo.

— Queria dar-lhe uma palavra em particular; disse-me elle no fim do almoço, abaixando a voz.

Levou-me então para um sitio onde não poderia ouvir-se o que dissessemos.

— Filho, quero dizer-te uma cousa. Gosto muito da tua physionomia e considero em ti um bom mocinho. Ouve isto e cala-te, que é para teu bem. Estás n'uma casa onde ha muito fingimento. Levarias largo tempo primeiro que conhecesses o terreno, e o que vou dizer-te póde dispensar-te estudos enfadonhos, com o pintar-te eu os genios de uns e de outros para teu governo.

Não será mau, proseguiu, principiarmos por sua illustrissima.

Prelado piedoso, sempre attento a encaminhar o povo para o bem por suas prédicas eloquentes.

Vinte annos vão feitos que abandonou a côrte para cuidar melhor do seu rebanho.

Talento genial, artista da palavra, prégador sublime.

Deleita-se o povo a ouvil-o, em lhe constando que elle sóbe ao pulpito.

Tem o seu boccado de orgulho, e o seu boccado de vaidade? Não serei eu, que lhe como o pão, quem se julgue no caso de critical-o.

Severo é, no rigor com que castiga as fraquezas dos ecclesiasticos.

Sua propria auctoridade é para elle tudo; e não ha esperar misericordia da sua parte para os que, com o sentirem-se innocentes, se atrevam a querer justificar-se perante a lei.

Ainda tem outro defeitosinho, trivial em pessoas grandes; por muito que estime os creados, pouco attende ao serviço, que por demorados annos elles prestem n'esta casa: vel-os-ha envelhecer, sem cuidar do que virá a ser d'elles quando já não possam trabalhar. Só se lh'o pedirem ou lembrarem, os gratificará de alguma vez; por impulso proprio, nunca.

Isto disse do meu amo o escudeiro, e proseguiu explicando-me o caracter dos ecclesiasticos com quem haviamos almoçado, retratando-os por maneira que não ficavam parecidos com o que elles figuravam ser.

Não vinha a dizer na sua que fôsse gente propriamente infame, porém, maus padres.

A alguns exceptuou, é certo, e d'elles citou virtudes.

Com essa licção apprendi a arte de me conduzir para com esses senhores, e, n'aquella mesma tarde, durante o jantar, compuz-me que foi um gôsto.

Nem é para admirar haver tantos hypocritas, quando se pensa que não custa nada sel-o.

CAPITULO III

GIL BRAZ SECRETARIO DO ARCEBISPO DE GRANADA E DISPENSADOR DAS GRAÇAS EPISCOPAES

Depois de jantar fôra eu á estalagem buscar a mala e o cavallo; em seguida a isso é que fui cear ao palacio, onde já me estava preparado bom quarto e boa cama.

Mandou-me chamar sua illustrissima no dia immediato, de manhã cedo, para me dar um sermão a copiar, recommendando-me muito que não fizesse erros nem me enganasse n'algum ponto.

Copiei tal qual o que lá estava com os mesmos pontos e virgulas.

O prelado ficou maravilhadissimo.

Passou folha por folha, e exclamou jubiloso:

— Poderoso Deus! Se póde haver copia mais exacta! O que se vê d'isto, é que és bom grammatico.

Por isso, fala-me como amigo. Achaste algum desprimor?

Descuido de estylo, termo improprio?

Não, com franqueza; se achaste, dize: no calor da composição é facil que algum lapso me escapasse...

— Pelo amor de Deus, respondi modestamente, não tenho bastantes luzes para me atrever a critico; e então das obras de sua illustrissima, que de certo nunca podem cahir em censura!

Sorriu-se, e não disse nada.

Transluzia, porém, em todo elle a paixão que tinha por seus escriptos.

Com aquella lisonja lhe captei ainda mais a amizade, e assim fui indo de melhor para melhor, a ponto que o D. Fernando, que visitava meu amo com frequencia, me assegurou estar feita a minha fortuna, pelo muito que eu cahira em graça.

O proprio arcebispo, declamando no seu gabinete, deante de mim, um sermão que no dia immediato devia prégar na cathedral, não se contentou de me perguntar se eu achava aquillo bom, obrigou-me a indicar-lhe os trechos que mais vivamente haviam attrahido a minha attenção; succedeu citar-lhe uns de que elle tambem gostava, e fiquei tido, em seu conceito, por delicado conhecedor das verdadeiras bellezas de uma obra.

— Isso é o que se chama ter gôsto e finura; que é o melhor do talento.

Tão contente ficou, que me disse assim:

— Está feita a tua fortuna; tudo o que fôr para teu bem, corre agora por minha conta.

Quero-te muito.

Quero-te tanto, vê tu, que has de ser meu confidente!

Com o ouvir eu uma cousa assim, atirei-me aos pés d'elle e abracei-lhe aquellas pernas cambaias, com a exaltada ternura de já se me figurar que ia ser rico.

O arcebispo foi dizendo:

— O meu deleite é prégar!

Não ha gloria, não ha consolação para mim, como é vêr um avarento, atemorisado pelas imagens com que lhe espanto a cubiça, franquear e distribuir os seus thesouros.

Algum que viva na luxuria, sem amar, apartar-se de erros que só a paixão desculpa...

Retirarem-se á paz do isolamento os ambiciosos...

E ficar fiel aos seus deveres uma mulher, que a seducção tente perder...

Poderiam por si só excitar-me ao trabalho taes conversões gloriosas; outro premio, porém, me sorri, confesso-o: a estimação publica, o saber-se que tenho merecimento, e que toda a gente me considera como um espirito delicado e fino.

Todo o meu medo, ainda assim, sabes qual é?

O de poder decahir com o tempo, que tudo cança, que tudo apaga um pouco, esta estimação, em que o meu nome é tido.

Por isso, meu caro Gil Braz, continuou o prelado, espero do teu zêlo a melhor das advertencias que a amizade póde dar-me: em percebendo que vae a enfraquecer-me o estylo, tu, que tens fino gôsto, dize-m'o logo.

Promettes-me isto?

— Os escriptores de um natural tão imperioso e tão sincero conservam-se muito mais tempo, do que os de outra tempera por mais sabedores e engenhosos que possam ser.

Era assim, por exemplo, o cardeal Ximenes.

Em taes temperamentos o genio nativo fortifica-se com os annos. Isto explica sem duvida a admiração que produz o vêr que certos homens não envelhecem.

— Não me lisonjeies.

Sei perfeitamente, que na edade em que vou principiam os achaques, e que, com a doença do corpo, enferma o espirito.

Sê sincero para commigo.

É o melhor que pódes fazer, até por interesse teu.

Se viesse a constar-me, sem ser por ti, que já o publico se enfadava do meu nome e dos meus escriptos, perderias tudo: a estima que te consagro, a fortuna que te prometti.

Não, para mim não sejas nunca lisonjeiro; ouviste, Gil Braz?

Dei-lhe a minha palavra de que usaria sempre de toda a sinceridade para com elle.

Fiquei sendo como que o melhor, o mais intimo amigo, d'aquelle homem.

Invejavam-me todos os que viviam alli, á excepção do Belchior da Ronda, que, esse, não, coitado.

Todos os mais, escudeiros, fidalgos, usavam de taes baixezas, eram tão servis para commigo, que chegava a figurar-se-me impossivel que fôssem hespanhoes.

O ser prestavel é qualidade tão natural em quem fôr homem de bem, que, apesar de eu conhecer que todos aquelles obsequios eram lisonjas interesseiras, sempre os fui servindo no que pude, alcançando-lhes por vezes de sua illustrissima os favores que solicitaram. Ajudou um no exercito, empregou outro para o Mexico, e gratificou largamente o meu amigo Belchior. O prelado não era generoso espontaneamente, comtudo, em se lhe pedindo, dava.

Ahi está, por exemplo, o que aconteceu com um padre. Veiu o mestre-sala apresentar-me n'uma bella manhã um licenciado, Luiz Garcia, ainda moço, e menos mal parecido.

— Este honrado ecclesiastico, disse-me elle, é um dos meus maiores amigos. Tem sido capellão de umas senhoras freiras, e as más linguas, que a tudo se atrevem, não pouparam sua virtude. Desacreditaram-o por tanta maneira, que sua illustrissima se viu obrigado a suspendel-o; e não quer escutar solicitações em favor d'elle.

Temos remexido o mundo, temos procurado quantas protecções valiosas,

quantos empenhos fortes se podessem descobrir em Granada, e não ha mover nosso amo; está de pedra.

— Dirigiram isso mal, observei eu. Muitos empenhos de mais. A mania dos empenhos. Prejudicaram o senhor licenciado na furia rasgada de o protegerem. Sua illustrissima agasta-se em se vendo perseguido com recommendações. Ainda não ha muito lhe ouvi dizer, que quanto mais gente se empenhe em favor de um ecclesiastico que esteja em culpa, tanto mais augmenta o escandalo e cumpre que para com elle augmente a severidade.

Disse o mordomo:

—Isso é que está mau; e se não fôra o meu amigo ter tão bonita lettra como tem, e escrever tão desembaraçadamente, não sei o que haveria de ser d'elle já a esta hora. Quer vêr?

—Com muito gôsto.

Mostrou-me o padre um papel que trazia comsigo, já de proposito, e de que fiquei admiradissimo porque parecia um traslado.

—Tem uma forma de lettra encantadora. É talvez possivel que eu consiga ser-lhe util. Por agora, não lhe posso dizer mais. Deixe ficar esse papel e falaremos.

O licenciado, a quem o mordomo, provavelmente, havia celebrado a influencia de meu engenho, retirou-se tão contente como se já estivesse reintegrado.

Eu desejava servil-o, coitado.

Estando a sós com o arcebispo de uma occasião, mostrei-lhe a lettra do Garcia.

—É bonita lettra, meu senhor?

—É, é bonita.

—Visto como vossa illustrissima persiste em não querer imprimir as conferencias, o que eu desejaria ao menos seria vêl-as escriptas n'uma lettra d'estas.

O prelado respondeu-me:

—A tua lettra não tem nada de má; mas tens razão, tambem não desgostaria de ter d'esta mão uma copia das minhas obras.

—Não é preciso mais meu senhor. Quem tem esta habilidade é um licenciado meu conhecido, e alegrar-se-ha tanto mais em lhe eu contando o que se passou, quanto isto mesmo lhe dará esperança de que a bondade de vossa illustrissima se digne tiral-o da desgraça em que se encontra.

—Como se chama esse licenciado? perguntou.

—Luiz Garcia. Isso é o homem mais triste que eu tenho visto. Vive em angustias, coitado.

—Esse Garcia, se me não engano, foi capellão de um convento de freiras, e incorreu nas censuras ecclesiasticas. Tive memoriaes contra elle: é pessoa de maus costumes.

—Não pretendo justifical-o. A verdade, porém, é que tem inimigos. Sim, isso, meu senhor, sei eu perfeitamente; e sabe-o elle, e o diz, affirmando que os seus censores tiveram sempre em mira antes prejudical-o do que dizerem a verdade.

—Póde ser, replicou o arcebispo, ha tanta gente má no mundo! E mesmo suppondo que nem sempre o seu procedimento tenha sido irreprehensivel, talvez já esteja arrependido, e para toda a culpa ha perdão. Traze-m'o cá; pódes trazel-o: levantar-lhe-hei a censura.

É assim que os homens mais rigidos moderam a severidade em se tratando do seu proprio interesse.

Concedeu o arcebispo, sem difficuldade, á vã complacencia de vêr as suas obras escriptas em bonita lettra, o que negára aos mais poderosos empenhos.

Dei logo a noticia ao mestre-sala, que, sem perda de um instante, correu a participal-o ao seu amigo Garcia.

No dia immediato foi o homem agradecer-me.

Apresentei-o a meu amo, que se contentou com o dar-lhe duas palavritas de admoestação, e logo lhe entregou umas poucas de homilias para as passar a limpo.

Desempenhou-se o Garcia com tão extrema perfeição da incumbencia dada, que, sua illustrissima, restabeleceu-o no seu ministerio e ainda lhe deu o curato de Gabia, que é um grande povo que ha perto de Granada; do que se vê que os beneficios da protecção nem sempre á virtude é que são dados.

CAPITULO IV

DÁ UMA APOPLEXIA NO ARCEBISPO. EMBARAÇO EM QUE SE ENCONTRA GIL BRAZ E DE COMO ELLE SE SAE DESTE LANCE CRITICO

Emquanto me eu occupava em ser prestavel a uns e outros, conforme acabo de dizer, preparava-se D. Fernando de Leiva para deixar Granada.

Fui visital-o antes da sua partida, e agradecer-lhe de novo o bom commodo que me havia dado.

Vendo-me tão satisfeito, abraçou-me com alegria.

— Estimo muito, realmente, que gostes do meu tio.

— Não posso estar mais contente. É um grande prelado, é um senhor muito agradavel, e nunca poderei agradecer bastante os favores que lhe devo.

Tambem posso dizer que era necessario um caso d'estes, para me consolar até certo ponto de me haver separado do senhor D. Cesar e de seu filho.

—Não tiveram elles menos pena do que tu, disse D. Fernando; póde ser, todavia, que não se separassem para sempre e que torne a fortuna a reunil-os n'algum dia. O mundo dá tanta volta!

Suspirei, commovido, e senti em mim que estimava tanto D. Affonso que haveria deixado sem custo o arcebispo e todas as esperanças que podesse ter na privança d'elle, para voltar á casa de Leiva, uma vez que cessasse a causa que d'alli me arredára.

Dois mezes depois d'este cavalheiro se haver ausentado, e quando eu mais favorecido me achava, tivemos lá no palacio um grande susto.

O arcebispo teve um ataque apopletico.

Acudiu-se-lhe com remedios promptos, e com tanta efficacia, felizmente, que melhorou em poucos dias.

A cabeça, porém, resentiu-se. Ficou desde logo em grande fraqueza cerebral.

Conheci isso no primeiro sermão que lhe ouvi.

Não quiz, porém, fiar-me absolutamente na minha opinião, e esperei por segunda conferencia para me decidir.

Não me enganára: o prelado, coitado, ora tentava elevar-se ás nuvens, ora cahia exanime. Falsos vôos, e abatimentos irremediaveis. Repetia-se a cada instante; diffuso, cançado, desconnexo. Fazia pena.

Não fui eu só que notei isso. Todos que o ouviram observaram o mesmo, e diziam ao ouvido uns dos outros:

—Sermão de apopletico.

—Vamos, senhor censor e arbitro das homilias, disse eu entre mim, está chegada a hora de se desempenhar da palavra dada. O homem vae-se abaixo: a obrigação de você é dar-lhe advertencia d'isso, não só como depositario de sua confiança se não tambem pelo receio de que algum inimigo queira levar-lhe a deanteira. Poderia isso ter consequencias sérias; ir-se-ía vocemecê do testamento, riscado e cuspido; e póde aliás esperar, querendo Deus, um legado de maior polpa do que a bibliotheca do licenciado Cedillo.

NÃO É ISSO O QUE DIGO, ILLUSTRISSIMO SENHOR, INTERROMPI

Seguiram-se a estas reflexões outras inteiramente oppostas, porque me parecesse arriscado dar qualquer opinião desagradavel e considerar que ainda estivesse por nascer o auctor que estimasse a critica.

Entretanto elle recommendara-me com tanto empenho o dizer-lhe sempre a verdade!

Calar-me poderia, n'este caso, ser mais perigoso do que falar...

Como houvesse de romper o discurso era o que eu não sabia. Felizmente, porém, tirou-me de taes cuidados o proprio orador, com o perguntar-me o que se dizia d'elle e se o ultimo sermão agradára.

Respondi-lhe que todos os sermões d'elle eram bons, mas que, no meu modo de vêr, o ultimo não havia produzido no auditorio tão grande impressão como os precedentes.

Sobresaltou-se elle logo.

— Como é isso? Temos critico? Que Aristarco é esse?

— Não, meu senhor, quem havia de atrever-se a censurar obras de tanta valia. Isto é só conversar. Como vossa illustrissima me tem recommendado que lhe fale com sinceridade, por isso agora tomei a liberdade de declarar que o ultimo sermão não me pareceu de tanta solidez como os anteriores. Digo mal?

Meu amo mudou de côr.

Depois, com um sorriso sardonico:

— Não merece então o agrado do senhor Gil Braz, esta ultima composição?

— Não é isso o que digo, illustrissimo senhor! interrompi; está excellente, mas póde estar excellente e, ainda assim, um nadinha inferior ás outras obras de sua illustrissima.

— Já entendo, replicou. Parece-te que vou em decadencia: é isto? Cortêmos razões; o teu parecer é que vae sendo tempo de que me retire.

— O que eu faço não é mais que obedecer ás ordens de vossa illustrissima. Mandou-me que lhe falasse com franqueza, e só me resta supplicar que o meu atrevimento não seja levado a mal.

— Não, homem! interrompeu o prelado precipitadamente. Deus me defenda de te reprehender por isso. Não me desagrada que me digas o teu parecer, o parecer em si é que me desagrada; não alcanças mais, coitado; enganei-me em confiar tanto na tua capacidade, que é realmente limitada o quanto póde ser.

Tentei ainda emendar o que havia feito; mas é impossivel socegar um litterato irritado, muito mais quando não esteja costumado a ouvir senão louvores.

— Não falemos mais d'isto, menino. És muito novo ainda para te entenderes em questões de gôsto.

Só quero dizer-te uma cousa, meu rapazola.

Na minha vida inteira não compuz nunca melhor sermão, do que esse, que não te cahiu em graça.

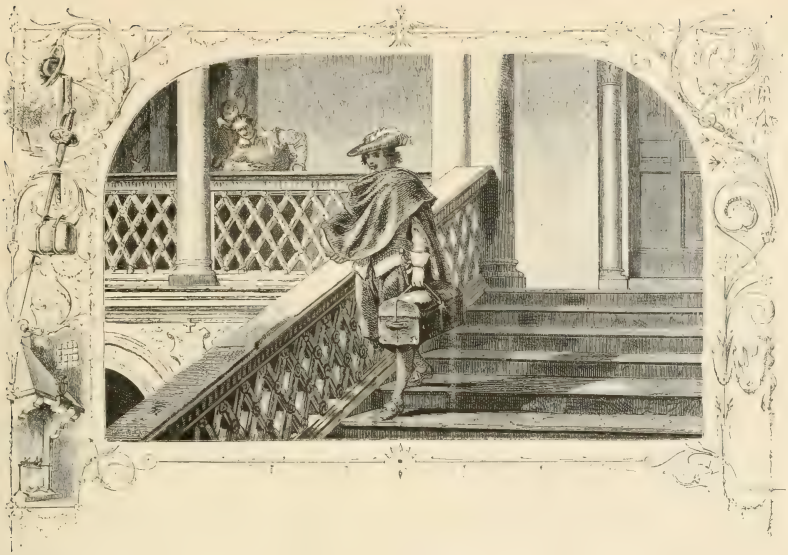
Mercê de Deus, não perdi ainda o meu intendimento, a fôrça e o julgar antigos.

Escolherei melhores confidentes, d'aqui em deante.

Desejo-os mais abalisados e com melhores bulas para darem voto.

Vae, proseguiu, empurrando-me para eu sahir do gabinete; dize ao thesoureiro, que te dê cem ducados, e vae-te com elles nas horas do senhor.

Viva lá, sôr Gil Braz; divirta-se, seja feliz, e, sobretudo, gôsto, meu rapaz, gôsto é o que se quer; e o menino precisa d'isso.



CAPITULO V

DO PARTIDO QUE GIL BRAZ TOMOU LOGO QUE O ARCEBISPO O DESPEDIU; COMO FOI QUE, POR ACASO, SE ENCONTROU COM O LICENCIADO GARCIA E DOS AGRADECIMENTOS QUE ESTE LHE DEU

SAHI do gabinete dizendo mal á minha vida, pelo capricho ou, por melhor dizer, pela vaidade do arcebispo.

Ia antes quisilado contra elle, do que pesaroso do bem que perdera.

Ainda hesitei em ir buscar os meus cem ducados...

Mas, ficar sem elles, para que?

Entendi que aquella gratificação não me tolhia o direito de metter á bulha o prelado e cobril-o de ridiculo, quando de alguma vez se falasse na minha presença do seu talento e dos seus sermões.

Fui pedir o dinheiro ao thesoureiro, sem lhe dizer palavra do que acabava de se passar entre meu amo e este seu creado.

Despedi-me depois para sempre de Belchior da Ronda, que me queria com tanto affecto, e ficou tristissimo pelo que me succedêra.

Apesar do respeito que tinha pelo arcebispo, e de sempre falar d'elle com uma veneração absoluta, não lhe deu razão d'esta vez.

Ouvindo-me, porém, protestar que o prelado haveria de pagar-me tudo, e que á sua custa divertiria a cidade inteira, disse-me o prudente Belchior:

—Cala-te, que é o melhor, filho. Com teus amos não jogues as peras. Nunca os pequenos tiram bom resultado de se enfeitarem a querer esgrimir com os grandes.

Agradeci-lhe o conselho, e prometti que o havia de seguir á risca.

Em seguida, disse-me elle:

—Se fôres a Madrid, procura o meu sobrinho José Navarro, reposteiro-mór do senhor D. Balthasar de Zuniga. É um bom rapaz. Franco, esperto, serviçal, desinteressado. Estimaria que fôssem amigos.

Afiancei-lhe que, em chegando a Madrid, onde já formára tenção de ir, seria o meu primeiro cuidado procurar esse individuo.

Sahi do palacio do arcebispo com bons intentos de nunca mais lá pôr os meus pés.

Se ainda tivesse o cavallo, é possivel que me houvesse dirigido logo para Toledo; mas vendêra-o nos dias prosperos, persuadido de que nunca mais precisaria d'elle.

Resolvi-me a alugar um quarto, ficar ainda um mez em Granada, e ir depois para casa do conde de Polan.

Quando foram horas de jantar, perguntei á dona da casa onde me hospedára se sabia dar-me noticia de alguma casa de pasto, e inculcou-me uma a dois passos, afiançando ser boa e frequentada por gente que sabia comer e viver. Não quiz ouvir mais.

Entrei n'uma sala grande, que parecia um refeitorio, e vi sentadas, a uma mesa muito comprida, coberta com uma toalha sujissima, que mettia nojo, dez ou doze pessoas a conversarem e a darem ao dente.

Trouxeram o jantar.

Dóses pequeninas. Frugalidade respeitavel, que me haveria feito ter saudades da mesa do arcebispo, se não fôra estar abespinhado com elle e com tudo o que era d'elle.

Vinguei-me em dizer mal dos pratos d'aquellas casas, da michordia impossivel que alli se serve aos freguezes...

Parecia um medico de Valladolid a fazer discursos.

— É um supplicio comer em casa de pasto! Ou se ha de ficar com fome, ou dar-se cabo do estomago. Que tal é a graça!?

Quando já estava acabando a refeição, sem exceder os limites da temperança, entrou na sala o licenciado Luiz Garcia; o capellão de freiras, que alcançára o curato de Gabia pelo modo que já referi.

Tão depressa poz a vista em mim, correu a falar-me, como que louco de alegria, deu-me um grande abraço, e tive de aguentar na bochecha uma salva de agradecimentos pelos beneficios que lhe havia feito.

Sentou-se ao lado de mim, todo lampeiro e amavel:

— Meu bemfeitor! Já agora, uma vez que tive a fortuna de o topar aqui, vamos beber juntos um copo de bom vinho.

Não aqui; o da casa, não presta para nada.

Mas, a um sitio que eu sei. Valeu? Coma á sua vontade, e, em acabando, iremos.

Quero offerecer-lhe uma garrafa do vinho mais sêcco de Lucena, e um moscatel de Fuencarral paradisiaco!

Tenha paciencia. Não o dispenso. Sério; é que não o largo! Quem me déra a mim, mas era tel-o na abbadia, se o meu amiguinho se resolvesse a ir passar uns dias commigo!

Entenda-me bem, e acredite, que haveria de obsequial-o como um Mecenas generoso. Olé! Isso, até onde eu podesse, ninguem se esmeraria mais em mostrar a gratidão que lhe devo pelas commodidades e pela dôce paz de que estou gosando.

Trouxeram-lhe o jantar para a mesa.

Largou a comer, dizendo-me sempre de boccado em boccado alguma lisonja.

N'um d'esses intervallos, perguntou-me pelo mordomo.

Aproveitei o ensejo e contei-lhe que já não estava em casa do arcebispo.

Ouviu attentamente todos os pormenores, que lhe dei, da minha desgraça.

Quem não haveria de julgar que elle ficasse triste, por sentimento de gratidão, pelo menos, e de algum modo me désse razão contra o prelado?

Isso sim.

Ficou de cabecinha baixa, entre frio e pensativo, e foi comendo sem dizer mais palavra.

Depois, levantou-se da mesa com ares de pressa, disse-me adeus friamente e foi-se embora.

Com o vêr que já lhe não podia ser util, nem se deu ao incommodo sequer de dissimular a sua indifferença.

Ri-me da ingratidão d'elle, e, cobrindo-o com o olhar de desprezo que o ruim villão merecia, disse-lhe em voz alta, para poder ser ouvido:

— Hé! Ó seu padreca, capellão de freiras! refresque-se por lá com o tal vinho de Lucena para que me havia convidado.

CAPITULO VI

VAE GIL BRAZ VÊR REPRESENTAR OS COMICOS DE GRANADA: — DA GRANDE ADMIRAÇÃO EM QUE FICOU POR CERTA ACTRIZ. E DO QUE SE PASSOU ENTRE ELLES

Ainda o Garcia não tinha sahido da sala, quando entraram dois cavalheiros, que vieram sentar-se ao lado de mim.

Principiaram a falar dos comicos da companhia de Granada, e de uma peça nova que se representava n'essa epocha.

Tirei eu por consequencia, do que disseram, que era comedia muito applaudida, e fez-me crescer agua na bôcca de a ir vêr n'aquella mesma noite.

Tendo vivido, por assim dizermos, guardado a sete chaves no palacio, onde semelhante qualidade de recreio estava anathematisada, nunca em dias da minha vida granadina havia ido ao theatro.

Todo o divertimento para mim havia sido ouvir sermões.

Logo que foram horas, puz-me a andar para o theatro. Fui encontrar lá o poder do mundo. Uma enchente á cunha.

Emquanto não subia o panno, ouvi por alli o que se dizia da peça.

Cada qual dava o seu parecer; uns a favor, outros contra.

Diziam á minha direita:

— Formosissima composição! Linguagem vernacula, um estylo terso! Ha muito tempo que não apparece obra d'este folego!

E á minha esquerda:

— Que miseria! Não tem nada, esta semsaboria. Isto nem é escrever! Que estylo de homem de agulhas e alfinetes!

É sabido, infelizmente, que de escriptores sem talento nunca deixa de haver fartura; mas, olhem, que, os criticos, pela maior parte, ainda são peores! Chega a parecer impossivel como ainda haja quem se proponha affrontar a ignorancia do populacho e a censura dos sabichões artificiaes, que tantas vezes corrompem o juizo do publico.

Foi o panno a cima, e veiu o gracioso dar principio á funcção. Era elle, que rompia a scena.

Ainda não havia aberto a bôcca, já lhe davam palmas, — do que eu conclui que era d'aquelles meninos bonitos do tablado, que caem em graça ao publico.

Qualquer cousa que elle dissesse, rompiam logo todos a applaudil-o.

Abusava d'isso, e fazia disparates. Se o houvessem pateado de vez em quando, teriam feito justiça direita.

Agradaram tambem os outros comicos, mas, a todos levou a palma uma actriz, que era a sargenta-mór da companhia, e que desempenhava papeis de lacaia.

Ainda agora me eu affirmo n'ella, e quem hei de vêr que fôsse?

A Laura!

A minha querida Laura, a quem eu julgava em Madrid com a bella Arsenia.

A mesma figura, as mesmas feições, o mesmo metal de voz; não podia ser outra, ou era o demonio por ella!

Apesar d'isso, ainda desconfiado dos meus olhos e dos meus ouvidos, perguntei a um sujeito que estava ao meu lado, quem vinha a ser aquella.

—Já vejo que é forasteiro! redarguiu-me elle. Para não conhecer a linda Estela!

Era semelhança demasiada para que podesse haver engano.

Era evidente que a Laura, com o mudar de estado, houvesse mudado tambem de nome.

—Isto ha de ser mais a mim, mais a mim! disse eu ao meu vizinho. É uma mulher encantadora!

—Quem lhe roça a aza é um portuguez. Um fidalgo. O marquez de Marialva, que está em Granada ha dois mezes.

Não me atrevi a fazer-lhe mais perguntas; e fiquei pensando na rapariga muito mais do que na peça; nem fiquei sabendo o que se representou.

Tive logo o intento de ir visital-a no dia immediato.

Receber-me-ia amavelmente; ou no grande pé em que se achava, não seria para mim o mesmo que ir dar com o rosto uma pancada n'um penedo?

—Alma grande, e vá de feição! disse eu.

Fui a casa comer alguma cousa; ceia leve, que não havia perigo de banquetes na poisada onde vivia, e recolhi-me ao quarto, impaciente por me achar no dia immediato.

Dormi pouco, e levantei-me ao amanhecer.

Figurando-se-me todavia, que dama de tão grande senhor se não deixasse vêr dos profanos senão pelo adeantar do dia, comecei a gastar tempo em brunir-me e compor-me, não só para entreter assim umas tres ou quatro horas, mas, para lograr apresentar-me em requintes de elegancia que fizessem com que ella não se envergonhasse de olhar para mim.

Sahi ás dez horas, pouco mais ou menos, perguntei no portão de entrada para a caixa do theatro onde era que ella morava, e logo o porteiro, ou

guarda, ou fiscal, ou o que era, me deu informação de que vivia em certo primeiro andar de um predio grande.

Para alli dirigi meus passos, sem perder um instante.

Veiu uma creada abrir-me a porta.

—Faz favor de dizer á senhora, que está aqui um sujeito que lhe deseja falar. É aqui, a senhora Estela, sim?

—É, sim, senhor.

—Pois faça-me isto. Que está aqui um...

—Um sujeito que lhe deseja falar, já sei.

Voltou, e, d'alli a nada, oiço eu a ama n'um tom de gritaria:

—Quem? Que sujeito é? Que quer elle? Dize que entre...

Percebi que ia em má occasião. Estava tambem lá em casa o portuguez, no toucador; e ella, provavelmente gritava rijo para lhe metter bem na cabeça não ser pessoa de receber recados de sujeitos nem de sujeitinhos.

Meu dicto meu feito. Estava lá o marquez de Marialva, que passava alli quasi sempre as manhãs.

Preparei-me para uma triste acolhida, e resignei-me ao que o caso désse.

N'isto, aquella original rapariga, vendo-me entrar, atira-se a mim de braços abertos, exclamando como que fóra de si:

—Ai irmão da minha alma! És tu?!

Dizendo isto, abraçou-me carinhosamente, muitas e muitas vezes; e, em seguida, voltando-se para o portuguez:

—Perdoe-me não poder resistir aos impulsos do sangue! Ia já em tres annos que eu não via este irmão, de quem sempre fui tão amiguinha!

E logo, virando-se outra vez para mim:

—E a familia, minha joia, dize-me alguma cousa da nossa gente, querido Gil Braz! Como ficaram?

Fiquei embuchado no primeiro momento, mas, percebendo-lhe a intenção e auxiliando-a na esperteza, respondi em tom condigno da comedia em que estavamos:

— Os paes, graças a Deus, estão bons.

— Vaes ficar espantado em sabendo que estou comica em Granada! interrompeu.

Pois, estou.

Não te ponhas a olhar para mim com esses olhos! Ouve-me primeiro, e depois julgarás.

Patétinha! Ainda me parece que é sonho, estar a vêr-te!

Sabes que ha tres annos que o pae julgou fazer a minha fortuna, casando-me com o capitão D. Antonio Coelho, que pespegou commigo das Asturias em Madrid.

Aos seis mezes de alli me achar, aconteceu-lhe uma, tremenda; um lance de honra, mano; cousas do genio d'aquelle homem: matou um cavalheiro, que mostrava por mim alguma attenção.

Fez defuncto um homem por ahi além. De familia muito illustre e de um valimento! Ih!

O meu marido, que, de seu, coitado, nada tinha, fugiu immediatamente para a Catalunha com tudo o que poude apanhar á unha em dinheiro e joias.

Embarcou em Barcelona, passou á Italia, alistou-se debaixo das bandeiras dos venezianos, e por fim, coitadinho, perdeu a vida na Morea, n'uma batalha contra os turcos!

Foi-lhe por aquelle tempo confiscada uma propriedade que era o unico bem que possuiamos, e aqui me vi eu reduzida ao que Deus sabe, que esse é Pae de todos!

O que haveria de fazer, mano, a que haveria de tornar-se uma pobre viuva, honestissima, sim, isso então, honesta até aqui,—tanto, póde haver; mais, não dou licença! não dou licença!—ir para as Asturias? Com que! O falar é bom! Eu gosto bem de ouvir! O que havia de ir para lá fazer, nas Asturias? A unica consolação que a nossa familia me poderia dar, seria ter dó de mim.

Por outro lado, quem melhor o sabe do que tu, a boa educação que me deram não me deixára resolver a atirar-me a um viver licencioso.

Dize, Gil Braz, dize tu, meu querido lindo, que arbitrio me restava a mim, senão o de ser comica, para conservar credito?

Não sei como não rebentei de riso, quando a Laura me disse aquella historia toda.

Sustive-me conforme pude, e disse-lhe com muita gravidade:

— Olha, mana, eu digo-te então, approvo o teu procedimento, e alegro-me verdadeiramente de te encontrar em Granada tão honradamente estabelecida.

O marquez de Marialva, que não perdera uma palavra da nossa conversação, tomou ao pé da lettra aquelles enredos da viuva de D. Antonio.

Perguntou-me se eu era empregado em Granada, ou algures.

Hesitei um instante, por não saber se conviria mentir. Pareceu-me, porém, não haver necessidade d'isso, e disse-lhe a verdade, contando-lhe ponto por ponto como havia sido que eu entrára para casa do arcebispo, e de como fôra despedido.

O fidalgo riu immenso com isso.

Certo é, que, apesar do que promettera a Belchior, todo o meu empenho foi fazer chacota do arcebispo.

E o melhor da festa é que a Laura, cuidando que tudo o que eu dizia fôsse uma meada de asneiras inventivas, como o novello que ella armára, dava gargalhadas que iam além do que o caso pedia.

Terminada a narrativa, que acabou no ponto de eu referir circumstanciadamente haver alugado um quarto n'uma casa de hospedes, veiu o creado annunciar que estava o jantar na mesa.

Despedi-me logo, mas Laura metteu-me o braço.

— Estás tonto? disse-me. Has de ficar para jantar commigo.

E o que cuidas? Que vou consentir continuares tu a morar n'essa possil-gasita dos taes hospedes?

Has de morar e comer na minha casa: vae buscar a tua roupasinha, que ainda aqui ha uma cama para ti.

O fidalgo portuguez, a quem porventura não quadrava risonhamente aquella hospitalidade, disse á Laura:

— Não, Estela, aqui não ha commodos sufficientes. Teu irmão tem ares de excellente moço, e basta ser teu irmão para que eu me interesse por elle. Ficará em minha casa.

Será um dos meus secretarios; o mais estimado até: ha de o ser.

Póde já esta noite ir lá ficar. Vou dar ordem para prepararem o seu quarto.

Terei muito gosto em estabelecer-lhe quatrocentos ducados de salario, e se me der motivo, como espero, para estar contente com o seu serviço, hei de collocal-o em situação de não ter que arrepender-se de tão sincero haver sido para com o arcebispo.

Aos agradecimentos que dei ao marquez, acudiu Laura como se o cobrisse de bençãos.

—Não falemos mais n'isso, interrompeu o marquez; é negocio concluido.

Despediu-se então da sua princeza de theatro, e sahiu.

Levou-me Laura para uma sala mais retirada, e ahi, atirando comsigo aos tombos para cima das portas e das paredes, a rir como louca:

—Ai! Apre! Hi! Que eu rebento, eu já não posso! Eu estoiro, eu estalo, eu morro!

Ri tambem eu, que me desunhei, e, depois de muito riso e muita festa, disse-me ella:

—Ó Gil Braz, ó querido, que peça!

Representámos com alma, e nem eu cuidei que o desenlace fôsse tão bom.

Todo o meu empenho era arranjar-te casa e mesa, e por decencia fingi seres meu irmão.

Estou felicissima do que aconteceu.

Não ha cavalheiro mais generoso que o marquez de Marialva, e pódes crêr que se muito te prometteu muito mais ainda te ha de dar.

Talvez outra não acolhesse de tão boa feição quem se separa das pessoas de amizade sem lhes dizer adeus...

Nunca, porém, fui de reserva, e não sei guardar rancor.

Sou de uma raça especial de gente que tem coração, que sempre torna a vêr com agrado alguem de quem uma vez gostou.

—Perdoa-me, disse-lhe.

E confessei tão sinceramente a culpa em que incorrêra, que ella pareceu esquecer tudo e perdoar-me o melhor que podesse perdoar-me n'este mundo.

Fomos depois jantar, tratando-nos sempre por irmãos, para que nem a creada nem o creado de mesa desconfiassem.

Voltámos no fim do jantar para a tal saleta outra vez, e a Laura, sempre alegre, pediu-me que lhe contasse tudo o que me tinha succedido desde que nos não viamos.

Referi-lhe caso por caso, e, uma vez satisfeita a sua curiosidade com a resenha fiel das minhas aventuras, contou-me ella a sua historia n'estes termos.

CAPITULO VII

HISTORIA DE LAURA

Vou agora contar-te como foi e por que foi que eu dei em comica.

Depois de tu me deixares tão lindamente, succederam cousas, que parecem impossiveis.

Minha ama Arsenia não quiz saber mais de theatros, não tanto por estar desgostosa do mundo, mas por se sentir cançada.

Levou-me comsigo para uma quinta, que havia comprado perto de Zamora; propriedade alegre, paga com dinheiro alegremente ganho.

Logo travámos conhecimento com differentes pessoas da cidade, e de vez em quando iamos lá passar um dia ou dois.

De uma d'essas jornadas aconteceu que D. Felix Maldonado, filho do corregedor, me visse casualmente e se agradasse de mim.

Procurou occasião de me falar a sós, e eu, para que tudo diga, fiz o possivel para que elle a achasse.

Nem vinte annos feitos ainda tinha, esse rapaz.

Bonito! ai! Parecia o sol! E bem feito de corpo, engraçado, muito airosinho...

De maneiras e falas, isso então, ainda tinha mais que se lhe dissesse!

Offereceu-me com um modo tão meigo, apertando instantemente commigo para que acceitasse, um brilhante que levava no dedo, que me vi obrigada a não lhe dizer que não.

Só o que me eu desvaneci de orgulho, de o ter por amante.

Mas, não era para o meu dente.

Nada ha peor do que amizades d'essas para uma rapariga de baixa esphera. Em os rapazes sendo filhos familias, e em os paes sendo ricos, mal vae o caso.

O corregedor, que tinha cabellinho na venta, tão depressa soube que o rapaz me andava rendido, não houve embargos que não erguesse; mandou-me prender por uma cafila de quadrilheiros, aquelle monstro, e, por mais que eu gritasse, levaram-me para a casa de correcção.

Uma vez alli, sem mais fórma de processo, a regente da casa, depois de me tirar o meu rico annel e a roupa que eu levava, fez-me vestir uma tunica atada á cintura por uma correia, e um grande rosario pendurado ao cinto, com cada conta gorda! e, tão comprido, que me chegava aos pés.

Levaram-me em seguida para uma sala, onde estava um frade, ó menino! que me pregou uma massada exhortando-me á penitencia, como a Leonarda te pregava a ti no subterraneo.

Que devia considerar-me grata ás pessoas que para alli me haviam mandado, attento o beneficio de me livrarem dos laços, que o demonio arma e em que eu já estava enredada.

Isso sim!

A gratidão que lhes eu tinha, era rogar-lhes pragas, tições!

Oito dias se passaram sem um instante de consolação.

Ahi pelo nono já eu contava os minutos; quando me pareceu que a minha sorte ia mudar de aspecto.

Encontrei, quando ia a passar por um pateo, o administrador da casa, que era alli quem punha e dispunha, e a quem até a superiora obedecia em tudo.

Não dava contas nem satisfações senão ao corregedor.

O corregedor era o unico que lh'as podia pedir, mas tinha uma confiança n'elle por ahi além.

Chamava-se D. Pedro Zendono.

Era de Salcedo, na Biscaia.

Um sujeito alto, pallido, anguloso, todo sêcco de carnes... Nunca viste o bom ladrão pintado? Assim é que elle era. Parecia que nem para as recolhidas olhava. Falso, hypocrita, como tu nunca viste, apesar de teres estado no palacio do arcebispo.

Encontrei, como te digo, continuou ella, o senhor Zendono que me disse ter dó de mim.

—Consola-te, menina, estou compadecido das tuas desgraças.

Nada mais disse, e foi seguindo seu caminho.

Fiquei scismando.

Porque o tivesse em conta de homem de bem, imaginei muito naturalmente que elle houvesse tomado a peito examinar por que razões estivesse eu encarcerada, e que por não ter encontrado causa justificada de se me haver tratado tão indignamente, se houvesse empenhado em minha defesa para com o corregedor.

Não o conhecia.

Era biscainho, e basta.

As tenções d'elle eram outras.

Projectára fazer uma viagem, e participou-me isso passados dias.

—Laurinha, disse-me. Tudo o que te acontece é uma consumição para mim.

Quem corre o risco sou eu; mas nem já posso ser quem era, nem viver senão para ti.

Corta-me a alma a situação em que te vejo; intento libertar-te ámanhã da prisão em que estás, e levar-te para Madrid, sacrificando tudo á ventura de te salvar.

Ia-me dando uma cousa, filho; pouco faltou para morrer de gôsto quando ouvi o Zendono dizer-me aquillo.

E tanto a minha alegria lhe serviu de norma, que o homem, percebendo que todo o meu empenho era vêr-me de alli para fóra, se atreveu a raptar-me no dia immediato, á vista de todos.

Pois! Á vista de todos!

O caso passou-se assim:

Foi dizer á superiora haver recebido ordem de me levar á presença do corregedor, que estava na sua casa de campo a duas leguas da cidade; e fez-me trepar com elle para uma carruagem, puxada por duas mulas boas, que havia comprado para aquella empresa.

Levavamos comnosco um creado apenas, que ia fazendo de cocheiro, e que era inteiramente da confiança do mordomo.

Fomos indo, não como eu julgava, até Madrid, e sim para as fronteiras de Portugal, onde chegámos em menos tempo do que era necessario ao corregedor de Zamora para saber da fuga e largar-nos galgos na pista.

Antes de entrarmos em Bragança, fez-me o biscainho vestir de homem, com um fato, que ia, de prevenção.

Depois, julgando-me sua, disse-me já na hospedaria onde nos alojámos:

—Não leves a mal, minha linda Laura, que eu te trouxesse para Portugal.

O corregedor de Zamora dar-nos-ha busca na nossa patria, como a dois criminosos a quem a Hespanha não possa dar guarida; n'este reino extranho, porém, estaremos livres do seu resentimento, apesar de estar sujeito elle proprio ao dominio hespanhol: estaremos mais seguros aqui do que na nossa terra, e já não é pouco.

Deixa-me, pois, persuadir-te em bem, meu amor; segue quem te adora; vamos viver em Coimbra, passaremos alli sem medo os nossos dias, pacifica, prazenteiramente.

A efficacia de uma tal proposta deixou-me vêr desde logo estar tratando com um cavalheiro, que não gostava de perder o seu tempo feito defensor de princezas por simples gloria da cavalleria.

Percebi então que se o santinho contava com a minha gratidão, ainda contava mais com a minha pobreza.

Mas, por muito que estes dois motivos me falassem em seu favor, fui-lhe dando um redondo não.

Olha, Gil Braz, para te falar com o coração nas mãos, esta isenção não era grande virtude em mim: eu não gostava do homem, nem acreditava que elle fôsse rico.

Quando, porém, rompeu em instancias, offerecendo-se para casar commigo, e me explicou que com isso de ser administrador da casa se tinha enchido para muito tempo, senti em mim uma mudança tão subita na maneira de o apreciar, que, á proporção que elle me ia mostrando dinheiro e joias, ponderava eu que o interesse transforma uma pessoa exactamente como o amor.

Já o biscainho me parecia outro.

Esbelto, distincto, de uma pallidez interessante...

Até o ar de hypocrita, que tinha, se me figurou de modestia.

Acceitei, sem repugnancia, a sua mão, tomando o céo por testemunha, que foi o unico padrinho que tivemos.

Assim nos entendemos o melhor possivel, e seguimos para Coimbra, sem mais perda de tempo; para que essa terra de encantos recebesse, dentro de seus muros, este novo matrimonio.

Comprou-me meu marido magnificos vestidos e deu-me joias preciosas.

O que hei de eu vêr entre as joias?

O annel do Maldonado.

O annel de D. Felix, filho!

Tate, disse eu commigo.

Não foi preciso mais para adivinhar de onde vinham as pedras preciosas que me mostrára, e para me convencer que não tinha casado com observador grandemente rijo do setimo mandamento.

Considerando, porém, que seria eu a primeira causa de elle se haver dado áquelles exercicios de mão, perdoava-lh'os, porque a gente perdôa tudo aos homens em se nos mettendo na cabeça que o que façam de mau seja por amor de nós, e de lhes agradarmos mais que as outras.

Se não fôra isso, que nojo de homem, e com que ancia lhe haveria cuspido!

Assim fui passando tres mezes soffrivelmente.

Carinhos e mais carinhos; parecia doido por mim.

Tudo fingido; aquelle desprezivel ente!

Enganava-me.

O pago que me esperava, é o que toda a rapariga solteira tem a receber do brejeiro que a seduza.

N'um domingo, ao voltar da missa, não achei em casa senão as paredes.

Moveis, que é d'elles? Roupa, quem a víra?

Zendono e o seu fiel escudeiro haviam disposto as cousas tanto á maravilha, que limparam tudo em menos de uma hora.

Achei-me com o vestido que levava no corpo e o annel de D. Felix que por felicidade, tinha no dedo.

Se me encontrasses, vias em mim outra Ariadna abandonada por seu lindo e ingrato amante.

Mas eu não fiz elegias, nem lamentações.

Dei graças aos céos por me vêr livre d'aquelle preverso, e não ir bailar com elle, mais dia menos dia, á forca que o esperava.

Olhei o tempo que tinhamos passado juntos, como tempo perdido.

Eu me indemnisaria.

Se houvesse querido ficar em Portugal e servir em casa de alguma fidalga, ter-me-ia apparecido d'isso em abundancia; mas, ou fôsse pelo amor que tinha a meus paes, ou porque a minha estrella me levava para melhor fortuna, pensei unicamente em voltar para Hespanha.

Vendi o annel a um ourives que m'o pagou em boas peças, e abalei de cabeça com uma senhora fidalga já velhota que ía para Sevilha.

Chamava-se Dorothea, essa senhora; era hespanhola; tinha ido a Coimbra visitar uma parenta que estava vivendo alli; e voltava então para Sevilha onde tinha casa.

Demos-nos tão bem uma com a outra como se nos conhecessemos de pequenas.

Amizades, em jornada, contrahem-se depressa.

A nossa, quando chegámos a Sevilha, estava n'um ponto tão subido, que a minha companheira não deu licença de eu ir morar para outra casa que não fôsse a sua.

Não me arrependi nunca de ter feito aquelle conhecimento.

Nunca vi mulher de melhor caracter.

E o que havia ter sido de formosa! Ainda as feições, e a viveza que tinha nos olhos, pareciam estar a referir quantas paixões inspirára, e como que recordava o echo das guitarras nos descantes amorosos que lhe houvessem dado de noite, ao sereno.

Devia ser viuva de muitos maridos nobres, e viver honradamente dos bens que lhe houvessem legado.

Tinha um coração de pomba. Em vendo alguma menina infeliz já se compadecia d'ella.

Logo que lhe contei os meus infortunios, condoeu-se ao ponto de cobrir o Zendono de maldições.

—Cães! dizia. São homens, e basta. E é de que o mundo está cheio. Ainda o que vale, é não teres casado.

Ora, o demo do biscainho!

A pechincha assim mesmo é servir-te de desculpa essa tal scena do casamento, sem te tolher de casares agora, em valendo a pena de cahir n'essa.

Sahiamos todos os dias para irmos á egreja ou visitar alguma amiga, que é a melhor maneira de vêr em que param as cousas.

Os homens, pela rua, não tiravam os olhos de mim.

Alguns vieram á fala com a Dorothea.

Não serviam; pobres uns, outros, rapazelhos.

De uma occasião lembramos-nos de ir ao theatro.

Annunciavam os cartazes o *Embaixador de si mesmo*.

Era uma comedia de Lope de Vega Carpio.

Entre as actrizes que appareceram no tablado, vi uma amiga minha.

A Felicia!

Aquella gorducha muito alegre—não te lembras?—que era creada da Florimunda, e com quem ceaste umas poucas de vezes em casa da Arsenia?

Sabia que a Felicia não estava em Madrid havia mais de dois annos, mas ignorava que fôsse comica.

Pareceu-me eterna a peça, pelo anceio em que eu estava de ir abraçar a minha amiga.

O desempenho tambem não prestava para nada, mas, como gósto de rir, um comico bem mau, bem mau, diverte-me tanto como um que seja bom.

A comedia a acabar e aqui fômos á caixa, a viuva e eu.

Estava a Felicia no camarim, toda desdenhosa, a fazer boquinha, emquanto um pardalito apegado ao visco da declamação lhe trinava á orelha.

Logo que me viu, despediu-se d'elle cortezmente, e por um triz que não me levanta ao collo.

Abraçámos-nos com grande alegria de nos tornarmos a vêr, mas não permittindo o tempo nem o sitio demorarmos-nos em largas conversações, deixámos isso para o dia seguinte, em casa d'ella.

Todas as mulheres gostam de dar á lingua, e eu mais que todas.

Não pude fechar os olhos em toda a noite.

Estava a ferver por ir dar á trela com a Felicia, queria fazer-lhe perguntas sobre perguntas.

Assim que luziu o buraco, levantei-me da cama e ahi fui para casa d'ella.

Morava n'uma hospedaria onde estava tambem a companhia toda.

Pedi a uma creada que me ensinasse o quarto.

Levou-me a um corredor, onde havia dez ou doze quartos pequenos, separados apenas por tabiques de madeira.

Alli vivia aquella alegre malta.

A creada bateu á porta, e a porta abriu-se.

A Felicia tinha a lingua a rabiar, tal e qual como eu.

Aquillo foi sentarmos-nos e principiarmos logo a falar, sem descanço.

Tinhamos tanta cousa, filho, tanta cousa que perguntarmos uma á outra!

Foi um tropel de perguntas e respostas.

Mutuamente narradas as nossas aventuras, e já ao facto do estado actual dos assumptos, diz-me a Felicia:

—E agora, rapariga, o que ha de ser de ti?

Porque, emfim, é preciso fazeres alguma cousa...

Estás moça, estás na edade de trabalhar.

—Hei de vêr se me accommodo em casa de alguma senhora, emquanto não alcanço melhor fortuna.

—Qual senhora! exclamou a minha amiga; isso, de servir, não presta.

Não caias n'essa. Ó mulher, pois ainda não estás farta de aturar vontades?

Já é gôsto pela sujeição!

Até se embrulha o estomago de te ouvir isso.

Anda para o theatro, tola; faze como eu. Não ha como ser actriz. O médio estado entre gente e gentalha; condição livre e isenta das cerimonias da vida civil.

Viver de rendimentos sem eira nem beira; servindo de hypothecas os bens dos particulares, e pagando o publico em moeda corrente!

Para as mulheres, principalmente, é que o theatro é bom.

Ainda me faço córada quando me lembram os tempos em que servi em casa da Florimunda.

Ninguem me olhava para a cara, senão aquella tropa fandanga da companhia do Principe.

Sujeito, que tivesse ares de alguem, nem sequer dava por mim.

Porque?

Por eu não dar nas vistas.

Por boa que seja uma pintura, se não a pozerem a boa luz, ninguem dá por ella.

Agora que já estou de peanha, não sei se te diga.

É um pedestal magnifico, o palco scenico.

Vêm de gatinhas atraz de mim, os mais guapos das terras por onde passâmos.

Por pouco que uma mulher valha, logo merece muito em sendo comica.

Se tiver um homem só, fica-se pasmado de tanta virtude.

Em mudando de um para outro, é olhada como senhora viuva que casa outra vez.

Viuva a valer, que contraia segundas nupcias, olha-a o publico com desprezo, como se isso ferisse a delicadeza dos homens; mas uma comica, quanto mais muda, mais agrada; a fartura é que lhe dá graça; em chegando ao cento é quando está melhor o boccado.

—Bem sei, bem sei, interrompi eu. Deixa estar que não me tenho lembrado poucas vezes d'isso.

Cuidas tu que não se me vão os olhos no theatro?

Gosto d'elle que me pello.

E então? E o talento? Já se não quer d'isso?

Eu não tenho talento nenhum.

É cousa que nunca tive, filha.

Quantas vezes tenho largado a recitar trechos de peças deante da Arsenia, e ella mesma me diz que não tenho raça de geito para a arte!

O que ella tem, é inveja.

Não ha comica, que não seja invejosa.

Por mais vaidade que tenham, ainda é maior o medo de que alguma lhes faça sombra.

Importa agora muito o que diz a Arsenia!?!

Olhem que menina para sinceridade.

Digo-te eu que nasceste para o theatro; cala-te.

Tens um grande natural, bom gesto, voz meiga e forte, e um palmo de cara que não sei se te conte...

Vae tudo raso comtigo se quizeres ser actriz.

Disse ainda mais cousas, e quiz que eu declamasse versos para me convencer a mim propria da boa disposição que tinha para o theatro.

Parecia regalar-se de me ouvir.

Chegou a afiançar-me que eu levava a melhor ás actrizes todas de Madrid.

Eram mãos perdidas; com um exame d'aquelles, como haveria eu de duvidar da facundia dos meus meritos e deixar de accusar a Arsenia de invejosa.

Obrigou-me a Felicia a repetir os versos, na presença de dois comicos que entraram n'aquella occasião.

Ficaram pasmadinhos.

Depois, como que voltando a si de um encanto immenso, não houve elogio que me não fizessem.

Estou a falar-te sério.

Se estivessem ao desafio a qual houvesse de elogiar-me mais, não teriam sido capazes de empregar maiores hyperboles. Gemeu-me a modestia alli, e não tive remedio senão ficar convencida de que valia alguma cousa, e resolver-me a entrar para o theatro.

— Cala essa bôcca Felicia, disse-lhe eu. Está dicto. Vou seguir o teu conselho. Credo! que medo, credo! Mas, dizes que não ha inconveniente... Valha-me Deus. Vamos a vêr se faço a cousa bem feita.

Largou aos abraços a mim n'uma alegria doida, e os dois sucios davam-me apertos de mão e mostravam-se contentissimos.

Ajustou-se ir eu ao theatro na manhã immediata, e ensaiar-se outra vez a mesma versalhada deante da companhia toda.

Ahi, é que foram ellas!

Se a cousa tinha corrido bem em casa da Felicia, melhor foi ainda quando principiei a recitar para os comicos ouvirem.

Quando tinha dicto vinte versos, deram o caso por decidido; fui acceita por unanimidade.

Todo o meu susto, desde aquella hora, era a maneira por que haveria de sahir á scena quando me estreasse.

O meu empenho todo foi apparecer bem vestida.

Gastei n'isso o dinheiro que ainda me restava do annel.

Não ia vestida com luxo, mas ia elegante.

Cahiu tudo com palmas, n'aquella noite em que appareci em scena pela primeira vez.

Estavam doidos por mim.

Pódes cuidar que exaggero; mas, aquillo só visto: a celebridade que adquiri em Sevilha parece um conto.

Não se falava na cidade senão de mim.

Foram enchentes á cunha, tres semanas a fio.

O que a companhia andava de contente!

O theatro, antes de eu para lá ir, estava um boccadinho ás moscas.

Apresentei-me de uma maneira que fez crescer a agua na bôcca ao publico.

Rojavam-se á roda de mim, a requestar-me, de todas as edades e de todas as condições.

Haveria querido escolher quem me agradasse mais; mas não tendo remedio senão olhar ao interesse...

É a regra do theatro.

E isso explica que D. Ambrosio Nisaña, velho e feio, mas rico e generoso, um dos senhores mais abastados da Andaluzia, fôsse o preferido.

É verdade que lhe custou caro.

Casa, mobilia magnifica, bom cozinheiro, dois creados, aia, e mil ducados por mez para os meus alfinetes.

E vestidos, e joias...!

Nunca a Arsenia se viu em tão bom pé como eu.

Mudanças da fortuna.

Nem eu entendia aquillo, nem me conhecia a mim mesma...

Por isso me não espanto, que tantas esqueçam depressa o nada e a miseria de onde o capricho de algum poderoso as levantou.

Os applausos, os elogios,—era um chover de lisonjas, filho, tu sabes lá?!—e a paixão que o D. Ambrosio desencadeou por mim; fizeram-me tão vaidosa, que iam dando commigo em doida!

Vi titulos de nobreza na minha habilidade para o palco scenico, e dei-me ares de senhora.

Primeiro que me dignasse olhar para alguem, levava tempo.

Era em paga do muito que havia olhado em tempo, para a direita e para a esquerda.

Puz-me n'um pé de não fazer caso senão de duques, condes, marquezes; que riso!

O Nisaña ia todas as noites com amigos d'elle cear em minha casa.

Convidava eu sempre outras actrizes, e passavamos a maior parte da noite a beber e a rir.

Vida alegre, que durou pouco.

Seis mezes só.

Cançam-se depressa os fidalgos; senão fôra esse defeito, não havia gente mais amavel.

Deixou-me por uma rapariga granadina, uma *maja* que chegára de Sevilha, preciosa de graça e de encantos.

Estive quasi vinte e quatro horas em grande afflicção, mas passou-me logo; porque substitui D. Ambrosio por um rapaz de vinte annos, muito melhor do que elle, um D. Luiz de Alcacer.

Era novinho de mais, bem sei, e podia ser perigoso; mas não tinha pae nem mãe, e estava senhor da casa.

E depois, deixa lá! Para uma actriz são os melhores amantes; ninguem nos chama aventureiras, por mais que elles se deixem depennar por nós.

Nunca duas pessoas gostaram tanto uma da outra como o Alcacer de mim, e eu do Alcacer.

Foi como se nos tivessem dado feitiço.

Toda a gente nos julgava os amantes mais felizes; mas, a considerar bem, não o eramos.

Bonito rapaz e muito interessante o D. Luiz, que me moía a vida!

Por maior diligencia que eu fizesse de não olhar para homem nenhum, o genio desconfiado d'elle, encontrava em tudo delictos.

Se eu estava em scena, figurava-se-lhe que, emquanto representava, dera a alguem um olhar intencional. Era um tormento. Passavamos a vida em ralhos e queixas.

Faltou-nos por fim a paciencia a ambos, e separamos-nos amigavelmente.

Talvez não creias o que te vou dizer? O ultimo dia da nossa amizade foi talvez o mais agradavel que tivemos.

Cançados ambos da angustia em que viveramos, despedimos-nos alegremente como dois captivos, que recobram a liberdade depois de uma longa escravidão.

Desde então que ando a fugir do amor.

Quero o meu socego.

Mulheres como nós não devem apaixonar-se; isso é bom para o theatro, quando representamos para o publico vêr.

Ia ganhando nome e tambem creando fama no emtanto. Dizia-se até que não havia outra actriz como eu.

Da sociedade de actores de Granada, a poder de ouvirem falar de mim, resolveram-se a escrever-me, convidando-me para fazer parte da sua companhia.

E por quererem mostrar-me que essa proposta era importante, mandaram-me uma nota da receita e despesa do theatro, e da entrada de porta das ultimas recitas.

Havia vantagem em acceitar.

Acceitei. Comquanto no intimo do meu coração levasse saudades da Felicia e da Dorothea, de quem era realmente amiga.

Deixei a primeira em Sevilha entretida a fundir a prataria de um ourives, que entendêra que uma actriz podia ser tambem para o seu dente.

O caso é que fui para Granada.

Esquecia-me dizer-te que deixei de ser Laura quando entrei para o theatro.

Fiquei Estela. E para Granada, já se vê, Estela me chamei tambem.

Fui tão feliz n'aquella cidade como em Sevilha. Arrastavam-me a aza de todos os lados.

Mas, quem diz que eu fizesse caso de perdigotos?!

Tudo era vêr no que paravam as danças e se apparecia figurão de conceito.

Estonteei-os, andavam patetas.

Porém, á cautela, não os perdesse todos, estava quasi a declarar-me favoravel a um auditor ainda moço, de nascimento plebeu, mas que á sombra do emprego se fazia grande pessoa, quando vi pela primeira vez o marquez de Marialva.

Este fidalgo portuguez, que anda ha muito viajando em Hespanha por simples curiosidade, foi ao theatro n'uma noite em que eu não representava.

Olhou com attenção para uma das actrizes, gostou d'ella, e demorou-se em Granada.

Já estavam a ponto de se entenderem quando me viu representar.

Voltou-se logo a bandeirinha.

Nunca mais o portuguez quiz saber senão de mim, e como eu não ignorava que elle se havia agradado da outra, tratei de a supplantar, e não descancei emquanto não a metti n'um chinello.

Ficou-me com um odio, que não t'o sei dizer.

Forte tola!

De mulher para mulher, esta ambição é sempre natural; entre amigas intimas que seja. Soubesse ella isso; que era a sua obrigação, sabel-o.

CAPITULO VIII

DA MANEIRA PELA QUAL OS COMICOS DE GRANADA RECEBERAM GIL BRAZ

CABARA n'aquelle instante a Laura de fazer-me a narrativa da sua historia, quando chegou uma comica já durazia, que morava no quarto ao lado, e ía buscal-a para irem ao theatro.

Esta veneranda heroina de bastidores, estaria ao pintar para o papel da deusa Cotytto.

A mana, já se vê, apresentou-me logo.—Este é o meu irmão!—... Grandes comprimentos de parte a parte, e lá as deixei sós, dizendo á viuva do administrador que iria buscal-a ao theatro tão depressa pozesse a minha roupa em casa do marquez.

Dirigi-me ao quarto que tinha alugado, paguei á dona da casa, disse a um moço que carregasse com a mala, e acompanhei-o a uma grande hospedaria onde estava alojado o senhor meu amo.

Á porta, encontrei o mordomo, que me perguntou se era eu o irmão da menina Estela.

Disse-lhe que sim.

Replica-me elle:

— Pois seja muito bem apparecido, cavalheiro! O senhor marquez de Marialva, de quem tenho a honra de ser mordomo, recommendou-me uma duzia de vezes que o tratasse o melhor possivel.

Já lá tem o seu quartosinho.

Quer vêl-o?

— Vamos lá!

Subimos ao ultimo andar, levou-me a um quarto pequerruxinho onde mal cabia uma cama estreita, um armario e duas cadeiras.

Ia ser aquella a minha moradia.

— Aqui, já se vê, disse-me esse cicerone, não estará muito á larga; o que posso, porém, prometter-lhe, é que em Lisboa ha de ter um quarto como se quer!

Guardei a malita no armario, e a chave na algibeira.

Depois, fui sempre perguntando a que horas era a ceia.

Respondeu-se-me que o fidalgo ceava sempre fóra, e que dava a cada creado um tanto por mez para comerem á sua custa.

Fiz para alli mais umas perguntas, e vim no conhecimento de que os creados do marquez eram uns patuscos de mão cheia, e, como a gente diz, uns felizões.

Feita a conversinha, deixei o mordomo e fui buscar a Laura.

Ia contente como um rato.

Chegando á porta da caixa do theatro, disse ser irmão da Estela.

Logo entrada franca.

Os porteiros faziam-me barretadas como se eu fôra alguma das principaes pessoas de Granada. Reverencias profundas por todo o meu caminho.

No palco foi uma cousa por ahi além.

Estavam os comicos, já vestidos, promptos para entrarem em scena.

Quando a Laura me apresentou, todos aquelles marmanjos largaram aos abraços a mim, e as mulheres encostavam-me ao rosto as caras sarapintadas d'ellas, deixando-me laivos de alvaiade e de carmim.

Principiaram todos a falar ao mesmo tempo.

Já não sabia como houvesse de responder-lhes, mas a mana acudiu-me logo, e como tinha uma lingua mestra, deu-lhe alli exercicio para a direita e para a esquerda.

Veiu o mestre dos carpinteiros, vieram os musicos da orchestra, veiu o ponto, o aderecista, o contra-regra, todos os empregados do theatro emfim, que, ao simples boato da minha chegada, correram a examinar-me como se nunca tivessem visto irmãos de gente.

N'isto, principiou a comedia.

Alguns cavalheiros que se achavam no palco, retiraram-se para irem tomar os seus logares, e eu, como se fôsse de casa, continuei na palração com os actores que não entravam na peça.

Entre estes havia um a quem ouvi chamar Belchior.

Tive, como quem diz, um palpite.

Olhei para elle com attenção, e figurou-se-me já o ter visto algures.

De repente, recordei-me d'elle, e vi que era o Belchior Zapata, o pobre comico ambulante, de la Legua, como se diz em Hespanha, que eu encontrára a molhar uns boccados de pão duro na agua de uma fonte.

Chamei-o logo de parte, e disse-lhe:

—Se me não engano, é o senhor Belchior, com quem tive a honra de almoçar um dia á beira de uma clara fonte entre Valladolid e Segovia.

Está certo?

Eu ía com um barbeirito, juntámos, ás suas, algumas provisões que levávamos, e assim arranjámos entre os tres uma paparoca escassa que a gente temperou com dictos alegres.

O Zapata ficou pensativo por alguns instantes.

Depois respondeu-me:

— Está a falar-me de uma cousa que nunca me esqueceu. Vinha eu de Madrid, de me estrear no theatro, e ia outra vez para Zamora. Estava bem em baixo n'esse tempo.

— Levava o meu amigo, por signal, um gibão forrado de cartazes.

Até me lembro que se queixava, n'aquelle tempo, de ter uma mulher honestissima.

— Lá emquanto a isso já me não queixo, disse o Zapata muito depressa. Está outra.

Emendou-se.

Por isso, agora, já o meu gibão anda mais bem forrado.

Ia eu a dar-lhe os parabens por uma tão feliz mudança, quando elle teve de me deixar, para entrar em scena.

Fiquei com curiosidade de conhecer a mulher.

Cheguei-me para um comico e pedi-lhe que m'a mostrasse.

Diz-me o homem:

— É a Narcisa. Depois da senhora sua mana, é a mais bonita da companhia.

É aquella que está acolá.

Acudiu-me á idéa dever ser essa a tal actriz de quem o marquez de Marialva se namorára antes de haver visto a Estela.

Não me enganei no meu calculo.

Quando acabou a peça acompanhei Laura a casa.

Fui encontrar lá uma quantidade de cozinheiros a prepararem uma grande ceia.

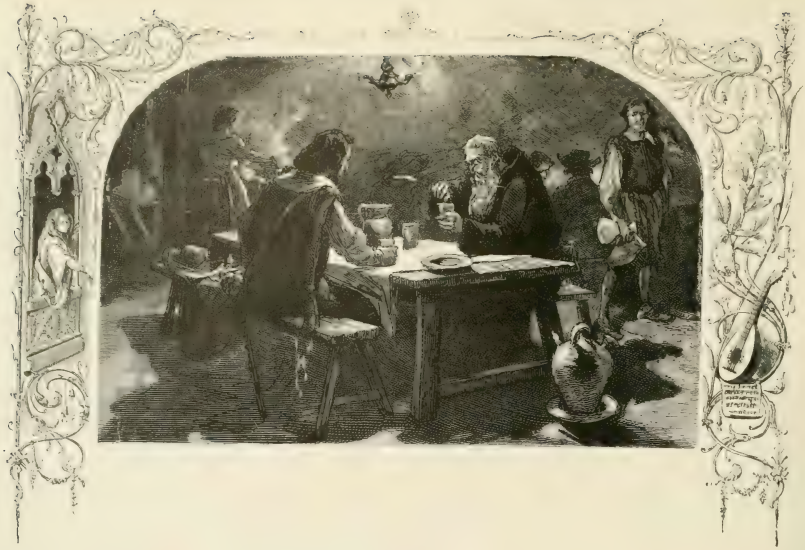
— Pódes cear commigo, disse-me ella.

— Pois! O marquez não ha de querer convidados.

— Quer tal, respondeu ella, traz dois amigos, e vem um collega meu do theatro. Comtigo faz seis. Em casa de actrizes os creados comem com os amos.

— Sei isso tudo, mas aspiro a secretario definitivo, secretario predilecto, e quero desempenhar-me primeiro de alguma commissão delicada; esse cargo honorifico não se apanha assim, tomando confiança com meu amo sem elle m'a dar.

Dizendo isto, deixei Laura, e fui para a hospedaria, no firme intento de comer alli todos os dias, visto que o meu amo não comia nunca em casa.



CAPITULO IX

DO EXTRAORDINARIO HOMEM COM QUEM GIL BRAZ CEOU N'AQUELLA NOITE, E DO QUE FOI PASSADO ENTRE ELLES

ESTAVA a cear a um canto da sala um frade velho, embrulhado n'uma fatiota parda.

Fui sentar-me defronte d'elle, como se estivesse a recrear-me de o vêr.

Fiz-lhe os meus comprimentos de civilidade, proprios de um homem fino que se dispõe a comer com outro sem o conhecer.

Elle correspondeu cortezmente.

Veiu a ceia.

Principiei a dar ao dente, sem tirar os olhos do velho e sem lhe dizer palavra.

O melhor do caso é que elle, tambem, estava de olho pregado em mim.

—Estamos ambos como que a conhecermos-nos! disse-lhe eu, por fim, cançado d'aquelle jogo de olhar ao sisudo.

Diz-me elle:

—Sim, effectivamente... Tenho estado a observar a variedade prodigiosa de aventuras de que se vêem os traços, os vestigios que não se apagam, gravados no semblante.

— É vossa reverendissima sabedora em conhecimentos de metoposcopia.

—Sei alguma cousa d'isso; e da chiromancia, tambem alguma cousa sei, ao ponto de considerar infalliveis os oraculos em eu comparando a inspecção da mão com a do rosto.

Têem-se hoje por frivolas estas sciencias, bem o sei...

Desanima os sabios, o prolongado estudo que ellas requerem...

Não admira que se ria d'isto...

A mim, não me desanimam as difficuldades que ha para se poder entrar nos segredos da chimica e na arte de transmudar os metaes em oiro.

Nem cuido estar falando com pessoa de tão pequeno alcance, que tome por sonhos o que lhe digo.

Tirando da algibeira um vidrinho, que estava cheio de licôr encarnado:

—Do succo de certas plantas, destiladas no alambique, compuz já hoje este elixir; não tenho cuidado em toda a minha vida senão de procurar descobrir as propriedades dos simples e dos mineraes: vae vêr agora...

O vinho que estamos a beber não presta, não é verdade?

Pois vae ser bom.

Deitou duas gôttas do elixir na garrafa de que eu estava bebendo, e o vinho effectivamente ficou delicioso.

—Ó meu padre! exclamei maravilhado.

Quem faz isto, merece tudo, e é capaz de fazer de uma barra de ferro uma barra de oiro!

Quem me dera, ter taes artes!

Livre-te Deus, d'isso! interrompeu o velho.

Que as não tenhas nunca!

Nem sabes o que desejas!

Tem dó de mim, filho; inveja de mim, não n'a tenhas! O trabalho não me tem servido senão para me fazer infeliz.

Vivo inquieto...

Sempre em sustos de ser descoberto, de que me prendam...

Levo vida errante...

Ora me disfarço de cavalheiro, ora de frade...

Para que serve o oiro, e para que servem as riquezas aos que não possam gosal-as tranquillamente?

— N'isso diz bem! ponderei.

Nada chega ao viver em paz!

O que eu estimaria, verdadeiramente era que me vaticinasse o que terá de vir a acontecer-me...?

Póde ser?

— De muito boa vontade, respondeu-me.

A physionomia já eu examinei...

Venha agora a mão...

Examinou-a attentamente.

Depois:

— Que perpassar rapido de tristeza para a alegria...

Que serie de desgraças e fortunas...

Que alternativas permanentes!

Mas, emfim, agora...

Agora...,— prompto! Não ha já revezes que o assaltem! E ha de um grande senhor assegurar-lhe destinos prosperos.

Em seguida e depois de affiançar-me que poderia estar seguro da sua predição, despediu-se de mim, sahindo da hospedaria, onde fiquei scismando por largo tempo no que eu acabava de ouvir.

Seria o marquez de Marialva, teria de ser esse, o tal senhor!?

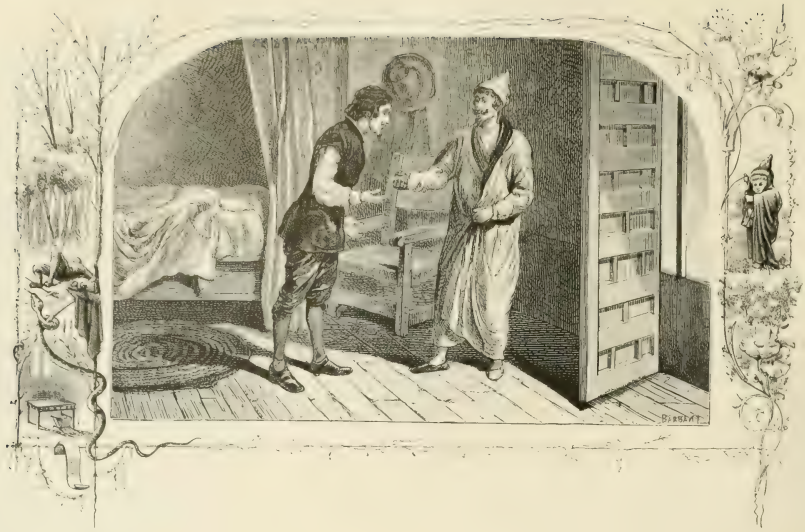
Era natural; e, n'esse caso, muito provavel o vaticinio.

O frade parecia sério, perfeitamente sério, e merecedor do meu melhor conceito,—bastava lembrar-me do elixir!

Para acelerar a promettida felicidade, deliberei-me a servir o marquez com um zelo excessivo, como nunca jámais havia empregado em servir alguem.

E fui para casa alegre, contente, ufano, a pular e a impar de jubilo.

Uma mulher que fôsse,—mulher nenhuma, não poderia ficar mais satisfeita depois de lhe lerem a buenadicha, do que eu fiquei ao separar-me do meu philosopho.



CAPITULO X

DA COMMISSÃO DE QUE O MARQUEZ DE MARIALVA ENCARREGOU GIL BRAZ, E DA MANEIRA PELA QUAL ESTE FIEL SECRETARIO SE DESEMPENHOU D'ELLA.

O MARQUEZ não tinha voltado ainda de casa da sua actriz; mas fui encontrar os creados, nos quartos d'elle, a jogarem as cartas emquanto o esperavam.

Entrámos a conversar, e assim estivemos entretendo o tempo até ás duas horas da madrugada.

Eram passadas já, quando o fidalgo chegou a casa.

Pareceu surprehendido de me vêr alli; e, com grandes ares amaveis, que bem revelavam vir contente da sua visita:

— Gil Braz, me disse, porque não te foste deitar?

Respondi reverentemente que desejava saber se teria Sua Excellencia ordens para me dar.

—Póde ser, retorquiu, que ámanhã te incumba de uma tarefa, e então haverei de dar-te as ordens convenientes.

Vae tu descançar, e fica dicto já que nunca terás de esperar-me, porque bastam para isso os creados.

Feita esta advertencia, que eu gostei bem de ouvir, deixei o marquez no quarto, e fui para a minha cama.

Não podendo dormir, segui o conselho de Pythagoras, de recordar de noite o que se fez de dia, para nos applaudirmos do que tivesse sido bem feito, e vituperarmos o mau procedimento em que houveramos incorrido.

Nem por isso tinha a consciencia muito socegada, com o haver ajudado a Laura nas mentiras que ella pregára ao marquez.

Dizia a mim mesmo, para achar desculpa, que, não haveria tido termos, desmascarar uma pobre rapariga, cuja unica intenção fôra a de me ser agradavel...

E, ainda, a circumstancia de me ter encontrado na collisão de ser cumplice no engano...

Depois, pouco satisfeito de razões tão leves, replicava a mim proprio que não era decoroso levar por deante o embuste e querer viver em casa de um homem correspondendo tão falsamente á confiança com que me elle tratava.

Cheguei á conclusão de que se não era um perfeito biltre, pouco me faltava para o ser.

Passando d'isso a ponderar convenientemente as consequencias, reflexionei que me expunha a muito em enganar um homem de tão subida jerarchia.

De mais a mais, por meus peccados, não haveria de tardar muito que o enredo se aclarasse. Olhem que obra, ia ser essa!

Fiquei estonteado.

Mas, a idéa do interesse, as seducções da alegria, e até, para me lembrar tudo, a prophecia do homem do elixir, serenaram-me de animo, e trouxeram-me imagens mais risonhas.

Principiei a fazer contas de arithmetica, e a calcular a quanto poderia subir o dinheiro dos salarios que eu fôsse recebendo durante dez annos.

Accrescentava a isso as gratificações que recebesse do marquez, e, deitando os meus calculos á liberalidade do caracter d'elle, e ainda mais á dos meus desejos, rompia n'uma intemperança de imaginação que não admittia limites á fortuna.

Tanta felicidade conciliou-me a pouco e pouco o somno, e fiquei a dormir e a construir castellos no ar.

Levantei-me de manhã, seriam nove horas, para ir receber as ordens do meu amo; quando, porém, abri a porta para sahir do quarto, fiquei pasmado de o vêr de chambre e gorro.

Estava só.

—Gil Braz, disse-me elle, hontem, quando me despedi de tua irmã, prometti-lhe ir lá hoje depois de almoço; mas, ha um negocio de importancia que me inhibe d'isso.

Chega lá, e dize-lhe que estou contrariado de acontecer assim; mas, que irei cear com ella.

Não é tudo, accrescentou entregando-me uma bolsa com um estojo guarnecido de diamantes; leva-lhe o meu retrato.

A bolsa é para ti.

Tens ahi uns cincoenta dobrões.

Peguei do retrato com uma das mãos, da bolsa com a outra, e fui, correndo, a casa da Laura.

—Que pechincha ser irmão de uma rapariga bonita, que não seja dada á crueldade. Assim isto fôsse tão honroso para um homem, como lhe é util! E é o que devia ser, cala-te!

Ella ria-se.

Differentissima n'isso das pessoas do seu officio, tinha a Laurita costume de madrugar.

Fui encontral-a no toucador, a pintar-se e a embellezar-se.

Estava á espera do portuguez.

— Estela amabilissima, padroeira e irmã dos extrangeiros, disse-lhe eu ao entrar. Até que em fim já posso comer á mesa com o meu amo, uma vez que me honrou de uma commissão que vale por si só todas as prerogativas. Diz que não póde vir ter o gosto de te vêr esta manhã, mas que ceará comtigo; e envia-te o seu retrato.

Entreguei-lhe o estojo.

Luziram-lhe os olhos com o brilho dos diamantes.

Olhou para o retrato por cortezia, e logo para os brilhantes outra vez.

— Estas imagens para uma mulher de theatro ainda têem mais estimação que os originaes.

Contei-lhe que o portuguez, ao entregar-me o retrato, me déra cincoenta dobrões para mim.

— Estimo bem, disse ella. Este principia por onde os outros raramente acabam.

— Á nossa fraternidade o devo, querida! respondi eu.

— Tomara eu que todos os dias elle se portasse assim comtigo.

Como eu gosto de ti!

Tinha saudades tuas quando me falaste em Madrid, e hontem, quando te vi, foi como se a minha alma acordasse.

Nascemos um para o outro.

Has de ser o meu marido, tu.

Has de o ser.

Primeiro trataremos de ser ricos, já se vê, porque assim o exige a prudencia.

Deixa-me ter ainda tres ou quatro amantes, para arranjar as cousas como eu quero para teu bem e para o meu, e verás.

Agradeci-lhe aquelle incommodo, a que se queria dar por meu respeito, e insensivelmente nos fomos entranhando n'uma conversação que durou até ao meio dia.

Fui depois dar conta a meu amo do modo por que o seu presente havia sido recebido.

Comquanto a Laura me não houvesse dado instrucções sobre este assumpto, fui compondo pelo caminho um ramalhete para comprimentar o cavalheiro como que da parte d'ella.

Infelizmente, foi tempo perdido.

Quando cheguei a casa, disseram-me que o marquez tinha sahido.

Não queria a sorte que eu tornasse mais a pôr-lhe a vista.

CAPITULO XI

DA NOTICIA QUE TIVE GIL BRAZ E DO GOLPE QUE LHE FUI DEU

Fui para casa.

Encontrei lá dois homens com quem jantei, entretendo-nos todos á mesa até á hora do theatro.

Rimos muito.

Mas a tristeza, de vez em quando, estava a adivinhar desgraça.

Logo que entrei no theatro, chegou-se a mim o Belchior Zapata.

Levou-me para um canto, e disse-me:

— Ó meu caro, considero um dever prevenil o de uma cousa. De certo não ignora que o marquez de Marialva estava enamorado da

minha Narcisa e em pontos de ajuste, quando a espertalhona da Estela cortou aquella amizade, mettendo-se á cara ao portuguez.

Minha mulher sentiu-se d'isto e quer vingar-se.

Quando o meu caro appareceu hontem, fomos todos cumprimental-o; ha de estar lembrado.

O illuminador, que andava por aqui, logo disse que o meu caro não era irmão da Estela.

Que o conhecêra a vocemecê creado da Arsenia, quando a Estela era creada d'ella e se chamava Laura.

Minha mulher quer contar isso tudo ao marquez, e está ahi á espera d'elle.

Tome o meu caro isto para seu governo e se, devéras, não é irmão da pequena, ponha-se a andar, não venha isto a dar n'algum sinistro.

Não quiz eu ouvir mais.

Agradeci ao comico, que logo percebeu, pelo meu sobresalto, não podermos desmentir o illuminador.

Para que a Laura, boa actriz como era, me não obrigasse a enredar mais a comedia, e não me sentindo namorado a ponto de querer expor-me a perigos, nem sequer me despedi d'ella.

Tratei de levar a mala a uma estalagem de recoveiros, onde estava um que devia partir para Toledo ás tres horas da madrugada.

Queria vêr-me em casa do conde de Polan, sem demora.

Figurava-se-me que só alli estaria seguro.

Como isso não podia ser, estive em ancia e em sustos emquanto esperava.

Apesar de tudo, sempre fui cear á hospedaria, mas nem a ceia me podia fazer bom proveito, e, sempre em sobresaltos, fui metter-me em casa até chegar a hora de partir.

Que exercicios de paciencia!

Não tinha senão idéas tristes.

Quando ia a pegar no somno, representava-se-me logo vêr o marquez enfurecido a atirar bofetões á Laura e quebrar tudo lá por casa.

De outras vezes era como se o ouvisse dar ordem aos creados de que me dessem uma sova mestra.

Acordava espavorido.

Costumando ser-me dôce o despertar depois de ter sonhado cousas funestas, para mim ainda o acordar se me tornou então cem vezes peor que o somno.

Felizmente, o arrieiro appareceu a chamar-me.

Levantei-me, e, graças a Deus, puz-me logo a caminho, curado radicalmente da Laura e da chiromancia.

Á proporção que nos afastavamos de Granada, ia recobrando o animo e a tranquillidade antiga.

Principiei a conversar com o arrieiro.

Contou-me historias que me fizeram rir a bom rir.

Insensivelmente fui perdendo o medo.

Dormi bem em Ubeda; regaladamente; sem querer saber do mundo.

Á quarta noite chegámos a Toledo.

Perguntei pela casa do conde de Polan, na idéa de que elle não consentiria que eu fôsse morar para outro sitio, e até levasse a mal não ir ser seu hospede.

Enganei-me nas contas.

Ninguem lá estava senão o guarda-portão.

—Meu amo, o senhor conde, partiu hontem para a quinta de Leiva! disse-me elle.

E explicou-me, que haviam de lá escripto, participando a seu amo achar-se Serafina doente.

Em Toledo, sem o conde!

Que gôsto poderia eu encontrar em demorar-me alli?

Madrid era tão perto!

Tudo era pensar que não ha para fazer fortuna como é uma capital, e que para isso qualquer talento serve.

Aproveitei um cavallo de retorno, logo no dia seguinte, e para alli me levou, a representar o papel mais brilhante de quantos até então fizera.

CAPITULO XII

VAE GIL BRAZ ALOJAR SE N'UMA CASA DE HOSPEDES ONDE TOMA CONHECIMENTO COM O CAPITÃO CHINCHILLA: QUE QUALIDADE DE HOMEM ERA ESTE OFFICIAL E A QUE HAVIA ELLE IDO A MADRID

ALOJEI-ME n'uma casa de hospedes, onde, entre outras pessoas, vivia um capitão velho, que das extremidades de Castella a Nova deitára até á capital para requerer uma pensão a que se julgava com direito.

Chamava-se D. Annibal de Chinchilla.

Era um diabo que tinha que vêr.

Sessenta annos, estatura gigantesca, e, mais que magro, estitico.

Bigode espesso, reforçado com crescente da suissa a treparlhe pelo rosto até ás fontes.

Faltava-lhe um braço e uma perna.

Tinha um olho tapado com um grande parche de tafetá verde.

E o rosto cortado de cicatrizes.

No mais, era como qualquer outro.

Intelligente, gravissimo; e, emquanto a costumes, rigido e pichoso em pontos de honra.

Depois de conversarmos duas ou tres vezes, honrou-me com a sua confiança dando-me a saber o estado dos seus negocios.

Relatou-me em que occasiões e datas se encontrára na travessia dos maiores lances: que perdera um olho em Napoles; um braço na Lombardia; uma perna nos Paizes Baixos; cêrcos, batalhas: e mil louvores de sua bôcca propria á metade do corpo, que lhe ficára, em compensação da que havia perdido.

Nunca foram tão modestos os officiaes que voltam da guerra sãos e salvos.

Referiu-me estar, sobretudo, penalisado de haver gasto grandes haveres nas campanhas.

Achava-se reduzido a nove moedas de renda, que mal lhe chegavam para a conservação dos bigodes, pagar o quarto, e fazer copiar memoriaes.

—Memoriaes e mais memoriaes. Graças a Deus não canço. Parecemos apostados, o ministro e eu, a qual haja de enfadar-se primeiro, se eu de os entregar, se elle de os receber.

Até ao rei tenho tido a honra de os apresentar.

Ao rei em pessoa; mas, tão bom é Pedro como Paulo: e a casa de Chinchilla, lá se vae arruinando por falta de reparação.

—Nada de perder as esperanças! disse eu ao capitão.

Essas pretenções, por mais justas que sejam, sempre têem demora.

Talvez esteja agora em vesperas de vêr premiados todos os seus penosos serviços.

—Não devo lisonjear-me com taes esperanças, respondeu-me D. Annibal.

Ainda não ha tres dias que falei com um dos secretarios do ministro.

Sabe o que me elle disse — «Tenha paciencia. Vá tendo paciencia, senhor fidalgo.

Não estime em tanto o zêlo e fidelidade de que deu provas com o expor-se aos perigos em defesa da patria; n'isso não fez mais do que o seu dever.

A gloria que resulta das acções heroicas, é bastante recompensa d'ellas.

Não deve olhar-se como divida a gratificação que solicita.

Só poderá dever tal graça á bondade de el-rei, no querer contemplar-se devedor aos vassallos, que serviram o estado como lhes cumpria.»

Exortei o capitão a manter-se firme, e, interessando-me por elle, offereci-me para lhe copiar os memoriaes.

Fiz mais: instei para que se utilisasse da minha bolsa. Não acceitou, porém, e pundonoroso, apertou-me a mão, agradecendo-me.

Contou-me depois, que para não ser pesado a ninguem, se costumára a pouco e pouco a viver com tanta sobriedade, que o minimo alimento lhe bastava.

Assim era effectivamente.

Alimentava-se de alhos e de cebolas; por isso não tinha senão pelle e ossos.

Para ninguem vêr o que elle comia, fechava-se no quarto.

Só á força de rogos consegui que jantassemos juntos.

Para lhe enganar a vaidade, dei ordem de me accrescentarem o jantar; de principio não havia conseguir que acceitasse; por fim foi-se deixando de cerimonias, e tomando confiança commigo, ajudava-me a limpar os pratos e a despejar as garrafas.

— Faz de mim o que quer, senhor Gil Braz!

Tem maneiras tão agradaveis, que desvanece de todo os meus receios de abusar da sua generosidade.

Chegou a parecer-me que o capitão, de desembaraçado que ia estando, nem já recusaria acceitar dinheiro, se lh'o houvera de novo offerecido.

Não estive para experimentar.

Contentei-me com o dar-lhe de comer e copiar-lhe os memoriaes, variando sempre de phraseado.

Tinha fumaças de saber dictar; de modo, que, compunha trechos de eloquencia, dignos dos mais celebres cathedraticos de Salamanca.

Incançaveis como eramos em exaltar os serviços de D. Annibal, nem por isso logravamos que a côrte fizesse caso d'elles, o que moderava aquelle invalido nos louvores dados aos militares que se estropeiam nas guerras.

Para maior lastima, foi concedida, a um poeta que recitára na presença do rei um soneto em obsequio ao nascimento de uma infanta, uma pensão de quinhentos ducados.

O poeta havia sido apresentado pelo duque de Alba.

Ficou como louco, o mutilado capitão, quando viu aquillo.

— Não extranhe, dizia-lhe eu. Os poetas, desde tempo immemoriavel, assenhorearam-se da prenda de fazerem os principes tributarios das musas.

Não ha testa coroada que não tenha dado pensões a esses sujeitos.

São tenças que servem para a fama, e ficam a falar da liberalidade dos reis; ao passo que as outras não contribuem nada para a nomeada postuma.

Quantas recompensas não daria Augusto?

Que de pensões de que não ha noticia?

Entretanto, a posteridade mais remota, saberá sempre, tão bem como nós, que Virgilio recebeu d'este imperador mais de duzentos mil escudos de gratificação.

Apresentou então D. Annibal um memorial ao duque de Lerma.

Fomos juntos por essa occasião a casa do ministro, e alli encontrámos um mancebo, que, depois de cumprimentar o capitão, exclamou.

— É possivel!

Meu querido e antigo amo!

Vêl-o eu agora aqui!

Que negocio o traz a casa de sua excellencia!

Se posso ser-lhe prestavel, não deixe de dar-me as suas ordens; desde já me offereço para tudo o que estiver ao meu alcance.

— Pedrico, disse o official, pelo que me dás a entender, tens emprego graúdo na casa, hein?

— Pelo menos, respondeu o moço, para servir a vossa excellencia, sempre ha de chegar.

O capitão sorriu-se.

— Bello. Pois sendo assim, recorro á tua protecção.

— Está concedida, replicou Pedrico. O que é preciso, é saber-se do que se trata, e, no mais, deixe o ministro por minha conta.

Satisfizemos aquelles bons desejos, e perguntou-nos elle onde vivia D. Annibal, dando-nos logo palavra de honra de que, no dia immediato, viria encontrar-se comnosco.

Despediu-se sem nos dizer palavra do que tencionava fazer, nem se era ou não creado do duque de Lerma.

Era tão esperto, o marotête, que me fez curiosidade saber quem elle fôsse.

Disse-me então o capitão:

— É um rapazito que já foi meu creado.

Quando me viu pobre, coitado, tratou de arranjar outro commodo.

Não me agastei por isso.

A caridade bem entendida, querem dizer que deve principiar por nós.

Não é isto!?

Foi o que elle poz em pratica. Teve mais dó de si, do que de mim.

É levado da bréca. Fino como um coral. Mas, eu, pelo sim, pelo não, desconfiei de tanto interesse que toma por meu respeito.

— Talvez lhe não seja inutil.

Se é creado de algum amigalhaço do duque, ou de pessoa d'elle, póde servir-lhe de muito, creia no que lhe estou dizendo.

Em casa de fidalgos, meu caro, tudo se faz por manha. Têem sempre,

nos que os servem, quem verdadeiramente os governe, e estes — porque todo o moço tem seu moço — deixam-se governar tambem pelos creados.

Na manhã seguinte, lá foi o Pedrico a casa.

— Se hontem não declarei os motivos, que tinha, para me dar gôsto servir o capitão Chinchilla, foi por não estarmos em sitio conveniente para explicações. E depois, aqui para nós, queria vêr o que poderia surtir de tudo isto.

Agora, já posso falar com franqueza.

Fiquem os senhores sabendo, que sou o creado de confiança do senhor D. Rodrigo Calderon, primeiro secretario do duque de Lerma.

Meu amo, que é doido pelo femeaço, vae cear, quasi todas as noites, com um rouxinol de Aragão, que está de poleiro no bairro de Palacio.

Uma moça de Albarracin, como uma flor.

E o que aquillo canta?

Até lhe chamam a Sereia.

Todas as manhãs que Deus manda ao mundo, levo-lhe uma cartinha.

Agora venho eu de lá.

Estivemos a combinar uma cousa, por meu conselho.

Vem a ser isto:

Fazer passar o D. Annibal por ser seu tio, para o amante o proteger n'esta supposição.

Ella gostou.

Pudéra! É boa idéa para os seus interesses, e sempre fica olhada como sobrinha de fidalgo. Sim, de qualquer dos modos é bom para ella!

O senhor de Chinchilla mostrou-se pouco inclinado para este embuste.

Cumplice de uma mentira, e, de mais a mais, consentir que uma aventureira o deshonrasse dizendo-se parente d'elle!

Sentia estremecer o pundonor de seus avós...

O Pedrico achou isso delicadeza demasiada.

— Isso, meu rico senhor, ha de dar licença que lhe diga, é de fidalgo de aldeia!

Na côrte nunca se olha para bagatellas, d'estas e d'outras.

Isso são vaidades ridiculas.

Fui do mesmo voto, e tanto apertámos com o capitão, que, por fim, lá o decidimos a ser tio da Sereia.

Tivemos que nos moer, para o convencermos, mas arranjou-se tudo, e fizemos entre os tres novo memorial para o ministro, revisto, correcto, augmentado, passado a limpo, — um bonito memorial.

Entregamol-o ao Pedrico, para ir leval-o á aragoneza; e não deixámos o Calderon apoquentando-lhe o bicho do ouvido, ao ponto que o homem, persuadido de que a pequena fôsse deveras sobrinha do capitão, prometteu fazer quanto podesse em favor da pretenção.

Voltou o Pedrico com ares de victoria:

— Boas novas! disse ao Chinchilla.

El-rei vae distribuir agora differentes mercês, e já me disseram que podia tranquillisal-o a respeito do seu pedido. Vae ser servido.

Tambem me perguntaram qual seja o presentinho que a sua pessoa destina á Sereia.

Pela minha parte, não penso em cousas d'estas para meu interesse.

Prefiro a todo o oiro do mundo a fortuna de haver contribuido para melhorar a situação do meu antigo amigo.

Mas, a nympha de Albarracin, é outro cantar!

É interesseirasita, em se tratando de servir o proximo.

É o defeito d'ella.

No mais, uma joia!

Tem aquella pecha. É capaz de roubar dinheiro ao pae, quanto mais a um tio postiço!

— Diga quanto quer, não faça cerimonia! disse D. Annibal. Se quer todos os annos um terço da pensão que hajam de dar-me, ficámos n'isso.

Não é mau, hein?

Ainda que se tratasse das rendas todas da Magestade Catholica, sempre havia de ser bom negocio; quanto mais, para isto!

— Posso affiançar-lhe que a sua palavra para mim era o bastante! replicou o mensageiro de D. Rodrigo. Sei que não faltará a ella.

Mas, emfim, trata-se de uma menina, e isso faz com que o caso mude de figura.

As meninas agora são muito desconfiadas, coitaditas.

E até lhe digo uma cousa; sabe?

A pequena ainda appetece mais receber por uma vez os dois terços da tença.

É mais simples. Acha ella mais simples.

Dinheiro prompto, e não se pensa mais n'isso.

— Onde hei de eu ir buscal-o? interrompeu com aspereza o official.

Olhem que historia!

O que cuida ella que eu seja? Contador-mór?

Isto aqui não é o erario?

Ora que asneirola!

— Queira perdoar, replicou Pedrico. Ella está sciente de que vossa senhoria é pobre como Job.

Já tenho feito lá essas ausencias.

Não lhe dê cuidado. Deixe isso por minha conta.

Para expedientes, cá o Pedrico!

Conheço ahi um usurario, bom velhote, que se contenta com dez por cento. É verdade; dez por cento. É muito bom homem.

Vossa senhoria vae lá ter com elle, faz-lhe uma escriptura de tabellião a ceder o vencimento do primeiro anno da tença em paga de egual quantia que receberá tirados os juros.

É um descanço.

O capitão disse que não poria duvida n'isso, uma vez que fôsse amerceado no dia immediato.

Effectivamente lhe concederam uma pensão de trezentos dobrões com a competente commenda.

O homem assim que viu a noticia, deu quantas seguranças se lhe pediram; arranjou as suas cousas, e voltou para a terra ainda com uns dobrõesitos.

CAPITULO XIII

ENCONTRA GIL BRAZ EM MADRID O SEU AMIGO FABRICIO; DA GRANDE ALEGRIA DE AMBOS; ONDE FORAM ESTES DOIS, E DA CURIOSISSIMA CONVERSAÇÃO D'ELLES

TODAS as manhãs ia eu ao palacio, e alli passava duas e tres horas a vêr entrar e sahir as personagens, — que nunca me pareceram tão pouca cousa como alli figuravam.

De uma occasião, andando a passear por aquellas galerias, fazendo, como muitos, papel de tôlo, vi o Fabricio, a quem deixára em Valladolid servindo o administrador do hospital.

Fiquei admiradissimo de o vêr falar familiarmente com o duque de Medina-Sidonia e o marquez de Santa Cruz.

Percebi, de mais a mais, que estavam a gostar de o ouvir. E bem vestido, o cavalheiro; bem vestido.

Seria illusão minha?

Pae meu! Semelhante caso...!

Devéras poderia ser o filho do barbeiro Nunes, que meus olhos estavam contemplando?

Aquelle fidalgo!?

As illustres personagens a voltarem costas, e eu com elle:

—Ó Fabricio?

Apertou-me logo a mão, e levando-me pela galeria adeante, no meio de todo aquelle gentio, abraçou-me com frenesi de amigo:

—Que alegria, vêr-te, Gil Braz!

O que vens fazer a Madrid!?

Estás para demora?

És empregado, n'alguma cousa?

Conta-me o que tens passado, desde Valladolid?!

—Centos de cousas, meu amigo, que nem podem ser para aqui.

—Dizes bem. Vamos para minha casa! Moro só; felicissimo: sim, uma vez que me considero feliz, sou felicissimo! Anda d'ahi!

Fomos logo.

A casa era bem boa por fóra.

Atravessámos um pateo, que tinha para um lado uma grande escada que ía dar a uns quartos magnificos, e para o outro uma escadita escura.

Por esta é que nós subimos.

O rapaz tinha alli uma sala, onde vivia.

Da sala fizera quatro casas, com tábuas de pinho, delgadinhas.

Saleta de entrada.

Quarto de cama.

Gabinete.

Cozinha.

O diabo do Fabricio!

Na parede da sala, mappa; no quarto, uma cama de brocado, velha; cadeiras, velhas; mesa de pés doirados, velha; armarios de pau santo, velhos;

no gabinete, mesa e estante, velhas; papeis e mais papeis; na cozinha, loiça e cousas, tudo velho.

Diabo do Fabricio!

—Que tal, ó Gil Braz?

—Está bom!

—Agora serio?

—Pois, serio. Não está mau. Tens algum emprego em Madrid?

—Qual emprego! Deus me livre d'isso.

Um sujeito finissimo, que é o dono da casa, cedeu-me esta sala.

Não me falta nada; faço o que me parece; estou como me quero!

—Fala-me claro!

—Clarório é que te vou falar. Estou litterato.

—O que?

—Sou litterato, agora. Faço versos, escrevo prosa, topo a tudo.

—Com quatorze diabos! Valído de Apollo! exclamei.

Essa é que eu não esperava!

Poeta!

Isso para que serve! Que diabo rende isso?

—Não rende a uns patetas, de que ninguem faz caso; mas, litterato bom, é sempre estimado.

Eu sou dos bons.

—Não duvido, não. Tens talento;—mas, entretanto, para escrever!

Assim mesmo, não percebo como...

—Tens razão, disse o Nunes. Em casa do Ordonez, eu, estava bem, se não fôra o ter talento de mais para aquillo.

Não me pude suster...

Fiz uma peça. Uma peça, meu amigo!

Levantou-se-me o engenho, como o de Plauto, por cima da servidão, e não houve remedio senão compôr.

—Uma peça! É forte caso!

— Estavam, de passagem, uns comicos em Valladolid, representaram-me isso.

Pouco valia, mas, ainda assim, foi muito applaudida.

Como vi que o publico se contentava e satisfazia com tão fraca obra, resolvi dar-lhe mais; e puz-me a andar do hospital sem perda de tempo.

Suffoquei o amor das riquezas no da poesia.

Vim para Madrid: centro, onde os talentos podem medrar.

Despedi-me do administrador, que ficou com pena, coitado; era meu amigo:

— Que razões de queixa tens contra mim? disse-me elle.

— Nenhumas.

— E então,... deixa-se d'isto?

— Cada um deve seguir a sua estrella, carissimo! O senhor é o melhor dos homens; mas, que lhe hei de eu fazer, se nasci para eternisar o meu nome pela escripta?!

Como tal me considero fadado.

— Que tontice! dizia elle. Estavas aqui tão bem! Vinhas a melhorar de emprego, e talvez chegasses a administrador da casa. Forte homem! Deixares o certo pelo duvidoso! Pensa bem, emquanto é tempo, Fabricio! Olha que o mal é para ti!

Quando viu que era escusado combater os meus designios, fez-me as contas, e ainda me deu de mais cincoenta ducados.

De maneira que, com isso, e com alguma cousa que eu juntára, de differentes tarefas de que fôra encarregado, apresentei-me em Madrid.

E, nota bem, vestido a primor.

Cousa pouco trivial entre litteratos, que nem sempre são de um asseio de se admirar.

Travei conhecimento com os auctores mais conhecidos.

Lope de Vega Carpio...

Miguel de Cervantes Saavedra...

Escolhi para meu mestre o incomparavel D. Luiz de Gongora, o mais brilhante engenho que a Hespanha tem produzido.

O Gongora! que não quer que as suas obras corram impressas emquanto elle fôr vivo; e contenta-se com o lêl-as aos seus amigos!

Poeta em todos os generos! mas, principalmente, satyrista! As satyras são o forte d'elle.

Não é rio turvo, como o Lucilio, que arrasta lodo; é a agua limpa do Tejo a correr sobre areias de oiro!

—Muito me contas!...

Elle proseguiu:

—Mordem-lhe os outros escriptores, allegando que tem estylo de empolas, agudezas, metaphoras e transposições...

Diz um d'aqui que os versos d'elle são enygmas...

O d'alli compara-os ás lôas de saloios nas procissões...

O d'acolá trata-o de charlatão, por elle fazer sonetos, romances, comedias, decimas e cantigas.

Tiros de cegos!

Settas da inveja, que não acertam nunca ao ponto de poderem ferir tão gentil e apreciada musa.

Seu discipulo sou!

Vês-me?

Sou discipulo d'elle. É elle o meu mestre.

Honro-me d'isso.

Imito-o sempre.

Imito-o com tal arte e com tanto engenho, que, elle proprio, julgaria seus, alguns trechos d'este teu creado.

Como elle tambem, vendo a minha fazenda unicamente aos grandes.

Lisonjeio-os sempre, recito lindamente, dão o cavaco por mim.

Dou-me com o duque de Medinasidonia, como amigo.

Ouves o que te digo?

Dou-me com elle como o Horacio com o Mecenas.

Assim me transformei, velho amigo! Assim me acho litterato.

E, dizendo-te isto, não tenho mais nada que te contar.

Litterato me acho.

Agora faze-me a narrativa de tuas aventuras, e, se tambem tens victorias, saltem ellas no discurso com que me deleites.

Tomei então a palavra, e supprimindo tudo o que não viesse para o caso, referi-lhe o mais importante.

Depois, fomos jantar.

Abriu o armario, tirou guardanapos, pão, um pedaço de carneiro assado e uma garrafa de vinho fino.

Sentámos-nos á mesa com a alegria propria de dois amigos que voltam a encontrar-se depois de larga separação.

— Agora estás vendo, me disse, a minha vida independente e livre.

Se quizesse seguir o exemplo dos collegas, iria jantar todos os dias a casa de um e de outro. Casas boas, já se vê, casas ricas, que é o que elles procuram.

Mas, não só me prende o amor ao trabalho, como ainda se dá outra circumstancia, que te vou referir:

Sou como o Aristipo.

Tal, qual.

Tão contente estou em boa companhia como sósinho.

E, para mim, a abundancia e a frugalidade, sabem-me ao mesmo.

Era o vinho por tal modo agradavel, que não houve remedio senão ir buscar outra garrafa.

Para fazer as vezes de sobremesa, disse-lhe que estimaria conhecer alguma das suas producções.

Amavelmente foi buscar logo um soneto.

Leu-m'o com emphase encantadora.

Mas, a verdade é, que, apesar de todas as vantagens da recitação, não percebi nada.

Elle comprehendeu isso, e disse-me:

Não achas isto bastante claro, talvez?

Confessei-lhe, que, se fôsse um boccadinho menos obscuro, não perderia, no meu modo de vêr.

Desatou a rir, o Fabricio.

Depois:

—O melhor d'este soneto é mesmo isso; não se entender.

Sonetos, e composições que exigem sublimidade, não querem estylo singelo nem natural.

Na obscuridade é que está a graça.

N'isso consiste o seu alto merecimento.

Que o poeta julgue que o entende, é quanto basta.

—Ora, vae para o diabo. Isso agora é chalaça! interrompi.

Todas as poesias, sejam de que natureza forem, devem ter conceito e clareza. Escriptor que a gente não entender, é porque nem elle se entende a si. Se o teu incomparavel Gongora se faz perceber tanto como tu, póde limpar as mãos á parede, meu querido amigo, e já lhe dou baixa no conceito em que principiava a tel-o. Isso são talentaços, que não enganam senão durante uma dada epocha.

Vamos a vêr a tua prosa. Lê isso alto!

Mostrou-me um prologo, destinado a ser prefacio geral de umas comedias que estava imprimindo.

Já se vê, perguntou-me que tal eu o achava.

—Tambem não presta.

És da mesma força na prosa, que no verso. O soneto é uma algaravia, e o prologo está n'um estylo retorcido, enfunado, guindado, ôco. Palavras que ninguem sabe o que signifiquem. Isso é tudo, menos escrever bem.

—Pateta! É a moda! Agora escrevem todos assim. N'esta affectação é que está a maravilha!

Andâmos uns cinco a crear esta lingua.

Fazemos do preto branco, e do branco preto.

E ha de ir!

Ha de ir; não nos importa o Lope de Vega, o Solis ou o Cervantes.

Olhem que cuidado que isso nos dá!

Temos muita gente fina pelo nosso lado. E até theologos. Digo-t'o eu!

Somos mais apreciados, do que esses diabos de escriptores singelos, que se explicam na linguagem de toda a gente.

Era boa para Athenas, essa simplicidade que levou o Socrates a dizer a Alcibiades, que o mestre da lingua era o publico!

Isto, são outros ares.

Desengana-te. O estylo novo vence o antigo.

A galhardia da nossa dicção dá cabo do rasteirismo d'elles.

—Não sejas tonto.

Isso é simplesmente a ausencia do gôsto.

— Tu é que não tens gôsto. Natural é qualquer. Vejam agora o merecimento, em ser natural, de elocução ou seja do que fôr!

E applicou-me, de caçoada, as palavras do arcebispo:

—«Vae ter com o thesoureiro, elle que te dê uns dobrõesitos, e põe-te na rua. Adeus, menino, gôsto é o que se quer!»

Eu ria a bom rir, e elle, coitado, não se agastou commigo.

Bebemos a segunda garrafa, e levantámos-nos da mesa tão amigos como d'antes.

Fomos passear.

A idéa era irmos ao Prado, mas, passámos por um botequim, e deu-nos vontade de entrar.

Era um botequim de luxo.

Não ia lá senão boa gente.

Gente rica, gente nobre.

Duas salas grandes.

Muitos cavalheiros a divertirem-se por varios modos.

Uns jogando as cartas...

Outros o xadrez...

Dez ou doze, muito attentos, a escutarem uma discussão, em que se gritava por maneira, que não havia necessidade de apurar o ouvido para perceber o que diziam.

Metaphysica!

Tudo metaphysica!

Pareciam malucos.

Estou que, se lhes tivessem applicado o annel de Eleazar, haveria de se vêr sahirem-lhes diabinhos das ventas!

—Valha-me Deus! disse eu ao meu companheiro. Não irá haver aqui alguma desordem séria!

De alguma maneira estes sujeitinhos podiam brilhar como pregoeiros, e, provavelmente, não queriam. Pela maior parte, os homens andam de vocação errada.

—Olé se andam!

Estes descendem do Nevio de Roma, aquelle banqueiro a quem se ouvia a voz pelo meio da bulha do chiar dos carros.

E para que?

O peor de tudo, é isto. Para que?

Toda aquella gritaria, para nada!

Lá os deixámos; e com isso passaram-me as dôres de cabeça, que elles me tinhm causado.

Mettidos a um canto de outra sala, bebemos uns copitos de vinho generoso e principiámos a observar quem entrava e quem sahia.

Como o Nunes os conhecia quasi todos ia-me dizendo:

—Cala-te que temos obra!

Isto agora é funcção, que vae levar seu tempo.

Haverá garabulha séria. Chegaram tropas frescas. Agora largam ahi todos a falar ao mesmo tempo.

Vês aquelles dois, que vão sahindo?

O trigueiro, de cabello corredio e comprido, é o D. Julian de Villanio.

Desembargador novo, grande liró.

Jantámos, um dia d'estes, em casa d'elle, eu e outro amigo.

Sonhas lá no que o fomos apanhar?

Estava no escriptorio, muito entretido a atirar a um perdigueiro com os auctos de um processo, para o cão ir á busca d'elles.

Ia o cão trincando o processo; por um tris que não rasga os auctos!

Esse que vae na companhia d'elle é o D. Cherubim Tonto, licenciado.

É conego de Toledo.

Um patarata! Ui!

Quando a gente o vê, parece muito esperto.

Todo elle mexe e saracoteia...

Em ouvindo leitura, põe-se grave com ares de compenetrado da substancia do assumpto; mas não percebe nada.

No jantar do desembargador não abriu o bico; em gestos, consagra, ou deixa de consagrar, o merecimento do que a gente diga.

— Ó Nunes, disse eu, conheces aquelles dois de grande gaforina, que estão a cochichar agarrados um ao outro sem se largarem?

— Nunca os vi. São politicões. Ia apostar. Estão a dizer mal do governo.

Olha para aquelle pintalegrete, que vae a assobiar, sustendo-se ora n'um pé, ora n'outro?

É D. Agostinho Moreto.

Poeta, que os louvores têem perdido. Está estragado.

O outro, com quem elle fala agora, faz prosa rimada.

Ahi vão mais dois auctores, vês? Os que vêm de espadim! Auctores para serem vistos, mais que lidos.

Olé! D. Bernardo Semlingue, e D. Sebastião de Villaviciosa!

O primeiro é um maledicente temivel, litterato nascido sob as influencias

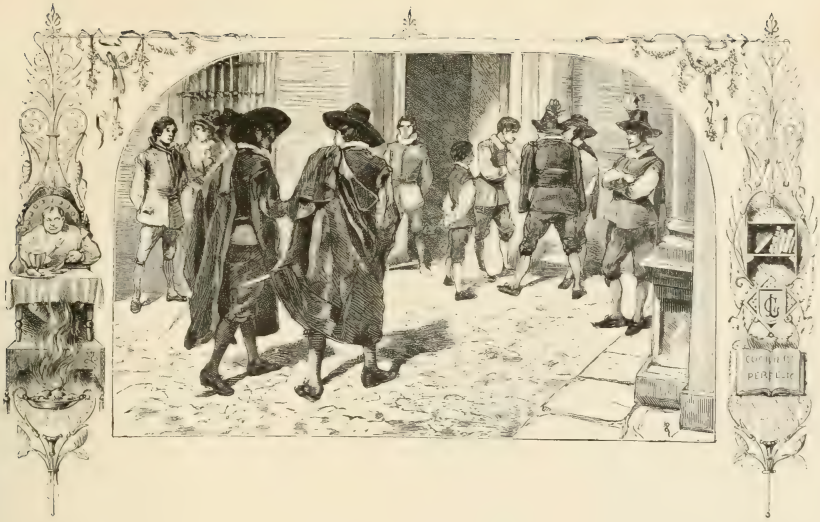
do signo de Saturno, mortal diabolico, que não gosta de ninguem e a quem ninguem póde vêr.

O D. Sebastião, esse, é bom rapaz, e escriptor consciencioso. Fez ahi uma peça, que agradou, e agora mandou-a imprimir.

O caritativo discipulo do Gongora preparava-se para me explicar ainda mais figuras do quadro, que tinhamos á vista, quando veiu interromper a nossa conversação um gentil homem da casa Medina-Sidonia.

—Senhor D. Fabricio, lhe disse, o duque deseja falar-lhe, e fica esperando-o em casa.

Com o saber o Nunes que nunca é depressa de mais tudo que fôr correr em serviço de uma grande personagem, deixou-me no mesmo instante para ir saber o que poderia querer-lhe o seu Mecenas, e eu fiquei-me, todo pasmado de ter ouvido tratarem-o por *dom*, e de o estar vendo transformado em nobre, lembrando-me eu que o pae era o mestre Chrysostomo, barbeiro.



CAPITULO XIV

ACCOMMODA FABRICIO O SEU AMIGO GIL BRAZ EM CASA DO CONDE GALIANO, NOBRE FIDALGO DA SICILIA

Logo de manhã tive vontade de vêr o Fabricio.

Ora Deus te salve! disse-lhe ao entrar. Viva o senhor D. Fabricio, nata e flor da grandeza das Asturias!

Eu a dizer isto, e elle a rir.

—É para que vejas! Notaste que me davam *dom,* hein?

—Sim, senhor cavalheiro! respondi. E permitta observar-lhe que ao referir-me hontem a transformação, que se operára em sua gentil pessoa, se esqueceu de contar o melhor.

—Isto é mais para a vaidade dos outros, a que me cumpre sujeitar-me, do que para satisfazer a minha.

Quem demonio faz caso de um homem de bem, se tiver o transtorno de ser pobre ou plebeu?

Ha tanto D. Francisco, D. Gabriel, D. Pedro, e D. João, que a honra é toda para a fidalguia no querer um filho do povo pegar-se a ella.

Vamos, porém, a falar de outra cousa.

Hontem, na ceia do Medina-Sidonia, onde, entre outros convidados, se achava o conde de Galiano, da Sicilia, falou-se do ridiculo que provêm ás vezes do amor proprio.

E para os fazer rir, contei-lhes o caso das homilias.

Pobre arcebispo. Serviu para a risota!

E serviu bem, porque tiveram dó de ti; e, depois do conde me fazer perguntas a teu respeito, ás quaes poderás calcular por que fórma respondi, encarregou-me de te apresentar a elle.

Ía procurar-te agora mesmo.

Parece que te destina a seres um dos seus secretarios, e não deves desdenhar partido tão vantajoso como este é.

Estarás alli perfeitamente. É rico, e leva vidinha de embaixador.

Dizem por ahi, que, o motivo por que elle veiu á côrte, haja sido tratar com o duque de Lerma sobre territorios da corôa, que elle quer alienar na Sicilia. Comquanto siciliano, é generoso, o conde, e é homem leal e sincero.

Vê se ajustas com elle; palpita-me que d'esta feita é que vaes ser rico, conforme te prognosticaram em Granada.

—Estava na resolução de passear, e de me divertir ainda por uns tempos antes de ir servir; mas, visto o que me dizes...

—Ou eu me engano muito ou vaes lá parar quanto antes.

Sahimos juntos para procurar o conde, que morava em casa de D. Sancho de Avila, grande amigo d'elle, o qual, áquelle tempo, estava na quinta.

Encontrámos no pateo muitos pagens, e lacaios: na ante-sala, escudeiros, creados graves, creados *não graves,* creadagem formidalosa...

Bons fatos, e ruins physionomias.

Pareciam macacos vestidos á hespanhola.

Ha uns carões, por este mundo, de homens e de mulheres, nos quaes toda a arte e habilidade não têem poder para a formosura.

O Fabricio a dar o seu nome, e logo as portas a abrirem-se-lhe, e eu a entrar atraz d'elle por alli dentro.

O conde, em traje caseiro de grande elegancia, sentado n'um sophá, estava a tomar chocolate.

Reverencia profunda da nossa parte, e suavissima affabilidade da parte d'elle.

Logo me senti captivo.

Tão seguro é sempre o effeito, que produz, em qualquer, o ser bem acolhido pelos grandes!

É preciso que nos tratem redondamente mal, para nos desagradarem um quasi nada.

Depois do chocolate brincou um boccadinho com o Cupido, o seu cão estimadissimo.

Não sei porque pozera a um cão o nome d'este deus seductor, a não ser por causa da malicia d'elle.

No mais, com certeza que não se pareciam.

O dono, porém, morria por elle.

Fizemos como se tambem gostassemos muito do macaco; e o siciliano, lisonjeado, interrompeu a brincadeira para me dirigir a palavra:

—De si depende, amiguinho, ser um dos meus secretarios.

Se lhe convier, terá duzentos dobrões cada anno.

Basta ser D. Fabricio, quem o apresenta e se offerece para responder por si!

—Perfeitamente! exclamou o Nunes. Sou mais arrogante do que Platão, que não teve animo para servir de fiador a um amigo, enviando-o a Dionysio o Tiranno. Mas, n'este caso, não ha que temer, felizmente.

E, olhando para mim:

—Isto é trigo sem joio! accrescentou.

Agradeci, com cortezia, ao poeta das Asturias, e, dirigindo-me ao fidalgo, affirmei-lhe, conforme pude, o meu zelo e dedicação.

Vendo elle isto, chamou o mordomo, falou-lhe a meia voz, e disse-me:

—Logo te explicarei, Gil Braz, qual é o meu intento com respeito ao emprego que te hei de dar.

Por agora entende-te com o mordomo.

Elle já sabe o que ha de fazer de ti.

Vae com elle; vae!

Obedeci logo.

Ficou o Fabricio com o conde, e, já se vê, com o Cupido.

O mordomo derretia-se em cumprimentos.

Assim que entrámos no quarto d'elle, mandou chamar o alfaiate da casa para me fazer fato.

Veio o alfaiate, tomou-me a medida e foi-se embora.

—Agora, disse-me o mordomo, vae vêr o seu quarto. Supponho que lhe ha de agradar. Vamos d'aqui.

E, parando de repente:

—Já almoçou?

—Não, não almocei ainda.

—Ora que maganão este!

E não dizia nada!

Esteja aqui como na sua casa. Veja se entende isto. Como na sua casa!

Fomos á despensa, fomos á cozinha; e falámos ao comprador, que era um napolitano.

Estava com cinco ou seis amigos, a comerem presunto, linguas de vacca, carnes frias, salgadas, optimas para se lhes beber em signal de honra.

Fizemos roda.

Ajudamol-os a provar d'aquelles vinhos do conde, dando voto sobre um e outro, com prudencia, repetindo quando a opinião não sahisse bem formada logo á primeira.

Emquanto se passava isto na despensa, ia outrotanto na cozinha.

O cozinheiro estava abarbado com quatro sucios, que não bebiam menos que nós.

E, se fôsse só beber!

Mas, perdizes, coelhos, tudo alli andava n'um sarilho com elles! Bons comilões.

Até os bichos da cozinha, que é o nome classico que se lhes dá, se regalavam com o que podiam rapinar.

Boa casa!

Agradavel casa.

Chegava a parecer que não vivia alli ninguem, e que aquella moradia abundante e encantadora estivesse presa dos corsarios, n'uma devastação mestra.

Não, realmente, uma casa assim, tinha que vêr.

E, o caso é, que, n'aquelle genero, ainda o melhor estava para vir.

CAPITULO XV

EM QUE FOI QUE O CONDE GALIANO EMPREGOU GIL BRAZ

Tendo eu sahido, a fim de levar o fato para casa, encontrei na volta o conde á mesa com varios senhores e o poeta Nunes.

Este, com ares do maior desembaraço, fazia-se servir como os melhores, e mettia-se na conversação.

Observei que não dizia palavra, que não cahisse em graça aos circumstantes. Era elle abrir a bôcca, e largarem todos a rir.

Viva o talento! Tres vezes, viva! Ainda é a unica cousa com a qual, quem o tiver, póde fazer quanto queira!

Fui para a mesa dos creados de primeira classe, e com elles jantei, servidos logo e quasi tão bem como o amo.

Acabando de jantar fui para o meu quarto, e ahi, reflexionando, disse entre mim.

— Boa vae ella, ou, pelo menos, boa parece ella ir, Gil Braz!

Estás em casa de um conde siciliano.

O que elle é, não n'o sabes...

A julgar pelas apparencias, é caso para estares aqui tão bem como o peixe na agua.

Mas, que certeza ha?

E a tua estrella é tão pouco afortunada que não pódes fiar-te n'ella.

Para que te quer elle?

Já tem secretarios, já tem mordomo...

De que lhe vaes servir?

Confidente? Seja. Em casa fidalga é o melhor modo de entrar, para andar muito em pouco tempo.

Ha empregos mais honrosos, mas levam tempo e nem sempre se consegue o fim a que um homem se propõe. Ao passo que, isso, de confidente...

No meio d'estas reflexões veiu um creado dizer-me, que já se haviam retirado os cavalheiros, e que sua excellencia me chamava.

Fui voando.

Encontrei-o no quarto, sentado n'um sofá, já disposto para dormir a sésta, e de macaco ao lado.

— Senta-te, e ouve.

Obedeci-lhe, e falou-me nos seguintes termos:

— Disse-me D. Fabricio que, entre outras qualidades boas, tens a de estimar teus amos e seres moço de grande inteireza de caracter.

Isso é bom. É optimo. Foi o que me decidiu a tomar-te para meu serviço.

Preciso de um serviçal, que seja meu amigo; que se interesse por mim; que tome a peito os meus negocios.

É certo que sou rico, mas as despesas que tenho, todos os annos excedem a renda.

E porque?

Porque me roubam.

Vivo na minha casa como n'uma serra cheia de bandidos.

Desconfio que o meu mordomo e o comprador andam de ajuste e que se entendem.

É o que basta para me empobrecerem.

Dirás a isto,—qual póde ser o motivo de que eu os não ponha fóra de casa?

E onde é que acho outros melhores?

É preciso contentar-me de que os vigie alguem. Esse alguem, has de ser tu. Se te desempenhares a meu contento, pódes estar certo de que não tratas com um ingrato, e hei de empregar-te vantajosamente na Sicilia.

Depois de me falar por esta maneira, fui n'essa mesma noite proclamado superintendente da casa.

O messinez e o napolitano ouviram isso sem ares de inquietação. Foi perfeitamente como se lhe não podesse dar cuidado uma tal noticia. Contavam commigo.

No dia seguinte, porém, ficaram um pouco de cara á banda, quando lhes declarei gostar de clareza e de contas direitas.

Pedi ao mordomo uma relação do que havia.

Fui ao deposito dos vinhos, registei da primeira á ultima cousa, recommendei que era indispensavel zelar os bens de nosso amo, e que eu daria sempre informação exacta de quanto fôsse succedendo.

Por melhor cautela, quiz ter quem espiasse se haveria combinação entre elles; e, um dos creaditos de cozinha, engodado com promettimentos que lhe fiz, disse-me que não poderia eu haver escolhido outro mais a proposito do que elle para saber o que se passasse em casa; que o mordomo e o comprador estavam mancommunados, e cada um furtava como podia...

Que, todos os dias, mandavam metade dos mantimentos para fóra de casa.

Que o napolitano tinha e mantinha uma sujeita, a qual morava defronte do Collegio de S. Thomás.

Que o comprador tinha outra na Puerta del Sol.

Que estes dois cavalheiros mandavam todas as manhãs provisões para casa das suas nymphas.

Que o cozinheiro, pela parte que lhe tocava, se comportava tambem galantemente, mandando á socapa differentes pratos para casa de uma viuva, que conhecia particularmente, na vizinhança.

E que, em agradecimento aos outros dois, dispunha com elles dos vinhos da casa.

Finalmente, que a enormidade dos gastos provinha dos tres.

—Se não acredita o que lhe digo, accrescentou o rapazito, vá o senhor ámanhã de manhã, ahi pelas sete horas, passar pelo Collegio de S. Thomás, e verá como lhe eu appareço, ajoujado com um cesto, que não lhe deixará duvida de que não minto.

—És o pau mandado d'esses provedores, hein?

—Do comprador; outro companheiro meu é quem serve o mordomo.

Pareceu-me aquella noticia ser digna de attenção.

No dia immediato fui para o tal sitio do Collegio de S. Thomás, á hora indicada.

Não tive que esperar.

Chegou o rapaz d'alli a pouco, carregado com um cesto.

No cesto, carne, aves, caça...

Contei as peças que elle levava, tomei nota d'isso na carteira, e fui contar tudo ao meu amo, depois de dizer ao mocito que seguisse o seu caminho como de costume.

O fidalgo siciliano, que era de caracter vivo, quiz, no primeiro impulso, despedir o napolitano e o messinez.

Reflectiu, porém, e satisfez-se com o despedir o ultimo e dar-me o logar d'elle a mim.

Assim ficou o superintendente supprimido, logo depois de haver sido creado.

A questão do vinho pareceu-me tambem reclamar as minhas vistas.

Estavam á mesa doze convivas, e davam-se por bebidas sessenta garrafas!

Com dez diabos!

Consultei o oraculo sobre este ponto, isto é, o rapazito, com quem eu tinha largas conversações secretas, nas quaes elle me contava o que se fazia e dizia na cozinha, sem ninguem desconfiar d'elle.

Referiu-me a historia do caso.

O desperdicio provinha de um conluio que se havia formado entre o comprador, o cozinheiro e os lacaios.

Os que serviam á mesa levavam para dentro as garrafas meio cheias, e faziam depois a distribuição entre si.

Expliquei-me com os creados.

Que iriam para o meio da rua, se tornassem a reincidir.

Foi o sufficiente para se emendarem.

Ía contando tudo a meu amo, já se vê, e elle cada vez mais contente commigo.

Pela minha parte, recompensei o bicho da cozinha, tirando-o de bicho para ajudante.

A dizermos a verdade, não passava de um emprego honorifico de espião.

Destino pouco solido.

Se lograsse ser mordomo, teria a caixa do dinheiro ás ordens, que é o principal.

Administrador é o melhor logar que ha, n'uma casa rica; e são tantos os lucros alheios á mordomia, que poderia enriquecer sem deixar de ser homem de bem.

Não perdeu, apesar d'isso, as manhas, o burlão do napolitano.

Mas, lembrando-se que eu tinha um zelo diabolico pelas minhas obrigações, e que todas as manhãs lavrava registo das compras, não só não as extraviava, se não que, continuando sempre na fartura habitual, mandava para casa as sobras da mesa, e mimoseava a pequena com carnes cozidas e assadas em vez de cruas.

Nem elle perdêra...

Nem o conde ganhára!

Tive de acabar com o que se podesse considerar superfluo; com tal prudencia, porém, que não chegasse a notar-se escassez.

Diminui os gastos, sem que ninguem podesse dar por tal.

O que o meu amo queria, eram economias. Estava em plena razão. Queria poupar, sem que por isso brilhasse menos.

Bem expremido o assumpto, queria sujeitar, á ostentação, a avareza. O napolitano andava fulo.

Principalmente se exasperava de que eu lhe fizesse reparos quando me dava contas.

Pudéra!

De mais a mais, tinha a pachorra de ir ao mercado, informar-me do preço dos generos.

Contava ao Fabricio, a quem via algumas vezes, as minhas proezas economicas.

Mas, o ratão, pareceu-me sempre mais propenso a vituperar essa minha conducta do que a approval-a.

—Ora Deus queira, Deus queira...

—O que? perguntei-lhe:

—Que no fim dos fins, o teu desinteresse seja bem recompensado. Entretanto...

—Dize?

—Entretanto, sahirias mais cheiinho se não houvesses espirrado com o comprador.

— Deixa-me quieto. Pois elle ha de pôr dez, onde só pagou quatro? Essa agora!

— E porque não? Dê-te elle a metade do augmento e farás as cousas com toda a formalidade de homem serio.

Não te sabes governar, meu rapaz.

Deitas a perder tudo.

Passas ao lado do teu bem.

A fortuna é como as meninas doutoras, que escapam aos amantes timidos e acanhados...

Ri-me d'aquelle dicto do Nunes, que não foi mau. Elle tambem lhe achou sua graça, e accrescentou que dissera isso por brincadeira, sentindo-se já envergonhado do mau conselho que expressára, e que, nem por gracejo, devêra ter proferido.

Continuei sempre no firme proposito de ser fiel e zeloso, podendo gabar-me de que, em quatro mezes, com as minhas economias, poupei a meu amo tres mil ducados, pelo menos.

CAPITULO XVI

DO QUE ACONTECEU AO MACACO DO CONDE GALIANO E DA GRANDE MAGUA QUE O FIDALGO TEVE. CAE DOENTE GIL BRAZ. O QUE ENTÃO SE PASSOU

SOCEGO que reinava n'aquella casa, veiu perturbal-o um acontecimento, que ao leitor se lhe afigurará cousa ligeira, mas que chegou a ser serio para os creados, e principalmente para mim.

O Cupido, o famoso macaco de que já falei, aquelle animal que o amo estremecia, ao saltar de uma janella para a outra, deitou mal as contas á habilidade que emprehendia e, cahindo ao pateo, torceu um pé.

Tão depressa o conde soube de uma desgraça d'estas, principiou a dar gritos como uma mulher, e, no excesso de sua dôr, attribuiu a culpa aos creados, sem excepção de um só, faltando pouco para os despedir.

Mandou chamar os cirurgiões mais habeis de Madrid...

Especialistas prodigiosos...

Foram lá uns poucos, observaram, fizeram voltar o osso ao seu logar, embrulharam a pata do mono muito bem embrulhada, e parecia estar salva a patria; todavia, por mais que lhe assegurassem não ser cousa de cuidado, não conseguiram que o meu amo podesse conter-se sem obrigar um a ficar lá assistente, sempre ao lado do macaco, até á sua perfeita cura.

O piégas do conde nunca se tirava do quarto emquanto lhe faziam o curativo, e, de noite, levantava-se duas e tres vezes para o ir vêr.

O mais curioso é que, de prevenção, e para o que podesse succeder, haviam de estar todos os creados levantados para acudirem de prompto ao que fôsse preciso em serviço do mono.

Não houve um momento só de socego, emquanto o macaco não melhorou.

Em vista d'isto, já se póde acreditar na narrativa do Suetonio a respeito de Caligula, relatando o excessivo amor que tinha pelo seu cavallo, ao ponto de lhe pôr uma casa ricamente preparada, com creados para o servirem, e chegando a querer fazel-o consul.

Meu amo não estava menos namorado do macaco, e, por seu gosto, havel-o-ia nomeado corregedor.

Infelizmente para mim, distingui-me mais do que todos os outros creados em procurar ser agradavel ao dono da casa, e tanto trabalhei em cuidar do Cupido que cahi doente.

Tive umas febres, e em seguida peorei de dia para dia, sempre em delirio.

Quinze dias estive entre a vida e a morte; e sem ter conhecimento do que me faziam.

Sei apenas que a mocidade luctou em mim com a febre, e, quem sabe, se luctou por egual com os remedios?

Boticadas sem fim...

Quando voltei ao uso das minhas faculdades, a primeira observação que

DICTOU O BOTICARIO UMA RECEITA, SEMPRE A VER-SE AO ESPELHO

fiz foi a de me haverem levado para um quarto, que logo vi não ser o meu quarto antigo.

Qui zrsabe o motivo d'isso.

Perguntei a uma velha, que me servia de enfermeira, qual houvesse sido a causa d'aquella mudança.

— Chiu! disse-me ella. Boquinha calada. O medico não quer falas. Prohibiu-as expressamente.

Podia ser.

Quando a gente está bem de saude, ri-se quasi sempre dos medicos; uma vez doente, que remedio senão, pelas duvidas, ir fazendo systematicamente o que elles dizem?

A minha vontade era palrar com a velha; entretanto resolvi-me a calar o bico.

Estava a scismar n'estas cousas todas, quando entraram, dois figurêlhos, especie de peralvilhos, todos lepidos, vestidos de velludo, com capas enfeitadas.

Cuidei que seriam pessoas da amizade de meu amo, que fizessem o favor de ir vêr-me, para lhe serem agradaveis.

Na idéa de que fôsse assim, tratei de me sentar na cama conforme pude, e tirei o barrete.

— Deite-se, deite-se para baixo, disse-me a velha. É o senhor doutor e o senhor pharmaceutico!

O medico tomou-me o pulso, olhou-me com attenção, e, observando indicios de grandes melhoras, revestiu-se de ares victoriosos:

— Salvei-lhe a vida! exclamou.

E, logo depois, receitou-me um purgante:

— É o que falta agora para concluirmos a minha obra! disse gravemente, com o tom de voz artificial que os medicos costumam affectar. Pois, digo-lhes, posso ter minha gloria n'esta cura!

Depois de falar por esta maneira, dictou ao boticario uma receita, ven-

do-se ao mesmo tempo ao espelho, cofiando o cabello, e fazendo taes tregeitos importantes, que, apesar do estado em que eu me achava, não pude deixar de me rir.

Fez-me uma cortezia, e foi-se, pensando mais na sua pessoinha do que nas drogas que me queria metter no bucho.

Logo que elle sahiu, o boticario, que não queria que se dissesse que ía lá para não fazer nada, preparou-se para levar a effeito o que bem se póde calcular...

Por entender que a velha não se despachava d'isso a contento, ou para fazer valer a operação, elle mesmo se quiz incumbir d'isso.

Apesar, porém, da summa habilidade que revelou, recambiei-lhe a dadiva por modo que o fato de velludo que elle tinha no corpo recebeu-a melhor do que eu.

—Sahiu furioso, e, na manhã immediata, voltou em trajo mais modesto, apesar de já não ter que recear.

Levava-me a purga.

Já eu me sentia melhor, e, de mais a mais, não podia vêr medicos nem boticarios, atirando-lhes pragas que chegavam ás Universidades onde se concede a estes sujeitos a faculdade de matar gente sem risco.

Declarei-lhe, portanto, que não queria mais remedios, e que fôssem para casa de mil diabos o Hippocrates e todos os seus sequazes. O boticario, que pouco lhe importava isso e o que queria era dinheiro, deixou a garrafada em cima da mesa e poz-se a andar.

Agarrar n'aquella droga e atirar com ella pela janella fóra, com a decisão natural de quem estava na idéa de que podesse ser veneno, foi obra de um só instante.

Desobediente como um, desobediente como dois: larguei a falar, muito encolerisado.

Virei-me para a velha, e intimei-a a que me désse noticia de meu amo, o conde Galiano.

A velha, que não sabia o que fizesse, receosa de que eu peorasse, quer falando, quer exasperando-me por não falar, ficou perplexa.

Insisti mais, insisti sempre, até que, por fim, respondeu-me:

—Fique sabendo que já não tem amo!

O conde Galiano voltou para a Sicilia.

Custava-me a acreditar no que ouvia, era, porém, certo.

O fidalgo, receoso de que eu lhe morresse em casa, fizera-me transportar para uma estalagem logo no segundo dia da minha doença, e alli me deixára á mercê de Deus e aos cuidados de uma enfermeira.

Por esse tempo lhe haviam chegado da côrte ordens terminantes para que voltasse á Sicilia, e partiu com tanta precipitação, que nem sequer se lembrou de mim, ou porque já me julgasse morto, ou porque sempre padeçam de falta de memoria todas as altas personagens.

Tudo isso me contou a velha enfermeira, referindo-me haver sido ella quem fôra chamar o medico e o boticario, para que eu não me finasse ao desamparo.

Íam dando commigo em doido estas bellas noticias.

Disse adeus de longe á tal situação magnifica que eu haveria de ter na Sicilia, como me haviam promettido, e despedi-me de todas as minhas esperanças risonhas e louçãs.

Quando vos acontecer alguma grande desgraça, dizia um pápa, lembrae-vos bem e havereis de achar que tendes parte na culpa.

Não me quero mostrar contrario a esta opinião do padre santo, mas tambem não atino com o que podesse eu ter feito que assim contribuisse para o meu infortunio.

Lembrou-me então o que teria sido feito da minha mala.

—Faça favor de m'a pôr aqui em cima da cama, disse á enfermeira.

Estava aberta.

—Ai, ai! suspirei. Malinha amada, unica consolação minha, porque mãos andarias!

— Não, senhor Gil Braz, disse-me a velha, póde crêr que ninguem o roubou. Nunca eu guardei mais a minha honra do que a mala de vocemecê.

Encontrei o fato que levava, quando entrára para casa do conde; o que não achei foi o outro, o novo, que o comprador me mandára fazer.

Entendera meu amo que não convinha deixar-m'o, ou alguem o chamára a si.

Não me faltava mais nada.

Achei até uma bolsa de couro onde tinha o meu dinheiro guardado.

Contei-o duas vezes.

Duas; porque, á primeira, encontrando cincoenta dobrões apenas, parecia-me impossivel que houvessem ficado tão poucos, de duzentos e sessenta que alli arrecadára antes da minha doença.

— Ó tiasinha, o que vem a ser isto? perguntei á enfermeira. O meu dinheiro teve uma baixa consideravel.

— Ahi ninguem buliu! respondeu a velha.

Tenho gasto o menos que tenho podido.

E tudo comsigo, meu riquinho, tudo comsigo.

Mas, as doenças levam muito, acredite! Está uma pessoa sempre a dar dinheiro.

Olhe, quer vêr?

Aqui tenho na algibeira todas as contas por escripto.

Não despendi um só real mal gasto.

Ahi vão, aqui lh'os entrego, todos os papeis.

Veja-me esses roes.

Eram vinte folhas, com a bréca!

Quantas gallinhas se tinham comprado durante os meus delirios!

Doze dobrões de caldos, pelo menos.

Os outros artigos correspondiam a esta grandeza.

Em carvão...

Em luz...

Em agua...

Em escovas...

E, todavia, cheiinha como estava a lista, ainda a somma chegava apenas a trinta dobrões.

Por consequencia deviam restar duzentos dobrões.

—Que diz a isto, tiasinha?

A velha, com grande ar de sinceridade, principiou a chamar por todos os santos da sua devoção para testemunhas da sua innocencia, e de não haver mais de oitenta dobrões na bolsa, quando o mordomo do conde lhe havia entregado a mala.

—Que diz você, mulher? interrompi eu de chofre.

Foi o mordomo quem lhe entregou o meu fato?

—Sim, senhor, elle proprio.

Póde crêr.

Por signal que me disse na occasião de m'o entregar:

—«Tome lá. Pegue n'isto.

«Quando o senhor Gil Braz esticar o canello, mande-m'o para o outro mundo com um enterro vistoso. Tem ahi n'essa mala com que fazer-lhe as honras.

«Quer-se um enterro bonito.

—Biltre do napolitano!

Já não preciso saber onde pára o dinheiro, que me falta aqui.

Embolsaste-te com isso, do que te não deixei furtar.

Ainda depois dei graças a Deus, de que aquelle larapio m'o não houvesse tirado todo.

Por outro lado, não deixava de suspeitar de que houvesse sido a enfermeira quem praticára aquella boa obra.

Ora suspeitava d'elle, ora tinha suspeitas d'ella.

Mas, que fôsse ella, que fôsse elle, para mim vinha a dar no mesmo.

Á velha não lhe disse nada.

Não quiz sequer altercar a respeito dos artigos das suas contas de grão capitão.

O que adeantaria eu com isso?

Cada qual faz o seu officio o melhor que póde.

Reduziu-se o meu resentimento a pagar-lhe e despedil-a d'alli a tres dias.

Supponho, que ao sahir de minha casa, foi avisar o boticario de que a havia despedido e já me achava restabelecido e forte para poder ir dar ás de Villa Diogo sem lhe pagar.

Entrou-me pela casa dentro, a deitar os bofes pela bòcca fóra, instantes depois, o pharmaceutico.

Apresentou-me a conta; lá estavam os suppostos remedios, que me havia subministrado emquanto eu estava delirante.

Que nomes!

Que pantafaçudos nomes!

Eram de uns, que, apesar de eu ter já sido medico, nunca os havia visto vivos nem mortos.

Verdadeira conta de boticario.

Quando se tratou de pagar, íamos tendo desordem.

Fizemos para alli uma bulha suja.

Queria eu que elle baixasse metade.

Elle teimava em não baixar nada.

Por fim, o vendilhão de medicamentos acudindo-lhe a idéa de estar a contas com um rapaz que de um dia para o outro poderia pôr-se a andar de Madrid, resolveu contentar-se com o que lhe offereci.

Quer dizer:

Com tres partes mais do que valiam as boticadas d'elle.

Sempre alcançava assim a vantagem de não se expor a perder tudo.

Sabe Deus com que pesar lhe passei o dinheiro para a mão; e lá se retirou elle vingado da calamidade que eu lhe causára no dia do clystér.

D'alli a nada chegou o medico.

Estes animaes andam sempre uns atraz dos outros.

Paguei-lhe as visitas, que não haviam sido poucas, e retirou-se contentissimo.

Entretanto, para que eu ficasse bem convencido de lhe haver custado bastante a ganhar aquelle dinheiro, referiu-me por miudos, antes de se ir embora, as mortaes consequencias que evitára, e, que, com tão fino olho medico, havia sabido precaver.

Todo elle era palavriado e gestos amaveis de derretida cortezia, mas não percebi nada do que elle disse.

Tão depressa me vi livre d'elle, logo me considerei escapo de todos os familiares das parcas.

Puro engano.

Ainda lá me cahiu em casa um cirurgião, a quem eu nunca tinha visto em dias da minha vida.

Cumprimentou-me muito cortezmente, depois de já na escada se haver annunciado.

— É chegado! tinha elle dicto.

Manifestou o maior prazer em me encontrar fóra de perigo.

— Como eu o vi! Como eu o vi!

Attribuia todo o beneficio de melhoras, a duas sangrias copiosas que me havia dado e a umas ventosas que tivera a honra de applicar-me.

Não me vendo ainda depennado de todo, o sujeitinho não descançava: não houve remedio senão pagar-lhe.

O que me elle sangrou melhor que tudo, foi a bolsa.

Deixou-m'a como corpo sem alma.

Vendo-me outra vez em situação tão miseranda, por pouco que de todo não perdi o animo.

Em tanta maneira me havia já costumado em casa dos meus ultimos amos a todas as commodidades da vida, que não podia já, como n'outro tempo, considerar a pobreza com resignação e vistas de philosopho.

Que, por fim de tudo, eu não devia entristecer-me, tendo a experiencia de que a fortuna, comquanto caprichosa, era amavel para mim, e tão depressa atirava commigo, como me levantava logo.

A considerar bem as cousas, devêra eu olhar o meu lastimoso estado como ensejo de prosperidade proxima.

LIVRO OITAVO

CAPITULO I

TOMA GIL BRAZ UM CONHECIMENTO BOM, E OBTEM UM EMPREGO, QUE O CONSOLA DA INGRATIDÃO DO CONDE GALIANO: HISTORIA DE D. VALERIO DE LUNA

Porque em todo aquelle tempo não tivesse ouvido nunca falar do Nunes, suppuz que andaria a divertir-se, e, como dizem no campo, a bater matto.

Tão depressa pude mexer as pernas, fui a casa d'elle.

Disseram-me que effectivamente se ausentára.

Estava na Andaluzia com o duque de Medina-Sidonia, havia tres semanas.

Em certa manhã, quando accordei, o que me havia de a mim lembrar?

O Belchior de la Ronda!

Recordei-me então de lhe ter offerecido em Granada ir vêr o sobrinho d'elle, se de alguma vez voltasse a Madrid.

E, querendo cumprir a palavra dada, e desempenhar-me d'essa promessa n'aquelle mesmo dia, perguntei onde era a casa de D. Balthasar de Zuniga, e fui até lá!

O senhor José Navarro, mora aqui?

Veiu elle proprio.

Dei-lhe os bons dias, e disse-lhe quem era.

Recebeu-me com cortezia, mas friamente.

Fez-me scismar, o modo d'elle.

Não podia conciliar a indifferença do seu acolhimento com o retrato que d'elle me haviam feito.

Ia retirar-me, na boa e firme resolução de não tornar a pôr lá os meus pés, quando, mostrando-me de repente um semblante aprazivel e o mais risonho do mundo, me disse em tom vivaz:

—Senhor Gil Braz de Santilhana, desculpe, meu amigo, a maneira por que o recebi.

A minha memoria é uma desgraça. Varrera-se-me da lembrança o seu nome. Ora, ora, pelo amor de Deus!

Era como se tal cousa nunca houvesse succedido,—de uma carta que me foi entregue, escripta de Granada, ha quatro mezes, a recommendar-me a sua pessoa!

E Jesus! Que celebreira de esquecimento!

Ha de dar licença que o abrace agora!

O meu tio Belchior, a quem estimo e venero como se fôra meu pae, encarregou-me de o tratar, meu querido amigo, como se o senhor Gil Braz fôra seu filho.

Com effeito esta minha cabeça...

Elle até me dizia que empregassse o meu valimento e dos meus amigos para lhe sermos prestaveis.

Faz-me um elogio das suas qualidades e do seu talento, que, só isso, bastaria para eu me empenhar em o servir.

Veja, portanto em mim, um amigo!

E seja-o meu tambem, se me considera digno de merecer esse favor!

Um abraço!

Vamos!

Um apertado abraço, senhor Gil Braz de Santilhana!

Respondi com o agradecimento que devia á bondade do José.

Ficámos amigos desde aquella hora.

Á minha sinceridade respondiam a franqueza e a sinceridade d'elle.

Não hesitei um momento em me abrir, sem mais rodeios, a respeito da situação em que me achava.

Ouviu-me, e disse-me immediatamente:

—Fica isso ao meu cuidado.

Eu me encarrego de procurar-lhe commodo.

Esteja descançado, Gil Braz.

E, no emtanto, não deixe de ir jantar commigo todos os dias, que sempre jantará alguma cousa melhor do que na hospedaria onde esteja.

Era offerecimento de fazer crear agua na bôcca a um convalescente costumado a bons boccados, e tão falto de dinheiro n'aquella occasião.

Acceitei logo.

Foi maravilha, o que me dei de bem n'aquella casa.

Aos quinze dias de lá estar, tinha uma cara de abbade.

O sobrinho de Belchior vivia á larga.

Pudéra!

Tres empregos tinha, o maganão!

Chefe dos reposteiros.

Da copa.

E da despensa.

E depois, ainda alêm d'isto tudo, dava-se a circumstancia de se entender com o mordomo, como passaro esperto com passaro bisnau.

Já eu estava perfeitamente restabelecido, quando, vendo-me um dia o meu

amigo José chegar a casa do Zuniga para jantar, conforme o meu costume, me disse todo alegre:

—Senhor Gil Braz, saberá que tenho um arranjo a propôr-lhe.

Appareceu commodo!

E cousa boa!

O duque de Lerma, primeiro ministro da côroa de Hespanha, para poder entregar-se todo aos negocios do Estado, confia os seus negocios proprios ao cuidado de duas pessoas.

Para receber as rendas, escolheu D. Diogo de Monteser.

E D. Rodrigo Calderon ficou incumbido das contas da casa.

Exercem estes dois confidentes os seus empregos em absoluta auctoridade, e sem dependerem um do outro.

D. Diogo tem regularmente ás suas ordens dois administradores, para as cobranças.

Ora, tendo sabido esta manhã que elle despedira um dos dois, fui pedir aquelle logar para si.

O senhor de Monteser, que me conhece e de quem me prezo de ser estimado, concedeu-me isso sem difficuldade, em attenção ás informações que dei dos seus bons costumes e da sua capacidade.

Depois de jantar, iremos até lá.

Assim fizemos.

Fui recebido com agrado, e fiquei desde logo a fazer as vezes do tal administrador que havia sido despedido.

O emprego consistia n'isto:

Visitar as herdades...

Tratar de mandar fazer concertos necessarios, reparações indispensaveis...

Cobrar as rendas e os fóros...

N'uma palavra, cuidar dos bens ruraes.

Todos os mezes dava contas ao D. Diogo.

Apesar de todo o elogio com que o meu amigo lhe falára a meu respeito, examinava elle as contas duas e tres vezes.

Melhor!

Era isso mesmo o que eu queria; porque, sem emenda, ainda mesmo depois do mau pago que a minha rectidão obtivera, na casa do ultimo amo a quem servira, estava resolvido a continuar homem de bem.

Soubemos, de uma occasião, ter havido fogo na casa de Lerma.

Mais de metade da propriedade ficára reduzida a cinzas.

Tive de ir examinar em que estado se achava.

Tomadas as informações precisas, mencionei tudo n'uma especie de relatorio, que o Monteser apresentou ao duque de Lerma.

O ministro, apesar do sentimento que teve por aquella má noticia, admirou a clareza e nitidez dos apontamentos, e perguntou quem os havia escripto.

— D. Diogo, disse-lhe.

E, não só fez isso, senão que por tal maneira encareceu a minha aptidão nos elogios que me fez, que sua excellencia, eram já passados seis mezes, lembrou-se.

Foi por occasião de uma historia, que já vou contar.

Talvez que eu nunca houvesse de ser empregado na Côrte, se não fôra ter-se dado esse caso.

Passou-se isto assim:

Morava na rua das Infantas uma senhora edosa, chamada Ignezinha de Cantarilla.

Ninguem sabia, quem aquella velha fôsse.

Diziam uns ser filha de um violeiro, e outros de um commendador da ordem de Sant'Iago.

Fôsse ella quem fôsse, a grande verdade é que era uma pessoa encantadora, que tivera o privilegio singular em toda a sua vida, que já ia em quinze lustros, de seduzir e enfeitiçar os homens.

Fôra o idolo dos fidalgos da côrte antiga.

E era adorada ainda dos fidalgos novos.

O tempo, que não respeita a formosura, trabalhava em vão por destruir a d'ella.

Abatia-a, mas nem por isso lhe tirava o condão de agradar.

Mil graças naturaes!

Physionomia expressiva, espirito finissimo.

Na velhice mesmo, ainda excitava paixões amorosas.

Ía a casa d'essa Ignezinha, D. Valerio de Luna.

Era um dos secretarios do duque de Lerma.

Namorou-se d'ella.

Disse-lh'o e perseguiu-a com o ardor namorado da mocidade.

Por ter motivos para não condescender com aquelles desejos de D. Valerio, ficou ella sem saber o que melhor fizesse para os conter.

Figurando-se-lhe n'um certo dia haver-se lembrado de um expediente bom, chamou-o ao seu gabinete, e apontando para um relogio, disse-lhe:

—Que horas são?

Reparou?

Pois, agora mesmo faz setenta e cinco annos que eu nasci!

Que edade para amores!

Já vê que nem para si nem para mim conviria tão singular galanteio.

O cavalheiro, sem se deixar mover de taes razões, respondeu-lhe com o impeto tresloucado de um homem transido de amores.

—São artificios frivolos, esses!

Vejo-a de um modo especial, e não ha nada n'este mundo que conseguisse mostral-a outra a meus olhos.

Quer seja qual eu a vejo, quer seja illusão a minha vista, não deixarei de querer-lhe, não deixarei de amal-a.

—Não o receberei mais em minha casa se teima n'essa idéa.

Pareceu D. Valerio, aturdido com estas palavras, parar na sua ousadia.

Na idéa, porém, de que a Ignezinha dissesse aquillo para se livrar da solicitude d'elle, insistiu em que não passaria de uma fabula toda essa historia da edade.

O amor, nos namorados, faz o mesmo effeito, que o vinho nos bebedos.

Supplicou, suspirou, e passando dos rogos á violencia, quiz lograr á força o que de outro modo não alcançava.

A pobre senhora, despedindo-o valorosamente, exclamou de subito:

— Ès meu filho!

Elle não acreditou em tal.

Deteve-se, estacou perplexo um momento; depois:

— Não! Não póde ser, não é.

— Revelei-te um segredo, que te haveria escondido sempre, se me não tivesses reduzido á necessidade de t'o declarar.

Ha vinte e seis annos que tive amores com teu pae, D. Pedro de Luna, que era então governador de Segovia.

D'esses amores nasceste.

Teu pae reconheceu-te por seu filho, mandou-te crear cuidadosamente, e além de se dar a circumstancia de não ter outro, gostava muito de ti, gostava tanto que te deixou tudo que tinha.

Nunca, pela minha parte, te desamparei.

Quando te vi entrar no mundo, procurei attrahir-te a minha casa para te educar na polidez e cortezia que tão necessarias são n'uma pessoa fina e que só as mulheres podem ensinar aos homens moços.

Fiz mais; empreguei todo o meu valimento, para te collocar em casa do primeiro ministro.

Interessei-me por ti como o devia fazer por um filho; meu filho eras.

Agora que sabes isto, vê tua mãe em mim, e não serei eu que te afaste.

Se não queres submetter-te á minha ordem prefiro mil vezes que me livres do horror de te vêr.

Elle permaneceu calado, depois de ouvir isto.

Foi como se chamasse os sentimentos de honra em seu auxilio afim de que lhe valessem e o salvassem.

Parecia effectivamente ir obedecer áquelles preceitos.

Mas, não ia tal.

Pensava em tudo... menos n'isso!

Meditava n'outros designios bem differentes.

Queria dar a sua mãe um espectaculo bem alheio ao da resignação e da virtude...

Vendo que os obstaculos que se oppunham ao que elle considerava a sua felicidade eram insuperaveis, deixou-se levar de toda a raiva e furia da sua exasperação, e, tirando da espada, traspassou-se com ella.

Foi uma especie de Œdipo.

Como aquelle, se castigou a si proprio.

Com a differença que o thebano cegou-se pela dôr de haver consummado o crime, e o hespanhol pelo sentimento de raiva de o não ter podido commetter.

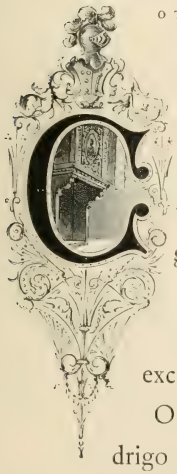
Não morreu logo, o desgraçado do D. Valerio.

Teve tempo ainda para se arrepender e pedir perdão ao céo do seu delicto.

Porque ficasse vago pela morte d'elle o logar de secretario em casa do duque de Lerma, este ministro, que tinha guardado lembrança da descripção que eu fizera do incendio, escolheu-me para substituir o pobre moço.

CAPITULO II

É GIL BRAZ APRESENTADO AO DUQUE DE LERMA, QUE O ACCEITA PARA SECRETARIO, INDICANDO-LHE O TRABALHO PARA QUE O DESTINA, E FICANDO LOGO SATISFEITISSIMO COM ELLE



OMMUNICOU-ME Monteser esta agradavel noticia, dizendo-me:

—Sinto que me deixes, amigo Gil Braz, mas, ao mesmo tempo, e exactamente por te estimar e desejar o teu bem, alegra-me que vás ser successor do D. Valerio.

Dois conselhos te desejo dar.

O primeiro: é que te dediques todo ao serviço de sua excellencia, para não poder duvidar de lhe seres affeiçoado.

O segundo: é que tenhas as maiores attenções com D. Rodrigo Calderon.

D. Rodrigo Calderon é o unico homem que dá volta ao amo, e que faz d'elle quanto quer.

Se lhe cahires em graça, a esse secretario predilecto, posso assegurar-te

com toda a sinceridade que em pouco tempo te has de encontrar em grandes alturas.

Em grandes alturas, ouviste?

Digo-t'o eu! Em grandes alturas!

Verás!

Agradeci ao D. Diogo os seus bons conselhos, e disse-lhe:

—O que seria excellente, era se me fizesses um favor...

Explicar-me o genio e caracter de D. Rodrigo.

Já ouvi dizer que não é grande pessoa como qualidades.

O povo, ás vezes, acerta nos seus juizos...

Mas, nem sempre.

Por mim, confesso que sempre desconfio da pintura, que se faça, de homens que dêem nas vistas.

Por isso, dize-me tu com franqueza o que pensas e o que deva eu entender do tal senhor Calderon.

—Isso fia mais fino, respondeu Monteser com um sorriso de boa malicia.

Assumpto delicadissimo!

A qualquer outro, diria eu já mil bens a seu respeito.

Com o meu amigo, quero ser franco.

Conheço a prudencia de que é dotado, e obriga-me ainda mais a ser sincero para comsigo o haver-lhe aconselhado que tratasse o sujeito com mil resguardos. Seria incompleto o favor que lhe presto, desde que não fôsse de absoluta lealdade em todas as informações que lhe dê.

O homem era um simples creado de sua excellencia, quando este ainda não passava de D. Francisco de Sandoval.

Foi subindo, e chegou a primeiro secretario d'elle.

É a vaidade em pessoa.

Cuida ter tambem o seu que de primeiro ministro.

E o mais é, a dizermos a verdade, que, para certas cousas, póde tanto como o ministro: emprega gente por sua conta e risco.

Ninguem gosta d'elle, e, claro é, ninguem o considera; mas, a elle, não se lhe dá d'isso, comtanto que os despachos lhe deixem para luvas.

Ahi está o homemzinho, tal qual o conheço e tal qual é.

—Deixe-o commigo.

Conhecer um individuo antes de tratar com elle, é tudo. Conheço-o já do que me diz. O resto não lhe dê cuidado.

—Bello, replicou Monteser; vou apresental-o ao duque de Lerma.

Fomos direitos a casa do ministro.

Estava dando audiencia n'uma grande sala.

Mais gente alli, do que no paço!

Commendadores, cavalheiros de Sant'Iago e de Calatrava, a pedirem governos; bispos, a queixarem-se de se darem mal de saude nas suas dioceses, e solicitando arcebispados... para mudarem de ares; uma quantidade de padres dominicanos e franciscanos, a pedirem mitras com uma humildade evangelica; officiaes reformados, a representarem o papel do capitão Chinchilla, gastando o que tinham para apanharem tença.

Recebia o duque os requerimentos e respondia cortez e affavelmente a todo e qualquer que lhe entregasse um memorial.

No fim da audiencia disse-lhe o Diogo:

—Aqui está, meu senhor, o mancebo, que vossa excellencia escolheu para substituir D. Valerio; Gil Braz de Santilhana.

O duque olhou para mim, e affirmou-me ser bem merecida a escolha pelos serviços que eu havia prestado.

Chamou-me depois ao seu gabinete, para conversarmos.

De quem era eu, do que houvesse na minha vida... Que lhe contasse tudo...

Contar-lhe tudo! Que relatorio! Se eu fôsse a contar-lhe tudo!...

Seria caso sério, mentir a um ministro de Hespanha; —mas, por outro lado, fazer confissão geral tambem me não sorria.

Como sahir de um apuro d'estes?

Adoptei por melhor partido dissimular a verdade nos pontos em que me envergonhasse de a apresentar nua e crua.

Apesar, porém, de todo o meu artificio, elle parecia lêr entre linhas e adivinhar o que eu não chegasse a dizer.

No fim da minha narrativa, e sorrindo-se:

—Senhor de Santilhana, vejo que tem sido rapaz! disse-me.

—Ordenou-me vossa excellencia, que lhe contasse as cousas como ellas eram: disse a verdade.

—Fez muito bem. E eu agradeço-lh'o.

Não se tem livrado de poucos perigos, pelo que vejo.

Extranho até, como os maus exemplos o não perderam.

Se a fortuna os houvera sujeitado a provas de tal ordem, que de homens de bem não se haveriam pervertido!

Amigo Santilhana, o que lá vae, lá vae; o passado e o nada vêm a dar na mesma cousa.

Do que se trata agora, é de servir el-rei.

Anda commigo.

Levou-me o duque a um quarto, ao lado do seu gabinete e onde tinha em estantes uns vinte livros de registo formidandos.

—Aqui trabalharás.

Os registos, que estás vendo, fazem um diccionario das familias nobres dos dois reinos e principados da monarchia hespanhola.

Tem cada livro, por ordem alphabetica, um resumo da historia de todos os fidalgos do reino, especificando os serviços que elles e os seus antepassados hajam feito ao estado e os lances de honra que na sua vida se tenham dado.

Faz-se tambem menção dos bens que possuirem.

E não só d'isso, mas dos seus costumes, das suas boas ou más qualidades.

Para que saibas, trata-se de que, sempre que algum d'elles peça uma

graça do governo eu não tenha mais de que deitar a vista ao seu nome e verificar se elle a merece. Tenho para este fim, por muitos lados, differentes pessoas, que me procuram informações d'estas; mas são diffusos; muita palavra, e poucas observações.

É indispensavel extractar: colher o que serve e deixar o que não importa.

El-rei quer ás vezes vêr estes registos e pede que lh'os leiam.

É trabalho, que requer clareza e concisão de estylo.

Ficas incumbido d'elle.

Tirou em seguida de uma grande carteira, cheia de papeis, uma memoria que me entregou.

Deixou-me sósinho, para poder trabalhar á minha vontade n'esse primeiro ensaio.

Puz-me a lêr aquillo attentamente.

Era um acervo de barbaridades... e de barbarismos.

Escrevêra aquella cousa um frade da cidade de Solsona.

Affectava sua reverencia um estylo de homem de bem, ennegrecendo sem piedade uma honrada familia catalã.

Um libello infamatorio.

Era caso para recear ser cumplice de calumnias.

Passei por alto o bem ou o mal da acção do frade, e, deixando a seu cargo toda a iniquidade d'ella, se a houvesse, principiei a deshonrar em formosas phrases castelhanas duas ou tres gerações, que sabe Deus o que haveriam sido.

Tinha já composto quatro ou cinco paginas, quando o duque, curioso de vêr como eu trabalhava, voltou e me disse:

—Deixa vêr o que fizeste, Santilhana?

Leu attentamente e com viva demonstração de agrado.

Depois:

—Comquanto estivesse bem prevenido a teu favor, excedeste o que eu esperava.

Escreves com acerto e grande fluencia.

Não poderia ter escolhido melhor.

Continuaria em elogios, se o conde de Lemos, sobrinho d'elle, não houvesse apparecido a interrompel-o.

Deu-lhe sua excellencia grandes abraços, e tratou-o por modo que logo se via querer-lhe muito.

Fecharam-se os dois, para tratarem de um negocio de familia, de que hei de falar d'aqui a pouco.

Esse negocio interessava por aquella occasião ao duque ainda mais que os negocios do estado.

Ouvi dar meio dia.

Sabendo já que os secretarios e os officiaes das secretarias largavam a essa hora para irem jantar, deixei a memoria n'aquella altura em que estava e sahi, para ir, não a casa de Monteser, que já me pagára e despedira, mas a uma casa de pasto, a melhor que houvesse por aquelles sitios.

Já não me convinha comer em qualquer baiuca.

O duque tinha-me dicto que o meu emprego ía ser, servir el-rei.

Queria-se uma casa de pasto á altura das circumstancias.

E não se me tirava aquillo da idéa pelo caminho...

Servir o rei!

Que de ambições fervilhavam dentro em mim com o pensar n'isso.

CAPITULO III

SABE GIL BRAZ QUE NO SEU EMPREGO NEM TUDO SÃO FLORES. DA INQUIETAÇÃO QUE LHE DÁ UMA TAL NOTICIA E DO COMPORTAMENTO QUE ELLE SE VÊ OBRIGADO A SEGUIR

Logo fui dizendo ao dono da casa de pasto que estava vendo em mim o secretario do primeiro ministro.

O homem nem já sabia o que me havia de trazer para jantar, nem tão pouco eu o que lhe haveria de pedir.

Ainda me deu maiores provas de consideração, coitado, do que pratos finos.

Quando se tratou de pagar, atirei para a mesa um dobrão.

Aos criados, já se vê, deixei o troco, que vinha a ser, pelo menos, a quarta parte.

Sahi muito direito, com ares de infanção que se estima.

A vinte passos havia uma hospedaria para onde costumavam ir extrangeiros ricos.

Aluguei alli uns cinco ou seis quartos bem mobilados, como se já tivesse dois ou tres mil ducados de renda, e paguei adeantado o primeiro mez.

Depois voltei para o meu trabalho e empreguei a tarde em continuar o que principiára de manhã.

N'um gabinete ao lado do meu estavam outros secretarios, mas estes não faziam senão pôr a limpo o que o duque lhes dava para copiar.

N'essa mesma tarde, quando sahimos, fiz-me amigo d'elles, e fomos todos juntos á minha hospedaria comer alguma cousa e beber dos mais finos vinhos da Hespanha.

Sentamos-nos á mesa e principiamos a conversar mais alegre do que conceituosamente, porque logo vi que os meus convidados não deviam aos seus talentos os empregos que tinham.

Reduzia-se toda a habilidade d'elles ao cursivo e ao bastardinho. Faziam umas lettras lindas, muito redondinhas...

Das que, porém, se ensinem nas universidades, não tinham a mais leve idéa.

Mas, emfim, sabiam, em compensação, o que dizia respeito aos seus interesses, e deram-me logo a perceber que não os embriagava a honra da minha companhia, e ainda menos a gloria de serem empregados particulares do ministro, a ponto de se não queixarem da sua sorte.

—Vae em cinco mezes que trabalhâmos á nossa custa! dizia um.

Não ha vêr dinheiro!

E o peor é que nem se fala em tal cousa. Trata-se alli de tudo, excepto de nos pagarem.

Dizia outro:

—Ainda por contente me daria eu, se me applicassem dois pontapés de ordenado, comtanto que eu fôsse senhor de mim e me podesse ir embora a procurar outro destino!

Porém, quê!?

Depois das ruindades secretas que tenho escripto, não é o filho do meu pae que se atreve a sahir por seu motu proprio nem a pedir licença para tal.

Faço pequeno empenho em ir parar á torre de Segovia ou ao castello de Alicante.

— De que vivem os senhores, visto isso? perguntei-lhes.

Têem de seu? alguma cousa hão de ter, é natural...

— Pouco, pouco.

Vivemos ahi em casa de uma viuva muito capaz, que dá de comer á gente por cem dobrões por anno, e vae fiando...

Esmoreci com o ouvir taes falas, e senti apagarem-se os fogachos de orgulho que me abrazavam.

Estava a suspirar por me levantar da mesa, de arrependido que fiquei de os haver convidado e de fazer tanta despesa.

Discuti a cousa, paguei de má vontade, e separamos-nos á meia noite.

Não insisti para que bebessem mais.

Deixei-os ir para casa da viuva, e retirei-me para os meus soberbos aposentos, formando desde logo muito bom proposito de os largar no fim do mez.

A cama era boa, — e nem por isso pude dormir.

Levei a noite a scismar no melhor methodo que me cumpriria seguir para não servir de graça el-rei.

Lembraram-me os conselhos do Monteser.

Puz-me a pé, pela manhãsinha, resolvido a ir fazer os meus cumprimentos a D. Rodrigo Calderon.

— Visitemos esse homem insigne! Essa perola dos secretarios!

A casa onde elle vivia tinha communicação com a do duque de Lerma, e eram eguaes em magnificencia.

Pela mobilia, não seria facil differençar o ministro, do secretario: tal amo e tal criado.

Pedi para lhe dizerem, que se achava alli o successor de D. Valerio.

Fizeram-me esperar mais de uma hora.

— Vamos a ter paciencia! dizia commigo.

Lá se abriu por fim a porta do gabinete.

Entrei, cheguei-me para o D. Rodrigo, que acabava de escrever uma cartinha á sua Sirena, e estava entregando a epistola n'esse instante ao Pedrico.

Nem ao arcebispo de Granada, nem ao conde Galiano, e nem sequer ao primeiro ministro, me apresentei mais respeitosamente, do que ao senhor Calderon.

Com o senhor Calderon todo me desfiz em contumelias, implorando a sua protecção, em termos de que nem me quero lembrar... para não me fazer córado, em tanta maneira me envergonho d'isso!

Regalou-se elle com as minhas baixezas, e affiançou-me, todo ancho, que não lhe haveria de escapar toda a occasião que podesse achar de me ser util e agradavel.

Assegurei-lhe que seria eterna a minha gratidão, e, receando tomar-lhe o seu precioso tempo, sahi, pedindo mil perdões de haver interrompido as suas importantes occupações.

Retirei-me d'este passo indecoroso, e fui para o escriptorio concluir a obra de que estava encarregado.

O duque appareceu-me, tornou a vêr os papeis, e a mostrar-se satisfeitissimo.

— Está bem.

Escreve o melhor que possas este resumo historico no registo da Catalunha.

Quando acabares, procura outra memoria na carteira, e redige, como fizeste com esta.

Conversámos largamente.

Era homem amabilissimo!

Que differença d'elle, ao Calderon!

Fui n'aquelle dia a uma casa de pasto onde se jantava a preço fixo, e

resolvi ir ahi, incognito, todos os dias, até vêr no que davam as cousas e que effeito produziam o respeito e a submissão, que eu, no desempenho dos meus deveres, guardava.

O dinheiro, que tinha, poderia chegar-me para tres mezes.

Prescrevi esse tempo a mim proprio, para trabalhar á custa fôsse de quem fôsse.

Costuma dizer-se que as melhores loucuras são as que não levam tempo. Por isso, dei tres mezes para experimentar essa, e já me pareceu que cortava á larga.

Em os tres mezes acabando, pôr-me-ia ao fresco.

Adeus côrte e adeus grandezas!

Ainda se dessem comer de graça; mas, nem isso, nem nada, era pouco-xinho ordenado.

Uma vez disposto o meu plano, não me poupei a fadigas durante dois mezes para agradar ao Calderon.

Mas, o figurêlho, deu tão pequena attenção a quanto eu fiz, que perdi logo as esperanças.

Mudei de systema com respeito a elle, deixei de fazer-lhe a côrte, e appliquei-me unicamente a aproveitar os momentos que tivesse de conversar com o duque.

CAPITULO IV

CONSEGUE GIL BRAZ QUE O DUQUE DE LERMA LHE CONFIE UM SEGREDO DE IMPORTANCIA

AINDA que o duque nunca se demorasse muito tempo, e as visitas que me fazia, fôssem, como se diz, de entrada por sahida, lá fui alcançando por tal arte as suas boas graças, que, de uma occasião, depois de jantar, disse-me por estas palavras:

— Estou contentissimo comtigo!

És um moço muito intelligente, discreto, fidelissimo.

Mereces realmente a confiança que tenho em ti.

Curvei-me todo, e beijei-lhe a mão, que elle me deu para me levantar.

—É muita honra e muito favor para mim, meu senhor...

Que de inimigos, taes bondades me vão crear!

Receio-me apenas do odio de D. Rodrigo Calderon; que, dos mais!

—Não tens que temer, respondeu o duque.

Conheço-o bem; desde creança o conheço. É muito dedicado por mim. D'ahi não te virá mal, descança.

Vi logo o quanto a astucia do D. Rodrigo se havia apoderado do espirito do duque.

Toda a cautela seria pouca.

—Vou dar-te um testemunho da confiança que me inspiras.

É a primeira prova que te dou da verdadeira estimação que tenho por ti.

Convem inteirar-te de um intento em que ando, para desempenhares uma missão que te vou dar.

A minha auctoridade está segura de ha muito tempo.

Respeitam-me todos.

Obedece-se cegamente a qualquer ordem minha.

Quem reina em Hespanha, posso-o dizer,—sou eu.

Não póde a minha fortuna ir mais longe, mas quero-a abrigar das borrascas que principiam já a ameaçal-a.

E, para isto, convinha que me succedesse no ministerio o conde de Lemos, meu sobrinho.

Porque eu ficasse pasmado:

—Já vejo o que te faz admirar.

Achas singular que eu prefira meu sobrinho, a meu filho duque de Uceda!

Tenho as minhas razões.

É de curto alcance intellectual, o duque.

E depois, não posso levar á paciencia o favoritismo d'el-rei para com elle.

Os favores de um rei são como a posse da mulher de quem se gosta.

É felicidade invejavel.

Tão invejavel, que ninguem se resolve a querer partilhal-a com um rival, por mais que se lhe esteja unido pela amizade ou pelo sangue.

N'isto te estou abrindo o meu coração! continuou o duque.

Já tentei perder no espirito de el-rei o duque de Uceda.

Debalde.

Nada c[illegible]nsegui ainda.

É necessario novo emprehendimento e novo ataque.

Quero que o conde de Lemos se insinue nas boas graças do principe.

Na qualidade de gentilhomem da sua camara, tem occasião de falar com elle a cada instante.

É esperto, é sagacissimo; e, além d'isso, sei de um meio seguro para elle conseguir a sua empresa.

O estratagema é este:

Oppôr meu sobrinho a meu filho, estabelecer dissenção entre elles, obrigando-os a procurar o meu apoio, e a ficarem-me ambos sujeitos por dependerem de mim.

Eis o projecto! accrescentou elle.

Não deixas de me convir para isto.

Enviar-te-hei secretamente ao conde de Lemos, e és tu quem ha de trazer-me todas as participações que elle precise dar-me.

Depois d'esta confidencia, que considerei como se fôsse dinheiro de contado, fiquei tranquillo.

— Agora, disse entre mim, estou como me quero. Vou nadar em dinheiro. Confidente de um homem, que põe e dispõe da monarchia hespanhola, sempre quero vêr se não fico ahi a abarrotar de riqueza!

A bolsa, tinha-a quasi vasia; mas, com uma esperança d'aquellas, haveria de dar-me cuidado isso! Ora!...

CAPITULO V

ONDE SE VAE VÊR GIL BRAZ NO CUME DA ALEGRIA, DAS HONRAS E DA MISERIA

A côrte principiou logo a notar-se a affeição que o ministro tinha por mim.

Dava-o elle proprio a entender publicamente com o entregar-me a carteira dos papeis, que até ahi sua excellencia costumava levar quando ia a despacho.

Esta novidade, que deu motivo a terem-me desde logo em conta de valido, e d'isso espalharem boato, excitou a inveja de muitas pessoas e attrahiu-me muitos cumprimentos da côrte.

Não foram os ultimos a felicitarem-me com respeito á proxima elevação em que me adivinhavam, os dois empregados da secretaria, meus immediatos.

Convidaram-me a cear em casa da viuva.

Não pela idéa de assim corresponderem á amabilidade com que eu os tratára, porém, com a mira em que lhes ficasse obrigado d'ahi por deante.

Obsequiavam-me á direita e á esquerda.

Até o empavezado Calderon mudou de maneiras para commigo.

Já me chamava senhor de Santilhana.

Elle, que d'antes nem *usted* me dava.

Macio como um velludo.

E então em observando que o ministro podia vêr, quereria tratar-me melhor ainda se melhor houvesse.

Correspondia eu ás suas attenções com uma urbanidade de bem disfarçado abhorrecimento, digna de um cortezão consummado.

Acompanhava tambem o duque quando elle ía ao paço.

Tres vezes por dia, regularmente.

De manhã entrava no quarto de sua magestade, logo que el-rei acordava.

Ajoelhava á cabeceira da cama e falava-lhe do que sua magestade teria de fazer n'aquelle dia, dictando-lhe o que haveria de dizer.

Feito isto, retirava-se.

Depois de jantar tornava a lá ir, não para lhe falar de negocios mas de cousas alegres.

Divertia-o com contos graciosos do que ía por Madrid, e que elle era sempre o primeiro a estar informado, por ter pessoas a quem pagava para esse effeito.

Finalmente ía á noite, pela terceira vez, vêr el-rei, dava-lhe conta, conforme melhor lhe conviesse, do que fizera durante o dia, e cerimoniosamente lhe pedia as suas ordens para o dia immediato.

Emquanto estava com sua magestade, deixava-me a mim na ante-camara, onde estavam differentes solicitadores de graças, que anciavam pelas delicias da minha conversação, vangloriando-se de eu me dignar conceder-lh'a.

Ratices palacianas.

De uma occasião tive altas razões de desvanecimento.

El-rei, a quem o duque elogiára vivamente o meu estylo, teve curiosidade de vêr uma amostra d'isso.

Mandou-me o ministro buscar o registo de Catalunha, apresentou-me ao monarcha, e disse-me que lêsse.

Se a presença do monarcha esteve a ponto de perturbar-me, a do ministro animou-me immediatamente.

Li a obra.

Sua magestade ouviu com agrado, mostrou-se satisfeito a meu respeito, e levou as suas bondades a recommendar ao ministro que cuidasse da minha fortuna.

Isto, e a conversação que tive com o conde de Lemos d'alli a poucos dias, encheu-me a cabeça de idéas de ambição.

Fui procural-o um dia, da parte de seu tio, ao quarto do principe, e apresentei-lhe uma carta credencial, na qual o duque affirmava poder falar-me com confiança por me achar inteirado do assumpto que tinha entre mãos e haver-me escolhido para mensageiro de ambos.

Tão depressa o conde acabou de lêr, levou-me para uma sala, onde ficámos sós, e falou-me nos seguintes termos:

—Visto haver merecido a confiança do duque de Lerma, nenhuma difficuldade tenho tambem em o fazer depositario da minha.

Vae tudo bem.

O principe de Hespanha distingue-me, entre todos os fidalgos que procuram agradar-lhe.

Tive esta manhã uma conferencia com sua alteza, e figurou-se-me estar desgostoso de que a avareza de el-rei o esteja tolhendo de seguir os impulsos do seu coração generoso.

Não é senhor de entrar em gastos correspondentes á situação de um principe.

Manifestei-lhe o muito que sentia isso; e aproveitando a occasião, pro-

metti levar-lhe ámanhã, á hora d'elle se levantar, mil dobrões, na espera de maiores quantias que virei a pôr á sua disposição.

Agradou-lhe muito o meu offerecimento, e estou seguro da sua benevolencia em vendo que eu cumpro a minha palavra.

—Póde, pois, noticiar a meu tio estes pormenores.

E volte, esta tarde, a fim de me contar o que meu tio pensa a respeito do modo por que procedi.

Despedi-me e corri a participar tudo isto ao duque de Lerma.

Ouviu elle o meu recado, e mandou pedir mil dobrões ao Calderon.

Encarregou-me, n'essa mesma tarde, de ser portador d'elles para o conde.

Pelo caminho, scismava eu:

— Bonito, bonito... Já percebo qual é o meio infallivel de que se vale o ministro para ir por deante com a sua idéa.

Faz elle muito bem.

Nunca as mãos lhe doam!

Estas prodigalidades não o hão de empobrecer a elle.

É facil de adivinhar, qual o cofre de onde sahem os dobrões.

E é justo.

Mais que justo!

Sahem do pae para o filho.

Quando me separei do conde de Lemos, disse-me elle em voz baixa:

—Adeus, estimavel confidente.

O principe é inclinado ás damas: agora, na primeira occasião, havemos de tratar d'isto.

Retirei-me, e fui meditando n'aquellas palavras.

—Que diacho é isto! dizia commigo. Tenho agora de ser Mercurio do herdeiro do throno?!

Agente subalterno, ou o que?

De certa maneira tudo é gloria, e póde até ser proveito!

Que de commissões, que de commissões!

É certo que vou a crescer de dia para dia nos creditos para com o ministro...

Com esperanças d'estas, não haveria fortuna egual á minha se a ambição me houvera livrado da fome.

Passava já de dois mezes que largara os sumptuosos quartos, e vivia n'um casinhólo economico onde se recebiam hospedes.

Custava-me isso, mas soffria tudo com paciencia, porque sahia de madrugada e não voltava a casa senão á noite, para me deitar.

Passava o dia no meu theatro.

O meu theatro era a casa do duque.

Desempenhava alli o papel de fidalgo.

Quando me recolhia, desapparecia o cavalheiro, e ficava o pobre Gil Braz...

Sem dinheiro, e, o que era peor, sem ter a que me voltasse.

Orgulhoso de mais para me abrir com alguem sobre as necessidades em que me via, só ao Navarro, de todos os meus conhecimentos, poderia recorrer.

Não me atrevia, porém, a isso, com o lembrar-me do pouco caso que tinha feito d'elle, desde que puzera o meu pé na côrte.

Vi-me obrigado a vender o fato, a pouco e pouco, ficando apenas com o que não podia dispensar.

Já não ia á hospedaria, por não ter com que pagar.

Levavam-nos de manhã ao escriptorio um pãosito e vinho, para entretermos o estomago.

Era o que o ministro nos mandava dar.

Não comia senão isso em todo o santo dia.

Deitava-me sem ceia, todas as noites.

Era esta a sorte de um sujeito, que brilhava na côrte, e que deveria causar antes dó, do que inveja.

Não podendo por fim resistir á miseria, determinei-me a dizer tudo ao duque de Lerma.

Foi no Escurial, passados poucos dias, achando-se alli el-rei e o principe, que se offereceu o ensejo para isso.

CAPITULO VI

PORQUE MODO DEU GIL BRAZ A CONHECER AO DUQUE A MISERIA EM QUE SE ACHAVA. E DE COMO SE PORTOU COM ESTE MINISTRO

QUANDO el-rei estava no Escurial mantinha toda a comitiva.

N'esses dias estava eu bem!

Dormia n'um quarto perto da alcôva do duque.

N'uma manhã, acabando o ministro de se levantar, segundo o seu costume, ao romper do dia, deu-me uns papeis, e disse-me para ir com elles aos jardins do palacio.

Sentámos-nos debaixo de umas arvores.

Puz-me na attitude de quem escreve em cima da copa do chapéo, e sua excellencia parecia lér um documento, que tinha na mão.

Era como se estivessemos occupados em graves negocios, mas não falavamos senão de bagatelas.

Elle gostava d'isso.

Passára-se quasi uma hora n'aquellas frioleiras, quando vieram pousar-se duas pêgas nas arvores que nos estavam dando sombra.

Principiaram a palrar.

—Estas aves têem a habilidade de parecer que se estão a rir...

De que estarão ellas a falar, é o que eu gostaria de saber.

—Faz lá idéa! não falam de outra cousa senão de nós.

A curiosidade de vossa excellencia faz-me lembrar uma fabula que li algures, uma fabula indiana, não sei se do Pilpai se de que outro fabulista...

—Qual é?

Contei-lh'a n'estes termos:

—Era uma vez um monarcha, que reinava na Persia...

Um bom monarcha!

Mas, por não ter capacidade, assim mesmo, que lhe chegasse para governar sósinho, entregava esses cuidados ao grão vizir, que o servia.

Atalmuc, se chamava esse ministro.

Homem de um talento immenso.

Sustentava, sem se cançar, o peso d'aquella vasta monarchia, mantendo-a n'uma paz profunda.

Possuia a arte de fazer respeitar e amar a auctoridade real.

Viam n'elle os vassallos um pae affectuoso.

Tinha, entre outros secretarios, um moço chamado Zangir.

Estimava este mais que os outros, e comprazia-se em conversar com elle.

Não havia segredo, por mais intimo, que lhe não contasse.

De uma vez, que andavam caçando n'um bosque, viu o vizir dois corvos a grasnarem no topo de uma arvore.

Voltou-se para o secretario e disse-lhe:

—Tomára eu saber o que estas aves estarão a dizer na lingua dos passaros.

Respondeu-lhe o mancebo:

David Donaszi Edit.

Typ. Art. Ed. pyrenaica. Barcelona.

FAZ LÁ IDEIA! NÃO FALLAM DE OUTRA COISA SENÃO DE NÓS!

—É facil.

—O que vem então a ser?

—Ensinou-me um derviche cabalista o idioma das aves.

Se faz gôsto n'isso vou escutar os corvos, e sou capaz de repetir o que lhes ouça, palavra por palavra.

O vizir consentiu n'isso, e o cachemirano—era cachemirano, o rapaz,—chegando-se para os corvos, fingiu pôr-se de ouvido á escuta.

Depois, virando-se para o homem, disse-lhe:

—É incrivel! Estão a falar de nós.

—Ora, historias! exclamou o ministro persiano.

Então o que é que dizem?

O secretario replicou:

—Um d'elles disse agora:

«Olha, vêl-o?

É o grão vizir Atalmuc!

A aguia tutelar que, com as suas azas, cobre a Persia como se fôra um ninho.

Anda á caça no bosque com o seu fiel Zangir.

Ditoso secretario.

Que de favores não deve elle ao ministro.

O outro corvo interrompe:

Mais devagar.

Não é tão feliz como parece.

Atalmuc honra-o com a sua confiança, e bem póde ser que mais dia menos dia venha a dar-lhe algum emprego importante...

O peor é que, no emtanto, póde o Zangir morrer de fome.

Sabes como vive este pobre diabo?

Vive n'um quarto de uma miseravel locanda, sabe Deus como.

Bem lhe importa o vizir se elle tem ou não com que viver.

Estima-o muito e deixa-o ser pobre.»

N'isto calei-me

Quiz vêr como o duque de Lerma entendia o caso.

Elle, sorrindo-se, perguntou-me que impressão fizera no animo de Atalmuc este curioso apologo, e se o vizir se offendêra do atrevimento d'aquelle secretario.

Eu, meio perturbado por esta pergunta, respondi-lhe:

— Não.

Até diz a fabula, que logo o encheu de beneficios.

O duque, muito serio:

— Foi fortuna! replicou.

Ha ministros, que não levariam a bem que se lhes dessem taes lições.

Em seguida, cortando a conversação e levantando-se:

— São horas de acordar el-rei.

Dicto isto, encaminhou-se para o palacio.

Nem mais palavra trocámos.

Foi como se ficasse desgostoso da minha fabula indiana.

Fui indo atraz d'elle, até á porta do quarto de sua magestade.

Depois, tratei de ir pôr os papeis que levava, no sitio de onde os haviamos trazido.

Entrei n'um gabinete, onde os dois secretarios, que copiavam e que tambem tinham ido ao Escurial, estavam copiando.

— Tem alguma cousa, senhor Santilhana? disseram quando me viram.

Está tão pallido!

Aconteceu-lhe algum desastre?

Impressionado pelo mau effeito que o meu apologo produzira, não cuidei sequer de occultar-lhes a causa do meu desgosto.

Referi-lhes o que havia dicto ao duque.

— Tem razões de sobra para a tristeza em que o vêmos! disse um dos empregados; sua excellencia ás vezes, é celebrorio.

O outro disse:

—Queira Deus que o não tratem ao senhor, como foi tratado um secretario do cardeal Espinosa.

Cançado de não haver recebido durante quinze mezes nem um ceitil, disse que precisava dinheiro para comer.

O ministro replicou-lhe:

—É justo.

Ahi tem!

Deu-lhe uma ordem para receber mil ducados na thesouraria real.

E logo:

—Fico dispensado dos seus serviços.

O secretario, não de todo descontente de ser despedido, mercê de receber aquelle dinheiro que lhe permittiria ir procurar commodo n'outra parte, não tugiu nem mugiu.

Ao sahir de casa do cardeal, prendeu-o um aguazil, e ferrou com elle na torre de Segovia.

Alli esteve mettido tempo sufficiente... para apodrecer!

Fiquei estonteado com aquelle feito historico.

Arrependi-me da falta de paciencia de que dera prova, como se demasiadamente não houvera tido paciencia que fartasse.

—Leve o diabo a fabula! dizia eu commigo.

Foi a fabula que me perdeu.

Quem sabe se estava quasi a salvar-me de toda a qualidade de apuros e em vesperas de alcançar alguma fortuna das que fazem pasmar o mundo.

Que de riquezas perdi!

Que de honras perdi!

Nunca aos grandes se devem dizer verdades.

As mais leves cousas que tenham obrigação de dar, cumpre a uma pessoa agradecel-as como se fôssem mercês.

Mais valêra morrer de fome...

Ao menos, sempre a culpa ficaria sendo d'elle!

De tarde, quando vi meu amo, comprehendi que ainda que me restasse alguma esperança, baldada era.

Estava muito sério commigo.

Não me dirigiu palavra.

Entre a tristeza de haver perdido as illusões e o receio de augmentar o numero dos presos de estado, não fiz senão dar ais todo o dia e toda a noite.

No dia immediato deu-se a crise.

O duque chamou por mim, logo de manhã.

Entrei no quarto com cara de réo.

—Santilhana, disse-me elle, entregando-me um papel que tinha na mão, ahi tens essa ordem!

A palavra ordem, estremeci.

—Ai Jesus! disse entre mim.

Cá temos o cardeal Espinosa...

Já lá estará em baixo a sege para Segovia?

Foi tal o sobresalto que se apoderou de mim, que cortei a palavra ao ministro, e cahindo-lhe aos pés, banhado em lagrimas, lhe disse...

—Senhor!

Humildemente supplico a vossa excellencia que perdôe a minha ousadia.

Obrigou-me a necessidade a revelar a miseria em que vivia.

O duque não poude deixar de se rir da perturbação em que me viu.

—Ouve, homem!

Não te quero mal nenhum por me dizeres na cara as necessidades que tinhas, e o meu descuido de haver pensado n'isso.

A culpa foi minha.

Toda minha!

A unica emenda é esta:

Ahi tens uma ordem de mil e quinhentos ducados.

Vae á thesouraria real, quanto antes; lá haverão de pagar-t'os, e acabou-se.

E CAINDO-LHE AOS PÉS, BANHADO EM LAGRIMAS, LHE DISSE

Não é tudo. Escuta!

Terás isto mesmo em cada anno.

E ainda te concedo outra faculdade, que é a de me recommendares pessoas ricas e generosas que procurem a tua protecção. Percebes?

Foi tal o gôsto que estas palavras me deram, que até beijei os pés ao ministro.

Elle, depois de me fazer levantar, continuou a conversar commigo, familiarmente.

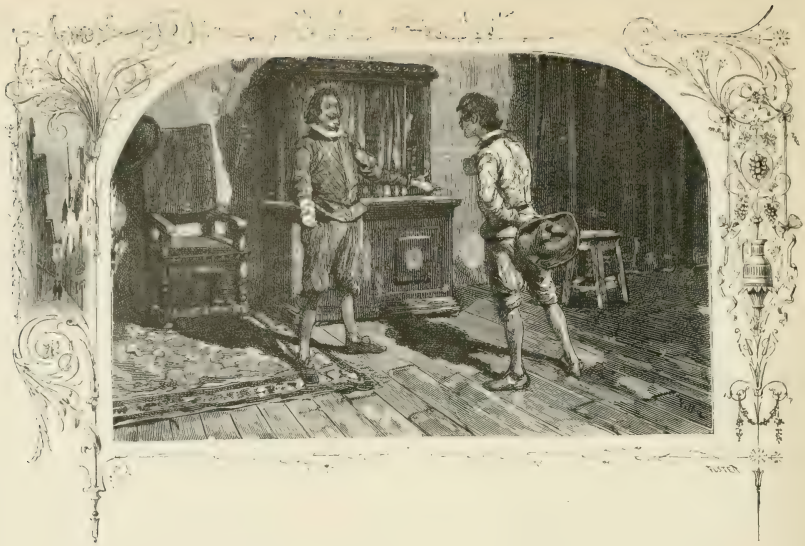
Da minha parte fiz o que pude em mostrar-me alegre; mas foi-me impossivel passar com tanta rapidez a um socego de boa felicidade.

Fiquei como um delinquente que ouve a voz do perdão na hora em que esperava a sentença de morte.

Attribuiu o duque a minha agitação ao receio de lhe haver desagradado. A verdade, porém, é que não se me tirava da cabeça a idéa da prisão. Elle confessou-me então, com um sorriso affavel, que fingira aquella severidade, para observar se eu me doía da mudança simulada dos seus sentimentos.

—A perturbação em que te vejo, é prova de me teres amizade...

Pois, meu Gil Braz, agora, por isto mesmo, ainda mais te quero!



CAPITULO VII

EM QUE EMPREGOU OS MIL E QUINHENTOS DUCADOS; PRIMEIRO NEGOCIO EM QUE SE METTEU; PROVEITO QUE TIROU D'ISSO

VOLTOU el-rei no dia seguinte para Madrid, como se houvesse querido tirar-me da impaciencia em que eu estava.

Fui correndo e voando á thesouraria, e recebi a somma que a ordem determinava.

Raro será o mendigo, que passe promptamente da miseria á opulencia sem que a fortuna lhe dê volta ao juizo.

Assim eu fiquei vaidoso e de ambições desmedidas com o mudar a sorte para mim.

Deixei a casa em que vivia a secretarios que ainda não houvessem aprendido a linguagem dos passaros, e aluguei, pela segunda vez, o quarto

rico onde vivêra um mez, e que por felicidade se conservava ainda desoccupado.

Veiu um alfaiate dos mais finos, e foram buscar-se seis varas de panno — não o fazia por menos o maganão, como bom alfaiate que era! — para me cortar um fato.

Comprei roupa branca.

Comprei meias de seda.

Comprei um chapéo de castor agaloado de oiro.

Comprei o diabo; e, não podendo passar sem creado, pedi ao Vicente Foreto, patrão da casa, que diligenciasse procurar um.

Extrangeiros que se alojassem em casa d'elle, tomavam logo creados madrilenos; por isso, em havendo lacaio sem commodo, estava alli cahido.

O primeiro que se me apresentou, era um sonsinho, que me lembrava o Ambrosio Lamela.

Disse eu ao Foreto:

— Nada de beatos, meu amigo.

Gente de aspecto virtuoso escusa de m'a trazer.

Appareceu um gârotete, que logo me deu esperanças.

E o caso é que não me arrependi.

Porque o duque me houvesse dicto, que sempre que eu quizesse poderia falar em favor de algumas pessoas, sorria-me a idéa de um perdigueiro que descobrisse caça...

Para isso o Scipião era uma joia.

Sahira de casa de D. Anna de Guevara, ama de leite do principe de Hespanha; e tão depressa lhe manifestei a possibilidade que tinha de obter mercês de sua magestade, logo o melrito dobrou a cantiga.

— Agora chegou a Madrid um cavalheiro granadino, D. Rogerio de Rada.

Conhece-o!

Nunca ouviu falar d'elle?

Deseja muito a protecção do senhor Gil Braz para com o duque de Lerma.

É caso de honra.

O que quer que seja, é sério.

E diz-me elle que ha de saber agradecer-lhe.

Queria ir procurar D. Rodrigo, por lhe haverem falado muito do valimento d'elle.

Logo lhe tirei isso da cabeça, já se sabe.

Fui-lhe dizendo que isso era um secretario de abichar, que vendia favores a peso de oiro; ao passo que vocemecê, com uma prendasinha, qualquer dadiva decente, uma qualquer demonstração singela, e até de graça se a situação d'elle lhe não deixasse seguir sua natural propensão para a generosidade, conseguiria tudo limpamente.

Ámanhã cedo por cá o tem. Póde estar certo.

— Ó seu Scipião, vocemecê é mestre em casos.

Até me admira uma cousa.

— O senhor dirá. O que vem a ser?

— Que tenhas tão pouco de teu, sabendo tanto.

O dinheiro é redondo para correr. Aferrolhal-o é o que eu não faço.

Gosto que elle circule.

— Entendo.

— Sim, senhor. Que elle circule, é o que me dá gôsto.

Com effeito me procurou o D. Rogerio de Rada.

Recebi-o com grande cortezia, e ainda maior gravidade.

— Primeiro que tudo desejo saber qual o negocio de honra que o traz á côrte.

Ha de desculpar.

Bem conhecerá, todavia, que tal caso póde haver, que me não permittisse falar a esse respeito ao ministro.

Queira fazer uma relação exacta de tudo que se haja passado.

Sinceramente.

Desafogadamente!

Póde abrir-se commigo; e fique persuadido de que hei de tomar a peito os seus interesses, se elles forem de natureza tal, que um homem de bem possa querel-os a seu cargo.

O granadino respondeu:

—Com muito gôsto.

Vou referir-lhe a minha historia com toda a sinceridade.

E contou-me isto:

CAPITULO VIII

HISTORIA DE D. ROGERIO DE RADA

Dom Anastacio de Rada, fidalgo granadino, vivia venturoso na cidade de Antequera, em companhia de D. Estephania, sua esposa, que, além de um genio affavel e singular formosura, era senhora virtuosissima.

Se muito ella queria a seu marido, não lhe correspondia elle com menores extremos.

Era, porém, de genio ciumento, e, comquanto não tivesse motivo para pôr em duvida a fidelidade de sua mulher, vivia sempre em desassocego.

Temia sempre, que intentasse offender-lhe a honra alguem que lhe quizesse mal.

E, de desconfiança em desconfiança, chegava até a ter suspeitas dos amigos.

Um só exceptuava.

D. Huberto de Hordales, que entrava livremente em casa d'elle como primo que era de D. Estephania.

De quem elle deveria recear-se, seria d'esse; ora vejam!

Sem querer saber do parentesco que os unia, nem da particular estima que D. Anastacio lhe manifestava, namorou-se da prima esse D. Huberto, e teve a ousadia de declarar-lhe o seu amor.

Aquella senhora, prudentissima, em vez de um rompimento que poderia haver tido consequencias fataes, reprehendeu-o com moderação, e dissuadiu-o de toda a esperança que podesse ter.

Elle redobrou de audacia, e em tão subido grau, que ella teve de ameaçal-o de que D. Anastacio désse o castigo devido á sua petulancia.

Receoso do que poderia acontecer, prometteu o primo não falar mais de amor, e Estephania deu-lhe o seu perdão em troco d'essa promessa.

D. Huberto, porém, era vingativo.

Sabia de quanto D. Anastacio era capaz por ciumes, e ainda melhor sabia que acreditava tudo quanto lh'os fôsse acordar.

N'uma tarde, em que andavam passeando juntos, disse-lhe n'um tom de melancholia:

—Meu caro amigo, nem a sua delicadeza, nem a minha, em pontos de honra, me permittem occultar-lhe por mais tempo o que na sua casa se está passando.

Prepare-se para uma noticia desagradavel.

É homem!

Repare que vou feril-o na parte mais sensivel.

D. Anastacio, perturbado logo:

—Entendo, disse interrompendo-o.

É-me infiel sua prima?

—Não a conheço por parenta.

É indigna de ser sua esposa, meu amigo.

— Diga tudo.

O que fez ella?

— Tem um amante.

Recebe-o ás escondidas.

O nome não o sei, porque não sei quem elle é.

Favorecido pela escuridão da noite, o adulteroso escondeu-se, furtou-se a quem o espreitava.

Ella é-lhe infiel, é o caso.

É preciso que eu esteja bem convencido de uma tal traição, para assim me declarar contra Estephania.

É inutil dizer-lhe mais.

Vingue-se, se quizer; será justa a vingança, nem eu poderia oppôr-me á desassombrada justiça de um tão natural resentimento.

Cumpre mostrar á cidade inteira que, um homem de bem sacrifica tudo n'este mundo á sua honra.

Assim accendeu a colera em D. Anastacio, que, perdido de juizo e como se as furias o agitassem, foi direito a casa, na deliberação de apunhalar a pobre mulher.

Ia ella para se deitar.

Esperou elle que os creados estivessem recolhidos, e sem querer pensar sequer na creancinha de seis mezes que sua mulher trazia nas entranhas, acercou-se da victima e gritou-lhe enfurecido:

—Vaes morrer.

Tens um instante apenas— não te dou mais que um instante para pedires perdão ao céo do ultrage que me fizeste.

Tens um instante. Reza. Não percas a tua alma como perdeste a tua honra.

Quando ella o viu puxar de um punhal, cahiu de joelhos deante d'elle, e disse-lhe, de mãos erguidas, e como que fóra de si:

— Matar-me?!

QUE É ISSO? QUE MAL FIZ EU? QUAL É O MEU CRIME?

Porque, matar-me?

Se pensas que não te fui fiel, olha bem que te enganas.

Que é isso?

Que mal fiz eu?

Qual é o crime?

—Sei tudo.

Quem m'o disse não mente. D. Huberto...

Ella interrompeu-o precipitadamente:

—Não te fies em D. Huberto.

Não é teu amigo D. Huberto, como tu cuidas.

Se alguma cousa te disse contra mim, não lhe dês credito.

—Cala-te, infame! replicou D. Anastacio.

É o Hordales que te conhece, e é por esse motivo que queres destruir o testemunho d'elle.

Debalde. Não teimes, que não vences.

É inutil o artificio. Ainda mais augmenta em mim a ancia que tenho de te castigar.

As palavras d'ella, e a afflicção em que estava, haveriam abrandado qualquer outro homem.

Elle disse-lhe que fizesse o acto de contricção, e levantou o braço para a matar.

—Respeita ao menos o teu sangue, querido, não sejas verdugo de um innocente que nem sequer ainda viu a luz do dia. A minha morte te perdoarei eu, mas a d'elle seria um crime horrivel.

Por mais vivaz que fôsse a determinação de D. Anastacio, em não attender ás desculpas e justificações de sua mulher, sempre estas palavras d'ella o abalaram.

E elle, como para se acautelar de que a commoção lhe paralysasse o resentimento, aproveitou o resto da furia em que estava, e varou-lhe as costellas com uma punhalada.

A mulher cahiu, e elle julgou que a deixára morta.

Sem demora então, e apavorado da acção que praticára, sahiu de casa e desappareceu de Antequera.

Ella permaneceu por um pouco de tempo, estirada no chão, sem dar signaes de vida.

Depois, gemendo, conseguiu que uma creada lhe ouvisse os ais e lhe acudisse.

Taes gritos deu a serva, que os creados e os vizinhos acordaram todos, e n'um instante se encheu a casa de gente.

Foram chamar-se medicos, a quem houvesse de primeiro trazer algum. Vieram uns poucos. Todos elles disseram, sem hesitar, não ser de perigo a ferida.

Effectivamente não o era.

A cura levou pouco tempo; e, passados tres mezes, deu D. Estephania á luz um filho.

Assim mesmo é que foi. Um filho! Tres mezes depois d'aquella cruel historia...

Ora, senhor Gil Braz, esse filho, sou eu.

Comquanto as vozes do mundo não sejam muito propensas a respeitar as mulheres, da virtude de minha mãe ninguem se atreveu a soltar uma só palavra que fôsse mordaz ou accusadora.

Contava-se o caso, como o de um desvario feroz de ciume.

Eram notorios os extraordinarios excessosde meu pae em suspeitar mal de tudo.

Ao Hordales ninguem mais o viu lá em casa; vingára-se, e estava, por isso, satisfeito.

Para não cançar vossa senhoria, não estarei a demorar-me em pormenores a respeito da educação que recebi.

Minha mãe, de principio, quiz que apprendesse esgrima, e exercitei-me nas escholas de Granada e de Sevilha.

A sua idéa era de que, tão depressa eu tivesse edade para medir a minha espada com a do D. Huberto, a desaffrontasse das infamias de que elle a calumniára, e que minha mãe só me contou quando eu cheguei aos dezoito annos.

Pobre mãe!

Procurei o Hordales, bati-me com elle, e estirei-o no campo com tres estocadas.

Elle, sentindo-se ferido mortalmente, fixou em mim o derradeiro olhar, e expirou pedindo perdão e achando justo o castigo.

Para não ir dizer eu proprio a minha mãe o que succedêra, deixei esse cuidado ás vozes.

Cortei pela serra, e fui para Malaga.

Uma vez em Malaga, embarquei com um corsario do mundo, que estava de partida e que formou de mim tão bom conceito que me deixou alistar como voluntario.

Perto das ilhas de Alborão logo encontrámos um navio de corso de Melilla que voltava para a costa de Africa com uma embarcação hespanhola, de carregamento riquissimo, que apresára nas aguas de Carthagena.

Accommettemos o africano, apoderámos-nos das embarcações,— onde iam oitenta christãos, escravos, para a Barberia...

E porque o vento fôsse a favor, virámos para Granada, e chegámos, rapidamente, á Ponta de Santa Helena.

Perguntámos com grande curiosidade aos captivos que libertáramos, de que paiz eram elles.

Respondeu-me um homem dos seus cincoenta annos, de aspecto duro e rude, ser de Antequera.

—Tambem eu.

Póde bem ser que a sua familia seja minha conhecida.

—Não falemos n'isso.

Ha dezoito annos que ando ausente...

Talvez por lá ouvisse o meu nome, mas com má fama.

D. Anastacio de Rada, me chamo.

— Meu pae? exclamei.

Elle, olhando-me attonito:

— É possivel! A desgraçada creança, que ainda estava no ventre de sua mãe quando a sacrifiquei aos furores do meu ciume!

— Sim; a minha pobre mãe, innocente.

Chorámos longamente, abraçados.

Depois, meu pae quiz saber tudo.

Informei-o de que mais ninguem, se não elle, havia duvidado por um momento da virtude de minha mãe.

— Foi D. Huberto, lhe disse, quem enganou meu pae.

E referi-lhe toda a perfidia d'esse parente, a vingança que tirára e a confissão que fizera da sua culpa, quando já prestes a dar o ultimo suspiro pedira perdão.

Não lhe causára tão grande prazer recobrar a liberdade como ouvir as noticias que lhe dei.

Abraçava-me com uma ternura immensa.

— Vamos para Antequera, disse-me.

Não socegarei emquanto não me ajoelhe aos pés de tua mãe.

Deixei o corsario, e porque meu pae não quizesse expôr-se aos perigos do mar, comprei em Adra duas mulas, com o dinheiro que da presa me havia tocado.

Foi-me elle contando as suas aventuras, que escutei com a attenção anciosa que o principe de Itaca prestou á narrativa das do rei seu pae.

Depois de muitos dias de jornada, chegámos á serra de Antequera, e alli esperámos que fôsse meia noite para irmos para casa sem que pessoa alguma nos visse

Imagine vossa senhoria a surpresa e o internecimento em que ficou minha mãe.

De mais a mais, uma irmã do Hordales perseguia-me pela justiça como assassino do seu irmão.

Andavam á minha procura.

Minha mãe tremia de medo por me ver alli sem segurança.

Obrigou-me isso a partir para a capital n'aquella mesma noite, e aqui venho solicitar o perdão, que espero obter, se sempre fizer favor de falar ao ministro e de me auxiliar com o seu valimento.

Aqui deu remate á sua narrativa o valente filho de D. Anastacio; e eu, gravemente, disse-lhe:

— Basta, senhor D. Rogerio; tenha a certeza de que de tudo informarei sua excellencia, que muito provavelmente se dignará protegel-o.

Todo se desfez o granadino em agradecimentos, que me haveriam entrado por um ouvido e sahido pelo outro, se não fôra falar-me elle logo de que a gratificação haveria de seguir o favor.

Referi n'esse mesmo dia ao duque tudo o que se passára, e elle auctorisou-me a apresentar-lhe o cavalheiro.

— D. Rogerio, disse-lhe o duque, já o Santilhana me inteirou do lance de honra que o trouxe á côrte.

Tem toda a desculpa; e sua magestade estima sempre perdoar, aos fidalgos que sabem vingar offensas de tal ordem.

É necessario que se recolha á prisão, por simples formalidade.

Isso é sempre bom.

A prisão é indispensavel, até para formalisar a graça.

Socegue, porém, que pouco tempo por lá ha de estar.

Tem um bom amigo no Santilhana, e elle lhe valerá.

Sim, senhor, ha de valer-lhe, porque é seu amigo.

Fez D. Rogerio uma profunda cortezia ao ministro, e, fiado na palavra d'elle, foi metter-se na prisão.

Empreguei com tal empenho a minha solicitude, que em menos de dez dias alcancei o perdão para o homem, e enviei este novo Telemaco a reunir-se

com o seu Ulisses e a sua Penelope: em vez do que, se não houvera tido padrinho nem dinheiro, ficaria mais de um anno á sombra.

Tirei apenas d'isso uns cem dobrões, o que nem foi de grande consequencia, nem tão pouco para deitar fóra - visto como eu estava ainda longe de ser um D. Rodrigo Calderon.

CAPITULO IX

DE COMO GIL BRAZ ENRIQUECEU DE REPENTE, E DOS ARES DE IMPORTANCIA QUE TOMOU

Convenceu-me aquella esportula; e, com o dar dez dobrões ao Scipião pela sua corretagem, animei-o a novas investigações.

Já celebrei merecidamente seus talentos; não se lhe faria favor tratando-o como se fôra o grande Scipião.

O segundo paciente, que me apresentou, foi um impressor de livros de cavallaria, que falsificára uma edição.

Fôra-lhe apprehendida do primeiro ao ultimo exemplar, e eu desembarguei-lh'os e livrei-o, de uma multa tremenda, por uns noventa dobrões.

O ministro não tinha nada que vêr com aquillo, mas, serviu de empenho, a rogos meus.

Veiu depois um mercador, negociante de Lisboa, que reclamava dois terços, que lhe pertenciam, da carga de um navio portuguez, apprehendido por um corsario da Barberia, represado por outro de Cadix.

Ia este individuo a Hespanha á cata de pessoa graúda, que tivesse importancia e credito na côrte e o protegesse na pretenção que o levava alli.

Foi tão venturoso que me encontrou.

Interessei-me por sua justiça o quanto em mim cabia, e consegui que entrasse na posse do que lhe era devido, mediante, já se vê, uma honesta gratificação,—a gratificação de rigor, dos negocios licitos.

Cuido agora ouvir uma voz, bradar-me:

—Animo, Santilhana!

Põe-te de bota larga, porque vaes em caminho de adeantares fortuna!

—Fica tudo por minha conta!

Se me não engano, ahi vem o meu creado com um novo *quidam*.

Escutêmol-o:

—Dá licença, me diz, que lhe apresente este famigerado empirico?

Solicita um privilegio para vender os seus medicamentos pelo espaço de dez annos, em todas as cidades da monarchia de Hespanha.

Não ha cousa como o privilegio!

Excluir todos, para proveito de um só.

Um privilegiosinho, prohibindo a todas as pessoas da sua profissão estabelecerem-se nos logares onde elle estiver.

Em testemunho de puro reconhecimento, dará duzentos dobrões a quem lhe obtiver o dicto privilegio.

Eu disse ao charlatão, tomando grandes ares de protector:

—Já sei, já sei; vá-se embora, e deixe o caso por minha conta.

Effectivamente, d'alli a dias tirei um privilegio, que permittia ao homem enganar o povo, exclusivamente, em todas as terras da Hespanha.

Conheci então a verdade do rifão, de que o comer e o coçar estão no principiar. O que ha, é muitos modos de comer; muitos!

Logo outro favor pedi, sem demora e desembaraçadamente: o governo de Vera para um cavalleiro de Calatrava.

—Tu não dormes! dizia-me o ministro. Tudo é diligenciares o bem para o teu proximo! Isso, todavia, de governos, mais devagar: a metade do que o negocio renda, deve ser para mim. Vejo-me obrigado a grandes despesas para me aguentar com dignidade, além de me ser indispensavel ter ares de absoluta isenção de interesses.

O cavalleiro de Calatrava abichou o governo de Vera; e, custando-lhe o mesmo, porque o ajuste foi egual, obtive outro para um cavalleiro de Sant'Iago.

Além de fazer governadores, concedi condecorações, armei peões em fidalgos, fiz favores ao clero...

De bispados e arcebispados, tratava o D. Rodrigo Calderon.

Para empregos grandes, o systema era o mesmo que para os pequenos, porque os escolhidos nem sempre eram nem os mais habeis nem os mais honrados. Sabiam perfeitamente que os burlões não se queriam senão comnosco, mas, estavamos n'isso como os avarentos, que se consolám das murmurações do povo com as doçuras de contarem o dinheiro.

Chama o Isocrates á intemperança e á loucura, companheiras dos ricos. Tambem eu tratei logo de mobilar luxuosamente uma casa magnifica, comprei a carruagem, de um escrivão, que a havia deixado, para dar boa idéa de si; tomei cocheiros, tres creados, e fiz, do Scipião, meu secretario.

O que principalmente me encheu de orgulho, foi levar em gôsto o ministro que os meus creados usassem a libré dos creados d'elle.

Ía-me dando, aquillo, volta ao juizo, como aos discipulos de Porcio Latro, quando, á força de beberem agua de cominhos, ficaram esverdeados como o senhor seu mestre, imaginando logo por isso saberem tanto como elle.

Por um triz que me não suppuz parente do duque de Lerma.

Encarreguei o Scipião de me procurar um cozinheiro bom; e apresentou-me um, digno de comparar-se ao do Nomentano,[2] de gulosa memoria roma-

na; abasteci a despensa do melhor que houvesse, comprei vinhos finissimos, e convidei gente para os meus jantares, emquanto o Scipião--porque tal amo tal criado—regalava os seus conhecidos com bons petiscos.

Não cessavam, os beneficios e os empregos, de me levarem agua ao moinho, e a roda da fortuna parecia não poder desandar nunca.

Todas as noites havia festim; opiparas ceias, a que eram convidados os principaes amigalhaços do ministro, os quaes jactanciosamente se deixavam tratar por secretarios de estado.

Uma cousa apenas faltava aos deleites da minha vaidade.

Era o especial *filé* que, eu, fazia, em que o Fabricio fôsse testemunha d'aquella existencia ostentosa.

No presupposto de que elle houvesse regressado já da Andaluzia, resolvi-me a fazer-lhe uma surpresa e, para isso, escrevi-lhe uma carta anonyma, dizendo-lhe, que, um senhor siciliano, amigo seu, o esperava para cear, indicando-lhe o dia, a hora, e o logar onde devessem encontrar-se.

Na minha casa, já se vê.

E ahi foi o Nunes, ficando summamente admirado, quando soube ser eu o cavalheiro extrangeiro que o convidava.

—Eu proprio! lhe disse. Sou eu, meu amigo, o dono d'esta casa.

Tenho carruagem, boa mesa, vivo soffrivelmente, e ha por cá dinheiro, graças a Deus!

—Homem! dou parabens a mim mesmo, pela boa idéa que tive de te metter em casa do conde Galiano.

Bem te dizia, que aquelle fidalgo faria quanto podesse em teu favor.

Os meus conselhos foram optimos, mas, cumpre confessar que soubeste aproveitar-te d'elles e engordaste depressa como convem a todo o administrador de casa alheia.

Para moderar aquelle jubilo orgulhoso, referi quaes as provas de agradecimento que o fidalgo me dera pelo zelo com que eu lhe prestára os meus serviços.

—Não cantes psalmodias, ó Nunes; deixa-me contar-te como as cousas se passaram.

Perdôo ao siciliano a ingratidão com que elle se portou. E até a estimo, porque me deu motivo de me alegrar pelos resultados.

Se se não houvera portado mal commigo, havel-o-ia acompanhado á Sicilia, e ainda esta hora por lá andaria á espera da collocação que elle viesse a dar-me.

Por outra, não seria agora, como sou, o confidente do duque de Lerma.

O Nunes ficou boquiaberto.

—Com que, és tu o tudo, porque assim digamos, hein! exclamou elle passados instantes, quando logrou recobrar a fala. És tu o tudo!

—Eu e o Calderon, retorqui; mas desconfio que lhe hei de passar adeante.

—Que talento universal! Que tamanha capacidade, meu grande amigo! É um homem raro, vossa senhoria, digo-lhe então que é um homem raro, meu caro senhor de Santilhana!

—Nada de senhor nem de senhoria, ó meu Nuninhos!

Sejamos amigos, como d'antes e como sempre.

Simplices bons amigos!

—Offuscaste-me, confesso-o. Fiquei estonteado com tanta grandeza. Agora, porém, que vou entrando outra vez em mim, vejo em tua pessoa o homem que sempre apreciei e estimei; vejo o meu amigo Gil Braz, e só elle me cumpre vêr; deixa-me abraçar-te.

—Meus senhores, disse eu depois aos amigalhotes e machuchões, tenho o gôsto de lhes apresentar o senhor D. Fabricio, que nos dá a honra de cear comnosco. D. Fabricio faz versos dignos do rei Numa, e escreve prosa como ninguem no mundo é capaz de a escrever melhor!

Desgraçadamente estava eu falando com quem, de poesia, nem sabia nem queria saber; e, aquelles insignificantes, apenas se dignaram olhar para o poeta.

Por melhores cousas que elle disse, por mais originaes agudezas de es-

pirito pelas quaes diligenciou attrahir a attenção d'aquelles safardanas, nunca lhe deram ouvidos, e o homem zangou-se com isso ao ponto de que, tomando uma liberdade poetica, esguêirou-se subtilmente por entre elles e desappareceu.

Os papelões-móres nem deram por tal, e sentaram-se á mesa sem sequer perguntar se o homem se tinha ido embora, ou o que era feito d'elle.

Na manhã do dia immediato, na occasião em que eu estava a acabar de me vestir, e me preparava para sahir de casa, entrou-me no gabinete o poeta das Asturias.

—Venho pedir-te desculpa, meu querido amigo, disse-me elle, de haver talvez offendido os teus convidados.

Não tive força em mim para resistir.

Homens, como aquelles, tão mediocres e tão pretenciosos, são inaturaveis para o meu genio e para a minha paciencia.

Nem percebo como tu, que és um delicado, pódes aturar taes sem-saborões, ao ponto de sujeitares o teu espirito tão fino a uns estupidos d'aquella especie.

Has de permittir que eu te apresente outra qualidade de homens; tenho empenho n'isso. Faze-me esta fineza.

—Com muito prazer, meu amigo, e para isso me fio eu perfeitamente no teu bom gôsto.

—Talentos superiores. Gente que entretêm, que tem idéas, que sabe conversar, que tem julgamento, que tem opinião sua, que sabe vêr, apreciar e pensar.

Vou já buscal-os a uma casa onde estão a beber: vou n'um pulo, antes que me escapem. Esperas?

Deixou-me tão depressa me disse isto, e, á noite, á hora da ceia, voltou acompanhado de seis auctores, —só seis—de que me fez apresentação, uns atraz dos outros, com grandes cantatas encomiasticas aos talentos de todos elles.

A acreditar no que elle dizia, teria de considerar aquelles engenhos muito acima dos da Grecia e da Italia.

Até chegou a affiançar-me, que, as obras d'elles, mereciam ser impressas em lettras de ouro.

Recebi os sujeitos com mil attenções, porque não ha figurões mais vaidosos e que mais se julguem chamados á gloria do que são os poetas.

Apesar de não haver recommendado ao Scipião que se não descuidasse de superintender em que a ceia fôsse digna da qualidade de gente a quem tinhamos de obsequiar, logo elle viu ser caso para fartura, e armou o festim com profusão de regalar a vista.

Sentámos-nos, por fim, á mesa, alegremente.

Os poetas principiaram logo a falar de si proprios e a attribuirem-se altos meritos.

Citava um, jactancioso, a impressão vivissima que os seus versos produziam em fulanos, duques e marquezes, e nas senhoras em geral.

Outro vituperava a recente eleição da Academia, por lhe haver preferido a elle dois outros litteratos; ponderando, modestamente, o quanto mais e mais elle estava no caso de dever ser o eleito.

Com egual presumpção de merecimentos vastos iam discorrendo os outros luminarias.

Comiam, comiam, e massavam-me com versos e trechos das obras de cada um d'elles.

Leu, um, o seu soneto.

Outro, declamou uma scena tragica.

Este, fez leitura da critica de uma peça.

O quarto, sahiu-se com uma ode de Anacreonte, desalinhavadamente traduzida; e, porque um dos collegas presentes tomasse a liberdade de dirigir-lhe uma advertencia, logo elle respingou, enfeitando-se de prozapias, n'uma contenda em que entraram de palra e grita todos aquelles outros superiores engenhos, saltando do argumento á injuria, e largando á murraça uns aos outros.

Ahi nos entremettemos nós na lucta, o Fabricio, o Scipião, os creados e eu, para os separarmos; sahindo de minha casa aquella sucia como se fôra da taberna. Nenhum se deu sequer ao incommodo de me pedir desculpa.

O Nunes ficou attonito.

—Frescos convidados...! disse-lhe eu. Tanto por tanto, prefiro os paspalhões que cá vêm a casa, ouves, ó Nunes! Agora, meu rico, de litteratos não me fales mais. Fiquei farto.

—Não te apresentarei mais nenhum, pódes estar descançado; tanto mais, que, estes, são dos primeiros, são os melhores.

CAPITULO X

CORROMPEM-SE NA CÔRTE OS COSTUMES DE GIL BRAZ; ENCARGO QUE LHE DEU O CONDE DE LEMOS; INTRIGA EM QUE OS DOIS SE ENVOLVERAM

Duas classes de pessoas me enchiam a casa todas as manhãs.

Umas, offerecendo-me dinheiro para lhes alcançar bom resultado a varias petições, outras a supplicarem-me que as attendesse e lhes alcançasse feliz despacho de graça e depressa.

As primeiras, sempre foram mais bem servidas. Pudéra! Com as segundas, desculpava-me conforme pudesse, ou ia entretendo o tempo até ellas de todo perderem a paciencia.

Antes de me apanhar de poleiro, era caritativo, passava o meu tempo a procurar para os outros, mas, as posições elevadas curam o homem de fraquezas d'essas.

Tornei-me de animo duro como uma pedreneira, e os meus affectos nunca mais foram d'aquelles a quem até ahi os dera.

Com o José Navarro succedeu-me esta, por exemplo. O José Navarro, que era, a bem considerarmos, causa primordial da minha fortuna, appareceu n'um dia em minha casa, e com os modos affectuosos com que sempre me tratava, rogou-me que pedisse ao duque de Lerma certo emprego para um dos seus amigos, moço de prestimo e que precisava ganhar o pão.

—Fazendo-me este favor, serve um homem digno e exerce os sentimentos piedosos do seu bom coração! disse-me elle.

Já se deixava perceber, que não lucraria nada.

—Basta você interessar-se pelo homem! retorqui. Que melhor recommendação poderia elle ter? Está servido. Vá com Deus, e conte com o emprego, meu caro.

Faça de conta que já está despachado o seu protegido; diga-lhe isto.

É um empenho que contraio commigo mesmo, e não para com a pessoa do meu amigo.

Foi-se o José com estas affirmativas contentissimo da sua vida:—mas, ahi é que bate o ponto, o recommendado d'elle ficou sem o emprego; vi-me obrigado a dal-o a outro, por mil ducados, que metti na gaveta.

Fizeram-me mais arranjo, do que agradecimentos e abraços.

Disse-lhe depois:

—Querido Navarro, o meu amigo falou tarde, d'aquella sua pretenção.

Já o Calderon se antecipára.

O emprego estava promettido. Não faz idéa, da mágua, que isto me deu!

Julgou o José que eu lhe falava de coração nas mãos e ficámos mais amigos do que nunca. Supponho, porém, que, mais tarde, veiu a saber a verdade; porque, nunca mais tornou a pôr os pés em minha casa.

Ainda em cima, estimei: para falarmos com franqueza. Pesava-me dever-

lhe favores, e, a sua posição de reposteiro, fazia com que elle não estivesse no caso de se dar commigo, attenta a categoria em que eu me achava.

Voltemos ao conde de Lemos, de quem tenho estado sem falar ha tempo.

Visitava-o varias vezes. Levára-lhe os mil dobrões, e mais outros mil, por ordem do tio; do dinheiro de sua excellencia que estava em meu poder.

O conde abriu-se commigo n'esse dia, declarou-me que estava sendo o unico confidente do principe; que lográra todos os seus intentos: e que era chegada a hora de metter hombros á obra.

—Vá, Santilhana; agora, é não perder tempo. Descobre-me por ahi alguma beldade, que enfeitice o principe.

Trata-me d'isso; sem querermos saber de mais nada. Arma laço e redes...

Vae-te á caça, anda! Levanta-a, fal-a cahir, apanha-a...

Pé leve, e vista de lynce! Despacha! Em descobrindo alguma cousa, corre a dar-me aviso benéfico, qual deusa á caça usada!

Prommetti ao conde desempenhar-me, o melhor que coubesse na diligencia humana, d'este assumpto, que não deveria ser difficil, visto haver tanta gente que d'elle se occupa com acceitação.

Não estava eu muito habituado áquelle genero de averiguações, mas a confiança absoluta que Scipião me inspirava, devia justificar-se mais uma vez, chamado que fôsse o seu engenho para tal materia.

—Temos bico de obra! disse eu ao Scipião. A fortuna a ajudar-me como sabes, e grandes difficuldades a erguerem-se inesperadamente em pontos que me apanham, como a gente diz, descalço!

—Já estou a adivinhar tudo! acudiu o melro. Precisa de uma menina que lhe queira bem. Nada mais justo. Nem é de maravilhar, que, na flor de seus dias, não tenha d'isso o sr. Gil Braz, ao passo que, tantos velhos rebis-velhos, não podem ou não querem passar sem tal prenda.

—Muito esperto és, diabo! Muita sagacidade tens!

Pois, é isso!

É isso mesmo, que dizes, maganão!

Preciso de uma dama, e que venha da tua mão e escólha.

Para imcumbencias d'estas, toda a delicadeza é pouca!

Quero pessoinha linda e de bons costumes.

Elle, sorriu-se.

— Não se acha, d'isso, a cada canto. É mais raro do que poderá figurar-se... O que vale, é, que, em terras grandes, ha de tudo!

Dizem que ha de tudo! Talvez isso tambem se encontre... E em havendo boa busca... Emfim, vamos a vêr!

Effectivamente, passados tres dias, disse-me elle:

— Descobri thesouro!

Uma joiasinha chamada Catharina, formosa, de boa familia, vivendo á sombra de uma tia, n'uma casinha modesta, onde ambas, coitadinhas, conseguem viver de alguma cousa que vão comendo, o que provavelmente, não ha de ser muito, porque, os seus rendimentos para pouco hão de chegar! Santas senhoras.

A creada que as serve affiança-me, que, comquanto ellas nunca hajam dado entrada a ninguem, talvez se pudesse dar uma volta a esse rigorismo em caso especialissimo de que alguma pessoa rica e de graduação, que não désse escandalo, entrasse em sua casa de noite e com todo o segredo.

Logo eu lhe fiz a pintura da sua estimavel pessoa, e a creadita ficou de ir ámanhã encontrar-se commigo a um sitio ermo, para me trazer a resposta.

— Isso seria bem bom, mas não te engane ella!

— Não, que eu não me deixo enganar assim.

Já tirei informações da vizinhança, e estou inteirado do negocio.

A Catharina, é, como se quer. Não se póde desejar mais.

Vae ser alli o Jupiter d'aquella Danae...

Mediante, já se vê, uma chuva... de dobrões.

Não quiz recusar a offerta; e porque a creada no dia immediato dissesse ao Scipião que ficava auctorisado a apresentar-me n'aquella mesma noite

em casa de suas amas, das onze horas para a meia noite, alli me dirigi com mil cautelas e no maior sigillo.

Recebeu-me a creada ás escuras, e levou-me pela mão a uma sala, muito decente, onde estavam duas senhoras, bem vestidas, commodamente repimpadas em almofadões.

Puzeram-se de pé quando eu entrei, e cumprimentaram-me com tanta distincção, que me pareceram senhoras de educação primorosa.

A tia, D. Mencia chamada, não era mal parecida, mas não attrahiu as minhas attenções.

Offuscava-me a sobrinha.

Pareceu-me uma deusa.

Comquanto n'um exame rigoroso não podesse ser considerada perfeita e correcta a sua formosura, taes graças tinha, e respirava d'ella uma tal voluptuosidade, que ficavam imperceptiveis quaesquer defeitos.

O encanto em que fiquei foi de tal ordem que me esqueci de que estava n'aquella casa como procurador e emissario...

Larguei a falar em meu proprio nome, mostrando-me cada vez mais apaixonado.

As respostas d'ella pareciam-me musica, e encantavam-me ainda muito mais.

Principiava a entontecer, quando a tia, por um sentimento de moderação, me dirigiu a palavra:

—Vou falar francamente a vossa senhoria.

Apesar do bem que tenho ouvido dizer a seu respeito, e que me levou a dar-lhe entrada na minha casa, nem por isso considere o senhor Santilhana estar mais adeantado.

Minha sobrinha é uma menina que tem sido creada no maior recato, e é vossa senhoria o primeiro cavalheiro que lhe eu apresento.

Se a julga digna de ser sua esposa, muito gôsto terei em que ella alcance tão distincta honra.

É deitar-lhe os calculos, senhor Santilhana.

Se a menina lhe convem por este preço, vamos bem.

Por outro qualquer, não a alcançará.

Este tiro á queima roupa afugentou o amor que já ia a disparar-me a flecha.

Cahindo de repente em mim, e voltando a ser o fiel agente do conde de Lemos, mudei de tom, e respondi á senhora Mencia.

—A sinceridade a mim tambem me agrada muito, minha senhora.

Vou ser franco.

Comquanto eu tenha na côrte uma posição distincta, não basta isso para merecer Catharina.

Melhor partido lhe reservo; mais luzido e brilhante!

Destino-a ao principe de Hespanha.

A tia respondeu-me friamente:

—Não admitto gracejos, quando se trate de minha sobrinha.

—Nada de gracejos, exclamei! Estou falando sério.

Ordens me foram dadas, para procurar uma pessoa de merito a quem o principe de Hespanha possa honrar com as suas visitas; e em sua casa, minha senhora, encontrei o que procurava.

D. Mencia ficou surprehendida, e, pelos modos, muito agradada, segundo me pareceu.

Entendendo, porém, que cumpria affectar a maior reserva, respondeu-me n'estes termos:

—Ainda que eu tomasse ao pé da lettra o que vossa senhoria me diz, convem saber que o meu caracter não é propenso a tirar vaidades de pontos em que perigue o decóro.

—Virtuosa simplicidade! interrompi.

Não me olhe para assumptos d'estes n'um ponto de vista moral. Isso é tirar-lhes a graça. Veja-os á luz da seducção. O deslumbramento é tudo n'esta vida.

A ventura é fugace; aproveitêmol-a em quanto dura, já que dizem que dura pouco.

Esse seu pensar sereno, é da comesinha aldeia.

Não são para a cidade taes escrupulos.

Considere, minha senhora, aos pés da ditosa Catharina, o herdeiro da monarchia, a adoral-a, a enriquecêl-a de dadivas, e pense que porventura um dia possa nascer d'ella um heroe, que immortalise o nome da mãe com o seu proprio nome.

Fingiu-se vacillante a tia; e Catharina, em ancias desde logo por possuir o principe, apparentou a maior indifferença, obrigando-me a novos argumentos, e successivos ataques para tomar a praça, até que a Mencia, com medo de que me eu cançasse e levantasse o sitio, tocou á chamada e entrámos em capitulação.

Os artigos foram os seguintes:

Primeiro:

Que a dar-se o caso de que, mediante as minhas informações com respeito ás graças de Catharina, o principe se agradasse d'ella e se resolvesse a honral-a com uma visita nocturna, eu avisaria essas senhoras, de qual a noite e a hora em que a visita devesse realisar-se.

Segundo:

Que haveria de entrar o principe em casa das dictas senhoras como qualquer amante, o mais secretamente possivel, e acompanhado apenas por mim e pelo seu confidente.

Celebrado este convenio, principiaram tia e sobrinha a tratar-me familiarmente, e eu a deitar os bracinhos de fóra, abraçando-nos á despedida uns aos outros e dando beijinhos de meigo affecto.

Teve o conde de Lemos grande satisfação, quando lhe eu disse que fizera uma descoberta estupenda.

Falei-lhe em taes termos da Catharina, que logo se incendiou em desejo de a vêr quanto antes.

Na noite immediata alli o conduzi. Ficou pelo beiço. Teceu-lhe os maiores elogios, e deu-lhes a sua palavra de que d'alli a dias lá teriam em casa o generoso principe, tudo á sucapa, sem acompanhamento e sem ruido, como era o desejo d'ellas.

Despedimos-nos; mettemos-nos na carruagem que estava á nossa espera no fim da rua, e fomos para minha casa.

—Conta isto tudo ao meu tio, bem contadinho, por maneira que elle aprecie devidamente este principio de aventura. Não te esqueças, hein! E pede-lhe que faça favor de me mandar mil dobrões para levar isto por deante com a decencia conveniente.

No dia immediato, fui effectivamente dar resenha exactissima ao duque de Lerma de tudo que se havia passado, calando, por conveniencia, a parte que o Scipião tivera no negocio, para poder eu passar como auctor do descobrimento...

O descobrimento de Catharina!

Para os grandes, de tudo se faz alarme em meritos.

Fôra eu que descobrira a pequena! É a praxe.

E o caso é que m'o agradeceram a valer.

—Senhor Gil Braz, disse-me o ministro, de galhofa; talento até ahi! Não extranhe que em eu precisando de alguma conquista, o impulse a si para me acudir!

Respondi-lhe no mesmo tom:

—Agradeço a preferencia.

Permitta-me, porém, o dizer-lhe que sempre poria escrupulo em proporcionar a vossa excellencia esta qualidade de recreios, porque me consta que de ha muito tempo esteja de posse d'esse emprego o senhor D. Rodrigo.

Sorriu-se o duque da minha resposta, e mudando de conversação, perguntou-me se o sobrinho pedia dinheiro para aquella empresa.

—Mil perdões, retorqui. O sobrinho de vossa excellencia, pede mil dobrões.

— É levar-lh'os, respondeu o ministro. E nada de economias. Gaste o que quizer, na certeza de que eu applaudo todos os gastos, com tanto que, d'elles, resulte gôsto para sua alteza.

CAPITULO XI

VISITA SECRETA; PRESENTES QUE O PRINCIPE FEZ A CATHARINA

Puz-me a caminho com os mil dobrões para o conde de Lemos.

—Não podias vir mais a proposito! me disse elle.

Falei com o principe.

Está impaciente por sahir esta noite do palacio, em segredo, e ir a casa da Catharina.

Está tudo preparado.

Vae tu dizer isto mesmo ás senhoras, e dá-lhes o dinheiro que trazes para mim.

Explica-lhes bem que isto é caso grande, e que os presentes dos principes costumam sempre ir adeante de seus galanteios.

Visto teres de ir commigo, convem que estejas no palacio esta noite á hora de sua alteza se deitar.

A tua carruagem é melhor para isto. Que esteja perto do palacio ahi pela meia noite.

Quando cheguei a casa das mulheres, disseram-me que Catharina estava deitada. Falei com a Mencia.

Queira desculpar vir eu de dia á sua casa, mas cumpre avisal-a de que o principe tenciona visital-a esta noite. Manda-lhe esta lembrança. Simples offerenda ao templo de Citerea, para que as deidades lhe sejam propicias.

Que tal!

Sou amiguinho ou não?

O que se diz?

—Muito e muito obrigada, respondeu.

Ó senhor de Santilhana, diga-me cá uma cousa: gosta de musica, o principe?

—Morre por isso.

—Uma voz bonita com acompanhamento de alaúde...

—Vae ficar doido com isso!...

Ella satisfeitissima:

—Ai, que gôsto!

A minha sobrinha é um rouxinol. E a tocar alaúde, não lhe digo nada, e a dançar, Jesus Maria! a dançar!...

—Que de habilidades, tiasinha!

Bastaria uma só prenda, d'essas, uma só!

Assim dispostas as cousas, esperei que fôssem horas do principe se deitar.

Expliquei-me com o cocheiro: indo em seguida encontrar-me com o conde de Lemos, que me deu a noticia de que o principe ía fingir que estava doente, e metter-se na cama, a fim de se levantar d'ahi a uma hora, e sahir, por uma escada que ía dar aos pateos.

Fui collocar-me de sentinella, n'um sitio por onde deveriam passar.

Já estava farto de esperar por elles, quando me appareceram.

Entraram ambos para a minha carruagem. Fui ao lado do cocheiro.

A cincoenta passos da casa das mulheres, mandei parar o trem.

Dei a mão ao principe e ao seu companheiro, para os ajudar a apear, e fomos todos tres para a tal casa.

Assim que chegámos, abriram-nos logo a porta. Depois, outra vez a fecharam devagarinho.

Encontramos-nos na mesma escuridão em que eu me achára da primeira vez. Havia apenas na parede uma lanterninha, que não alumiava nada.

A aventura, assim, ainda tinha mais graça para o heroe, que ficou surprehendido, quando viu as senhoras, na sala, soberbamente illuminada.

Apresentaram-se, tia e sobrinha, vestidas graciosamente.

Se o principe não tivera por onde escolher, contentar-se-ia com a Mencia; a Catharina, porém, era mais moça e teve a preferencia.

O conde disse-lhe:

—Creio que não poderiamos proporcionar a vossa alteza mais gentis pessoas.

—Vejo que não ha remedio aqui, senão deixar preso o coração; se a sobrinha o não prender, prende-o a tia.

Mil cumprimentos deliciosos...

—E como a menina canta! E o que ella toca de bem! disse eu ao principe, mettendo-me na conversação, para seguir o costume, usado pelos honestos figurões da côrte, quando são dos que exercem aquelle officio de que eu me estava desempenhando tão distinctamente. E Catharina tocou e cantou com tal expressão e tal mimo, que o principe cahiu a seus pés como que louco de amor e de felicidade.

A dôce embriaguez em que se extasiou o herdeiro da monarchia, fez com que as horas lhe parecessem rapidas como os instantes do céo.

Tivemos de o arrancar d'aquella perigosa casa, quando já ia quasi a ser dia.

Acompanhado ao palacio pelos cavalheiros agentes, que o deixaram nos

QUE O PRINCIPE CAHIU A SEUS PÉS COMO QUE LOUCO DE AMOR E DE FELICIDADE

reaes aposentos e voltaram para suas casas, tão ufanos de o haverem levado a uma aventureira como se o houvessem casado com uma princeza, lá foi o principe fazer o seu somninho descançado.

Dizia-me, na manhã immediata, o conde de Lemos, quando lhe contei tudo:

—O principe de Hespanha não quer saber de mais nada e de mais ninguem senão da Catharina.

Quereria mandar-lhe hoje dois mil dobrões em joias, mas diz-me que não tem dinheiro, e pede-me para que lh'o alcance.

—Bem sei que te estou sendo pesado, meu estimado Lemos, mas a minha gratidão, se, um dia, puder patentear-t'a qual a sinto, fará com que não te arrependas de me haveres servido.

Assim me falou.

E eu:

—Principe, respondi-lhe, tenho amigos e tenho credito; vou procurar sem demora o que vossa alteza deseja...

E o duque disse então a seu sobrinho:

—Não é difficil satisfazer-lhe o empenho. O Santilhana logo lhe trará esse dinheiro, ou póde, elle mesmo, comprar as joias, visto ser entendido em pedrarias, e em rubis especialmente.

Não é como digo, Gil Braz?

— Vossa excellencia está a desfructar o seu humilde servo...

O duque riu-se.

—É porque o Santilhana, explicou elle ao sobrinho, quiz de uma vez trocar um diamante por um rubi, e não se deu bem!

Referiu em seguida a historia da Camilla e do D. Rafael, e depois de muita gargalhada, mandou-me acompanhar o conde de Lemos a uma ourivesaria.

Alli escolhemos as joias, e fomos mostral-as ao principe.

Dignou-se sua alteza confial-as de mim para que as entregasse a Catha-

rina: e fui depois a minha casa buscar os dois mil dobrões do duque, para as pagar.

Quando a tia e a sobrinha viram os brincos de brilhantes com os bellos pingentinhos, a alegria d'aquellas mulheres foi tal, que me deram a conhecer quem eram, por não poderem fingir mais.

Pelas palavras que lhes escaparam, percebi então que não passava de uma velhaquèta a sujeita que eu havia proporcionado ao filho do nosso grande monarcha; velhaquèta agradavel, ainda assim, *picara* de feição, agadanhadôra esperta é magana, tractante de officio.

Quem haveria de poder tirar-me isso a limpo, seria o Scipião.

Corri, a ter com elle uma conferencia.

CAPITULO XII

QUEM ERA CATHARINA; PERPLEXIDADE DE GIL BRAZ; PRECAUÇÕES QUE TOMOU

UVINDO um grande motim quando entrei em casa, disseram-me que o Scipião estava a cear com uns amigos seus.

Cantavam e riam por maneira que logo se percebesse não ser aquelle banquete o dos sete sabios.

Quando me ouviram os passos, disse o Scipião:

— Não é nada, é o patrão. Podem continuar a divertir-se. Vou alli dizer-lhe duas palavras, e volto já.

— Que diabo de gritaria é esta? disse eu. São poetas?

— Não faltava mais nada se não dar do seu ninho a semelhante gente. É outra qualidade de gente.

Entre os convidados ha um mocinho muito rico, que pretende ser empre-

gado por dinheiro. A cada trago que bebe, augmenta dez dobrões no que nos ha de tocar.

— Então vae para lá, e deita-lhe mais vinho.

Entendi não ser occasião opportuna para falar de Catharina; deixei isso para a manhã immediata, quando me levantasse, e fiz da maneira seguinte.

— Ó Scipião, entre nós não ha segredos; trato-te como meu amigo, não haverás de me enganar como a teu amo. Que caso pedem aquellas duas mulheres que me déste a conhecer?

Cuido, para lhes fazer justiça, não ter o principe grandes razões de me estar agradecido; porque, já t'o confesso, foi para elle que eu quiz a pecora. Levei-o a casa da Catharina, e elle ficou encantado com ella.

— Com franqueza; eu hontem estive a conversar a sós com a creada d'estas nymphas que me contou a historia, e é bem divertida.

Pelos modos é filha de um fidalguito aragonez, essa Catharina.

Orphã aos quinze annos, e tão pobre como bonita, cahiu na tolice de dar ouvidos a um commendador velho que pregou com ella em Toledo e lá morreu passados seis mezes, depois de lhe haver servido de pae mais que de esposo.

Deixou-lhe elle alguma cousa; bagatela; tarecos de mobilia, roupa e tresentos dobrões em dinheiro.

Levou ella aquillo tudo comsigo, e foi viver com a Mencia, que estava ainda boa, áquelle tempo, ainda que já madura.

Deu-lhe na veneta á policia, por causa do comportamento que ellas tinham, tomar conhecimento com estas damas, e, não podendo ellas levarem isso á paciencia, sahiram promptamente de Toledo e vieram morar para Madrid.

Aqui vivem ha dois annos sem se darem de relações com a vizinhança.

O melhor da historia, é o que vae ouvir agora:

Alugaram duas casas, separadas apenas por um tabique, e que têem communicação pela escada do sotão.

N'uma assiste a Mencia com uma creada rapariga, e na outra a viuva do commendador com uma velha que passa por sua avó.

De modo que, a nossa aragoneza, ora é pupilla ora é neta, conforme lhe convem apresentar-se.

Quando faz de sobrinha, chama-se Catharina, e quando faz de neta, chama-se Sereia.

Logo que ouvi o nome de Sereia:

—Que dizes? interrompi, assustado.

Falaste em Sereia? Não seja essa maldita aragoneza a amante do Calderon!?

—Em pessoa! Sim, senhor!

Ella mesmo é que é.

Cuidei que lhe dava gôsto com esta noticia.

—Não me dás gôsto nenhum. Pois não prevês as consequencias que d'isso me podem resultar?

—Que mal póde vir d'ahi?

D. Rodrigo não adivinha.

E, se lhe parece melhor, previna o ministro, contando-lhe a cousa singelamente.

Logo elle conhecerá a sua boa fé, e ainda que o Calderon queira indispôl-o com o duque, logo elle perceberá que é por vingança.

Segui o conselho.

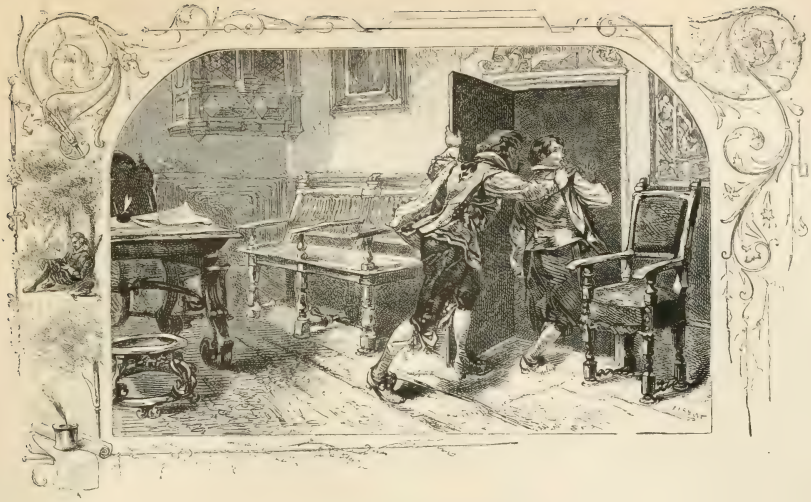
Informei da descoberta o duque de Lerma, mostrando-me triste por haver dado ao principe a amante do D. Rodrigo.

O ministro riu-se.

—Deixa. Isso para o Calderon é uma gloria. Gostar o principe da mesma mulher de quem elle gosta! Que honra!

Dei egual aviso ao conde de Lemos, que prometteu proteger-me, se o primeiro secretario viesse a descobrir a intriga e quizesse alhear-me as boas graças do duque.

Cuidei salvar assim o meu barquinho, e continuei a acompanhar o principe a casa da Catharina ou da Sereia, a qual tinha sempre a habilidade de achar pretextos para pôr fóra de casa o D. Rodrigo nas noites que precisasse dedicar ao seu illustre rival.



CAPITULO XIII

CONTINUA GIL BRAZ NO SEU PAPEL DE HOMEM IMPORTANTE; CHEGAM-LHE NOTICIAS DA FAMILIA: DESAGUISADO COM O FABRICIO

Todas as manhãs havia enchente nas minhas ante-salas, como já disse.

Aos pretendentes, porém, explicava eu sempre:

—Diga-me isso por escripto.

Um memorial!

Traga um memorial.

Costumei-me tanto a dizer isso, que o disse uma vez ao senhorio, indo elle buscar-me a renda da casa.

—Traga memorial, traga memorial.

O Scipião, macaqueando sempre tudo o que eu fazia, tinha as mesmas falas para os que invocavam o seu valimento.

Outra balda que tomei, foi a de falar das pessoas grandes como se eu fôsse da sua mesma esphera.

Para citar o duque de Alba, o duque de Ossuna ou o de Medina-Sidonia dizia:

—O Alba!

O Ossuna!

O Medina-Sidonia!

Dava-me a asneira para já não ser filho de meus paes.

Coitada d'ella, da minha pobre mãe, creada de servir; e do pobre escudeiro, meu pae; nem já pensava em querer saber do que fôsse feito d'elles.

A côrte tem prendas do rio Lethes, faz esquecer dos parentes e dos amigos em sendo pobres.

Quando eu menos pensava em tal cousa, appareceu-me em casa um rapaz e disse-me:

—Senhor Gil Braz, como tem passado? Já me não conhece?

Sou da sua terra.

Sou lá de Oviedo.

Filho do Beltrão Moscada, da mercearia, no predio onde mora o seu tio conego, sabe?

Eu, do senhor, ainda estou muito lembrado.

Tantas vezes jogámos a cabra cega!

—Sim, póde ser; já pouco me recordo d'essas brincadeiras de quando era pequeno. Tenho tido mais em que pensar.

—Venho a Madrid, disse o rapaz, para ajustar contas com o correspondente de meu pae.

Ouvi dizer que o senhor Gil Braz está muito bem estabelecido, e não só rico, mas poderoso. Estimo, estimo... E agora, em voltando, darei na nossa terra essa boa nova, que ha de alegrar a sua familia.

Perguntei-lhe então como ia por lá a minha gente, o meu pae, a minha mãe e o meu tio...

Friamente, porém; sem o tal calor, tão falado, da voz do sangue; ao ponto, que, o rapaz, rude e franco:

— Cuidei que o senhor tivesse mais amor aos seus! me disse desabridamente.

Fique sabendo que seu pae e a senhora sua mãe continuam em creados de servir, e que o seu bom tio conego, velhinho e doente, está á espera, a bem dizer, todos os dias, que Deus o chame.

Bom coração é que se quer.

Já que o senhor tem bastante de seu, bem poderia lembrar-se de soccorrer a sua familia.

Se lhe enviasse todos os annos uns cem dobrões, ajudava-a a viver, sem que isso a vocemecê lhe fizesse falta.

Em vez de me enternecer, irritou-me a sinceridade d'elle.

Permaneci calado.

O rapazinho doeu-se d'isso e foi continuando nas suas exortações.

Por fim, perdendo a paciencia:

— Olá! gritei-lhe. Vá você á cata do correspondente de seu pae, e não se entremetta nos negocios alheios. Vejam o figurilho! Quem é você, para vir ensinar-me os meus deveres? Sei muito bem o que me cumpre fazer; não lhe admitto atrevimentos.

Dicto isto, empurrei-o pela porta fóra, para poder ir mais depressa para Oviedo vender cravo e pimenta.

Depois, fiquei reflexionando no que elle me havia dicto; e, envergonhado de ser mau filho, entristeci.

Vieram-me á lembrança os cuidados, a ternura immensa que os meus pobres paes haviam tido commigo quando eu era pequeno... E o que tinham gasto, coitados! o que a minha educação lhes custára!

Tive por um momento saudades e uma gratidão infinita á amizade d'elles.

D'alli a nada, porém, não pensei mais n'isso; a verdade é esta. Já a ambição me mudára o genio.

O Fabricio disse-me de uma occasião:

— Estás outro, homem!

Desconheço-te.

Tão alegre eras, antes de vires para a côrte; tão sereno de animo, tão contente de ti e de tudo!

Agora, sempre inquieto... Todo tu és projectos... Quanto mais tens, mais queres... Nem já te deixas ir para commigo n'aquelle desafogar do coração, que é a mais dôce familiaridade e o encanto melhor da vida!

Em vez da amizade com que me tratavas, déste agora, como que apprehensivo, desconfiado, em teres segredos para mim; e cerimonias; e como que attenções forçadas...! Este Gil Braz, não é o Gil Braz meu amigo que eu tinha d'antes!

Respondi com frieza.

— Sou o mesmo, não ha differença nenhuma.

— Até os olhos te enganam!

Estás outro, pódes crêl-o:

Quando de manhã batia á tua porta, tu proprio corrias a abril-a; meio ainda a dormir, ás vezes: e entrava eu pelo teu quarto, como se fôsse o meu...

Agora, fazes-me esperar na ante sala, emquanto o creado vae e vem: é necessario mandar saber primeiro, se te posso falar!

Tratas-me depois como se fôras grande senhor.

A fria civilidade, a cerimonia glacial e arredia...

É como se as minhas visitas já te incommodem.

Não póde agradar tal procedimento, a quem foi teu companheiro; não me convem, não me serve.

Separêmos-nos em boa paz.

Assim te livras de um censor das tuas acções, e, me livro eu, de um pobre homem como tu, que não sabes ser rico. Que o não sabes, não, coitado!

Fiquei furioso, e deixei-o ir.

Não se perdia grande fortuna, com o perder amizades de poetas!

Haveria de affligir-me por isso, eu!

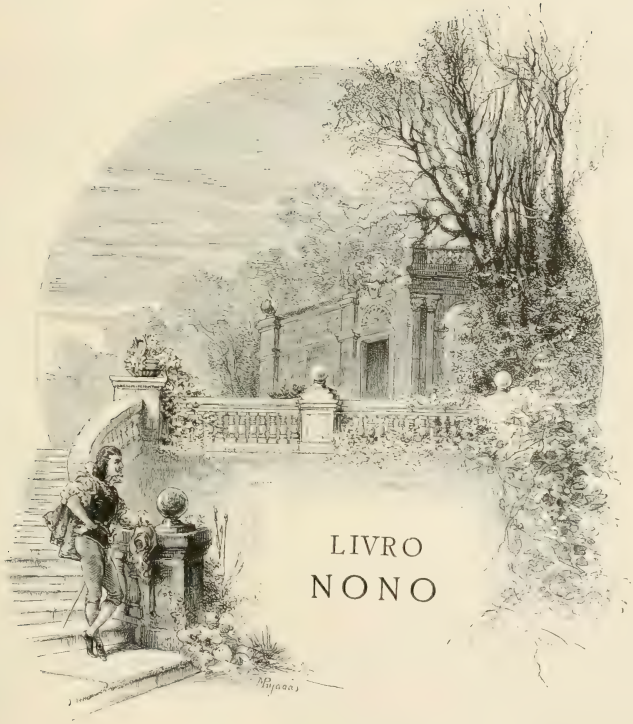
Novos conhecimentos, de empregados do palacio, gente que ninguem sabia de onde tinha vindo, que por artes de empenhos se haviam encontrado anichados, me consolaram facilmente do curioso revez de me haver o Fabricio voltado as costas.

Uns patetas filauciosos, que se tinham todos em grande conta e attribuiam aos seus altos meritos o acharem-se em taes alturas, sem já se lembrarem de quem fôssem e houvessem sido, como a mim me succedia.

Consideravamos-nos personagens respeitaveis.

E é a estes e outros que a fortuna ajuda, pela maior parte das vezes!

Por isso o Epitecto te compara, ó Fortuna, a uma donzella nobre que anda de amores com lacaios!



LIVRO NONO

CAPITULO I

QUER SCIPIÃO FAZER CASAMENTO A GIL BRAZ COM A FILHA DO SEU AFAMADO OURIVES, PASSOS QUE PARA ISSE FIM SE DERAM

N'UMA certa noite, depois de se retirarem os amigos que haviam ceado em minha casa, fiquei eu a sós com o Scipião.

—Então que é feito, seu Scipião?!

Que tal passou o dia?

Ha alguma cousa de novo?

—Novidade mestra! Uma novidade bonissima.

—Olé!

—Resolvi fazer-lhe casamento com a filha viuva de um ourives, meu conhecido.

—A mim?

—Pois!

Com a filha de um ourives! exclamei com ar desdenhoso.

Não estás bom da cabeça.

Homem de talentos levantados, e em bom pé na côrte, cuido poder ter maiores aspirações...

— Deixe-se de contos! replicou Scipião. O homem é que ennobrece a mulher. Nunca baixa até ella; levanta-a até a si. Não queira entender mais do que tal e tal gentil-homem de raça, que bem poderia citar-lhe agora.

Sabe que, de mais a mais, é partido para cem mil ducados, pelo menos?

Mudei logo de tom.

— És a perola dos secretarios!

Estou pelo que me dizes, amigo, até parecem musica no meu ouvido, as tuas palavras. Já agora, saibâmos: quando hei de recebêl-a, á frente do altar?

— Devagarinho... Roma não se fez n'um dia. Primeiro hei de eu falar com o pae, e tratar de o resolver. Então não querem vêr isto! Não seria mais nada, senão... Paciencia, um boccadinho de paciencia, se faz favor...!

— Bem! respondi, a rir. Entretanto não vamos a adormecer sobre o projecto. Ávante! Se vir que o caso...

— Está a caminho, e bem figurado.

Deixe-me conversar o ourives, ahi uma hora ou hora e meia...

O que é preciso, é entendermos-nos; ajuste faz lei. Uma supposição: fazendo eu com que receba cem mil ducados, quanto ha de tocar-me a mim?

— Vinte mil, respondi.

— Dez mil era o que eu calculava. Vê!

A sua nobre pessoa é metade mais generosa do que eu; generoso e meio. Pois, mil vezes bem; empregarei n'esta negociação todo o esforço do meu engenho. Attenção; recolha o seu espirito, e conte commigo, ou mudado seja eu em burro!

Passados dois dias, disse-me:

— Lá falei com o senhor Gabriel de Salero, pae da menina.

Tanto lhe engrandeci o seu prodigioso valimento, que logo deu ouvidos á proposta que lhe fiz, de que o acceitasse para genro. Agora, meu senhor, é fazer-lhe vêr com clareza que é valido do ministro, e a menina e os cem mil ducados estão-lhe na mão.

—Está feito. Outra cousa agora: a pequena que tal é?

Viste-a já?

Formosa?

— O dote é mais bonito.

Isto é, ella, para dizermos... Emfim, não mette medo. E demais, isso pouco importa.

—Não me dá cuidado algum. Nós outros, da côrte, casâmos por casar; basta que sejam bonitas as mulheres alheias.

Bem bonitas são de alguma vez, por acaso, as nossas...

Mas não fazemos caso d'isso. Até a nossa indifferença, ás vezes, nos traz castigo... menos mal merecido!

—Vamos ao resto!

—Ha resto?

—O senhor D. Gabriel convida-o para cear em sua casa esta noite, e combinámos que não haja o senhor Gil Braz de falar-lhe da menina nem do casamento.

Ceiam lá varios amigos, logistas, todos elles homens estabelecidos. É mais um convidado; e disse:

«Ámanhã então, virá elle cá cear.» O homem quer experimental-o, antes de ir mais por deante.

—Que experimente!

—O que se quer, é prudencia!

—Deixa!

Fui cear a casa do ourives, que me recebeu com uma familiaridade, que parecia de amigos antediluvianos; estava, como se diz, de cêra, capaz de se derreter ao sol.

Apresentou-me a sua mulher, a senhora Eugenia, e á menina Gabriella, sua filha.

Fiz-lhes muitos cumprimentos, muitos rapapés; e a rapariga não me pareceu feia; ou fôsse por estar bem vestida, ou porque eu a visse através do dote... Não me pareceu feia.

E que magnifica vivenda, a do senhor D. Gabriel!

Nas minas do Perú não haverá mais prata do que havia alli!

Prata por todos os lados!

Prata de todos os feitios.

Cada sala era um thesouro. A de jantar sobretudo, ui! que espectaculo para olhos de genro!...

A fim de tornar de maior luzimento aquelle convivio, convidára, o socio, cinco ou seis ourives, pessoas grandes e enfadonhas, que não sabiam falar senão do commercio...

— O commercio... o commercio...

Parecia uma commissão de sabedores de anneis e brincos, uma conferencia de homens de porta aberta; uma ceia de amigos, é o que não parecia.

Na noite immediata, veiu o homem cear a minha casa.

Porque não pudesse deslumbral-o com a baixella, recorri a illusões de outra ordem.

Convidei a cear amigos meus, dos que na côrte faziam melhor figura, e que eu sabia serem de uma ambição desmedida.

Não falaram de outra cousa senão de grandezas e empregos lucrativos.

Um effeitarrão!

O D. Gabriel, aturdido do que ouvia, chegava a encolher-se como um modesto homunculo em comparação de taes gigantes.

Pela minha parte, affectando moderação, fui dizendo que não me seduziam os bens da fortuna, e que uns vinte mil ducados de renda seriam o sufficiente para eu viver contente.

Não me deram razão aquelles famintos de honrarias e de haveres.

APRESENTOU-ME A SUA MULHER, A SENHORA D. GENIA E A MENINA — CHEGUEI NA HORA

Extranharam até, que sendo eu tão querido do ministro, me contentasse com tão pouco.

Não perdeu o sogro nem uma só d'estas palavras, e retirou-se satisfeitissimo, ao que me pareceu.

Na manhã immediata, o Scipião a contas com elle, a perguntar-lhe que impressão lhe havia deixado a minha pessoa.

—Gostei d'elle, respondeu Salero.

É agradavel moço. Defeitos, já se vê, alguns tem, mas é agradavel a valer.

Qual é o defeito d'elle, ó Scipião?

Com franqueza, isto aqui entre amigos; vocemecê conhece-me ha muito tempo... Qual é o defeito d'elle?

Todos nós... Não ha de ser elle o exceptuado! Tem muito bom modo, conversa bem, captiva... Mas ha de ter defeito...

Femieiro?

Jogador!

Sim, elle algum... Qual é o defeito?

—Essa agora é que eu não esperava, senhor Gabriel! respondeu o medianeiro.

Interesso-me mais por vocemecê do que pelo meu amo.

Se o homem tivesse defeito ou alguma propensão com que a senhora sua filha viesse a não se dar bem, tinha-o eu proposto para genro a vocemecê?

Ora, esta é fina.

Posso-lhe jurar n'umas horas...

Olhe que eu sou seu amigo como os que o são.

O defeito que o rapaz tem, é um só.

Não lhe conheço outro.

Quer saber qual é?

—Pois, quero.

—É não ter nenhum.

—Antes assim, respondeu o ourives.

D'isso gosto eu.

Pois olhe, póde vocemecê dar-lhe a certeza de que ha de ser d'elle a mão de minha filha, e lh'a havia de dar ainda que elle nem fôsse querido do ministro, nem o ministro soubesse sequer que elle existia.

Fui a casa do Salero agradecer-lhe a disposição favoravel em que se mostrava para commigo.

Já elle a esse tempo havia falado a tal respeito com a mulher e a filha, que me acolheram como quem me via com bons olhos.

Havendo préviamente pedido para esse fim, licença ao duque de Lerma, apresentei-lhe meu futuro sogro.

Recebeu-o sua excellencia affavelmente, e manifestou-lhe a satisfação em que estava de vêr que elle houvesse escolhido para genro um homem a quem tanto presava.

Fez depois o elogio das minhas qualidades, e tanto bem disse de mim que o bom homem Gabriel cuidou haver encontrado na minha pessoa o melhor partido de Hespanha, para sua filha.

Chorava de gôsto.

Abraçou-me, quando nos despedimos, e disse-me:

—Estou tão impaciente de vêr-te marido de Gabriella, que dentro de oito dias o serás, se Deus quizer.

CAPITULO II

PORQUE ACASO SE LEMBROU GIL BRAZ DE D. AFFONSO DE LEIVA E DO SERVIÇO QUE POR VAIDADE LHE PRESTOU

DEIXEMOS n'este ponto o meu casamento, uma vez que a ordem da minha historia assim o requer, com o exigir-me que refira o serviço que prestei ao meu antigo amo D. Affonso.

Já me não lembrava de semelhante homem, e agora direi qual o motivo por que tornasse a lembrar-me d'elle.

Vagou por aquelle tempo o governo da cidade de Valencia, e havendo eu sabido isso, pensei em D. Affonso de Leiva. Entendi convir-lhe esse emprego, e menos talvez por amizade que por ostentação, resolvi pedil-o para elle, na idéa de que, se lograsse obtel-o, isso me daria honra.

Dirigi-me ao duque de Lerma e contei-lhe que havia sido mordomo de

D. Cesar de Leiva e de seu filho, tendo grandes motivos de lhes ser grato; tão grandes, que, me levavam, a supplicar a sua excellencia dignar-se conceder a um d'elles o governo de Valencia.

Respondeu-me o ministro:

—Com muito gôsto, Gil Braz.

Nem tu bem calculas o que eu estimo que sejas por tal modo reconhecido e generoso.

Dá-se ainda a mais a circumstancia, de querer eu muito a essa familia.

Os Leivas são bons servidores d'el-rei e merecem de todo o ponto esse logar. Pódes dispôr d'elle a teu arbitrio; dou-t'o como presente de nupcias.

Corri alegrissimo a casa do Calderon, para que elle lavrasse o despacho para D. Affonso.

Alli estavam muitas pessoas aguardando reverentemente que D. Rodrigo lhes désse audiencia.

Cortei por entre aquella gente e apresentei-me á porta do gabinete, que me foi aberta, e onde encontrei não sei quantos commendadores, aos quaes Calderon ia ouvindo por sua ordem.

Era curiosissima a maneira sempre differente por que os recebia.

Simples meneio de cabeça a uns; grandes attenções para com outros!

Offendiam-se uns.

Os outros riam-se.

E eu a lembrar-me que fazia o mesmo na minha casa, e que tambem de mim haviam de pensar de egual modo.

Ao lobrigar-me D. Rodrigo, logo deixou precipitadamente um fidalgo com quem falava, e veiu abraçar-me com demonstrações de amizade que chegaram a surprehender-me.

—Se é impossivel, está feito. O que deseja o meu amigo?

Disse-lhe ao que ia.

Assegurou-me elle, o mais affectuosamente, que, no dia immediato, áquella mesma hora, estaria lavrado o despacho que eu solicitava.

Acompanhou-me até á porta da ante sala, o que jámais praticára a não ser com grandes fidalgos, e tornou a abraçar-me alli.

—Que virá isto a ser? scismava eu.

Quererá perder-me, ou pôr-me do seu lado?

No dia immediato, eguaes carinhos.

Pagou-se d'isso, verdade seja, com os encontròes absurdos que deu a outros pretendentes...

Mas ficaram vingados com o que aconteceu d'alli a nada,—licção terrivel a secretarios paparretas e paspalhões.

Acercando-se do Calderon um homem vestido modestamente, e que pelo trajo pouco inculcava, falou-lhe de um memorial que disse haver apresentado ao duque de Lerma.

O D. Rodrigo nem olhou para elle.

E até com aspereza, disse-lhe:

—Como é que você se chama?

—Quando eu era muito pequeno, respondeu-lhe o outro com serenidade, chamavam-me Frasquito; de então para cá tenho sido conhecido por D. Francisco de Zuniga, e hoje chamo-me conde de Pedrosa.

O Calderon ficou passado.

Na intenção de se desculpar, balbuciou:

—Queira vossa excellencia desculpar.

—Não preciso de desculpas, interrompeu Frasquito soberbamente.

Desprezo-as tanto como as suas grosserias.

O secretario do ministro deve receber todas as pessoas cortezmente, a não ser tão asno que se julgue substituto do amo, sem querer lembrar-se que não passa de creado.

Ficou mortificadissimo o D. Rodrigo; mas não teve emenda.

Quem lucrou com aquella passagem, fui eu.

Resolvi attender desde então ás pessoas com quem falava e não me fazer atrevido senão com os mudos.

Fui arrecadando o despacho de D. Affonso, e enviei-lh'o por um correio extraordinario com uma carta do duque de Lerma, em que sua excellencia o informava de que el-rei o havia nomeado para o governo de Valencia.

Não quiz eu escrever-lhe nem levar ao seu conhecimento a parte que tivera n'aquella nomeação, para poder ter o gôsto de dizer-lh'o verbalmente e proporcionar-lhe esta surpresa quando elle fôsse á côrte prestar juramento

CAPITULO III

DOS PREPARATIVOS QUE SE FIZERAM PARA O CASAMENTO DE GIL BRAZ, E DO GRANDE ACONTECIMENTO QUE OS INCELISOU

Voltemos a falar de minha formosa Gabriella. Fizeram-se grandes preparativos para o nosso casamento. Salero comprou um riquissimo enxoval, e eu tratei de escolher a aia para a bella, e, escudeiro e creado. Na vespera do dia ambicionado, ceei em casa de meu sogro, na companhia de tios, tias, primos e primas da minha noiva. Desempenhei perfeitamente o papel de genro hypocrita. Todo me desfiz em delicadezas para com o ourives e sua mulher. Estavam contentissimos todos por aquelle enlace, e deu-se alli um concerto menos mau. Era tanta a nossa alegria, que principiámos todos a dançar; Deus sabe, isso sim, com que primor! Passei por discipulo de Terpsichore, apesar de não entender

nada d'aquillo e de apenas ter tomado tres lições de dança em casa da marqueza de Chaves, que havia chamado um mestre para ensinar os pagens. Ao despedirmos-nos, de novo me mostrei prodigo de cortezias e de cumprimentos.

— Adeus, filho amado, disse-me Salero, abraçando-me. De manhã lá me terás em casa, a levar-te o dote em boa moeda de oiro.

— Sempre ás ordens, respondi eu; e, subindo para a carruagem que me estava esperando, fui para casa.

Haveria andado duzentos passos, quando nos cercaram o trem quinze ou vinte homens, uns a pé, outros a cavallo, armados de espadas e de carabinas.

— Da parte de el-rei! bradaram.

Obrigaram-me a apear e metteram-me n'uma carruagem. Subiu commigo o principal d'elles, e disse ao cocheiro que seguisse pela estrada de Segovia. Cuidei que levaria ao lado de mim algum figurão da policia; e, perguntando-lhe qual o motivo por que me levavam preso, respondeu-me, com o agrado com que esses sujeitos sempre costumam falar á gente, isto é, com especial brutalidade:

— Não tenho que lhe dar explicações!

Quiz sempre, pelas duvidas, advertil-o, de que talvez se equivocasse.

— Não ha equivoco; deixe ir o que vae. É o senhor Santilhana, e levo-o para onde tenho ordem de o levar. Vamos para deante!

Não tendo que replicar, calei-me. Caminhámos todo o resto da noite pela margem do Manzanares, sem darmos mais palavra. Em Colmenar mudámos de cavallos, e chegámos ao cahir da tarde a Segovia, onde fiquei preso na torre.

SUBIU COMMIGO O PRINCIPAL D'ELLES E DISSE AO COCHEIRO QUE SEGUISSE PELA ESTRADA DE SEGOVIA.

CAPITULO IV

DO MODO POR QUE GIL BRAZ FOI TRATADO NA TORRE DE SEGOVIA, E DE COMO VEIU A SABER A CAUSA DA SUA PRISÃO

COMEÇARAM por me metter n'um carcere sem mais cama que um enxergão de palha, como se fôra réo merecedor do peor supplicio.

Passei a noite, ainda assim, não tão desconsolado como deveria estar, por não conhecer ainda todo o mal que me perseguia.

Tudo era discorrer commigo mesmo, no empenho de acertar com o verdadeiro motivo da desgraça em que me via. Que fôsse obra do Calderon, isso, naturalmente o deveria ser...

Mas como haveria elle conseguido, que o duque de Lerma, me tratasse om tal crueldade?

De umas vezes, figurava-se-me que o duque nem sequer saberia nada d'isso... De outras, que, d'elle proprio, houvesse vindo a ordem, e me teria mandado prender por qualquer razão politica, conforme usam ás vezes os ministros para com os seus favoritos.

Veiu rompendo o dia, entrando a claridade por uma frestinha, e deu-me a conhecer o horror do sitio onde me achava. Mudaram-se-me os olhos em duas fontes de lagrimas, que o recordar-me da prosperidade antiga promettiam tornar inexgottaveis. Appareceu-me o carcereiro, quando carpia as minhas máguas. Levava-me o pão, e a bilha com agua, para aquelle dia. Vendo-me a chorar, disse-me n'um tom compadecido:

—Animo! Nunca um homem deve perder a esperança. É preciso, sempre, resignação, para as desgraças. O menino é muito rapaz ainda, benza-o Deus; atraz de tempo, tempo vem; deixe! Vá comendo, vá! Tristezas não remedeiam nada. Vá mastigando o pão d'el-rei; despache-se!

E voltou costas, emquanto lhe respondi com suspiros.

Passei o dia a maldizer da sorte.

Quando chegou a noite, ouvi um grande ruido de chaves.

Abriu-se a porta do calabouço, e entrou um homem.

Trazia luz.

Approximou-se de mim, e:

—Está aqui um amigo seu, senhor Gil Braz, disse-me. Sou aquelle D. André de Tordesillas, seu companheiro em Granada, gentil-homem do arcebispo, quando o prelado era todo seu, lembra-se? Até, provavelmente, se recordará ainda, de se haver empenhado em meu favor, a fim de ir para o Mexico. Em vez de embarcar para a America, fiquei na cidade de Alicante.

Alli casei com a filha do capitão do castello, e por uma serie de acontecimentos, que lhe hei de contar logo, vim a ser alcaide da torre de Segovia.

Quem lucra, é a sua pessoa, e ainda bem!

Dá-lhe a fortuna o encontrar agora, em quem tem por dever tratal-o mal, um amigo que não ha de poupar-se para suavisar-lhe os rigores da prisão.

Recebi ordens severas para o não deixar falar com ninguem; obrigal-o a dormir em palha, e não lhe dar outro alimento senão pão e agua.

Mas tenho bom coração, e, além do bom coração, sou-lhe grato.

Foi bom para mim; e a lembrança d'isso póde mais no meu animo do que as ordens que recebi. Hei de tratal-o o melhor que eu possa; como teria ruindade de caracter e um negrume de sentimentos que me levassem a ser cruel para si! Deus me defenda de tal. Vá, arriba, levante-se, e venha commigo! Upa!

Estava tão perturbado que não pude responder, uma só palavra que fôsse, ao alcaide. Sem mais agradecimento e sem mais nada, puz-me em pé e fui indo atraz d'elle.

Fez-me atravessar um pateo, e subir, por uma escadinha de caracol, para uma casa pequena no alto da torre. Estava alli uma mesa posta; duas vélas accesas em castiçaes de bronze, e dois talheres asseadissimos.

—Não tarda nada que venha a comida! disse-me Tordesillas. Cearemos juntos! Destinei-lhe este quarto. Sempre estará melhor aqui, do que no calabouço, creio eu!

Ao menos, poderá avistar as margens risonhas do Eresma, e o valle, que, desde a fralda das montanhas, que separam as duas Castellas, se extende até Coca.

Por emquanto pouca satisfação poderá dar-lhe esta agradavel vista... Então! Que remedio! Bem faço idéa!

Mas, depois, o tempo, acalma as dôres, e reduz tudo a um sentimento de melancholia; ha de gostar de espairecer os olhos por esses campos, ha de! Pelo que respeita a roupa branca, e a tudo de que precisa quem estime o asseio, fique certo de que não lhe faltará nada. Ha de, principalmente, ter boa cama; de comer, com fartura; livros para ler; e as melhores commodidades de que possa gosar um preso.

Disse ao alcaide, que desejava poder manifestar-lhe algum dia a gratidão em que lhe ficava.

— Pois ha de, sim, ha de manifestar o que quizer. Não cuide que irá ficar preso toda a vida!

— Porque, sabe que não!?

— Sei. O aguazil, que o acompanhou, confiou-me o segredo. Cousa leve. É negocio de mais uns mezes...

E como eu o olhasse ancioso.

— Soube el-rei todas as historias do principe, de o haverem levado de noite a casa de uma mulher suspeita; continuou elle: o conde de Lemos está desterrado; e o meu amigo acha-se na torre, onde será tratado com este infernal rigor que está vendo.

— Como veiu el-rei a poder saber...?

— Isso é o que o aguazil me não contou, porque nem elle mesmo o saberá.

N'este ponto da nossa conversação entraram os creados com a ceia.

Pão, dois copos, duas garrafas e tres pratos cobertos, um com lebre guisada e muita cebola e azeite, n'outro uma rôla podrida, e no terceiro um perusinho com molho de tomate.

Tão depressa Tordesillas viu que estava a ceia na mesa, disse aos creados que podiam retirar-se.

Assim ficámos livres outra vez para conversarmos á nossa vontade.

Fechou elle a porta, e sentámos-nos um defronte do outro.

— Vamos primeiro ao que mais importa, disse-me; depois de dois dias de dieta, é natural que esteja com bom appetite.

E, dizendo isto, encheu-me o prato.

Boas eram as razões para cuidar ter deante de si um comilão famelico que se lhe atirasse ás iguarias com furia devastadora; entretanto, na debilidade em que eu estava, ficavam-me os boccados atravessados na bôcca, sem os poder engulir.

Debalde o alcaide, para me aligeirar o espirito das idéas crueis que me inquietavam, me excitava a beber, celebrando as qualidades preciosas do seu

vinho. Nectar, que elle me houvera dado, do mesmo modo o teria bebido sem gôsto nenhum. Apercebendo-se da minha tristeza, principiou a contar-me, em estylo alegre, a historia do seu casamento.

Escutava-o eu, porém, tão distrahido, que, ao concluir a narrativa, ser-me-ia impossivel dizer qualquer cousa do que elle para alli tinha estado a contar.

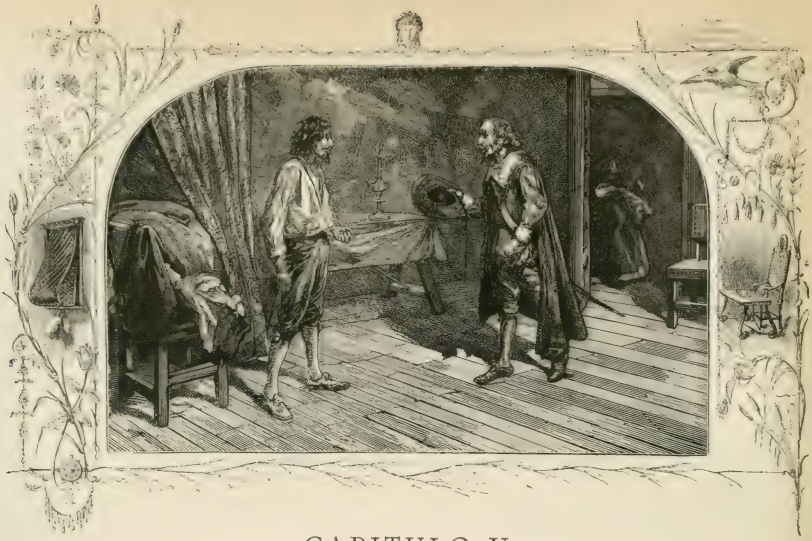
Comprehendendo que perdia o seu tempo nas diligencias que fizesse para me entreter e distrahir n'aquella noite, levantou-se da mesa, logo que acabámos de cear, e disse-me:

—Senhor de Santilhana, vou deixal-o só, para que descance, ou antes para meditar mais livremente nos revezes que o perseguem. Até breve.

E, em todo o caso, breve espero tambem que seja a duração d'esta desgraça. El-rei tem bom coração; e, em lhe passando a colera, ha de considerar castigo sufficiente a deploravel situação em que suppõe que o meu amigo haja de estar.

Retirou-se o alcaide depois d'isto, e mandou os creados levantar a mesa.

Levaram tudo, levaram até as luzes; e deitei-me eu, alumiado apenas por uma candeia que lá havia pendurada na parede.



CAPITULO V

DO QUE ELLE PENSOU ANTES DE ADORMECER, E DO RUIDO QUE O DESPERTOU

Passaram-se duas horas, pelo menos, a scismar no que o Tordesillas me dissera.

Aqui estou mettido, ponderava entre mim, por haver contribuido para os prazeres do herdeiro da corôa. O meu maior delicto é ser o principe tão novo. Póde bem ser que até el-rei se risse, se o rapaz tivesse mais edade... Quem seria, que tal diligencia teve em avisar o monarcha, sem recear o resentimento do principe e do duque de Lerma?

É evidente que este haja de querer vingar o sobrinho... Principalmente me affligia, a idéa do saque, que haveriam soffrido todos os meus haveres.

—Meu thesouro! exclamei; onde irieis parar, ó meus haveres? Em que mãos cahirieis?! Menos tempo levei a perder-vos, que a ganhar-vos!

A tristeza e a confusão de pensamentos que me assaltavam, fizeram-me conciliar o somno. Dorme-se profundamente depois de desgostos grandes.

Se não fôra um estrondo immenso que me acordou, ainda a estas horas estaria a roncar.

Ouvi tocar guitarra, e uma voz de homem a cantar. Puz-me de ouvido á escuta, mas logo tudo se calou. Cuidei que teria sido sonho... D'alli a um instante, outra vez a guitarra, e outra vez a voz... A canção dizia que um anno de felicidade passa veloz como um sopro, e que um só instante sem ventura é um seculo de tormento. Dir-se-ía que vinha para mim a intenção...

—É bem verdade! dizia eu commigo. Farto de saber isso, estou eu.

Passou rapido o tempo de eu ser feliz, e já me parece que ha um seculo que eu estou preso!

Levei a noite em claro, n'uma melancholia scismadora e vaga. Assim que luziu o buraco, saltei da cama para fóra, e abri a janella para respirar o ar do dia... Lá estava o campo, a recordar-me a descripção do alcaide... Mas o Eresma, que eu já suppunha, pelo menos, rival do Tejo, era um arroiosinho a suspirar por agua... Em suas frescas margens, eram o cardo e a ortiga unico adorno, e o tal valle delicioso não passava de uma charneca!

Estava a vestir-me, quando me appareceu o Tordesillas acompanhado por uma creada antiga, que me trazia camisas e toalhas.

—Aqui vem a roupa, senhor Gil Braz, póde mudar á vontade para consolar o corpo, que eu tomarei cuidado em que ella não venha a faltar-lhe.

E queira dizer-me, passou bem a noite?

—Poderia talvez ter dormido, se não fôra a guitarra, e os descantes!

—É um preso politico, que está ahi no quarto ao lado d'este. Um cavalheiro de Calatrava. Bem bonito homem. Um tal D. Gastão de Cogollos.

Se quizessem, podiam jantar juntos.

Sempre teriam occasião de desabafar e de se entreterem...

Agradeci vivamente ao D. André a sua lembrança, e o alcaide, coitado, n'esse mesmo dia me proporcionou jantar com D. Gastão. Um d'aquelles

heroes de novella, que, em elles apparecendo ás princezas, era como se lhes dessem a beber um philtro.

A natureza, quasi sempre desegual nas graças e prendas com que dota as pessoas, agraciara-o a elle com uma intelligencia delicada e fina.

Por mais que eu lhe pedisse para não deixar de cantar de noite, teimou em nunca mais o fazer, mostrando-se receoso de me incommodar.

Unem-se facilmente, e facilmente se comprehendem os desgraçados. A nossa amizade estreitou-se de dia para dia. N'uma tarde, entrei no quarto d'elle, na occasião em que estava afinando a guitarra, e dispondo-se a tocar o seu boccado.

Sentei-me n'um banquinho para ouvir tocar e cantar mais a meu commodo.

Sentou-se elle na cama, tocou uma sonata ternissima e cantou duas coplas em que se expressava a exasperação de um homem pelas crueldades que tinha para elle a mulher a quem amava. Quando acabou, disse-lhe eu, sorrindo:

— Deixe esses versos para outros que tiverem razões de se queixar.

Para si, meu amigo, não creio que haja mulheres esquivas!

— Obrigado, respondeu-me elle.

Fiz estes versos para enternecer uma, bem cruel!

Vou contar-lhe essa historia, para poder dar apreço ás minhas desgraças; quando menos, para que as conheça.

CAPITULO VI

HISTORIA DE D. GASTÃO DE COGOLLOS E DE D. HELENA DE GALISTEO

Estão a fazer quatro annos que eu sahi de Madrid para Coria. Ia vêr minha tia D. Leonor de Lejarilla, uma das mais ricas viuvas de Castella Velha, e da qual sou herdeiro unico. Chegar eu a casa d'ella, e entrar o amor ás voltas commigo foi obra de um só instante. As janellas do quarto que me destinou davam para as de uma vizinha, a quem eu avistava como se estivessemos pertinho um do outro, por serem as casas muito claras e a rua estreita.

A vizinha era uma formosura, e seria caso de consciencia não aproveitar aquellas proporções vantajosas de predio para predio; principiei a namoral-a.

Era, porém, muito sériasinha, e quanto mais eu olhava para ella menos os seus olhos fixavam os meus.

Quiz saber quem fôsse aquella peregrina creatura, que tão promptamente dava volta aos corações. Chamava-se D. Helena, e era filha unica de D. Jorge de Galisteo, proprietario, que a poucas leguas de Coria tinha uma fazenda magnifica. Dizia-se que o pae recusava pretendentes á pequena, empenhado em casal-a com um sobrinho, D. Agostinho de la Higuera, que já andava, por assim dizer, noivando.

Não me deu cuidado isso. Namorei-a cada vez mais, e enviei emissarios a uma creada d'ella chamada Felicia, a solicitar a sua valiosa protecção.

Tal ama, tal creada. Nenhuma d'ellas me dava trela; recorri a novos interpretes, e puz em campo uma pouca de gente, incumbida de descobrir se a Felicia teria algum conhecimento na cidade.

Consegui saber que se visitava com uma senhora edosa, chamada Theodora, a quem logo fui procurar; e tantos mimos lhe fiz, que não teve animo de recusar-me em sua casa uma conversação secreta com a sua amiga logo no dia immediato.

—Conceder-me ella este favor de eu te falar, Felicia! muito obrigado estou á Theodora!

—Falou-me já a seu respeito, e basta; o mal do caso é que não sei como haveria de ajudal-o... O menino levantou os olhos para uma senhora que já deu o seu coração a outro. E que soberba e recato de senhora! Ainda que ella venha a agradar-se da sua pessoa, não lh'o dará a conhecer.

—Ó Felicia, estás a dar-me facadas! Antes me pregues carapetões do tamanho de predios, mas não me exasperes, mulher, não me tortures!

Dicto isto, metti-lhe n'um dedo um annelzinho de tresentos dobrões.

—Não perca a esperança! dizia-me. Elles vêem-se todos os dias: a menina, ao outro, algum bem lhe quer; mas, aquella mesma sécca de não se passar dia que não vá lá a casa...! É uma semsaboria: separam-se sem pena, e tornam a avistar-se sem gôsto. Ella não tem espelho em casa? O menino

é melhor que o primo! Não lhe ha de escapar, á senhora D. Helena, esta differença. Ella gosta do que é bom; e tem um olhinho! o que se quer agora é perseverança!

Separámos-nos contentissimos.

Dispuz-me a obsequiar de novo a filha de D. Jorge, e dei-lhe uma serenata, na qual uma linda voz cantou as estrophes que o meu amigo ouviu. A bella disse á creada:

—Das palavras, não fiz caso algum. É-me indifferente saber quem me haja offerecido a serenata; da voz, gostei!

—Visto isso, exclamou a creada, escusa o pobre D. Gastão de Cogollos de perder o tempo a olhar para estas janellas.

—Talvez não seja elle, respondeu a ama muito friamente.

—É elle; ainda esta manhã veiu dizer-me que se contenta de a adorar em silencio.

A ama, então, com ar severo:

—E atreves-te a repetir essas confidencias! Dize-lhe, se elle tornar a falar-te, que não é decente espécar-se defronte das minhas janellas a espreitar o que faço no meu quarto.

A Felicia, apesar d'isso, pediu á amiga Theodora papel e tinta, e disse-me n'um bello dia:

—Escreva á senhora, e refira-lhe que morre de amores por não obedecer aos seus dictames...

Fiz uma carta de enternecer rochedos.

—Está bonita! Olhe; se as mulheres enfeitiçam os homens, os senhores, quando querem, tambem sabem dar feitiço ás damas! disse a Felicia, e levou a carta, insistindo em que seria prudente não me apresentar eu á janella por alguns dias mais.

—Minha senhora, disse ella á ama, encontrei agora o D. Gastão, que parece um condemnado, á espera de que lhe leiam a sentença. O homem parecia doido, de vêr o mau modo com que eu o tratava.

— Escusavas de o tratar mal; a cortezia é um dever de toda a mulher bem creada...

— Ora, deixe-o lá! Quando voltei de casa da parenta da senhora, tornei a vel-o, e o excommungado metteu-me na mão um papel, em que segurei sem saber o que fazia, de nervosa que fiquei; credo!

Tirou a carta do seio, e entregou-a á ama como quem sacode brazas.

— A que affrontas expões a altivez do meu caracter! disse a ama.

— Deixe, senhora, hei de regalar-me de lhe dizer, que rasgou a carta sem querer saber, do que rabiscára, pessoa a quem tanto despresa.

— Aqui vou já rasgal-a, vês?

Não contente d'isso, prohibiu a creada de lhe falar.

Cumpri a minha palavra, e deixei-me estar de janellas fechadas, mas para desforra, deliberei dar-lhe serenatas. Fui com os musicos para debaixo das janellas d'ella, quando um cavalheiro, de espada em vista, perturbou o concerto agredindo os instrumentistas, que fugiram a sete pés.

Acordou-me os brios a coragem d'aquelle pimpão; e cahindo sobre elle para o ensinar, rompemos n'um combate renhido. Ouvem D. Helena e a creada o motim das espadas, correm a espreitar da janella, obrigam D. Jorge e os creados a levantarem-se, e ahi acodem para nos separarem.

Encontraram-me banhado no meu proprio sangue.

Levaram-me para casa da minha tia, e correram a chamar cirurgiões.

Toda a gente se compadeceu de mim; e D. Helena descobriu n'esse momento o que se passava no seu coração. Passou o resto da noite a chorar, e a cobrir de maldições seu primo D. Agostinho de la Higuera, porque julgassem ser elle o auctor de suas penas, — e não fôra outro, senão elle, quem tão funestamente interrompêra a serenata. Havia-se apercebido do meu namoro e quiz, por bravata, mostrar ser homem para mim.

A alegria que depois tivemos, compensou-me ao ponto de estimar como um bem o que me havia acontecido. Os cirurgiões em pouco tempo puzeram-me prompto. Ainda não tinha licença para sahir quando minha tia Leonor

foi propôr a D. Jorge o meu casamento com Helena, e elle consentiu n'esse enlace de tanto melhor vontade, quanto se lhe figurava ser D. Agostinho um homem a quem elle não tornaria a vêr. Unicamente receava, o bom do velho, que a familiaridade em que a filha andava com o primo lhe houvesse grangeado todos os seus affectos; mostrou-se ella, porém, tão bem disposta em obedecer ao pae, que, d'isto, poderiamos inferir, n'uma subtileza, ser feliz com as mulheres o ultimo que lhes apparece.

Logo que me foi dado falar a sós com a Felicia, vim no conhecimento do muito que a ama se affligira com o desgraçado combate em que eu entrára; e sem pôr em duvida de ser eu outro Páris e ella outra Helena, dei parabens á minha fortuna pela abençoada ferida que tanto me ajudára!

Obtive licença de D. Jorge para poder falar a sua filha deante da creada, e todo eu fui galanteios até ao dia do casamento, que havia de celebrar-se com uma magnifica cavalgada em que toda a nobreza de Coria se apresentaria luzidamente.

Dei um grande jantar n'uma quinta de minha tia, perto da cidade, para os lados de Monroi, convidando D. Jorge e a filha, com todos os parentes e pessoas da sua amizade.

Á noite houve concerto, e uma companhia de comicos ambulantes representou uma comedia.

Quando estavamos no meio do jantar vieram dizer-me achar-se na antesala um homem, que pretendia falar-me a toda a força de um negocio da maior importancia para mim. Levantei-me da mesa, e encontrei-me com um desconhecido, que me pareceu ser escudeiro, e me entregou uma carta, que dizia assim:—Se présa a sua honra, como deve presal-a um cavalheiro, encontre-se ámanhã, cedo, no campo de Monroi. Ahi achará um homem que quer dar-lhe satisfação, e espera pôl-o em estado de não poder casar com D. Helena: D. Agostinho de la Higuera.

Tive tentações de me escapar de toda aquella gente e ir em procura do D. Agostinho; mas, contive-me, e disse ao portador da carta:

— Diga ao cavalheiro que o mandou aqui, que desejo demasiado ter de haver-me com elle para que, ainda antes de ser sol posto, me encontre já no sitio aprasado, se lá me apparecer.

Despedido o mensageiro, voltei para a mesa e ninguem suspeitou o que fôra passado. Acabando a festa á meia noite, retiraram-se os convidados, e eu, em vez de ir deitar-me, esperei que amanhecesse, montei no melhor cavallo que tinha e parti para Monroi.

Avistei um homem a cavallo que se dirigia para mim a toda a brida; fiz por lhe poupar metade do caminho, e n'um instante nos encontramos. Era o meu rival.

— Cavalheiro, disse-me elle com ares insolentes; não sou eu que tenho a culpa d'este segundo combate. Depois da celebre musicata, aconselhava-lhe o seu interesse renunciar á filha de D. Jorge.

— Menos jactancia. Os successos das armas não são sempre os mesmos.

— Sempre o são para mim. Castigar melhor de dia os insolentes.

Apeamos-nos n'um relance. Atamos os cavallos a uma arvore e principiámos a brigar. Os meus dois annos de esgrima pouco eram para tal contendor; apesar d'isso fui-lhe mandando uma estocada ao coração, e chegou-lhe tão direitinha, por entre toda a destreza d'elle, que me cahiu morto.

Voltei para a quinta sem perder um instante, contei ao meu creado o que se passara, e conhecendo a fidelidade d'elle, disse-lhe:

— Antes da justiça saber do caso, monta n'um bom cavallo e vae informar minha tia do que aconteceu. Dize-lhe que lhe peço o favor de mandar-me dinheiro, e joias... O que tiver e podér. Vae a Placencia encontrar-te commigo na estalagem, que fica á entrada da cidade. Rapido!

Com tal pressa fez tudo, que, tres horas depois de eu chegar a Placencia, appareceu-me elle, e disse-me que D. Leonor chegára a estimar haver eu reparado n'este combate a affronta que recebera no primeiro. Mandava-me o dinheiro e joias que tinha, para que eu viajasse por paizes extrangeiros emquanto ella compozesse as cousas.

Atravessei Castella a Nova para ir a Valencia embarcar em Denia; e passei para Italia, sempre namorado e saudoso,—emquanto Helena, em Coria, chorava em segredo a minha ausencia.

Seis mezes se passaram, durante os quaes se me conservou fiel, contraria sempre ás perseguições da sua familia contra mim por causa da morte do Higuera, e suspirando por que eu voltasse.

Um fidalgo, porém, da costa occidental de Galliza, D. Braz de Combados, que fôra a Coria receber uma herança, que seu primo D. Miguel de Caprara lhe disputára em vão, ficou vivendo n'aquella terra. Era um rapaz de boa presença, e que tinha o condão de insinuar-se. Constou-lhe que D. Jorge tinha uma filha, cuja peregrina formosura fazia a desgraça dos homens; metteu-se de amizade com o pae, e namorou-se da filha.

Já o velho estava a vêr n'elle um genro, quando elle lhe pediu a mão de Helena. Não lhe deu ella ouvidos, comquanto, o pae, declarasse não se oppôr, nem a Felicia, a quem elle presenteava a toda a hora. Propoz então um manhoso alvitre:

— Se fingissemos que um mercador de Coria acaba de receber carta de um commerciante italiano, na qual, depois de lhe falar de cousas do commercio, se lêsse:

«Está aqui um hespanhol, que chegou ha pouco tempo a Parma, D. Gastão de Cogollos. Diz-se sobrinho e herdeiro unico de uma viuva rica, que vive em Coria, D. Leonor de Lajarilla, e anda requestando a filha de um personagem importante d'aqui. Queira dizer-me se conhece esse D. Gastão, e quaes são os bens da tia. Depende, da resposta que me mandar, o consentirem, ou não, os parentes da menina, n'este casamento.—Parma.»

Afigurou-se, ao ancião, ser, aquelle engano, perdoavel entre namorados.

A creada, applaudiu aquella feliz lembrança; tanto mais, que, por sua excessiva altivez, Helena abraçava o partido que se lhe propuzesse.

—Filha, disse-lhe D. Jorge, todos os dias instam os nossos parentes para que eu não dê entrada na familia ao homicida de D. Agostinho, e hoje te-

nho razões mais poderosas para te afastar de D. Gastão. É um inconstante. Tenho provas. Lê tu propria essa carta, que um mercador de Coria acaba de receber de Italia.

Helena pegou, assustada, no papel, leu-o, e, enxugando as lagrimas:

—Já que foi testemunha da minha fraqueza, queira sêl-o tambem da victoria que vou conseguir de mim mesma. Já nada me prende agora... Darei a minha mão a D. Braz!

D. Jorge, felicissimo, empregou quanta pressa poude em realisar os desejos do meu rival, e assim me levaram Helena, que o orgulho perdeu, e que, só dias depois das bodas, teve como que um presentimento atroz, de que bem poderia ter sido falsa a carta do mercador.

D. Braz, não dava occasião a que sua mulher tivesse, porque assim digamos, tempo para pensar; trazia-a entretida em festas, e parecia reinar entre ambos união perfeita, quando minha tia conseguiu compôr-se com os parentes de D. Agostinho, e d'isso me deu noticia immediata para Italia. Estava eu então em Regio, na Calabria. Passei á Sicilia, d'alli para Hespanha, e nas azas do amor me fui librando até chegar a Coria.

D. Leonor, que não me havia escripto uma só palavra com respeito ao casamento da filha de D. Jorge, deu-me essa noticia á minha chegada.

—Não se dão saudades a quem nos não soube ser fiel! disse, ao vêr-me aterrado.

Parecia ter razão, a minha boa tia; nem poderia dar-me melhores conselhos, ignorante como estava, de haverem illudido Helena. Não me contive, porém, sem procurar a Theodora, e alli, casualmente, encontrei Felicia, que, espantada, queria fugir de mim.

—Minha ama foi illudida, senhor! Foi enganada, a minha pobre menina, e eu fui cumplice na seducção que lhe armaram!

Contou-me então o estratagema de que se valera Combados, e, vendo que estava a dilacerar-me a alma com a sua narrativa, offereceu-se para me prestar todo o serviço que estivesse ao seu alcance, e desenganar sua ama.

Foi uma batalha para alcançar de Helena que ella consentisse em me falar; mas, conseguiu, e resolveram ellas entre si dar-me entrada ás escondidas em casa de D. Braz, da primeira vez que este fôsse a umas terras onde costumava ir caçar e onde quasi sempre se demorava um ou dois dias.

Executou-se esse plano d'alli a pouco. O marido partiu para o campo, fui logo avisado, e corri a vêl-a.

Ella tapou-me a bôcca:

—Uma palavra só, disse: esqueça-me. É possivel que eu vivesse mais feliz se a minha sorte estivesse ligada á sua; mas já que Deus o não quiz... Uma palavra, e basta: Nunca a esposa de D. Braz será a amante de D. Gastão!

Ao ouvir que assim me tirava toda a esperança, lancei-me aos seus pés; quiz matar-me alli mesmo, e puxei da espada para a cravar em mim.

—Cogollos, gritou-me Helena. Queres perder-me o credito, a honra, o nome? e, com o matar-te em minha casa, que meu marido seja accusado de assassino! Quererás isto?!

Apesar de todos os esforços da pobre senhora e da creada para eu não dar cabo de mim, haveria levado por deante o meu intento, se não fôra D. Braz estar avisado da nossa entrevista, e, em vez de haver ido para a caçada, ter preferido caçar-me a mim.

Escondido atraz de um reposteiro, para ouvir a nossa conversação, acudiu de repente e segurou-me o braço.

—Que fraqueza é a sua, D. Gastão? exclamou.

—Quê!? interrompi-o eu. E é o senhor quem... E assim supporta!?

D. Braz respondeu-me friamente:

—Quereria que o matasse. Para que? Já teve castigo a sua temeridade. A minha mulher agradeço os finos sentimentos de sua virtude, e perdôo-lhe a occasião em que os manifestou.

Deixar-se assim vencer da sua exasperação, Cogollos! A grande coragem do homem é submetter-se com valor ás necessidades da sorte.

Com estas e outras falas me foi socegando o prudente gallego. Sahi d'alli com a idéa de fugir de Helena e d'aquella terra, e voltei para Madrid dois dias depois, na intenção de me distrahir.

Quiz a desgraça que eu estreitasse relações de amizade com o marquez de Villa-Real, fidalgo portuguez, que, por se haver suspeitado andar em diligencias de libertar Portugal do dominio dos hespanhoes, se acha a esta hora no castello de Alicante. Com o saber o duque de Lerma que eu fôsse amigo intimo d'esse fidalgo mandou-me tambem prender e encarcerou-me aqui!

Assim terminou D. Gastão a sua historia.

— Não se envergonhe, disse-lhe eu. Servir-lhe-ha ainda essa desgraça, que de nenhum modo o deshonra, quando o duque de Lerma conhecer sua innocencia; compensar-lh'a-ha com algum emprego consideravel que restabeleça a opinião em seu favor.

CAPITULO VII

VAE SCIPIÃO VÊR GIL BRAZ Á TORRE DE SEGOVIA E ALLI LHE DA MUITAS NOTICIAS

Lá fóra, disse-me o Tordesillas, está um rapaz que perguntou, a chorar, pelo senhor Gil Braz de Santilhana, e diz ser seu creado.

Respondi que esperava ouvir d'elle cousas importantes, porque adivinhei ser o Scipião; e ao anoitecer entrou elle na torre e abraçámos-nos fervorosamente.

—E a minha casa? perguntei-lhe.

—Saqueada pela justiça, e pelos creados. Salvei dois saccos com dobrões; dei-os a guardar ao Salero: entregar-lh'os-ha breve; isto está por pouco, visto ter sido preso sem o duque de Lerma o saber, segundo me contou um creado a quem o duque de Uceda diz tudo. O Calderon tivera denuncia de que o conde de Lemos e o senhor

Santilhana mettiam o principe em casa da Sereia. Foi pedir ao Uceda que informasse el-rei, e logo veiu ordem de ir a Sereia para um convento, o Lemos desterrado, e preso o senhor Gil Braz.

Colligindo que o duque de Lerma haveria de trabalhar para que el-rei perdoasse ao sobrinho, discorria eu assim: Do partido do primeiro ministro são o D. Fernando de Borja, o padre Jeronymo de Florença, e principalmente o frei Luiz de Aliaga, que lhe deve a elle o alto logar que occupa. Com estes amigos dará cabo dos adversarios... El-rei está doente. Elle a morrer, e o principe a chamar o conde de Lemos... D'ahi o conde a soltar-me, e o monarcha a encher-me de beneficios...

Consolei-me com esta idéa e a dos dois saccos de dinheiro.

— Metade do dinheiro é para ti, disse eu ao Scipião.

— Não nos separarmos, é o favor que desejo, respondeu-me. Deixe-me fazer-lhe companhia, e que a sua sorte seja a minha.

— Dizem que as duas constellações que unem os homens n'um sentimento de estima, são Libra e Geminis, talvez nascessemos debaixo d'esses signos, rapaz. Não te serei ingrato. Vou pedir ao alcaide... para te prender.

— Sahirei, apenas, alguma vez, para ir a Madrid, vêr se acontece na côrte qualquer mudança de que nos possa resultar bem.

O alcaide, comprehendendo quanto aquella consolação me era necessaria, não teve animo de m'a recusar.

Ficou o Scipião na torre.

CAPITULO VIII

DA PRIMEIRA VIAGEM QUE FEZ SCIPIÃO A MADRID; DOENÇA DE GIL BRAZ

Diz-se não haver peores inimigos do que os creados de casa; mas tambem não ha melhores amigos, em elles nos sendo affeiçoados.

Olhava eu para o Scipião como para mim proprio, mercê da inclinação que elle me manifestára; viviamos como irmãos: e disse de uma occasião a esse alegre e discreto companheiro, que, seria conveniente, escrever eu ao duque de Lerma.

— Sei lá! respondeu-me. Os grandes mudam de opinião com tanta facilidade! Apesar d'elle o haver sempre tratado bem, não se fie, de que se lembre de si. É ministro; e, esses protectores, costumam esquecer-se dos individuos, de quem deixam de ouvir falar.

Pedi papel e tinteiro, e compuz um trecho de eloquencia, com que o Scipião ficou sensibilisado, e que o Tordesillas considerou superior ás homilias do arcebispo de Granada. Levou Scipião a carta, a Madrid, e facilitou-lhe um dos empregados do gabinete, falar ao duque.

— Meu senhor, disse-lhe Scipião, supplica a vossa excellencia a graça de ler esta carta, um de seus servos mais leaes, hoje nas pa'has de um calabouço da torre de Segovia.

O ministro leu, e, levantando a voz, disse asperamente ao mensageiro:

— Diga a Santilhana que é excessiva ousadia da sua parte, depois da perversa acção que commetteu, esperar ainda o meu apoio.

— Morrerá de angustia, o pobre preso, quando souber da resposta que vossa excellencia dá á supplica que elle depoz a seus pés...!

O duque olhou-o de soslaio, e, como simples replica, voltou-lhe as costas. Nem outra cousa devem esperar aquelles de quem os altos personagens alguma vez se sirvam.

Quando o secretario me contou o resultado da commissão, ainda me considerei mais desgraçado por não poder já contar com a protecção do duque de Lerma.

Eram desgostos a mais, do que aquelles com que um homem póde. Adoeci: e, o alcaide, que desejava que eu melhorasse, entendeu ser o melhor de tudo mandar chamar dois Hipocrates, servidores extremosos da deusa Libitina.

Cançado de viver, agradeci ao Tordesillas, o favor que me fazia.

— Meu senhor, disse-me um dos medicos, é necessario ter confiança!

— Com a assistencia de taes sabios, estou aqui estou prompto!

— Mercê de Deus, e das luzes da sciencia, tudo ha de conseguir-se!

Iam dando commigo na cova, a poder de esforços; e desconfiando já o D. André ser impossivel que eu escapasse, chamou um frade de S. Domingos para me ajudar a bem morrer.

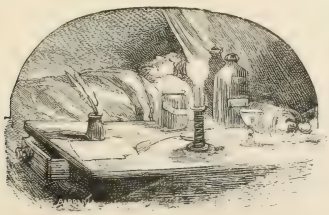
Veiu o padre, fez os seus deveres, retirou-se, e eu, com o aperceber-me de estar chegada a minha ultima hora, fiz signal ao Scipião:

—Amigo! balbuciei. Tenho dois saccos cheios de dobrões em casa do Gabriel, deixo-te um, leva o outro ás Asturias, ao meu pae e a minha mãe. Hão de estar bem pobres! se sobreviverem á minha ingratidão. O Muscada, com os seus contos, haver-lhes-ha abreviado os dias... Que a ternura e o carinho d'elles, me perdoem. Se já não fôrem d'este mundo, emprega esse dinheiro em rogar a Deus pelo descanço de suas almas e da minha.

Banhou-me a mão de lagrimas, afflicto de me perder;—do que se vê, que, nem sempre é falso, o prantear de herdeiro.

Salvou-me a natureza com o vêr-se livre de medicos. Restabeleci-me, contente como um bom patetinha; e, firme no proposito de não pôr mais o meu pé na côrte, ainda que o duque de Lerma me chamasse, todo o meu intento, foi, se chegasse a sahir da prisão, comprar uma casinha de campo, e ir viver como philosopho. Para que essa idéa podesse ter exito rapido, Scipião, lembrou-se de ir outra vez a Madrid, solicitar para mim a liberdade, mediante uma creada da ama de leite do principe, a qual elle conhecia.

—Vae, rapaz! approuvesse ao céo, que estivessemos já n'um logar retirado, remoto da frequencia e da conversação, mas que, em vez de carcere, seja vivenda aprazivel onde os dias deslisem placidos!



CAPITULO IX

VOLTA SCHIÃO A MADRID; QUAES AS CONDIÇÕES POR QUE ALCANÇOU A LIBERDADE DE GIL BRAZ; ONDE FORAM OS LOIS DEPOIS DE SAHIREM DA TORRE DE SEGOVIA

CONVERSAÇÃO QUE TIVERAM

SAHIU Scipião para Madrid; e eu, para entreter o tempo, lia, emprestados pelo Tordesillas, livros que lhe emprestava a elle um commendador velho que não sabia ler.

Obras moraes, magnificas, em que encontrava passagens, que lisongeavam a aversão que eu tinha á côrte, e o bem que me dava na solidão.

Voltou o Scipião, ao fim de tres semanas, e disse-me, todo contente:

—D'esta vez, boas novas! Tanto pedi á creada, que, a poder de supplicas e de dobrões,—offereci-lhe cem! lá se resolveu a alcançar da ama, solicitar

SEGUIMOS PARA MADRID ALEGREMENTE.

que o principe o mandasse soltar. Vim a toda a pressa, informal-o, e volto com a mesma pressa a dar a ultima de mão á obra.

Sem mais palavra, pôz-se a caminho outra vez para a capital; e, ao cabo de oito dias, elle de volta, a dizer-me que o principe obtivera, com bastante custo, que me fôsse dada a liberdade. N'esse mesmo dia o alcaide me confirmou a ordem, e me disse, com um grande abraço:

— Querido Gil Braz, tem abertas as portas da prisão! Duas condições, porém, lhe são impostas. Sua magestade prohibe-o de se apresentar na côrte, e ordena que saia das duas Castellas no praso de um mez.

Vendo-me livre, mandei apparelhar dois machos, montámos pela manhã do dia immediato, eu n'um e o meu confidente n'outro, depois de me haver despedido de Cogollos e agradecido ao Tordesillas todos os favores que me fizera; e seguimos para Madrid, alegremente, com o fim de irmos buscar ao Gabriel, os dois saccos, em cada um dos quaes havia quinhentos dobrões. Pelo caminho disse-me o meu companheiro:

— Se não nos chegar o dinheiro para comprarmos uma fazenda grande, sempre ha de chegar para comprar alguma, ainda que seja pequena!

— Feliz me consideraria, respondi, quando fôsse apenas uma choça. Nunca fui ambicioso, senão de episodio. Vou, como se diz, a meio caminho; estou desenganado do mundo, quero viver só para mim, agora! A vida campestre sorri-me, não sei se sabes!? Já me deleito com as côres do campo, os rouxinoes, o murmurio dos riachos, as comidas de hervas. O mais simples é o melhor. Não faz mal, nem estraga o estomago. Bom pãosinho, é o que se quer; e appetite. Para conservar a saude, o que convem é frugalidade!

Interrompeu-me n'este ponto o secretario:

— Ha de desculpar, não ser eu da sua opinião emquanto ao regimen frugal, com que se dispõe a obsequiar-me. Qual é agora a graça, de irmos viver como dois Diogenes? Não se cae doente, por comer bem! Se podêmos, graças a Deus, viver com commodidade no nosso cantinho, não vamos fazer, d'esse retiro, mansão da fome!

Em a fazenda sendo nossa, o que convem é abastecel-a de provisões uteis: metter vinha; dispôr uma horta boa; o que o bom juizo aconselhar. Nada de fugir ao mundo, senão para gosar dos commodos da vida mais regaladamente. Não sei se é o Hesiodo, que diz: valer mais ter do que não ter!

— Que diabo é isso, ó senhor Scipião!? interrompi. Assim me entra pelos poetas gregos! Onde leu, vossa sabedoria, o Hesiodo, se não é segredo?

— Em casa de um sabio. Servi por um pouco de tempo, em Salamanca, um grande commentador. Nunca fez senão commentar; mas, aquillo...! N'um abrir e fechar de olhos, compunha um calhamaço soberbissimo. Recopilações de passagens gregas, e latinas, que extractava dos livros que lhe enchiam a bibliotheca. Fui amanuense d'elle, e em sua casa apprendi varias maximas, tão boas como esta que citei, e, algumas, ainda para melhor!

— Sempre trouxeste de lá alguma cousa! mas, vamos ao que importa: em que ponto da Hespanha devemos fixar a nossa philosophica residencia!

— Opino por Aragão.

— Não me opponho. E haverá por lá alguma propriedade á altura dos gosos com que já a imaginação se nos está deleitando? Deus o queira!

CAPITULO X

DO QUE FIZERAM AO CHEGAR A MADRID; QUEM FOI QUE GIL PEREZ ENCONTROU NA RUA E DO QUE A ESSE ENCONTRO SE SEGUIU

Em Madrid apeámos-nos á porta de uma estalagem, onde o Scipião costumava alojar-se; e fômos buscar o dinheiro á loja do Salero.

Manifestou elle grande alegria de já me vêr na rua.

—Posso assegurar-lhe, accrescentou, que tive sentimento pela desgraça que lhe aconteceu. Cousas da côrte! A fortuna é fugaz n'aquellas alturas! Saberá, meu caro, que casei minha filha Gabriella com um negociante.

—Fez muito bem, respondi. É o mais seguro; um plebeu, em sendo sogro de fidalgo, quasi sempre vem a ter historia com o genro. Agora, por isto, ó senhor Gabriel, se isso o não incommoda n'este momento, obsequeia-nos em nos entregar os dois mil dobrões que...

— Estão ás ordens, interrompeu o ourives.

E, conduzindo-nos ao gabinete, mostrou-nos dois saccos com um lettreiro: «Pertencem estes dois saccos com dinheiro ao senhor Gil Braz de Santilhana.»

— Eis o deposito, accrescentou; tal como o recebi, lh'o entrego.

Agradeci ao Salero; consolando-me, de haver ficado sem a filha d'elle, com o levar agora os saccos para a estalagem; e alli contámos o dinheiro, a que só faltavam os cem dobrões que se haviam gasto para eu sahir da prisão.

— Está tudo arranjado! É marcharmos para Aragão cada vez e hora que quizermos!

Tomou o secretario a seu cargo comprar uma sege de estrada e duas mulas, e incumbi-me eu da compra de fato e roupa branca.

Quando andava girando, encontrei o barão Steinbach; o official da guarda allemã em casa de quem D. Affonso havia sido educado, que, affirmando-se em mim, veiu abraçar-me, e a quem perguntei se D. Cesar e D. Affonso de Leiva, estavam bons.

— Posso dar-lhe de ambos noticias frescas. Estão em Madrid; são meus hospedes. Vieram agradecer a el-rei o emprego que sua magestade conferiu a D. Affonso em premio dos serviços que seus avós prestaram ao estado; foi nomeado governador da cidade de Valencia, sem o haver pedido, e sem ninguem solicitar para elle este posto. Fez-lhe o monarcha espontaneamente aquella mercê. Não póde haver prova mais evidente de quanto sua magestade é propenso a premiar o valor e o merito.

Fiz-me alheio ao caso, e o meu empenho foi vêr os fidalgos, e observar, pelo modo com que D. Affonso me recebesse, se ainda era ou não meu amigo.

Encontrei-o n'uma sala, jogando o xadrez com a baroneza de Steinbach. Correu para mim e, abraçando-me, disse-me n'um tom de sincera alegria:

— Até que emfim, torno a vêr-te, Santilhana! Que contentamento! Se

nos separámos não foi por minha culpa. Bem te pedí que não sahisses da casa de Leiva; teimaste em não ficar; e não te crimino por isso; honra-te e agradeço-t'o, o melindre d'aquella resolução! Só me queixo de não me haveres escripto; tirar-me-ias o trabalho de te mandar procurar debalde em Granada, onde meu cunhado D. Fernando, nas suas cartas, me dizia estares. E então agora? O que é feito? O que te traz a Madrid? Estás aqui empregado? Acredita que me interesso por ti!

—Ainda não ha quatro mezes, tinha na côrte um emprego consideravel; era secretario e confidente do duque de Lerma.

—Tu!? exclamou D. Affonso, admiradissimo. Sériamente? Secretario do primeiro ministro? Tinhas todo o valimento, já se vê!

—Tinha, respondi; e perdi-o!

Narrei-lhe então a historia; expondo-lhe a determinação que tomára de comprar com o pouco que me ficára da minha prosperidade antiga, uma choça onde vivesse retirado; e o filho de D. Cesar, depois de haver-me escutado, disse-me:

—Meu caro Gil Braz, sabes que sempre te estimei; e agradeço a Deus poder hoje evitar que continues a aturar os caprichos ruins da fortuna. Uma vez que estás resolvido a ir viver no campo, vou dar-te um casal que temos perto de Liria, a quatro leguas de Valencia. Já o viste. Posso d'elle fazer-te presente, sem que te receies de que isso nos faça falta. Meu pae não desapprovará esta determinação, e Serafina estimal-a-ha.

Prostrei-me aos pés de D. Affonso, que logo me fez levantar; beijei-lhe a mão, e, mais captivo da generosidade do seu coração, do que do donativo, lhe disse: A fidalga acção de vossa excellencia, é-me tanto mais agradavel por nunca haver dicto o que por vossa excellencia fiz. Assim, devo esse beneficio á sua generosidade, em vez de devel-o apenas á sua gratidão.

—Gratidão...? balbuciou o meu governador, surprehendido.

Contei-lhe então o que fôra, circumstanciadamente, e mais admirado ficou: tão longe estavam de cuidar, tanto elle como o barão de Steinbach, que, o go-

verno da cidade de Valencia, houvesse sido dado por intervenção minha. Não podendo duvidar, disse-me:

— Pois, Gil Braz, uma vez que o meu governo é devido aos teus bons officios, não ha de ser só o casal de Liria que eu te offereça. Fica aggregada a essa doação a de dois mil ducados de renda por anno.

— Senhor D. Affonso, interrompi, não queira vossa excellencia fazer-me interesseiro. Os bens da fortuna, sei isso por experiencia, só servem para corromper os costumes. Acceito com vivo agradecimento o casal de Liria, onde com a ajuda de alguma cousa que tenho, posso viver commodamente. O que se quer n'um retiro, é tranquillidade; a riqueza seria um encargo.

Chegou D. Cesar n'este momento, e alegrou-se tanto como se alegrára o filho logo que me viu.

Depois, com o saber o motivo de reconhecimento em que a sua familia devia estar para commigo, insistiu em que eu acceitasse a pensão, que recusei de novo. Por fim, o pae e o filho, levaram-me a um tabellião, a fim de se lavrar a escriptura; e com que satisfação generosa e sincera a assignaram!

Lavrado o contrato, entregaram-m'o da feição mais alegre, dizendo-me que fôsse tomar posse quando quizesse. Voltaram depois para casa do barão de Steinbach, e fui, eu, de voada, á estalagem.

O secretario ficou pasmadinho, quando lhe disse que tinhamos um casal no reino de Valencia, e lhe contei a maneira por que acabava n'aquelle instante de adquiril-o; perguntou-me maravilhado:

— Que rendimento poderá dar essa herdade?

— Quinhentos ducados por anno. E uma amenidade de sitio, de encantar! Estive lá muitas vezes, quando era mordomo dos senhores de Leiva. É uma quintasinha, na margem do Guadalaviar. Cinco ou seis fogos apenas.

— O que eu estimo mais, exclamou Scipião, é haver por alli caça; e, vinho de Benicarló, tão dôce, tão bom! Um muscatel riquissimo. E, agora, escusâmos de estar com demoras, não é verdade, meu amo? É dizermos adeus ao mundo e abalarmos para o eremiterio.

—Preciso primeiro, ir ás Asturias, vêr meus paes; e então, conforme o estado em que estiverem... Desejo leval-os para Liria, para que passem os seus ultimos dias em socego. Póde ser que o céo me désse este asylo para os agasalhar!

Approvou muito o Scipião aquelle meu proposito; e fez mais do que approval-o: incitou-me a que me não demorasse a pôr em pratica uma determinação tão louvavel.

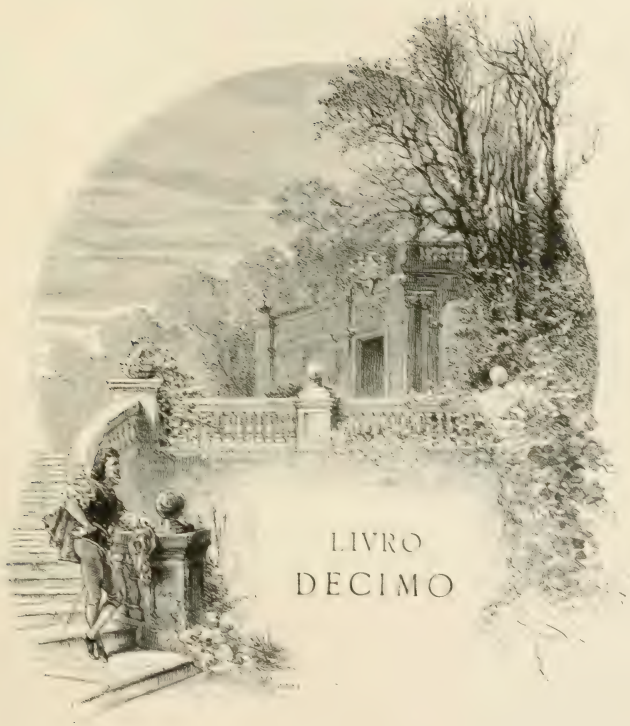
—Não percamos tempo. A sege já eu tenho. Compremos mulas e vamos direitos a Oviedo!

—É quanto antes, respondi. É já. Quero que meus paes participem do dôce conforto do nosso retiro.

Não ha de tardar que vamos para o casal, se Deus quizer.

E, em alli chegando, á nossa aldeia, hei de mandar gravar em lettras de oiro na nossa porta estes dois versos latinos:

Invenî portum: Spes et Fortuna valete:
Sat me lusistis: ludite nunc alios.



LIVRO DECIMO

CAPITULO I

PASSA GIL BRAZ POR VALLADOLID ONDE VISITA SEU ANTIGO AMO O DOUTOR SANGRADO, E CASUALMENTE SE ENCONTRA COM MANUEL ORDONEZ, ADMINISTRADOR DO HOSPITAL

QUANDO me dispunha para sahir de Madrid com o Scipião, e irmos-nos ás Asturias, foi o duque de Lerma feito cardeal, por sua santidade Paulo V.

Queria este pápa estabelecer a inquisição no reino de Napoles, e por isso regalou aquelle ministro com o capello cardinalicio, a fim de que houvesse um empenho forte em alcançar a approvação de el-rei Philippe.

A todos que conheciam este novo membro do sacro collegio se lhes afigurou excellente acquisição para a egreja a nomeação de tal cardeal.

O Scipião fez-me logo um estirado discurso. Por seu gôsto, antes deve-

ria eu alcançar algum emprego na côrte, do que ir metter-me no meu buraco de Liria.

Apostaria, em como sua eminencia, se o visse a passear já pelas ruas, liberto pelo rei, seria capaz de outra vez o chamar para seu serviço.

— Se me deram a liberdade sob a condição expressa de sahir das duas Castellas?

E demais, cuidas que já me haja passado o capricho pelo casal de Liria?! Ainda que o duque de Lerma me offerecesse o cargo que o D. Rodrigo Calderon desempenha, havia de regalar-me em lhe dizer que não. Quero ir vêr a familia a Oviedo; não saio d'isto. Ir vêl-os, coitados, o meu pae e a minha mãe, e retirar-me com elles para o quietismo das cercanias de Valencia.

Se estás arrependido, se já não queres ir commigo, ainda estás a tempo de m'o dizeres. Estou prompto a dar-te metade do dinheiro que tenho. Deixa-te p'ra'hi ficar em Madrid.

O secretario mostrou-se resentido com estas palavras.

— Ora essa!

Está bonita, essa suspeita.

Com que, havia de repugnar-me a mim acompanhal-o?! A mim, o fiel Scipião, o fiel creado que haveria passado os restos dos seus dias na torre de Segovia! Só agora me constrangeria, lá pelas suas contas, em ir viver descançadinho n'um casal de fôro morto? Se lhe dei de conselho que se apresentasse ao duque de Lerma, foi para sondar, a vêr se ainda tinha ambições! Uma vez que assim não é, toca para a innocencia campestre, que nos attrae por seus sorrisos.

Effectivamente sahimos de Madrid d'alli a pouco n'uma caleça puxada por duas boas mulas, guiadas por um rapaz que tomei para creado.

Fomos no primeiro dia dormir em Galapagar, perto de Guadarrama; no segundo em Segovia.

D'alli sahi, sem demora, para ir visitar o generoso alcaide Tordesillas, e, passando por Portilho, chegámos a Valladolid no dia immediato.

Não pude deixar de soltar um suspiro assim que avistei a cidade; e, o meu companheiro, ouvindo-me suspirar:

—Que é isso? Porque suspira?

—Aqui fiz eu de medico! respondi-lhe. É tal qual. Chega a parecer-me, vêr levantarem-se dos sepulcros todos os que mandei para o outro mundo!

O secretario muito sério:

—A profissão pedia isso! Olhe lá, não tenham os medicos eguaes remorsos! Atiram para a natureza todos os casos funestos, e, quando a cousa corre bem, então sim, deve-se a elles a felicidade.

—O doutor Sangrado assim usava.

Ainda que visse morrer vinte doentes por dia, ás mãos d'elle, tal era a persuasão em que estava da vantagem das sangrias e de metter agua para o bucho, que sempre attribuia tudo a haverem aquelles desgraçados bebido pouco, e não se terem sangrado tanto como devia de ser.

O Scipião largou ás gargalhadas.

—Que original, hein?

—Queres tu vêl-o? Se ainda vive, e se está em Valladolid, vamos a isso, se te dá gôsto. Mas, duvido, coitado; era velho quando o deixei, e já lá vae um par de annos.

—Pois vamos a vêl-o, vamos!

A primeira cousa que fizemos na estalagem para onde entrámos, foi perguntar pelo tal doutor.

Não morrêra: mas, já não podia fazer visitas, nem subir escadas, nem sahir sequer, por se sentir velho; abandonára o campo a tres ou quatro doutores, que tinham adquirido fama, por um novo methodo de curar, que valia tanto como o d'elle.

Resolvemos demorar-nos alli um dia, não só para as mulas descançarem, mas para irmos vêr o doutor Sangrado.

Ás dez horas da manhã fomos bater-lhe á porta, encontrámol-o sentado n'uma poltrona e com um livro na mão.

Levantou-se logo que nos viu. Caminhou para nós com passo firme, e perguntou-nos o que pretendiamos.

— É possivel, senhor doutor, disse-lhe eu, que já se não lembre d'este seu discipulo? Não tem já idéa alguma do seu antigo creado e substituto?

— O quê!? replicou, dando-me um abraço. És o Santilhana? Pois não te conhecia, não, e alegro-me de vêr-te. Que tens feito desde que nos separámos. Continuaste com a medicina?

— Vi-me obrigado a refrear a minha inclinação.

— Mau foi isso; haverias chegado a ser um medico habilissimo, se o céo te preservasse da chimica! A medicina tem levado uma volta; está hoje em poder de envenenadores. Ainda as pedras da rua hão de levantar-se contra esta desordem toda dos novos praticos: *lapides clamabunt*. Medicos, que puxam pelo carro triumphal do antimonio: *currus triumphalis antimonii:* desertores da eschola de Paracelso, adoradores do *kermes*, curandeiros de má morte.

O Scipião quiz molhar a sua sopa no pratinho, vendo que eu estava a estalar de riso:

— Eu, senhor doutor, sou sobrinho de um medico da eschola antiga, e meu defuncto tio, que Deus tenha em gloria, era tão partidario de Hypocrates, que quebrou a cara a varios por amor d'esse rei da medicina. Leve o diabo empiricos! Todo o mal, vem d'elles!

— Por mais que tenho escripto contra elles, vejo que vão grelando; tudo são medicos; até já os padres deram em boticarios e cirurgiões: mais de sessenta conventos de frades e freiras, ha em Valladolid: veja o que por lá irá com barrigadas de kermes e emetico; e sangrados nos pés, de mais a mais.

— Tem toda a razão, senhor Sangrado, disse-lhe eu; e, se isto continúa, estou em dizer-lhe que acabam os homens. Vejo a chimica a arruinar a medicina, como a moeda falsa as nações! Vamos para um exterminio geral.

Estava a conversação n'este ponto, quando appareceu uma creada velha, trazendo n'uma bandeja, um pãosinho, um copo e duas garrafas, uma com agua, outra com vinho.

David Corazzi Editor.

Typ-lit de Espasa y C.ª Barcelona.

CAMINHOU PARA NÓS COM PASSO FIRME E PERGUNTOU-NOS O QUE PRETENDIAMOS.

Comeu o medico um boccado de pão e bebeu o seu copito, sendo duas terças partes d'agua.

Disse-lhe eu:

—Olá! Sempre contra o vinho e agora bebe-o? Isso é em attenção á edade? o meu amigo definiu a velhice como uma *tisica* natural, que a pouco e pouco definha, e lamentou os que chamam ao vinho, leite dos velhos!

—Se eu bebesse vinho puro terias motivo de olhar-me como observador infiel da minha doutrina; mas, com agua!

—Queira lembrar-se de que levava muito a mal que o conego Cedillo bebesse vinho, por muita agua que lhe misturasse!

O doutor titubiou azaranzado por esta replica. Para não o levar á parede, mudei de conversação, e despedi-me d'alli a pouco, exhortando-o a que não afrouxasse na guerra á nova eschola.

Em caminho da estalagem, conversando o secretario e eu a respeito do ratão do medico, vimos passar um homem dos seus cincoenta e cinco a sessenta annos, de olhos baixos, e um rosario na mão. Conheci que era o Manuel Ordoñez; o administrador do hospital, de quem fiz menção honrosa no principio da minha historia.

—Sou um seu creado, disse-lhe eu, honradissimo homem para guardar os bens dos pobres. Lembra-se? Eu ia a sua casa, no tempo em que um amigo meu chamado Fabricio Nunes o servia.

—Bem me lembro, já sei, retorquiu o administrador com um sorriso malicioso. Vocês eram boas peças! E, esse Fabricio, em quem veiu a dar?

—Está em Madrid; escreve miscellaneas.

—Que diabo é isso de miscellaneas?

—Prosa e verso. Comedias, novellas, tem talento e está bem visto.

—E de meios? perguntou-me o administrador.

—A esse respeito, cuido que vae mal.

—Pudera! replicou Ordoñez. De abaixar-se aos grandes ainda ha de tirar menos que do seu trabalho. Vem a morrer no hospital, ora verá!

— Póde acontecer, repliquei. Não será o primeiro que a poesia trate com esse extremo. Se elle tivesse continuado á sua sombra, estaria hoje rico.

— Remediado pelo menos, respondeu Ordoñez. Eu estimava-o. Mas quiz ser litterato, e, tão depressa fez uma pecita e a viu em scena, imaginou-se outro Lope de Vega, e já não podia passar sem palmas; tinha a furia da escrevinhação.

Não queria o seu bem, nem o sabia apreciar. Depois d'elle me deixar, tive um creado com mais juizo e menos talento, que não cuidava senão de cumprir as suas obrigações e andar-me ao gôsto. Actualmente tem dois empregos, dos quaes, o menos rendoso, bastaria para sustentar um chefe de familia.

CAPITULO II

CONTINUA GIL BRAZ A SUA JORNADA E CHEGA DE SAUDE A OVIEDO — EM QUE ESTADO ENCONTROU A FAMILIA: MORTE DE SEU PAE

SEIS dias levámos, — nem mais um! — de Valladolid a Oviedo, onde chegámos sem que na jornada nos acontecesse trastorno. E mais, querem dizer que onde houver dinheiro logo dá o faro aos ladrões. Brincadeira! Bastaria surdissem dois de uma cóva, para nos assoprarem os dobrões! Nunca fui valentão, nem a côrte me ensinára a sêl-o; e o Beltrão, meu digno boleeiro, não era homem de se deixar matar, pela bizarria de defender a bolsa do amo: o Scipião, sim; esse, era tesinho.

Chegámos á cidade, já de noite; apeámos-nos á porta de uma estalagem pouco distante da casa de meu tio conego Gil Perez.

Desejava ter noticias dos meus, antes de lhes ir bater á porta, e quem melhor me informaria, do que o estalajadeiro, que sabia quanto se passava em casa dos vizinhos. Olhou elle para mim com attenção, e exclamou:

— Ai! ai! ai! Por Santo Antonio de Padua! É o filho do escudeiro Braz de Santilhana!

— E não é outro senão elle! accrescentou a estalajadeira. É o Gil Brazinho! Ainda o estou vendo, quando elle vinha, á noite, ás carreirinhas, com o pichel, buscar vinho para a ceia do tio!

— Que linda memoria tem, minha senhora! ponderei. Já agora, se faz favor, diga-me alguma cousa da minha familia! Vão mal?

— Muito peor do que póde imaginar! O senhor Gil Perez, tão boa pessoa que elle era, está paralytico das pernas; o senhor seu pae, que ultimamente foi para casa do conego, soffre muito do peito e está a decidir; a mãesinha, que mal póde comsigo, é obrigada a andar de pé, Deus a ajude, para tratar dos dois enfermos.

Apertou-se-me o coração. Deixei o Beltrão na estalagem; e, acompanhado pelo Scipião, que não quiz tirar-se de meu lado, fui procurar meu tio.

Assim que appareci a minha mãe, a commoção em que aquella boa alma ficou, logo lhe deu a conhecer quem eu era, ainda antes de poder ter tempo de me examinar as feições.

— O meu filho! disse, com uma infinita tristeza, abraçando-me. Ai! Vens vêr morrer teu pae...

Dizendo isto, levou-me para um quarto onde o pobre Braz Santilhana, extendido na sua caminha, estava expirante, conservando todavia, ainda que cercado já das sombras da morte, certo conhecimento das cousas.

— Esposo adorado, disse-lhe minha mãe, tens aqui teu filho Gil Braz, que vem pedir-te perdão... Deita-lhe a tua benção...

Ao ouvir isto, abriu os olhos, que iam a fechar-se para sempre, fixou-os em mim, e observando, apesar da prostração em que se achava, que eu estava a chorar, pareceu enternecer-se; quiz falar-me, mas, já não poude.

Peguei-lhe da mão, e emquanto lh'a banhava em lagrimas, sem poder proferir uma palavra, exhalou o derradeiro alento, como se houvera estado á espera, de que eu chegasse, para morrer. Estava minha mãe preparada para aquelle golpe; e mais consternado fiquei eu talvez, apesar de meu pae nunca haver tido para commigo a minima demonstração de affecto. Sempre eu era filho! Isso é o que valia. Nem se precisaria mais para dever choral-o e ter remorsos de não lhe haver valido nunca; chegando a figurar-se-me ser um monstro de ingratidão, quasi um parricida.

Meu tio, que depois fui vêr, prostrado n'outra cama, tambem me despertou horror por mim proprio.

—Miseravel! dizia, entre mim. Em que pobreza teus paes viviam! Se os houvesses soccorrido, com um nadinha, do muito que te sobejava antes de seres preso, ter-lhes-ias dado os commodos da vida, e ainda porventura a estas horas poderias ter pae!

O infeliz Gil Perez já nem tinha memoria; por mais que o abracei e lhe dei todos os signaes de ternura, não lhe fazia isso impressão nenhuma; minha mãe a dizer-lhe que eu era o Gil Braz, o seu sobrinho, e elle a olhar para mim pasmadinho, como se nada fôsse, sem responder palavra.

Causou-me afflicção vêl-o n'aquelle estado; ainda que a voz do sangue, e o muito que lhe eu era obrigado, me não fizessem compadecer, bastaria a tristeza d'aquelle espectaculo para angustiar toda a gente.

O Scipião conservou-se n'um profundo silencio, e chorando commigo. Na idéa de que minha mãe, depois de tão demorada ausencia, tivesse para me dizer particulares de familia, e que a presença de um extranho a constrangesse, chamei-o de parte, e disse-lhe que fôsse para a estalagem.

Ficámos, minha mãe e eu, a falar, toda a noite, contando um ao outro tudo o que acontecêra desde a minha sahida de Oviedo. Fez-me ella a narrativa do que soffrêra nas casas onde havia estado a servir, e disse-me a esse respeito milhares de cousas, que eu não estimaria realmente que o Scipião tivesse ouvido, apesar de não ter segredos para elle. Quando acabou de me

contar os seus casos, contei-lhe eu os meus; e no ponto da visita que o filho do Beltrão Muscada me fizera em Madrid, consagrei a essa passagem da minha vida com o tendeirito de Oviedo uma descripção circumstanciada.

— Confesso que acolhi o rapaz pouco amavelmente. Veiu dizer mal de mim, é de crer...?

— Extranhou, respondeu minha mãe, que não desses attenção á miseria em que nos achavamos; desculpámos-te, julgando o teu coração pelo nosso, e agora se vê que nos não enganámos, uma vez que estás em Oviedo.

— Obrigado, mãe; verdade é, que, a ebriedade da fortuna, e da ambição, não me deixou dar-lhe ouvidos, e a grosseria d'elle, teve um pouco a culpa: foi dizer-me que lhe havia constado estar eu senhor de muitos bens de fortuna, e, sem lhe pedir conselho, lembrou-me dos meus deveres, ao ponto de eu perder a paciencia e o pôr fóra do quarto aos empurrões.

Ninguem lhe deu tanta razão como eu, instantes depois de o vêr pela porta fóra. O Muscada era o Muscada, e isso, para mim, nada queria dizer; mas o sangue é que fez a obrigação devida, e com o lembrar-me o que devia a meus paes, chegaram-me a vergonha e os remorsos.

Fui preso logo n'aquelle dia ou no outro, á ordem de el-rei, e encerrado na torre de Segovia; ahi adoeci, e a essa ditosa enfermidade deve minha mãe o estar a vêr-me aqui. A doença e a prisão obrigaram a natureza a recobrar os seus direitos, e inteiramente me desligaram da côrte. Suspiro agora por um cantinho isolado, e vim ás Arturias para lhe pedir que venha viver na minha companhia, a fim de gosarmos juntos as doçuras da vida no ermo; leval-a-hei para um casal, que possuo no reino de Valencia, onde lograremos passar commodamente a vida. Era minha intenção levar tambem meu pae... Não o quiz o céo assim!

Minha mãe disse-me então:

— Agradeço-te, filho; as tuas intenções são boas, e se eu não tivesse as minhas razões para... Bem vês que não hei de desamparar teu tio e meu irmão no estado em que se acha. Ainda ha mais outro motivo, o estar cos-

tumada n'esta terra, e não querer deixal-a. Dá-me vagar para reflectir, e falaremos: — por agora, do que devemos cuidar, infelizmente, é do enterro de teu pae.

— Este rapaz que minha mãe viu commigo, e que é meu secretario, tratará d'isso.

Apenas havia pronunciado estas palavras, entrou o Scipião; era já dia claro: perguntou-nos, com ar contristado se poderia ser de prestimo para alguma cousa.

Respondi-lhe que chegava muito a tempo, e expliquei-lhe do que se tratava.

— Ó senhor, acudiu minha mãe, não se quer enterro de ostentação; por modesto que seja, nunca o será demasiado para meu marido, que viveu e morreu creado de servir.

— Nas palhas que elle tivesse morrido, não hei de abaixar dois maravedis que sejam, no que deva despender-se para a cerimonia! retorquiu o meu secretario.

Tenho de lembrar-me que meu amo foi o favorito do duque de Lerma, o que o obriga a enterrar seu pae com grandeza!!

Approvei aquelle modo de vêr as cousas, e recommendei ao secretario que não attendesse a economias. Restos de vaidade. Lisongeou-me a idéa de que fazer tal despesa por meu pae, sabendo todos que elle me não deixava nada, seria objecto de admiração, e que todos louvariam o meu generoso procedimento.

Minha mãe, apesar da modestia que apparentava, não deixava de levar em gôsto que seu marido fôsse enterrado com pompa; o Scipião dispoz tudo para um enterro rico, e tão magnificamente se celebraram os funeraes, que foram motivo de escandalo para toda a cidade e arrabaldes.

Os habitantes de Oviedo, gritaram contra isso, de eu ter dinheiro para enterrar o pae com luxo, e não o haver tido para lhe dar de comer, emquanto vivo foi.

Não contentes com isso, á sahida da egreja insultaram-nos ao Scipião, ao Beltrão e a mim.

Ferveram injurias contra nós, e correram-nos á pedra.

Para a canalha, que se nos juntára á porta, dispersar, foi necessario chegar minha mãe á janella e protestar que não tinha razão alguma de queixa contra mim.

Foram uns poucos á estalagem, para me quebrarem a carruagem, e tel-o-iam feito se os estalajadeiros não houvessem por bons termos socegado os animos.

Todas estas affrontas, resultantes do que o tendeiro havia propalado a meu respeito na cidade, tal aversão me despertaram para com os meus patricios, que determinei sahir de Oviedo sem demora, declarando a resolução em que estava a minha mãe.

— Não insisto mais para que venha viver na minha companhia, lhe disse, visto não poder abandonar o tio; prometta-me, porém, que em elle fallecendo, virá para mim.

— Isso não te prometto eu, filho; quero passar nas Asturias os poucos dias de vida que me restam... E depois, quem sabe, pódes vir a namorar-te de alguma menina e casares com ella; ahi virá nora, ahi ficarei sendo sogra eu, debaixo do mesmo tecto...

— Isso é querer avistar o mal ao longe; nenhuma tenção formo de me casar; mas, se a todo o tempo tiver essa idéa, minha mulher haverá de obedecer em tudo á vontade de minha mãe.

O secretario veiu metter-se na conversação.

— Penso como a senhora. Noras macias, noras aturaveis, são rarissimas. Para vocemecê viver satisfeita, e satisfeito tambem viver o meu amo, não ha remedio senão estipular-lhe elle uma pensão de cem dobrões. A senhora fica nas Asturias, fica elle em Valencia, e eu me incumbo de trazer aqui todos os annos a pensão; é a maneira de mãe e filho, se darem bem um com o outro a duzentas leguas de distancia.

Ficou approvada esta convenção; paguei adeantado o primeiro anno, e, no dia immediato, ao amanhecer, receoso de que a populaça fizesse de mim outro Santo Estevão, fui-me retirando.

Admiravel licção para as pessoas de nascimento humilde, que, depois de enriquecerem em terra extranha, voltam á sua e querem ser importantes deante de quem os conheceu pau de larangeira.

CAPITULO III

TOMA GIL BRAZ O CAMINHO DE VALENCIA E CHEGA FINALMENTE A LIBIA; DESCREVE-SE A SUA QUINTA; EL-CONDE TORNA-LÁ ESCONDIDO; QUE PESSOAS LÁ ENCONTROU

SEGUIMOS pela estrada de Leão, depois pela de Palencia, e assim, devagarinho, por modo que vinte dias depois chegámos a Segorbe e, na manhã immediata, á quinta.

Á proporção que nos approximavamos, observava o secretario as fazendas, e em avistando alguma de grande apparencia, logo m'a apontava a dedo:

— Esta é que havia de ser a nossa!

— Ó meu rico, disse-lhe eu. Trata de representares no teu pensamento a casinha campestre que Mecenas deu a Horacio na terra dos Sabinos, perto de Tibur...

— Alguma cabana?

— Se queres julgar por ti proprio da fidelidade da minha pintura, volve a vista para o rio Guadalaviar. Olha para a margem... Não avistas uma aldeola de nove ou dez casas...? Vês a que tem quatro torres pequeninas, vêl-a? Essa, é a quinta.

— Upa! exclamou o secretario assombrado. Que joia! Construcção bonita, cercanias mais deliciosas, que os arrabaldes de Sevilha, paraiso terreal, chamado. Se a houvessemos escolhido não poderia ser mais a meu gôsto. Ella tem rio, ella tem bosque... Que sombras que aquillo ha de ter! Que solidões. Já d'aqui não sahimos.

— E ainda lhe não conheces as delicias todas.

Assim conversando chegámos á casa, cujas portas se nos abriram tão depressa Scipião disse ser eu, o senhor Gil Braz de Santilhana, que ia tomar posse.

Entrou a carruagem para o pateo; e ahi me apeei, encostando-me gravemente ao Scipião, para me dar ares de personagem, e indo para uma sala onde me encontrei com sete ou oito creados, mandados por D. Cesar e D. Affonso, cozinheiro, moço da cozinha, ajudante e *bicho*, como elles dizem, lacaios, porteiro, com intimação, todos elles, de que o seu salario corresse por conta dos fidalgos. O cozinheiro, um chamado Joaquim, affiançou-me ter provisão dos melhores vinhos da Hespanha, haver servido por espaço de seis annos o senhor arcebispo de Valencia, e estar seguro de que haveria de excitar o meu appetite.

— Vou entrar! accrescentou. Vou dar quanto antes a vossa senhoria uma prova da minha habilidade. Queira vossa senhoria dar uma voltinha pelo que é seu, emquanto se faz o jantar!

Bem se póde considerar que lhe disse que sim; e o Scipião, ainda mais curioso do que eu, foi-me levando de quarto em quarto, sem encontrarmos em tudo senão motivo para admirar a bondade de D. Cesar e seu filho.

Chamaram-me a attenção dois quartos mobilados com gôsto extremo; no primeiro, tapessarias dos Paizes-Baixos, cama e cadeiras de velludo, do

tempo em que os mouros occuparam o reino de Valencia; no outro, paredes forradas de damasco de Genova, côr de canna, cama e cadeiras do mesmo estofo, com franjas de seda azul.

Chamaram-nos depois para a mesa, quando já tinhamos visto tudo, e serviram-nos uma *olha podrida*, que nos fez ter pena do arcebispo, por esse pobre homem haver perdido o cozinheiro que temperára esse caldo!

O appetite era bom, verdade seja, o que contribuia para que os guisados nos soubessem ainda melhor. De boccado em boccado, os creados enchiam-nos os copos de um vinho da Mancha, riquissimo. Não se atrevendo o Scipião a deixar vêr deante d'elles a satisfação em que estava, dava-m'a a perceber com o olhar. O assado compunha-se de duas codornizes gordas e uma lebresita, que nos obrigou a comer até lhe tocarmos com o dedo.

Levantámos-nos da mesa para irmos dormir a sésta, no jardim, que o secretario, enlevado, comparava ao do Escurial. Ruas cobertas de areia; larangeiras, tanque de marmore, leão de bronze a jorrar agua... E que flores, que diversidade de fructos... O Scipião estava encantado.

Assentando-nos junto de um alamo, que ameno somno se apoderou d'estes dois, ambos cheiinhos de tão boa comida, deleitados agora d'aquella amenidade reparadora!

Duas horas se passaram, e para acordarmos foi preciso um estrondo de tiros. Corremos á casa do abegão com o fim de nos informarmos, e encontrámos lá oito ou dez aldeões, que estavam dando salvas para celebrarem a minha chegada.

—Viva o novo proprietario de Liria! gritaram, tornando a carregar as espingardas e obsequiando-me com uma descarga geral.

Prometti fazer quanto podesse em seu beneficio, e dei-lhes uns vinte dobrões, que foi o que mais lhes agradou, se me não engano, em todo o bom modo que lhes mostrei. E deixando-lhes a liberdade de irem gastando mais polvora em minha honra, fomos para o bosque outra vez, dando tempo de se preparar a ceia, que ainda ficou melhor que o jantar. Quatro

David Magnen Editor

Tipolit. de Espa a y C.ª Barcelona

OFFERECI-LHES A MINHA PROTECÇÃO E DEI-LHES UNS VINTE DOBRÕESITOS.

perdizes assadas, um coelho para um lado e um capão para o outro, orelheira de porco com hervas, frangãos ensopados, creme de chocolate; vinho de Lucena, excellente e á farta.

Quando já não podiamos comer e beber mais, fomos-nos deitar, acompanhando-me os creados para me ajudarem a despir.

Boa noite, disse-lhes, logo que me deram o chambre. Não preciso de mais nada; vão-se deitar.

Fiquei de conversinha com o Scipião.

—Que me dizes?

—De mitra e gaita!

—Os senhores de Leiva portam-se para commigo com a generosidade primorosa de gentis-homens.

—Assim isto dure!

—É o que eu não desejo, repliquei; não posso consentir a despesa que lhes estou causando, nem ser servido por creados pagos por outrem; chega a figurar-se-me que não estou na minha casa. Que necessidade temos de tantos creados? Basta-nos o Beltrão, o cozinheiro, o moço d'elle, e um lacaio.

O Scipião não era muito d'este meu voto. Por seu gôsto, continuaria a viver á barba longa á custa do governador de Valencia. Não teve remedio, porém, senão conformar-se com a delicadeza dos meus sentimentos e approvar esta determinação.

Resolvido este ponto, sahiu Scipião do meu quarto e dirigiu-se gravemente para o d'elle, a fim de metter-se na cama.

CAPITULO IV

VAE GIL BRAZ A VALENCIA VISITAR OS SENHORES DE LEIVA; DA CONVERSAÇÃO QUE COM ELLES TEVE E DA MANEIRA POR QUE O ACOLHEU D. SERAFINA

Deitei-me; mas não tinha somno.

Avivando na minha lembrança os favores com que os fidalgos de Leiva pagaram a amizade, que lhes tinha, resolvi ir no dia immediato fazer-lhes uma visita. Sorria-me a idéa de tornar a vêr Serafina. O peor seria a Lourença Sefora apparecer-me! e era natural não lhe haver esquecido ainda a bofetada, nem o atrevimento que a provocára. Adormeci por fim e não acordei senão já de manhã clara. Estava a acabar de me vestir quando o secretario entrou no meu quarto.

—Scipião, disse-lhe eu, tens deante de ti um cavalheiro que vae partir

para Valencia, a visitar os fidalgos, e agradecer-lhes. Deixa-te ficar, se queres. Não estarei por lá mais de oito dias.

—Faz muito bem n'isso. O que elles não irão ficar de contentes! Faz o que deve.

Disse ao Beltrão que apparelhasse as mulas e as mettesse á carruagem. No emtanto almocei. Á sahida recommendei aos creados que attendessem ao meu secretario como a mim proprio, e obedecessem a todas as suas ordens.

Cheguei a Valencia em menos de quatro horas; mandei recolher a carruagem nas cocheiras do governador, e pedi que me conduzissem ao quarto do fidalgo. Abri a porta sem cerimonia. Estava o pae no quarto do filho.

—Os creados, disse-lhes eu, não mandam recado para se apresentarem a seus amos; está aqui um creado antigo de vossas senhorias, que vem offerecer-lhes os seus respeitos.

Quiz pôr o joelho em terra deante d'elles, mas não o permittiram, e apertaram-me em seus braços.

—Já fôste a Liria, meu querido Santilhana? perguntou-me D. Affonso. Já tomaste posse?

—Tudo alli me agrada, meu senhor; só não posso accommodar-me com o ter cozinheiros de arcebispos, e tres vezes mais creados do que os que preciso, occasionando assim despesas tão consideraveis como superfluas.

—Se houvesses acceitado, disse D. Cesar, a pensão de dois mil ducados que te offerecemos em Madrid, ter-nos-iamos limitado a offerecer-te o casal. Não quizeste.

—Chega a incommodar-me, quasi me tortura n'uma sujeição permanente considerar no quanto importa costear a quinta e a casa com uma tal despesa de serviçaes. Por tudo quanto ha lhes peço, ou fiquem outra vez com a quinta, ou deixem-me viver lá á minha vontade.

Com tal inteireza pronunciei estas palavras, que, não querendo, nem o pae nem o filho, violentarem-me, permittiram-me que pozesse e dispozesse no casal livremente e a meu gôsto.

Agradeci mil vezes essa concessão, que constituia a minha principal felicidade; e n'isto, interrompeu-me D. Affonso:

— Alto, meu caro Gil Braz, quero apresentar-te a uma senhora que vae estimar vivamente vêr-te.

Pegando-me da mão, levou-me ao quarto de Serafina, a qual, logo que me viu, deu um grito de alegria.

— Aqui está o nosso amigo Santilhana, disse-lhe o governador. Creio que não terá em o vêr menos gôsto do que nós tivemos.

— Nem elle poderá duvidar d'isso, respondeu ella. Não lhe devemos tão pouco, todos nós.

Respondi á governadora que pago e mais que pago me considerava do perigo a que me havia exposto, com o expor a minha vida para conservar a d'ella: depois metteu-me D. Affonso o braço e fomos outra vez juntar-nos com D. Cesar, que se achava na sala em companhia de muitos cavalheiros convidados para lá jantarem n'esse dia.

Comprimentaram-me com a maior cortezia, tanto mais que haviam sabido por D. Cesar ter sido eu um dos principaes secretarios do duque de Lerma.

É possivel até que alguns d'elles não ignorassem haver D. Affonso obtido por minha intervenção o governo de Valencia, porque mais tarde ou mais cedo tudo n'este mundo vem a saber-se.

Á mesa falou-se do novo cardeal. Uns o elogiaram, não sei se sinceramente, outros lhe cortavam, como nós dizemos. Logo percebi que me queriam puxar pela lingua, e sabe Deus o que me custou não dizer eu alli o que pensava d'elle, mas, á cautela, fui-me calando.

Depois de jantar retiraram-se os convidados e lá foram para suas casas dormir a sésta. D. Cesar e o filho foram para os seus quartos; e, eu, sahindo um boccado para vêr a cidade, encontrei logo na rua um homem que se chegou a mim e me disse:

— O senhor de Santilhana dá licença de que eu lhe apresente os meus comprimentos?

Sou o escudeiro do senhor D. Cesar.

Quando o senhor estava de mordomo na casa, era eu creado. Ia ao seu quarto todas as manhãs, informal-o do que se passava. Não se lembra? E, de quando eu, uma vez, lhe disse, que o cirurgião de Leiva ia ás escondidas ao quarto da senhora Lourença Sefora?

—Já me lembro, respondi. E que foi feito d'ella?

—Morreu, coitada, mais chorada da ama que do amo.

Dicto isto, pediu-me o rapaz desculpa de me haver detido, e eu prosegui no meu caminho, sem deixar de ter pena da pobre mulher, como se até certo ponto, tambem eu houvesse tido culpa na desgraça d'ella.

A cidade pareceu-me bem, entretive-me a olhar para o palacio do arcebispo e para os porticos da Lonja: attrahiu-me a attenção uma casa grande que avistei, para onde entrava muita gente; e quiz saber o que seria isso de irem para alli tantos homens e tantas mulheres...

Li então estas palavras, escriptas com lettras de oiro, n'uma lapide de marmore preto, por cima da porta:

POSADA DE LOS REPRESENTANTES

N'um cartaz annunciavam os actores que haveria de representar-se pela primeira vez, n'aquella noite, uma tragedia nova de D. Gabriel Triaquero.

CAPITULO V

VAE GIL BRAZ AO THEATRO: PEÇA NOVA: O PUBLICO

Estava á porta do theatro, toda a qualidade de gente; fidalgos, plebeus, aventureiros, tropel confuso. Quando eu ia a comprar bilhete, chegaram o governador e sua mulher, e levaram-me para o camarote.

—Todos correm a ouvir a tragedia de D. Gabriel Triaquero, o poeta da moda em Valencia, disse-me D. Affonso.

O panno a erguer-se, e logo a romperem applausos. Toda a noite assim. Concluida a récita, mostraram-me o auctor, de camarote em camarote e a pechinchar louvores.

Fomos d'alli para o palacio do governador, onde chegaram tres ou quatro cavalheiros e dois auctores antigos, de fama, com um madrileno conceituado.

Não se falou á ceia senão da peça.

Um cavalheiro de Sant'Iago e outro de Alcantara consideraram-a um poema digno de Apollo.

— Em Madrid, disse o madrileno, não se julga de uma peça sem a haver lido: quando Lope de Vega e o Calderon escreviam peças, de tanta severidade eram para com elles os seus admiradores, que não os levantavam á gloria sem entenderem que a mereciam.

— Para nós, disse o de Sant'Iago, basta-nos ser obra de D. Gabriel, para lhe não admittirmos defeito. Não levamos nem a timidez nem o escrupulo a ter paciencia de esperar que uma peça de theatro saia em lettra redonda, para darmos opinião ácêrca do merecimento d'ella. Assiste-se á primeira representação, e alli se decide por uma vez da valia em que a obra mereça ser considerada. Nem precisâmos estar attentos e de ouvido á escuta; é a peça do D. Gabriel? é; basta-nos isso, não se precisa saber mais nada. Pensamentos sublimes, sentimentos nobres, versificação energica. Ora, isso, por força; se ella é do D. Gabriel!

— Pois, a querermos dar parecer pela primeira récita, retorquiu o madrileno, digo-lhes que, esta peça, não presta para nada: rasgos tontos, maus versos, personagens sem feição, phrases sem idéa.

Os dois auctores, que estavam á mesa e que, por modestia, tão louvavel quanto rara, nada haviam dicto, segundo julguei, para não passarem por invejosos, approvaram de esgares a opinião d'este cavalheiro, — o que me fez crer que o seu silencio proviesse menos da perfeição da peça que da velhacaria d'elles.

— Oh! divino Lope de Vega, raro e sublime engenho, que tão grande espaço deixaste entre ti e todos os Gabrieis, que por este mundo escrevem peças, — exclamou o castelhano — e tu, dôce Calderon de inimitavel elegancia e gôsto! não vos arrecieis de que nos derrube os altares este pequerrucho das musas, nascido á ultima hora. Ainda lhes queremos d'alma, áquelles; d'estes, quem sabe, se ámanhã se lembrará alguem?

Esta graciosa apostrophe, que ninguem esperava, teve um triumpho; e a rir se levantaram todos da mesa e se retiraram.

Fui eu para o quarto, que me era destinado, e repimpei-me n'uma deliciosa cama a rir tambem, antes de adormecer, da injustiça que os ignorantes faziam ao Lope e ao Calderon.

CAPITULO VI

PASSEANDO GIL BRAZ PELAS RUAS DE VALENCIA, ENCONTRA UM RELIGIOSO QUE SE LHE AFIGURA SER SEU CONHECIDO; QUE SUJEITO ERA ESSE RELIGIOSO

Porque não houvesse podido vêr a cidade toda no dia antecedente, levantei-me cedo e sahi para a ir examinar á minha vontade. Eu a chegar á rua, e a dar com os olhos n'um frade cartucho, que parecia andar no seu giro, a tratar dos negocios do convento. Caminhava de olhos baixos, com devotissimo aspecto, e todos olhavam para elle com a attenção devida; quando passou junto de mim, foi como se no coração me désse uma pancada. Pareceu-me estar vendo o D. Raphael; o aventureiro-mór D. Raphael, já por mim tão citado!

Fiquei assombrado; e, se havia de chegar-me a elle, detive-me e espequei immovel, a vêl-o ir por alli adeante toca que toca!

Piedoso Deus! Dar-se-ha o caso de haver duas caras tão parecidas!? Que deverei pensar?! É o D. Raphael...? Não póde ser! Não é o D. Raphael...? Que outro seria!

Quiz tirar aquillo a limpo; perguntei qual o caminho que se tomava para a Cartucha: e para alli marchei, sem perder um instante, na esperança de tornar a vêr, o tal homem, quando elle recolhesse ao mosteiro, e disposto a falar-lhe. Não foi, porém, preciso tanto.

Logo que cheguei á porta, tirou-me as duvidas todas outra cara que me appareceu, e, essa, conhecia-a eu á maravilha.

Era o Ambrosio Lamela!

O meu creado antigo!

Vinha de porteiro.

Ficámos tão pasmados um como o outro, de nos encontrarmos n'aquelles sitios.

—Será illusão minha? disse-lhe eu. Ou é effectivamente o meu prezado amigo...

Elle, logo á primeira, não me conheceu, ou fingiu não me conhecer.

Mas, considerando ser inutil qualquer disfarce, e fazendo como se de repente cahisse em si:

— É o sr. Gil Braz?

Queira perdoar, senhor Gil Braz; desde que vivo n'estes santos logares enfraqueceu-me tanto a memoria de tudo quanto vi por esse mundo!

— Muito estimo encontrar-te, acudi eu, ao cabo de dez annos, com tão respeitaveis vestes!

— E eu envergonho-me, respondeu elle, de assim me apresentar a quem foi testemunha da perdida vida que levei... Este habito que visto é a reprehensão mais severa de um tal passado. Para ser digno de o usar, cumpria haver vivido sempre no estado de innocencia.

—Summo prazer me estás dando. Vê-se pelo teu modo de falar, irmão carissimo, que estás tocado pelo dedo de Deus! Acode á minha impaciencia

filho, conta-me por miudos que milagre foi o que vos fez entrar no bom caminho, a ti e ao D. Raphael? Sim, ao D. Raphael; vi-o ha boccadinho.

De cartucho!

Encontrei-o na rua... Fiquei com pena de lhe não haver falado. Por isso, agora, estou aqui para emendar essa falta. Venho esperar por elle.

— E é que não se enganou! disse-me o Lamela. Era o D. Raphael, era. E, emquanto á impaciencia em que o vejo de saber o que foi passado, eu lhe conto tudo. Depois de nos separarmos perto de Segorbe, o filho de Lucinda e eu fomos para Valencia, na idéa de fazermos por lá alguma das nossas. Quiz o acaso que entrassemos na egreja dos cartuchos, quando os frades voltavam das rezas do côro. Ficámos pasmadinhos a olhar para elles, tão certo é que até os maus veneram a virtude.

Admirámos o fervor com que rezavam, o ar de penitencia a expiar as culpas e os prazeres da vida, a serenidade que respirava de seus semblantes e que era annuncio do desapégo ás alegrias do seculo, revelando, indubitavelmente, já, a paz da consciencia. Comparámos mentalmente os nossos costumes aos d'aquelles bons frades, e a distancia que mediamos de uns aos outros amedrontou-nos.

— Lamela, disse-me D. Raphael quando sahimos da egreja, que impressão causou no teu animo o que acabámos de vêr?

Estou alguma cousa apoquentado e inquieto, sabes?

Palavra! Quer creias, quer não, é a primeira vez que me accuso a mim proprio das iniquidades da minha vida!

— E mais eu! respondi. Estou na mesma. Vejo erguerem-se as más acções que tenho praticado, erguerem-se como gigantes deante de mim, e este coração, que nunca soubera que cousa fôssem remorsos, está minadinho por elles, n'esta hora em que me escutas!

— Ambrosio querido! proseguiu o companheiro; somos duas ovelhas extraviadas que nosso Pae celestial chama piedosamente ao aprisco. Está a chamar-nos, meu amiguinho, não sejamos surdos á sua voz. Ouvel-o? Re-

nunciemos á iniquidade, apartêmos-nos da dissolução em que vivemos. Vamos a trabalhar, para nos salvarmos, valeu? É negocio serio, Ambrosio! Consagremos os dias que nos restam á penitencia, n'este mosteiro. Estás por isto?

— Approvei aquelle pensamento, continuou frei Ambrosio.

Fizemos-nos cartuchos.

Já se vê, recorremos para isso ao prior, que, para nos experimentar a vocação, ordenou que nos dessem cellas e nos tratassem como irmãos da ordem por espaço de um anno. Observámos as regras com a maior constancia, e passámos logo a noviços. Valorosamente supportámos os trabalhos do noviciado, e, mercê da exactidão e escrupulo no cumprimento dos nossos deveres, fomos admittidos a professar. Tal foi, o talento e propensão para tratar dos negocios, que D. Raphael mostrou desde o primeiro dia, que o nomearam para alliviar na sua tarefa um padre antigo, que desempenhava as funcções de procurador.

Houvera preferido o filho de Lucinda empregar todo o seu tempo em orações; porém, viu-se obrigado a sacrificar esse gôsto á necessidade que d'elle havia para o bem do convento.

Não seria possivel estar-se mais satisfeito com elle, do que o estão quasi todos os irmãos.

Anda sempre a receber as rendas, e parece que não pensa nem cuida senão da vida eterna. É todo vida eterna!

Em os negocios lhe deixando um instante de socego, logo elle se mergulha em meditações.

É modelo!

Interrompi n'este ponto o Lamela, pelo gôsto que tive de vêr apparecer o Raphael.

Eil-o! exclamei. Aqui vem o santo! E corri a abraçal-o.

Abraçou-me elle tambem, sem demonstração alguma de que o vêr-me lhe désse abalo.

Louvado seja Deus, senhor de Santilhana, disse-me com voz dulcissima, ainda bem que o vejo!

—Muitos parabens, querido Raphael!

—Estimo muito vel-o feliz. Já frei Ambrosio me contou, com os devidos pormenores, a historia da sua conversão.

Ditosos, ambos!

Podem lisonjear-se de serem do numero dos eleitos, destinados á bem-aventurança eterna.

—Seria ambiciosa de mais tal esperança, em dois miseros, como nós.

O que vale, é que Deus tem perdão para o arrependimento, quando o vê sincero.

Bem podia tambem o senhor Gil Braz propor-se a que Deus se amerceasse das offensas que lhe tem feito.

O que o traz a Valencia?

Corre algum perigo, metteu-se em empresa arriscada?

—Nada. Um viver honradissimo. Quando não paro n'uma casa de campo que possuo, venho passar uns dias com o meu amigo, o senhor governador, que muito bem conhecem.

Contei-lhes então a historia de D. Affonso de Leiva; e com o dizer-lhes que havia levado da parte d'este senhor ao Samuel Simão os tres mil ducados, que lhe furtáramos, logo o Lamela me cortou a palavra dizendo ao D. Raphael:

—Vê, padre Hilario! Já o mercador não tem que se queixar de um roubo, que veiu a ser restituido, e com juros, quando entrou outra vez na posse! Ora, aqui está, graças a Deus; póde a nossa consciencia ficar socegada.

—Effectivamente, disse o procurador, antes de tomarmos o habito, mandámos entregar, por mão de outro ecclesiastico, mil e quinhentos ducados ao Samuel.

Todo o mal está da parte d'elle, em receber essa quantia depois do senhor de Santilhana o haver embolsado de tudo.

— Quem sabe, se esses mil e quinhentos ducados...

— O quê? Se lhe chegaram...?

Um ecclesiastico honradissimo, por cuja integridade eu responderia como por mim proprio! Essa é de capitulo. Valha-o Deus; nem pensarmos n'isso é bom.

— Um virtuoso padre! acudiu o Lamela. Já teve tres demandas, por depositos que lhe foram confiados.

E sempre as partes tiveram que pagar as custas. Trilolé!

Virtuosissimo!

Calei-me, a razões tão solidas; conversámos depois um boccado ainda, e separámos-nos, encommendando-me elles a Deus, e eu ás orações com que por mim interviessem para com o poder divino.

Fui d'alli procurar D. Affonso, e disse-lhe:

— Venho agora de estar com dois frades cartuchos, que são conhecidos de vossa senhoria. Chama-se um o padre Hilario, o outro o irmão Ambrosio!

— Não conheço nenhum frade cartucho! Sériamente; isso é engano.

— Conheceu em Chelva o irmão Ambrosio, commissario da Inquisição, e o padre Hilario, secretario! Vossa alteza conheceu esses!?

— O que! exclamou.

Metteram-se a frades, o Raphael e o Lamela.

Já professaram ha annos. O primeiro é procurador do convento, e o segundo está de porteiro.

— E se fôr comedia?

— Ninguem vê no fundo dos corações; mas, muito me engano eu, se deveras aquelles ex-bregeiros não estão arrependidos dos seus peccados.

— Penitencia talvez; é possivel que fôsse promessa que fizessem... Ha bandidos, que acabam assim os seus dias. Estar o dinheiro do mosteiro nas mãos do padre Hilario, isso é o que nunca é bom! ponderou o governador. Pobres cartuchos! Que elle tomasse o habito com boa intenção, acredito... Isso, vá! ainda eu me presto a crer; mas, lidar com dinheiro sem se lhe

aguçar a cobiça...? Não dês a chave da adega a borrachão antigo, que abandonasse o vinho!

Não tardou muitos dias que a desconfiança do governador se verificasse. Desappareceram de repente o procurador e o porteiro com a caixa.

Correu logo a noticia pela cidade; o que todos riram! Talvez, no meio da galhofa, só o governador e eu tivessemos pena dos frades; todavia, a respeito de conhecermos os apostatas, não démos uma só palavra; tão tolos seriamos nós!

CAPITULO VII

REGRESSA GIL BRAZ Á SUA QUINTA DE LIRIA; DA NOTICIA AGRADAVEL QUE SCIPIÃO LHE DEU, E DA REFORMA QUE FIZERAM NO PESSOAL MENOR

Oito dias me demorei em Valencia, gosando do mundo e relacionando-me com marquezes e condes, entretido em vêr comedias, ir aos bailes, concertos, banquetes, reuniões, proporcionando-me o senhor governador e a senhora governadora esses recreios.

E o caso foi, que ambos sentiram a minha falta, e não me deixaram partir para Liria sem lhes dar a minha palavra de que iria vêl-os de vez em quando.

Até chegámos a uma combinação formal: que haveria eu de passar o inverno na cidade e o verão na quinta.

O Scipião, que não via chegar o desejado instante de eu voltar aos lares, ficou a pular de contente quando lhe appareci.

Só o que elle gostou, de me ouvir contar-lhe tudo o que se passára na viagem!

— E tu, ó meu amigo, perguntei-lhe, o que fizeste durante a minha ausencia? Divertiste-te muito?

— Quanto póde divertir-se um creado fiel, que estime mais do que tudo a presença de seu amo! respondeu-me elle.

Andei a passear por ahi e a vêr os sitios.

Ía até á fonte, que ha na matta, assentar-me o meu boccado...

De outras occasiões estirava-me no campo, á sombra de alguma arvore, a ouvir cantar os passarinhos...

Andei á caça...

Fui á pesca...

De tudo, porém, o que me deu maior gôsto, foi o entreter-me a lêr.

Grande cousa são os livros, meu amo!

E ha-os aqui bem bons; obras de leitura util e que deleitam o espirito!

Interrompi-o logo:

— Onde é que está isso?

— Os livros? Estão na bibliotheca da casa.

Foi o mestre Joaquim quem me deu a noticia d'essa riqueza.

— Mas, onde é, essa bibliotheca!?

Pois não percorremos as casas todas?!

— Parecia! replicou-me elle.

Fique sabendo agora, que passámos apenas revista a tres districtos.

— E o quarto?!

— Escapára-nos.

Alli é que o senhor D. Cesar, sempre que vinha a Liria, passava um pedaço de tempo.

Tem bons auctores, a livraria!

Que serões para o inverno, quando os jardins já não tiverem flores nem folha as arvores...

Os senhores de Leiva não são de meias medidas.

Cuidaram tambem do alimento espiritual; não foi só o corporal, que lhes mereceu attenção.

Causou-me aquella noticia verdadeira alegria.

Quiz logo vêr o quarto districto.

Que vivenda!

—Aqui, fico eu! exclamei.

De ora em deante, aqui é que se me ha de armar a cama. D. Cesar fazia o mesmo e dava-se bem; que melhor alcova poderia escolher?!

N'um gabinete ao lado havia umas estantes baixas, cheias de livros, e no alto das paredes os retratos dos nossos reis.

Ao lado de uma janella, que, por signal, tinha uma vista linda para os campos, estava uma secretária de ebano e um sophá.

A livraria, sobretudo, foi o que me captivou.

Obras de philosophos, de poetas, de historiadores...

E uma collecção magnifica de livros de cavallaria!

D. Cesar era grande amador d'este genero de obras; e eu, confesso o meu peccado, não o era menos.

Davam-me no gôsto aquellas producções, apesar das extravagancias de que podessem estar eivadas.

Não era eu, n'aquelle tempo, leitor delicado, bem o sei; mas nada ha para falar á imaginação, como é o maravilhoso.

Tanto mais que, em minha honra o digo, deleite por deleite, não o havia para mim, na leitura, egual ao dos livros de moral alegre.

Eram meus auctores predilectos o Luciano, o Horacio, e o Erasmo.

— Que tal, ó Scipião?

Temos aqui com que nos divertirmos! Que?!

—Á farta, louvado seja Deus!

- Entretanto, por agora, o principal para mim, é reformar o pessoal. Toca já a reformas!

Scipião retorquiu:

— Durante a sua ausencia, estudei os creados, e já os conheço á légua. Estou senhor dos dados.

O Joaquim é um embrulhão, e iria apostar que sahiu de casa do arcebispo por se enganar na arithmetica, quando fazia as contas do que gastava na cozinha.

Alguem ficaria prejudicado.

Mas, convem conserval-o; é bom cozinheiro, e já m'a não torna a pregar, porque o trago de olho.

Quando lhe annunciei que ia restringir-se o numero dos creados, offereceu-se-me para ficar por metade do salario, só pelo gôsto que fazia de não deixar a casa. Obra de amores que o trazem rendido, provavelmente. Amorudo moço!

O ajudante da cozinha, esse, é bebedo.

O porteiro, é atrevidête, e asno.

O caçador, não serve para nada.

Em eu pegando de uma espingarda, já que a temos em casa, verá! ámanhã verá, em que figura o ponho.

Dos lacaios, póde ficar apenas o aragonez; nem mais um se precisa. Para quê!?

Assim se executou, n'aquelle mesmo dia, dando o Scipião, em meu nome, alguns dobrões itos, que tirou da arca, a todos os que foram despedidos, por essa fatal sentença.

Principiámos, desde aquelle dia, a manter-nos á nossa custa.

— Barato, e sadio, é o que eu mais desejaria...

— Ahi torna! ponderava o Scipião. E a dar-lhe com as economias. Nada mais seccante! Uma boa alimentação é indispensavel. Ter juizo é prenda que se póde manifestar de differentes maneiras; a mais eloquente e significativa, é gostar de passar bem! Ande-me com isto sempre na idéa, e deixe ir o que vae!

A frugalidade não me assustava; mas, o secretario gostava de bons boccados, e não era homem para ter o mestre Joaquim cozinheiro á boa vida.

Deleitava-se em experimentar-lhe a facundia.

Tivemos jantares magnificos, e ceias finissimas, finissimas...

CAPITULO VIII

AMORES DE GIL BRAZ E DA LINDA ANTONIA

Veiu o meu rendeiro Basilio n'uma manhã, dias depois de eu ter voltado de Valencia para Liria, pedir-me licença para me apresentar sua filha Antonia, que desejava comprimentar, dizia-me elle, o seu novo amo.

—Com muito gôsto! respondi-lhe.

Sahiu elle, e, d'alli a nada, voltou com a pequena.

Guapa moça, a Antoninha; sem favor: guapa moça!

Dezeseis a dezoito annos, primavera da vida.

Feições regulares, bonita côr, olhos lindos, banhados de fluidez...

Estava vestida de lã fina, modestamente, mas, que bello corpo, que ar magestoso; e, que gentil graça, respirava n'ella!

Usava o cabello puxado para traz, e punha um raminho de flores na trança, á moda das lacedemonias.

Quando a vi entrar, fiquei maravilhado, como os paladinos de Carlos Magno, ao fixarem as vistas na bella Angelica.

Em vez de lisonjear a rapariga e de dirigir ao pae os meus comprimentos pela preciosa filha que Deus lhe déra, fiquei sem fala.

Tomou o Scipião a palavra, e cantou por mim os gabos e louvores devidos.

E ella, sem que visivelmente lhe fizessem impressão nem o meu chambre nem o meu gorro, curvou-se n'uma ligeira mesura, que me deixou de queixo cahido.

O secretario, o Basilio, e a filha, entretiveram-se em requebros de civilidade pichosa; e, n'esse meio tempo, voltei eu a mim, e rompi em taes enthusiasmos eloquentes, que, o Basilio, tratou de pôr-se logo a andar com a pequerruxa; com ares de querer subtrahil-a aos influxos de seducção que eu exercesse.

Disse-me o Scipião, quando ficámos sós:

—Está como se quer! O rendeiro é que bem póde acautelar o thesouro... É um boccadinho de arregalar o olho; hein?

—É; é! Oh! Se é!

Cuidei que me apparecia em casa uma deusa!

Estou namorado, digo-t'o eu, estou namoradissimo!

—Viva! Até que chega a sua hora. É o que lhe faltava. A soledade dos campos pede amores. Sabem tão bem!

Ha de custar a tapar os olhos ao Basilio, mas deixe isso ao meu cuidado.

Negro eu seja, se, em tres dias, não conseguir que se falem, por um instante, a sós.

—Não digas asneiras. Nem'quero experiencias d'essas, meu toleirão!

Sério! Não me proponho tentar a virtude da pequena. Digo-te isto.

Merece-me mais consideração o recato de uma donzella.

Vê tu se arranjas que eu case com ella; n'isso sim, que me farás favor.

Resta vêr, que o seu coração ainda não esteja dado! Ahi bate o ponto.

Redargue-me elle:

— Faz-lhe honra o seu procedimento. Grande rasgo!

Poucos, mui poucos fidalgos, proprietarios ruraes, procederiam com tanta honradez, se porventura se encontrassem n'um caso egual a este.

Não seriam elles, isso sim! que pretendessem a Antonia por meios... licitos. Só se fôra, no fim de haverem tentado os outros... inutilmente!

Não desapprovo essa inclinação, com verdade lh'o digo...

Nem tão pouco deixo de conhecer que a filha do rendeiro é merecedora do culto que o senhor de Santilhana lhe quer render.

Coração intacto, coração grato. Isso, é o que é tudo na vida.

Hoje mesmo hei de eu procurar tirar todas as circumstancias a limpo e a preceito, se Deus quizer.

— Está dicto! respondi.

O confidente, homem pontualissimo, se bem o disse, melhor o fez.

Foi entender-se com o Basilio, e, á tarde, já me dava resposta.

— Vens com o parecer alegre, de quem me traga boas novas.

— E trago!

Sae-lhe tudo, meu querido amo, á medida dos seus desejos.

O pae ficou contentissimo de o poder alcançar para genro...

— E...

— E?

— E, á menina Antonia... ainda maior gôsto lhe deu tal noticia!

— Dizes a verdade?!

— Pois que digo, senão a verdade!? Está muito agradada da sua pessoa; não pelo que me ella haja dicto, mas, pela alegria que vi brilhar-lhe no semblante, tão depressa teve conhecimento das suas intenções!

O que não impede, que haja moiro na costa.

— Um rival! exclamei, sentindo-me esfriar todo.

— Não se assuste!

Duvido que elle lhe roube o coração da dama.

É o mestre Joaquim, — o cozinheiro! Ora ahi está quem é!

— Birbante! bradei eu, largando a rir. Por isso, elle não se queria ir embora!

— Exactamente! accrescentou o Scipião. Logo passados dois ou tres dias pediu a mão de Antoninha...

— A mão... Ai! o biltre! A mão...

— Que lhe foi recusada.

— Bravo!

— Olé! Cortezmente recusada ou recusada cortezmente, mas, recusada, sim senhor!

— Dá-me agora o teu conselho.

Devo pôr esse tratante na rua, antes de elle saber que pretendo casar com a filha do Basilio; ou não devo? É o cozinheiro, nota bem; rival perigosissimo.

— Olhem que duvida!? E quanto antes. Já. Rapido! Rua com elle. Safa! Ámanhã, eu o despedirei; e cedo — ... antes de elle temperar a comida. Vamos a ficar descançados, com os môlhos, e com os affectos!

Que é pena, a pensarmos bem. Tenho saudades d'elle, como cozinheiro. Que mão de tempêro!

A segurança, porém, primeiro que tudo.

— Arranja-se outro, que não seja inferior; deixa estar. Hei de mandar vir um de Valencia, que te console ao ponto de ainda te dares por feliz.

Escrevi effectivamente a D. Affonso, participando-lhe que precisava de um cozinheiro de primeira qualidade, um mestre em caçarola.

No dia immediato veiu logo um verdadeiro prodigio primoroso; com um paladar de anjo!

— Que tal, seu Scipião?

— Optimo!

Pelas duvidas, quiz eu proprio conversar a Antonia, com respeito aos

seus sentimentos para commigo, e dirigi-me a casa do Basilio a confirmar-lhe o que o meu emissario lhe dissera.

O lavrador, franco e chão, depois de me haver ouvido, affiançou-me ser de grande satisfação para elle conceder-me a mão de sua filha.

Marejaram-se-lhe os olhos ao dizer-me isso.

— Não pense vossa senhoria, accrescentou, que lh'a dou de boa feição por ser o maior proprietario d'estes sitios; mordomo que vossa senhoria fôsse do sr. D. Cesar e do sr. D. Affonso, preferil-o-ía a outros, pelo muito que sempre me agradou. A pena que tenho, é não poder doar a minha Antonia com um dote consideravel!

A um gesto meu, acudiu logo elle, que Basilio de Buentrigo faria subir as rendas do casal, por modo que, se eu já tinha para o jantar, ella me trouxesse para a ceia.

Insistindo elle em que eu ouvisse da filha a confissão da alegria em que estava:

— Ó querida, ó formosa Antonia! disse-lhe eu.

Não uses de rodeios.

Decide da minha sorte, e nem cuides que eu pretenda valer-me do consentimento de teu pae para constranger o teu coração.

Encanto da minha vida!

Renuncío a toda a ambição de felicidade se me dizes, se me deres a entender, se eu suspeitar sequer que vou dever a minha ventura tão sómente aos effeitos da obediencia filial.

Ella fez-se muito vermelhinha.

— Não ha violencia n'isto.

Não, não ha nenhuma.

Pois se sou eu a primeira a applaudir e a felicitar-me, pela escolha de meu pae. Será fortuna de mais para mim...

Isso, sim.

Isso é o que bem póde ser...

Nem eu deveria dizer isto. Talvez me fique mal ser tão sincera.

Mas, assim como gosto tanto, tanto de si, tambem sem disfarce lhe diria que não me agradava, se não me agradasse realmente.

Ajoeilhei-me deante d'ella.

Que de beijos lhe dei n'aquella mão de neve!

— Ó formosa, ó minha adorada!

Que encanto e flor de singeleza, a tua!

Fala...!

Dize, dize tudo o que penses, tudo o que sintas.

Não é a teu marido que falas?

A quem pódes tu descobrir mais livremente os sentimentos que vão n'essa alma em que a pureza é tudo?

Agora, sim!

Agora, é que eu me lisongeio da minha boa estrella, visto como tu ligues voluntariamente a tua sorte á minha!...

Emfim, a gentil, a namorada Antonia, mostrou-se-me tão affeiçoada e de tão sincera sympathia e dedicação por mim, que, fui a correr tratar com o secretario para que o casamento se effectuasse sem demora.

CAPITULO IX

CASAMENTO DE GIL BRAZ COM A ANTONINHA; OS FESTEJOS

QUANDO, por cortezia, lhes fui pedir a D. Cesar e D. Affonso o seu consentimento para casar com a Antoninha, elles, que a conheciam, deram-me mil parabens de a haver escolhido para esposa. Serafina, por não querer mostrar-se esquecida da minha frieza para com a Sefora, disse-me, sorrindo, que boas razões havia para não me considerar um topa a tudo.

Voltei para a quinta, e havendo-me dicto os fidalgos que todos os gastos das bodas correriam por conta d'elles, vimos chegar ao sitio, passados oito dias, uma magnifica carruagem puxada a quatro mulas, que levava umas poucas de costureiras com o enxoval da noiva. Entregou-me um dos lacaios uma carta de D. Affonso, a dizer

que no dia immediato estaria em Liria com seu pae e sua mulher, e, logo no dia seguinte, o vigario geral de Valencia celebraria a cerimonia.

Effectivamente foram: D. Cesar, o filho e o vigario n'um coche puxado a seis, precedido de outro a quatro, onde iam os creados de Serafina; acompanhando a comitiva, a guarda do governador.

— E então, Serafina, perguntou D. Cesar á nora quando Antonia lhe beijou a mão, escolheu bem, ou não escolheu, o Santilhana?

Quando a Antoninha appareceu com o seu traje de noiva, foi o pasmo de todos que a viram.

Casou-nos o vigario na egreja da aldeia, celebrando-se a cerimonia com as acclamações dos moradores de Liria e dos lavradores mais ricos da vizinhança, que Basilio convidára, e que levavam as filhas na sua companhia, enfeitadas e com os pandeiros.

Esteve lindo.

Depois da cerimonia, grande festim, dirigido pelo Scipião. Tres mesas para os fidalgos, para a comitiva, e para os mais convidados. Na primeira tomou logar D. Antonia, porque a governadora o quizesse assim; fiz eu as honras da segunda e Basilio as da mesa dos lavradores.

Fizeram o jantar os cozinheiros do governador; e serviram-se os vinhos que o Joaquim guardára. Os convivas estavam alegrissimos...

Ia tudo deliciosamente, quando o Scipião, ao entrar na sala onde estavamos jantando, eu, os creados particulares de D. Affonso e as creadas de Serafina, cahiu desmaiado.

Vou a acudir-lhe e vejo uma das creadas desmaiar tambem.

— Tinha de ser triste para mim este alegre dia! disse-me Scipião em voz baixa, logo que voltou a si. É minha mulher! Que pirraça da sorte vir encontral-a aqui! Sério! É a minha mulher, aquella!

— Ao menos não perturbes a festa, homem!

— Querida Beatriz, foi elle como quem remedeia, dizer á esposa; que afortunada hora nos reune, cára consorte!

REPETIRAM-SE SUCCESSIVOS BRINDES Á SAUDE DE AMBOS

— Porque uma noite me encontraste com o senhor D. Fernando de Leiva, que namorava minha ama Julia, não quizeste mais saber de mim e deixaste Toledo como se eu houvesse offendido a tua honra. Vae-te, ingrato! Casou minha ama com D. Fernando, servi-os sempre, e agora, por morte d'ella, tomou-me para casa a sua irmã; ella dirá, e as creadas presentes, da pureza dos meus costumes! Graças a Deus, está intacto o meu credito!

Fizeram as pazes, e para melhor as solemnisarem, sentaram-se juntos á mesa. Repetiram-se successivos brindes á saude de ambos. Depois dançaram os fidalgos, e dançámos todos.

Serafina recommendou carinhosamente a Beatriz que se dedicasse com a mesma entranhada estima e sincero culto a Antoninha como seu marido se dedicára ao senhor de Santilhana; e Scipião, vendo em sua mulher, uma nova Penélope da ultima hora, prometteu tratal-a com as possiveis attenções.

Retiraram-se os lavradores.

Continuaram os festejos na quinta.

Á noite, ceia lauta.

Chegada a hora de recolher, benzeu o vigario o leito nupcial, foi Serafina despir a noiva, e os senhores de Leiva prestaram egual cerimonia para commigo, conforme o ritual do alto mundo.

O mais galante foi, os creados de D. Affonso e as creadas da governadora, teimarem, por galhofa, em despir a Beatriz e o Scipião.

Que riso, e que funcção! Teve graça devéras, aquella idéa!

CAPITULO X

DEPOIS DA BODA; PRINCIPIO DA HISTORIA DE SCIPIÃO

No dia immediato regressaram a Valencia os senhores de Leiva.

Sósinhos, o secretario e eu, com as nossas mulheres, diligenciámos que ellas se dessem bem comnosco, para levarmos vida alegre.

Antoninha era muito séria; Beatriz e eu, alegrissimos; Scipião, o riso em pessoa. Á hora da sésta, de uma vez, no bosque, este bom rapaz para nos entreter, contou-nos a sua historia, que eu nunca tivera curiosidade de ouvir:

—Eu, disse Scipião, seria filho de um grande de Hespanha de primeria classe, se isso tivesse estado na minha mão; mas sahi filho de um beleguim da Santa Irmandade, Thoribio Scipião, que encontrou

EU, DISSE O SCIPIAO SERIA FILHO DE UM GRANDE DE HESPANHA DE PRIMEIRA CLASSE...

casualmente na estrada uma gitanilla que ia de trouxa ao hombro para vender pomadas e ler a *buena-dicha* em Toledo.

Casaram e choveram-lhes pezos, duros e dobrões dos papalvos, para ouvirem da Coscolina que era o seu nome, os vaticinios que, no dizer d'ella, só sahiam falsos quando o diabo lhe cortava as sortes.

O meu pae, feiissimo, fazia de diabo, e todos o tomavam por tal, excepto o bruto de um capitão, que o furou com a espada.

Foi presa a Coscolina, e, a mim, que tinha sete annos, metteram-me na Casa-pia dos orphãos, onde os padres me ensinaram a ler, escrever, e latim, com tal rigor, que, de nove annos, indo, de uma vez, a um recado, fugi para Sevilha por já os não poder soffrer.

Com as pernitas cançadas, no caminho, sentei-me ao pé de uma arvore; e d'alli me levou um ermitão fingido para o seu ermiterio, onde fartei a fome que levava, mercê da comida com que elle me regalou.

Tão bem nos démos, que o fiquei acompanhando ao peditorio, puxando eu pela arreata ao burro, carregadinho sempre.

Sorria-nos de todos os lados a caridade!

Era a quem houvesse de ter mais pena de nós, porque todos se condoessem do irmão Chrysostomo, homem de bom conselho, pacificador de discordias e casamenteiro de donzellas.

Fez-me um habito novo, de um que tinha velho; e, se as Parcas me não houvessem fiado fortuna vária, ainda alli estava a dormir de um somno as noites, e a esmolar de dia. Mas, vendo que o velho guardava dinheiro na almofada, que lhe servia de cabeceira, descosi-lh'a, de uma occasião em que elle fôra a Toledo, deixei-me vencer da propensão cigana, arrecadei os fundos n'um saquito, troquei o habito pela minha roupa antiga, e segui por Galvez para me não encontrar com o velho, indo pernoitar na estalagem da viuva, a qual viuva, percebendo pelo meu traje que eu ia fugido da Casa-pia me apalavrou para lhe fazer as contas da venda.

Escondi o saquito do dinheiro debaixo de uma pouca de palha, e alli fi-

quei pelos boccados da bôcca. Juntando o troco, que os hospedes me davam, mettia-o no sacco, e ia vêr o meu dinheiro trinta vezes por dia.

A estalajadeira, desconfiada, espreitou, e, revolvendo a palha, suppoz, ou fingiu crer, que o dinheiro fôsse roubado, e tratou de pôr-me na rua, ficando-me com elle.

Varias pessoas se compadeceram d'isso, e entre ellas o cura de Galvez, que, de manhoso, me levou a contar-lhe tudo, aconselhando-me a que restituisse o dinheiro, o que me dava pouco cuidado, e promettendo-me uma carta, para um conego de Toledo, seu sobrinho, me alcançar algum bom commodo.

Montaram-me n'uma mulita de arrieiro, montou o arrieiro n'outra, e, partimos; parando apenas, para dar de comer ás bestas, no logarejo de Cobisa onde vi cahir da algibeira do meu companheiro uma carta sobrescriptada para a Casa-pia, recommendando aos padres que me corrigissem emquanto o cura ficava pedindo a Deus que os conservasse no seu mester piedoso.

Esgueirei-me logo, andei mais de uma legua até ás margens do Tejo, e entrei muito alegrinho n'essa abençoada Toledo, onde logo um cavalheiro me perguntou se queria servir, e, porque eu lhe respondesse affirmativamente, me levou para casa.

Passára alli um mez a picar tabaco, limpar-lhe a roupa, e ir chamar o barbeiro, com tres reales para comer, e uma libré que elle me deu, quando esse meu amo, que era conhecido pelo Abel jogador, resolveu irmos para Sevilha e me propoz essa jornada.

Dicto e feito.

Ahi nos alojámos n'uma hospedaria, ao pé da porta de Cordova.

Exasperado de haver n'essa cidade jogadores tão felizes, ou ainda mais felizes do que elle, péga commigo, como diz o povo, a pretexto de não ter levado a roupa á lavadeira, e assenta-me duas bofetadas.

Resenti-me tanto, que, tendo-lhe promettido acompanhal-o para Italia ,consultei um valentão com quem havia travado alli conhecimento, se seria ou não

seria da minha parte a mais engraçada e fina vingança safar-me á hora da partida.

—Não basta!

Roubêmos bagagens e dinheiro, para o repartimos entre os dois.

Para duas bofetadas a vingança é esta!

Estremeci de medo, apesar da ciganice.

O pimpão teimou.

Á bôcca da noite foi ao quarto de meu amo, vêr o bahú, pesadissimo, mas que elle poz ás costas, dizendo-se apto para carregar com a arca de Noé com tanto que ella tivesse pechincha dentro.

—Vamos! disse-me elle encrespando as sobrancelhas e retorcendo os bigodes.

É andarmos!

Ficarias infamado se não te despicasses, pobre creança!

Castiguemol-o do ultraje que te fez. Upa!

Á porta, damos de rosto com meu amo, espantado de nos vêr de bahú. Digo-lhe, a tremer, que ia já procurar o barco, para não me acontecer como com a lavadeira; mas o jogador, com o perceber-me a ronha, despediu-me de empurrão.

—Miseravel! exclamou.

E logo, como se notasse que eu tinha mais malicia do que elle suppunha:

—Adeus.

Que o céo se amerceie de vocemecê, senhor Scipião!

É jogador tambem, mas de pau de dois bicos!

Mau negocio.

Raspa-te, antes que eu te deite as mãos ao gasganete e te torça a canna do bofe!

Na rua, com dois reales de meu, deu-me o cheiro da comida do palacio do bispo, e ahi largo, de inspiração, a correr pelo pateo, direito á cozinha, gritando que me acudissem contra um malvado, que me queria levar roubado.

O pequerruxinho, dizia-me o cozinheiro, não estejas com susto, aqui não te ha de perseguir ninguem; ainda que fiques cá esta noite, socega, que havemos de te dar de comer!

Imagine-se o meu gôsto, quando me levou pela mão a uma cozinha riquissima de finos manjares, onde ceei, e de onde fui, depois, deitar-me com os moços, que ficaram agradados de mim, no subido ponto de me convidar o mestre, quando de manhã lhe agradeci, para que ficasse com elles.

Fui feito bicho da cozinha, por assentimento do mordomo, incumbindo-me o cozinheiro Diogo, fiel aos bons principios, de levar pratos a uma viuvita da sua amizade, mais esperta, do que propensa a ser-lhe fiel.

O arcebispo pagava tudo.

Ensaiando os cozinheiros para os annos do amo a peça dos «Parabens», distribuiram-me o papel do rei pequeno de Leão. O mordomo, por prosapia, era o ensaiador. O theatrinho estava bem armado, e o arcebispo fez convites.

Vestiram-me de velludo, puzeram-me uma corôa de papelão doirado, com algumas perolas finas, uma faixa de seda com flores de prata, e sahi recitando a fala, que concluia dizendo ir-me dêitar e dormir um boccadinho.

Foi como se me dessem azas para voar.

Escapuli-me dos bastidores, por uma escadita, quando vi que não davam por mim, ou que suppunham ir eu mudar de traje; e fui até casa do meu amigo valentão.

Rimos a cahir, principalmente do meu fatinho, que um certo Ibañez de Segovia, adello probo, conhecido do meu amigo, foi comprar, a chamamento d'elle no dia immediato, por quarenta dobrões, tornando-se á razão de dez um fato novo que se lhe encommendára.

Deu-me o meu amigo — um patuscão assim é que eu ainda não vi! — quinze dobrões, guardou os outros quinze, e aconselhou-me que me puzesse ao fresco antes que o arcebispo me fizesse engaiolar insensatamente depois d'aquelle feito, acredor de immortalisar meu nome.

Comprei chapéo e camisas, e pondo-me a caminho por entre as vinhas e olivaes que levam á velha Cordova, cheguei ahi em tres dias.

Alojei-me na estalagem á entrada da praça Maior, como um filho familia de Toledo que ia vêr mundo; e por seis reales cada dia, lá estive regaladamente, jantando com os que appareciam, tudo gente de comer á calada, excepto um que falava por todos, e que se sahiu com esta:

—No palacio do arcebispo de Sevilha, segundo agora me contou um bacharel meu amigo, é que um garoto pregou agora uma peça de exame!

E referiu não só o caso, mas o epilogo, de não haverem os noivos da comedia achado na caminha o rei de Leão, e ter o arcebispo no auge da surpresa geral, ouvido do gracioso a noticia de que eu fôra arejar a vestimenta regia.

—Pois deixal-o! disse o arcebispo. Bemdicto seja Deus! livrou-se das cadeias que os inimigos da religião lhe preparavam.

E lêra-se em voz alta o resto do meu papel, para acabar a comedia, determinando o arcebispo que não me seguissem nem me mortificassem.

CAPITULO XI

CONTINUA A HISTORIA DE SCIPIÃO

Emquanto me durou o dinheiro, tratou-me o estalajadeiro á maravilha.

Sempre desagradavel depois, acabou por me dizer que lhe daria gôsto se me fôsse embora.

Voltei-lhe costas desdenhosamente, fui ouvir missa á egreja dos padres dominiquinos, e, pedindo-me alli esmola um pobre:

— Peça vocemecê a Deus que me arranje commodo muito breve, para eu não ter de pedir tambem! — disse-lhe eu, dando-lhe dois maravedis.

— Ó filho, antes isto do que servir.

Mas, se, em vez d'esta independencia, prefere servir, tambem daremos

volta a isso: esteja ámanhã aqui, a esta hora, e terá o pago da sua esmola, já que de tão boa feição m'a deu.

Fui.

Levou-me á cella de um frei Aleixo, de S. Domingos, a quem elle fazia os recados, e o frade accommodou-me em casa de um mercador, muito bom homem, Balthasar Velasques, que precisava creado.

Era viuvo, e tinha um filho estroina, de vinte e cinco annos, e uma filha de quinze, que era discipula de frei Aleixo. Um educador magnifico, esse director espiritual!

—Tenho um filho, que me não dá senão desgostos, disse-me o mercador, de uma vez. E o peor de tudo é a inclinação que tem para furtar. Não te tente elle, Scipião! Já despedi o outro creado, por abuso de confiança. Toma bem sentido! Repara no que fazes!

—Esteja descançado. Frei Aleixo recommendou-me tanto que me portasse bem! Basta isso. Conselhos sãos, é como oiro fino!

O Velasquesito, chamando-me de parte, disse-me:

—Meu pae não me dá dinheiro, que chegue; é um velho avarento; se te fizeres espião commigo, estoiro-te a pau; se me ajudares a enganal-o, iremos de meias, e ainda lucrarás alguma cousa. Escolhe com prudencia e com desassombro.

—Essa razão de queixa é justissima. Finja vocemecê que me não póde vêr... O mais fica ao meu cuidado.

O Balthasar tinha a burra á cabeceira.

Ajoelhava-se n'ella para rezar.

—Nunca te verei por dentro, burra adorada! suspirava eu.

De uma occasião, surprehendi-o a esconder a chave atraz de uma tapeçaria; tirámos-lhe o molde em cera, e emquanto o bom de meu amo fazia uma piedosa visita ao frei Aleixo, visitei-lhe a arca, cheia de saccos e saquinhos, escolhi um dos maiores, e dei-o ao rapaz.

Passados tres dias, tirei outro.

D'esse, com chibante bizarria, deu-me elle a quarta parte.

Gastava tudo, o rapaz, com uma catitinha, que fingia querer-lhe muito.

Formosa pécora; linda, mas não barata.

Tantas visitas fizemos á burra, que o velho Velasques disse-me achar-se roubado e desconfiar do filho e de mim.

Mudou de fechadura, trouxe a chave comsigo; e, n'isto, o rapaz, tendo já gasto o seu e o meu, estonteia, e resolve-se a envenenar o pae.

Bagatela! Envenenar seu pae!

Não conseguindo dissuadil-o, fui deitar-me aos pés do velho, confessei-lhe tudo, e preveni-o dos intentos d'aquelle mau rapaz.

Nem sei como o homem teve forças para resistir, coitadito!

Perdoando-me, mercê do aviso que lhe déra, e sem revelar ao filho o que sabia, annunciou-lhe haver recebido uma carta de Merida, a offerecer-lhe uma verdadeira fortuna.

Proporcionava-se-lhe um casamento rico.

Grande dote, com uma menina de quinze annos,—o que fazia dois dotes, a bem dizer qual d'elles de abrir melhor a cubiça.

—Se queres vêl-a, a essa menina, podemos ir a Merida ámanhã.

A idéa do dote sorriu-lhe, ao rapaz, como se o visse. De madrugada montaram em duas mulas, e partiram sósinhos.

Ao chegarem ás montanhas de Fesira, n'um cabeço predilecto dos salteadores, apeou-se Balthasar e disse ao filho, para que tambem se apeasse.

Elle obedeceu, e perguntou o motivo d'isso.

—Já t'o digo! retorquiu o velho. Sei que projectas envenenar-me; mas descobrir-se-hia o teu crime, e terias morte affrontosa. Estamos aqui sem testemunhas, e o sitio é azado a assassinios; attribuir-se-ha esta morte aos bandidos. Eis o meu peito, apunhala-me, vá, castiga-me assim de haver creado um malvado qual tu és!

O rapaz cahiu sem sentidos.

Ainda o bom velho lhe acudiu, por cuidar vêr n'isso um principio de

arrependimento; o mancebo, porém, logo que voltou a si e poude erguer-se, tornou a montar na mula, e afastou-se desviando a vista do pae, e sem dizer palavra.

Voltou então Balthasar para Cordova, onde, passados seis mezes, veiu no conhecimento de que seu filho tomára o habito na Cartucha de Sevilha, com o fim de alli passar em penitencia o resto da sua vida.

CAPITULO XII

FIM DA HISTORIA DE SCIPIÃO

SERVEM, ás vezes, de licção, os maus exemplos; e o procedimento do filho do Velasques obrigou-me a reflectir e a combater a inclinação, que eu tinha, para roubar; quasi mais forte que eu, aquella teima!

Já o habito de não ser limpo de mãos se tornára imperioso em mim, mas, para ser homem de bem, a vontade deliberada é tudo.

Metti-me a isso.

Ia lá a casa um cavalleiro da ordem de Alcantara, D. Manrique de Medrano, e tanto se agradou de mim, que chegou a falar-me do muito que estimaria ter-me ao seu serviço, se não fôra estar eu n'aquella casa. Como

elle era fidalgo, expliquei-lhe que o meu fraco era ser creado de pessoas nobres, e o Velasques, falando-lhe elle n'isso, cedeu logo da minha posse, desconfio que satisfeitissimo de se vêr livre de mim.

Pudéra!

Era o meu novo amo um guapo moço; não rico, mas, como filho segundo de uma familia illustre, vivia a expensas de uma tia, que lhe dava mundos e fundos, ao ponto de elle podèr ser um principe das elegancias, admittido nos salões da marqueza de Almenara, viuva de setenta annos, grande personagem no alto mundo.

A marqueza, não podendo enriquecêl-o por outra maneira, propoz-lhe casamento; o mancebo acceitou.

Ao espalhar-se a noticia em Cordova, pasmaceira geral; e, a velha Almenara, foi á egreja com o Medrano, celebrando-se as bodas com uma pompa digna de melhor noivado.

Jantar, e baile; festa e mais festa.

Convidada toda a nobreza, e, no recolher dos noivos, sem mais sequito senão uma creada grave e eu, disse a marqueza ao D. Manrique:

— Eis o seu quarto, Manrique; o meu é no extremo da casa: de dia, estaremos juntos como mãe e filho.

Quiz elle ajudal-a a vestir apenas por galanteio:

—Não, não! accrescentou.

Quiz dar-lhe as vantagens do contrato matrimonial; seja meu amiguinho, é o que lhe peço!

Ficámos ambos pasmados. Foi elle dormir sósinho; e, assim continuaram as cousas.

Ella contente, e, elle, grato e rendido.

O mundo ria.

Combinaram viver como antes de casados, e o noivo, por consideração para com sua mulher, quebrou certas relações amorosas em que andava, prestando culto d'este modo ás delicadezas da marqueza.

Confiava-lhe ella tudo, e, no tudo, a burra, que valia bem mais que a do Velasques; e, assim foi, que, o cavalleiro mais pobre da ordem de Alcantara, chegou a ser o mais opulento d'elles todos.

Deu-me minha ama cincoenta dobrões.

Cem, me deu meu amo.

Fiquei como intendente, com quatrocentos escudos de ordenado.

N'um bello dia, nomeou-me thesoureiro.

— Thesoureiro! exclamei, interrompendo Scipião, quando elle chegou a este ponto, e desatando a rir.

Thesoureiro, menino ! Ai! Ai!...

—Thesoureiro! replicou elle, muito sereno.

E bom!

É possivel, que eu ficasse devendo alguma cousita á caixa, porque fazia a cobrança do meu salario adeantado, e deixei de repente o serviço do cavalleiro; mas, a não ser esse pequeno alcance, mais nada. É o que lhe digo. E desde então até hoje, exemplarissimo!

Viviamos em grande satisfação, quando uma carta de Toledo annunciou a D. Manrique que sua tia, D. Theodora Moscoso, se achava em perigo de vida. Partiu elle, sem demora, a acompanhar essa senhora, que lhe servíra de mãe, e fui eu com elle.

A tia melhorou, não sei se pela alegria de o vêr; e o inconcusso thesoureiro, de sucia com outros rapazes, entretinha-se em jogar, perdendo, por signal, quasi sempre.

O amor veiu pôr cobro n'isso, com o passar eu junto da egreja de S. João dos Reis, e vêr n'uma janella uma deidade, que, por informações, logo soube que se chamava Beatriz, lindissima: era creada de D. Julia, filha segunda do conde de Polan.

—Aqui está essa beldade! exclamou a Beatriz, ás gargalhadas.

—Ainda o és a meus olhos, desde que entre no conhecimento de sempre me teres sido fiel! replicou Scipião; e proseguiu no seu conto:

A brincar principiei de namoro, e, não havendo outro meio de alcançal-a, disse-lhe quem era, e offereci-lhe a minha mão.

Casámos-nos, porém, sem participarmos isso a ninguem, tendo por testemunhas a Lorenza Sefora e outros creados do conde de Polan.

Ella mesmo me facilitou a entrada no jardim, de noite, e deu-me uma chave; nunca houve amantes, quanto mais casados, que, tanto, estimassem as horas de estarem juntos!

N'uma noite, tão cruel para mim quanto as outras me foram dôces, achei a porta aberta.

Estremeci, como que tomado de um presentimento.

Chegando-me, em plena escuridão, para um caramanchel de onde me pareceu ouvir a voz de minha mulher, ouvi tambem a voz de um homem:

—Tem dó, tem piedade, Beatriz! Olha que isto é bom para mim, e ha de ser bom para ti!

Sem paciencia para ficar mais tempo á escuta, desembainhei a espada e acommetti o cavalleiro, que estava de conversação com a minha metade.

Batemos-nos á má cara.

Mais déstro elle, no manejo das armas, já se vê: apesar d'isso, sempre o mimoseei com uma estocada, que o fez cahir.

Suppondo-o ferido, fugi a sete pernas, sem responder á Beatriz, que me chamava.

—Tal qual! acudiu a mulher do Scipião, dirigindo-nos a palavra. Assim se passou tudo. Parece impossivel! E só agora posso explicar-me! Monstro!

Eu chamava-o para lhe abrir os olhos. O cavalleiro, que estava a falar commigo, era D. Fernando de Leiva, que queria fugir com minha ama, visto não lh'a darem em casamento, e que eu mesma deixára ir ao jardim, para combinarmos a fuga! Peccados da minha condescendencia!

—Os que souberem que cousa é ter ciumes, não hão de admirar-se do estonteamento em que fiquei.

Resolvi não querer saber mais d'ella, e jurei riscal-a da memoria.

Suppondo o homem morto, e com meu medo de ir preso, tratei de me pôr no seguro, e, sem voltar a casa, sahi de Toledo n'esse mesmo dia.

O que me valia era ter sessenta dobrões no bolso.

Para creado de servir, não era mau peculio! e eu não queria outro emprego. Se elle, sem que o pareça, é o mais independente de todos!

Sempre de marcha, só me apanhou a manhã entre Rodillas e Maqueda.

Ahi entrei na egreja, que estava a abrir; rezei, e sentei-me n'um banco.

Estava descançando, e scismando, quando ouvi na rua a bulha de guizos, e de chicote de arrieiro.

Levantei-me logo; vi um matulão montado n'uma mula, com mais duas outras á arreata.

—Pára ahi, ó aquelle! gritei-lhe.

Para onde vae isso?

—Para Madrid.

As mulas vieram trazer dois frades de S. Domingos, e, agora, vamos de volta por ahi fóra.

Ir a Madrid! Que sorrir de aurora!

Fiz logo ajuste, montei n'uma das mulas, e encaminhámos-nos para Illescas, onde deveriamos passar a noite.

Ao sahirmos de Maqueda, o alquilador, homem dos seus trinta para quarenta annos, largou a entoar os psalmos, que os clerigos cantam de matinas, e depois o credo como nas missas, e em seguida as vesperas, sem lhes faltar sequer a Magnificat.

—Isso é que é fazer bom uso dos pulmões, que o céo lhe deu!

—Não sou como os outros arrieiros que não cantam senão brejeirices, impiedades, ou trovas a respeito das nossas guerras contra os moiros.

—É bonito escrupulo!

E fez voto de castidade, no que respeita a moças de estalagem?

—Não quero saber senão das mulas.

—Phenix dos arrieiros! disse commigo.

E, ao chegarmos a Illescas e apearmos-nos na estalagem, deixei-o a cuidar do gado, e fui tratar de que nos apromptassem a ceia.

—Desafio os cozinheiros de Madrid e de Toledo a prepararem uma *olha podrida* como as da minha casa, disse-me o cozinheiro.

Veja-me isto!

E mostrou-me uma caçarola, onde estava, dizia elle, um coelho partido em boccados, e que ia temperar e guisar emquanto eu me deitasse na cama a descançar instantes.

Acordou-me o arrieiro passadas duas horas, e ceámos juntos; veiu coelho, e carneiro assado; o arrieiro quiz só do carneiro.

—O coelho está bom! insisti eu.

—Póde ser. Desde que n'uma venda entre Toledo e Cuenca me serviram gato guisado por coelho, puz ponto n'isso. Sempre gato!

Enjoei-me tanto com aquella idéa, que até do carneiro desconfiei, e voltei para a cama.

De manhã, ainda todos os animaes me pareciam gatos!

Ao chegarmos a Madrid, fui para uma hospedaria da Puerta del Sol, e fiquei deslumbrado da concorrencia, da quantidade de carruagens, do luxo de comitiva dos grandes de Hespanha; e, muito mais ainda, quando vi el-rei!

—Isto sim, que é côrte! Agora vejo, que tudo o que se diz, de sua magnificencia, é certo!

Nada fiz que prestasse, nos primeiros dias.

Conhecimentos inuteis; gastar dinheiro ás tontas; até que me accommodei com um professor de Salamanca, que fôra a Madrid vêr a familia, e me levou de companhia para a sua Universidade.

D. Ignacio de Ipiña, que era o seu nome, fôra mestre de um duque, e d'isso vencia ainda uma pensão, tendo mais outra como cathedratico jubilado; e, para melhor ajuda, saccava ao publico duzentos ou tresentos dobrões annuaes por selectas que publicava.

O bonito era o modo por que elle compunha essas obras!

Levava horas a ler auctores, e a escrever em boccadinhos de papel os pensamentos, que mais lhe agradavam.

Enfiavam-se os papelinhos n'um arame, em fórma de grinalda, e cada grinalda dava um volume. Espantosa passarinhada de conceitos!

Que de perversos livros de educação fizemos!

Sóbe-me a côr ao rosto quando me lembro d'isso!

Despachavamos obra como quem fôsse em marcha dobrada.

Os prelos, por um triz, que não estoiraram! Safa!

Compilava, compilava, compilava! Forte homem!

Era tambem grande commentador, e de tão subida erudição em seus commentarios, que até se desentranhava em notas sobre cousas que não mereciam a pena de ser notadas; do mesmo modo que, para citações frequentes, trazia passagens de Hesiodo, e de outros auctores sem que viessem a proposito do que se tratava. Um sabichão! Um magnate em lettras gordas!

Fui apprendendo a escrever melhor, com o copiar aquelles trabalhos d'elle, e nem já era considerado creado, mas discipulo. Discipulo!

Sempre com maximas e pensamentos moraes, tanto me exhortou á virtude, que, durante quinze mezes que o servi, nunca lhe preguei nenhuma das peças peculiares de meu engenho e travessura.

Natural de Madrid, o doutor tinha alli uma parente.

Catharina, se chamava. Era aia da ama do principe.

Essa creada, a mesma de quem me vali para que o senhor de Santilhana sahisse solto, querendo ser agradavel a D. Ignacio, empenhou-se com a ama para que o duque de Lerma o nomeasse beneficiado.

Fel-o, o ministro, arcediago, de Granada, onde os beneficios são do padroado real e nomeação regia, por ser terra de conquista.

Partimos para Madrid, com o fim de agradecer ao doutor Ignacio aquelle obsequio, verdadeira pechincha de protecção.

Com a frequencia de nos vermos, agradou-se a Catharina de mim, e eu d'ella.

Perdôa, ó Beatrizinha! Agora me arrependo, joia...

Mas, se eu te julgava infiel, menina de meus olhos!

Afflictos pela idéa de nos separarmos, quando o doutor quiz ir para Granada, fingi-me doente da cabeça, da barriga, do peito, de todas as doenças, que um homem possa ter em vida!

Mandou o meu amo chamar um medico.

Esse illustre sabio, observando-me, declarou gravemente, que a molestia era mais séria do que parecia, e que eu tinha alli, como se diz, para peras.

O doutor, com pressa de ir para a cathedral, tomou creado e deixou dinheiro a uma enfermeira para tratar de mim, enterrar-me se eu morresse, e pagar-me se escapasse.

Escapei logo. Elle a ir para Granada e eu curado.

Despedi o medico, que tão notorio testemunho havia dado de sua penetração, e desfiz-me da enfermeira que me roubou mais de metade do dinheiro que lhe cumpria dar-me.

Persuadira Catharina a sua ama, muito apegada ás riquezas, que eu seria optimo creado, para lhe agenciar um casamento rico.

Desempenhei-me a seu gôsto de incumbencias que me deu, mas era tão mesquinha e avarenta, que, enfadado, eu haveria sahido da casa, logo depois de para lá entrar, se não fôra a Catharina — Perdão, Beatrizinha! perdôa, restaurada perola! Succedem cousas aos homens...!

Que havia de eu fazer!? As malfadadas, filha, as malfadadas!

Ella queria casar commigo, e não havia convencêl-a de eu ser casado. Pois, bem lh'o dizia! Palavrinha!

Esfreou isso, por fim, a nossa amizade.

Falaram-me, então, do senhor Gil Braz de Santilhana, secretario do primeiro ministro, estar sem creado; e da fortuna que eu faria, se me quizesse para sua casa um tão digno e excellente moço, de muito bom coração, e qualidades de caracter, que o faziam estimado de toda a gente, e citado por modêlo. Era, como se diz, uma occasião. Fui logo apresentar-me ao senhor

Santilhana, sympathisou elle commigo, gostei eu d'elle assim que lhe falei, e entrei para sua casa, que, se Deus quizer, será a ultima que eu sirva. É, pelo menos, esta a minha ambição.

Assim terminou Scipião a sua historia, voltando-se em seguida para mim e falando-me n'estes termos, que a gravidade do seu tom tornava solemnes:

—Fará favor, senhor de Santilhana, de dizer a estas senhoras, se me conheceu sempre, fiel e zeloso, e se o filho da Coscolina se corrigiu ou não dos seus maus costumes, com o viver n'esta casa e na sua companhia.

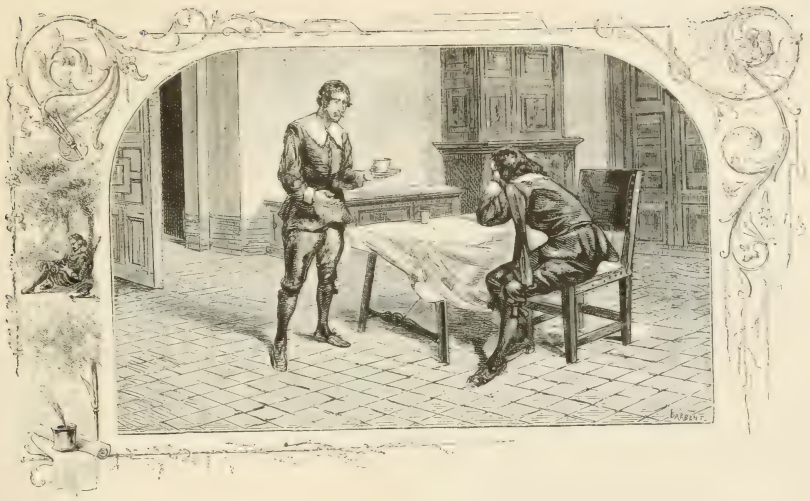
—É a verdade, prefeitamente a verdade.

Bregeirête em pequeno, modêlo de creados desde que está commigo.

Não só não tenho razões para me queixar d'elle, mas até lhe devo grandes obrigações.

Na noite em que me prenderam, salvou da pilhagem tudo o que poude, na minha casa; e encarcerou-se commigo, antepondo aos attractivos da liberdade o ser-me companheiro na desgraça.

LIVRO
UNDECIMO



CAPITULO I

DE COMO GIL PEAZ TEVE A MAIOR ALEGRIA DE SUA VIDA: CONTRARIEDADE QUE SOBREVEIO: MUDANÇAS NA CÔRTE

Antoninha dava-se bem com a Beatriz, Scipião e eu gostavamos das nossas mulheres, e ellas das nossas pessoinhas.

Foi andando o tempo; e ahi nos sahimos paes ambos nós: a Beatriz teve uma menina e a Antoninha um pequeno.

Mandei o secretario a Valencia levar esta noticia ao governador, que immediatamente appareceu em Liria com Serafina e a marqueza de Priégo.

Meu filho, que teve por padrinho esse cavalheiro, e por madrinha a marqueza, chamou-se Affonso.

E porque a senhora governadora quizesse dispensar-me a honra de ser eu seu compradre por dois titulos, prestou-se a ser madrinha, commigo, da filha de Scipião, á qual se deu o nome de Serafina.

Breves alegrias foram, e a desgraça veiu cortal-as. Morreu-me o meu filho e pouco tardou que perdesse tambem minha mulher. Cahi n'uma tristeza irremediavel. Veiu o governador procurar consolar-me, levou-me comsigo para Valencia, deixando em Liria a Beatriz e o Scipião, o qual, passado tempo, correu alvoroçado a informar-me de que se dizia haver morrido Filippe III, ter subido ao throno o principe seu filho, estar o duque de Lerma banido da côrte, e ser primeiro ministro D. Gaspar de Gusmão, conde de Olivares.

Pediu-me elle, e, com insistencia m'o aconselharam D. Cesar e seu filho, que fôsse apresentar-me ao novo rei, visto elle conhecer-me e deparar-se-me esta occasião de fortuna.

Fui, como se diz, por ir, e meio de aposta com elles em como já o principe se não lembraria de mim.

Tomei com o Scipião o caminho de Madrid, entregando os cuidados da casa á Beatriz, que era o que se chama uma mulher governada.

CAPITULO II

VAE GIL DIAZ PARA MADRID; VE-O EL-REI, E RECOMMENDA-O AO PRIMEIRO MINISTRO

Chegámos a Madrid antes de oito dias, em cavallos que D. Affonso nos emprestára, e apeámos-nos á porta da hospedaria de Vicente Forero, que fôra meu patrão, sujeitinho, que andava sempre em dia com os acontecimentos.

Grandes novidades! disse-me elle logo.

Depois da morte de Filippe III, os partidarios do duque de Lerma teimaram em manter sua eminencia no ministerio; mas, o conde de Olivares poude mais do que elles! Bem feito. Vamos agora a vêr se, a Hespanha, perdeu na troca!

D'alli a dois dias principiei a ir esperar el-rei nos corredores, quando elle por alli passava depois de jantar; até que, de uma vez, fez reparo em mim, e, ao cabo de mais uns dias, deu ordem de me chamarem.

- Quem és? perguntou-me.

Tenho idéa de te ter visto; não sei se...

— Senhor: respondi, tremendo, coube-me a honra de conduzir n'uma noite vossa magestade, com o conde de Lerma, a casa de...

— Eras o secretario do duque de Lerma!?

O Santilhana! Estiveste preso, hein?

— Quatro mezes, meu senhor! Na torre de Segovia!

Vossa magestade, porém, houve por bem determinar que me fôsse dada a liberdade.

— Não basta! ponderou. Não basta, isso; não!

Entrando n'esse momento o conde de Olivares:

— Conde, disse-lhe el-rei, cuida-me d'este moço, e trata de o collocares com proveito para o meu serviço e para os seus interesses.

O conde mirou-me com agrado; retirei-me em seguida, e fui dar ao filho da Coscolina o alegrão de me vêr em vesperas de ser empregado dignamente, referindo-lhe as palavras do rei.

Não me largou elle o bicho do ouvido, emquanto, na madrugada do dia immediato, não fui a casa do Olivares, que, no verão e no inverno, a essa hora matinal, é que recebia e falava aos pretendentes.

Metti-me a um canto a observal-o.

Era de estatura menos que mediana, podendo passar por gordo, na Hespanha dos magros: abahulado de hombros, quasi a parecer corcunda, sempre de cabeçorra baixa, cabello preto e corredio, carão largo, esverdeado, bôcca encovada, barba ponteaguda.

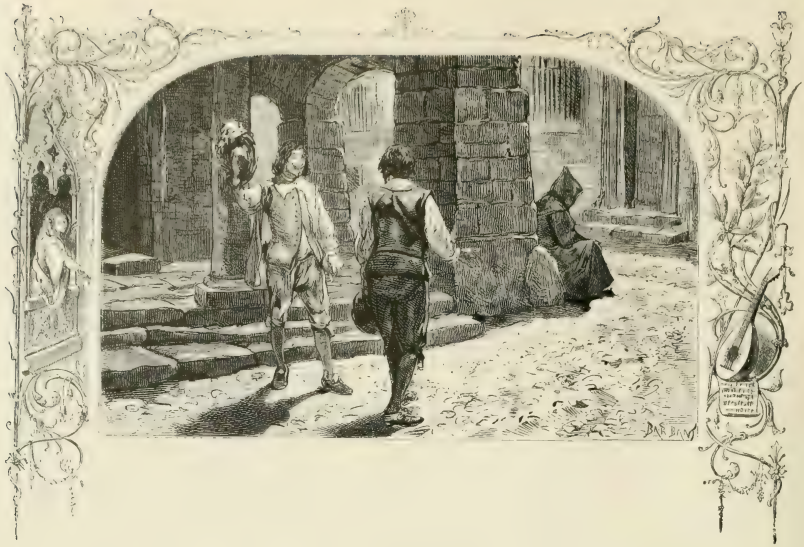
Feio, mas affavel...; excepto commigo, mostrando-se-me carrancudo quando fui a falar-lhe, e dando-me, como resposta, voltar-me as costas.

— Quer afastar-me da côrte, fui eu contar ao Scipião.

Bastou-lhe vêr como el-rei me trata!

Volto para Valencia, não ha mais que vêr; não me aconteça por aqui alguma, que possa ser mais séria.

O Scipião, que ia a aconselhar-me que me deixasse ficar, que insistisse, e que fôsse queixar-me ao rei, lembrou-se, com o terror que lhe inspiraram as minhas apprehensões, da torre de Segovia, e approvou logo que nos puzessemos a andar quanto antes da capital.



CAPITULO III

PORQUE NÃO PARTIU; FAVOR QUE LHE FEZ JOSÉ NAVARRO

ENCONTRANDO na volta para a estalagem o José Navarro, meu antigo amigo, pedi-lhe desculpa de haver pago tão mal a sua amizade.

Elle deu-me um abraço, e contando-lhe eu os revezes da minha vida, insistiu em que não descorçoasse; e que pediria a seu amo, D. Balthasar de Zuniga, interessar-se em meu favor para com o Olivares, seu sobrinho.

—O que é preciso na vida, é andar de boa fé, quando se trata com as pessoas. O mais, pouco vale. Todos erram. A falsidade, porém, é o peor defeito.

— Tem razão; se os remorsos expiam as culpas, bem expiadas estão as minhas para comsigo!

— Dá cá um abraço. O que lá vae, lá vae!

Já sei do modo desabrido por que o ministro o tratou... Não é isso, porém, motivo sufficiente para que se retire...

Já que el-rei o acolhe favoravelmente, deixe o resto.

El-rei, é o que se quer. É tudo n'este mundo.

E depois a sequidão e as petulancias do Olivares entram em linha de caracter. São um systema. Adoptou isso, para seu uso.

Em o tio lhe falando, já elle amaciará. Vou agenciar d'isso, sem perdermos tempo.

Perguntou-me, por ultimo, onde morava.

E logo:

— Adeus. Vá descançado. Hão de arranjar-se os negocios, por modo que o conde de Olivares venha a dar-lhe um ar da sua graça, e lhe testemunhe a mais viva sympathia.

Verá, verá, se viver!

Passe muito bem, e socegue. D'aqui em deante, é só o que lhe recommendo, — seja sempre leal. É a primeira qualidade de um caracter; a lealdade.

Passados dois dias, disse-me D. Balthasar amavelmente, que procurasse de novo o conde; e, este, despachando outros pretendentes, disse-me entre dois sorrisos, que a recommendação de el-rei, a boa vontade do tio e a sympathia que eu lhe inspirava, apagavam, porque assim devesse ser, um instante de mau humor, de que se arrependia agora.

— Desculpa a inquietação que te causei, Santilhana. Haverás pensado que te queria mal. Nada d'isso, homem! Quiz divertir-me um boccado. Julga-se das pessoas nas grandes occasiões. Quiz vêr-te em crise, para conhecer-te a indole e julgar da resolução ou da incerteza com que te portasses.

Está bem, está bem!

Volta logo; o meu secretario te dirá o mais. Volta mais tarde! Entendes? Mais tarde.

E, como de costume, depois do despacho, foi ouvir missa e marchou para o paço.

CAPITULO IV

CONQUISTA GIL BRAZ SER PESSOA DE CONFIANÇA DE OLIVARES

Lá fui. O mordomo, D. Ramon Caporis, tão depressa eu lhe disse quem era, conduziu-me ao quarto que me estava destinado, affirmando-me que ia ser tratado com as mesmas attenções que se guardavam para com a familia de Gusman.

Que teremos? dizia eu entre mim. A que devo attribuir distincções tão especiaes.

Não queira o conde pregar-me alguma...!?

Será experiencia, será malicia sua, acolher-me á maravilha, para melhor formar juizo a meu respeito?

D'alli a nada, o conde dizia, fazendo crescer ainda o meu pasmo, que

tudo o que se me fizesse, não seria de mais, attentas as recommendações de el-rei e os meus precedentes com o Lerma.

— Eras-lhe muito dedicado, hein? Conta-me isso tudo demorada e circumstanciadamente; conta lá!

Disse-lhe o que me fez conta; desculpando o Lerma e entalando o Calderon.

— Quantos requerimentos tenho eu lido contra esse mesmo de quem tu te queixas! Vejo que todos lhe têem egual amor.

Se estimas que a roda lhe desande, desandar-lhe-ha. Digo-t'o eu.

— Devo-lhe a fineza de me haver posto de alto... na torre; mas, emfim, tinha ciumes e vingava-se; são casos que admittem desculpa. Perdôo-lhe até certo ponto.

— Com que por causa d'elle te prenderam?! não sabia d'essa farça! É forte historia, a da tal Catharina, ora sobrinha, ora neta! E o Lerma, mettido n'isso! Boa chronica!

E, a chorar de riso, me prometteu empregar-me no dia immediato; o que, d'alli direito, fui participar ao meu amigo José Navarro, agradecendo, de caminho, ao D. Balthasar de Zuniga.

CAPITULO V

CONVERSAÇÃO SECRETA QUE TEVE GIL BRAZ COM JOSÉ NAVARRO: PRIMEIRA MISSÃO QUE O CONDE DE OLIVARES LHE DEU

Vaes de vento ponteiro! disse-me o José. Agora, dá attenção ao que te vou contar, para teu governo, como te fez meu tio Belchior de la Ronda quando entraste para o palacio do arcebispo de Granada.

O ministro tem talento sagacissimo, julga-se homem para tudo; vaidoso e voluntarioso; a escrever é um presumido, a falar tem certa eloquencia...

Dizem que é ingrato, porque desterrou o Uceda e o Aliaga: vingativo, até, o dizem; mas, a grande verdade é, que tem qualidades generosas. A condessa D. Ignez de Zuniga y Velasco, negoceia com mercês que, por sua intervenção, se alcancem. D. Maria de Guzman, filha unica,

considerada pela opinião como o melhor partido hoje de toda a Hespanha, é boa menina, e o pae adora-a.

Lisongeia essa gente. Não te descuides.

Vae vêr de vez em quando o meu amo, ministro dos extrangeiros, o mais perspicaz dos cortezãos, e sem o qual o Olivares não haveria sido hoje ministro do reino; ouviste?

Fui agradecer a D. Balthasar; e logo n'essa mesma noite me mudei para casa do primeiro ministro, onde, no quarto que alli me deram, ceei com o Scipião.

Pela manhã, vieram chamar-me da parte do conde, e disse-me sua excellencia:

— Seria bom que, por algum escripto teu, dispuzesses o publico favoravelmente grangeando sympathias ao meu ministerio. Já fiz correr o boato de ter encontrado tudo em grande desordem; convem agora insinuar que a monarchia se acha em situação precaria; o que o povo diz, tremida; e engrandecer o quanto, para el-rei, são de proveito e de gloria as medidas que tenho posto em pratica.

Fala o mais que possas do bem do paiz, percebes? o florescer da administração, a felicidade do povo, a gloria do reino!

Deu-me uns apontamentos, e d'alli fui eu para um gabinete, compor uma memoria a respeito do estado lastimoso da monarchia, as tristes circumstancias em que se achava o erario, os bens da corôa malbaratados, a marinha arruinadissima, emfim, tudo o quanto a imaginação póde apresentar para produzir effeito no povo, sempre propenso a acreditar o que é mau; e tudo erros, já se sabe, da administração transacta, tudo culpas do ministerio antecedente, cuja quéda — a do Lerma! — fôra uma felicidade para a Hespanha; ao passo que, os montes de oiro da restauração, enviada pela providencia... *et cœtera, et cœtera*...

— Está optimo! disse-me o conde. Tens um estylo elegante, de uma singeleza encantadora!

Ligeiros toques apenas será preciso dar n'essa quasi obra prima. Tens um estylo terso!

E mandou-me tresentos dobrões pelo D. Ramon, estando eu a acabar de jantar.

Um estylo terso!

CAPITULO VI

DOS TRESENTOS DOBRÕES, E DA INCUMBENCIA DADA AO SCHIÃO; A MEMORIA

DIZIA o Scipião:—Viva o Olivares!

Queria que os Leivas vissem esta prosperidade em que se acha; queria que elles vissem isto!

—Vae tu informal-os, vae ter com elles a Valencia!

—É já. Estão os cavallos de D. Affonso á ordem, e vou pôr-me a caminho, levando um lacaio do ministro atraz de mim! Que effeitarrão! ora eu lhe conto!

—Não te demores por lá; quero que vás ás Asturias levar dinheiro a minha mãe.

—Esteja o senhor Gil Braz descançado; em mez e meio faz-se tudo, se

Deus quizer: ir aos senhores de Leiva, dar uma volta á quinta, e visitar Oviedo, terra de que não posso recordar-me sem calafrios... Isto não leva muito tempo.

Dei-lhe cem dobrões para a pensão de minha mãe, cem para elle, e fiquei eu com os outros cem.

Logo depois d'elle se ausentar, publicou-se a memoria, que produziu o effeito que o ministro tinha em vista, e que foi assumpto de todas as conversações em Madrid, pelas famosas promessas de riquezas e de economias; o conde, para maior gloria, recorreu á invenção do imperador Galba, fazendo que os particulares vomitassem o que haviam chupado aos cofres, e depois de os encher, com o sangue, d'esses sanguesugas, conserval-o em crise benéfica de poupança com o supprimir as tenças e as pensões que dava o principe, sem exceptuar as que lhe competissem a elle, e que lhe fizessem bem bom arranjo.

Para isso, já se vê, outra memoria.

Tudo era recommendar-me que fôsse sublime, inexcedivel.

Recolhi o meu espirito e invoquei a eloquencia do arcebispo de Granada.

—Sejamos superior! dizia eu de mim para mim.

E, como se falasse a outra pessoa:

—Sério! ó aquelle, sê superior! arranja-te como puderes, mas sê superior!

Puz-me á obra.

A segunda memoria foi muito mais extensa que a anterior, e levei perto de tres dias a compol-a.

Aconselhei que se conservasse o dinheiro no erario, e expuz a urgente e palpitante necessidade de manter os fundos e impor o maior respeito aos inimigos da nação, explicando ao monarcha,—a quem a memoria era dirigida,—que, com o supprimir as gratificações e as pensões, ficaria sobejando á larga, para elle dispender sem escrupulo no exercito, na magistratura, na egreja, e no que bem lhe appetecesse, que era de tudo o mais grave.

Anteviu-se d'aquella minha obra um futuro venturoso, e o ministro auctorisou ser-me dada a mim uma pensão, que me custou pouco a ganhar, e era o melhor signal de não se acabar de todo com ellas...

OU OS MEUS OLHOS ME ENGANAM, OU ESTOU A VER O FABRICIO

CAPITULO VII

EM QUE ESTADO FICOU GIL BRAZ A ENCONTRAR O SEU AMIGO FABRICIO; CONVERSAÇÃO DOS DOIS

QUERIA o conde saber noticias; e eu, tudo o que ouvia de bom nos differentes sitios, lhe ía logo metter no bico.

Indo vêr um hospital, encontrei n'uma das enfermarias um triste doente, que me pareceu o Fabricio. Conheceu-me elle logo, e olhou para mim fixamente.

— Ou os meus olhos me enganam, ou estou vendo o Fabricio. É elle ou não?

— Sou; respondeu-me muito sério. Trouxeram-me as lettras ao hospital, que é o termo d'ellas.

— Trahiu-te a musa a esse ponto, coitado!

— É no que dá o talento. Bem fizeste tu; a côrte dá melhor conchego; mas, sempre pregaram comtigo preso, segundo ouvi dizer.

— É certo. Em vez de peorar, pulei! Depois da tormenta vem a calma.

— Ninguem dirá. Estás menos emproado! Fizeram-te por ahi administrador de casa de fidalgo arruinado?

— Os revezes purificam. Apprende-se na adversidade a saber gosar da riqueza.

O que importa, por agora, é valer-te, e posso fazel-o.

Comtanto que me dês a tua palavra de que não has de escrever mais prosa nem mais versos.

Fazes-me esse sacrificio?

— Já o prommetti em confissão a um padre. Disse-me esse religioso, que isto de escripta era uma má prenda, que brigava com a virtude. Estava, haverá um instante, a compor uma poesia em que dizia adeus ás musas.

— Nada de despedidas: deixa de vez essas donzellonas.

— Deixo até o publico, tão desprezivel quando applaude como quando rejeita.

Inconstante bruto!

Não ha auctor, que possa fiar-se n'elle. Os que vêm hoje, accusam de mau gôsto os que já cá estão de hontem; os de ámanhã imputar-lhes-hão as mesmas culpas. É o nada das mentiras, a gloria; illusão da phantasia, palha a arder, fumo que o vento leva!

— Hei de alcançar-te um emprego para viveres descançado, sem fatigares a imaginação. Para ser empregado, é que não é preciso talento.

— O talento, disse elle, é o dom mais funesto que um homem póde ter.

Tomei-lhe tal raiva, que até me cheira mal!

Apertei-lhe a mão, passando-lhe uma bolsa com uns sessenta dobrões. O filho do barbeiro Nuñes esgazeou os olhos.

— Bemdito seja Deus, que te encaminhou para este hospital! Ainda hoje vou sahir d'aqui, mercê dó teu auxilio.

Antes de nos separarmos, disse-lhe onde estava morando, e pedi-lhe para ir vêr-me, logo que estivesse restabelecido.

— Vou, sim, hei de ir visitar-te. É o meu dever e o meu empenho. Essa, agora! Não faltaria mais nada senão tratar eu de leve quem tanto bem me quer e que tão bom uso faz da felicidade que Deus lhe dá. Com que, estás vivendo em casa do conde de Olivares! exclamou pasmado. Bemaventurado Gil Braz, que assim agradas aos ministros!

CAPITULO VIII

VOLTA SCIPIÃO DE MADRID: QUE NOTICIAS TRAZ

O fraco do conde de Olivares, a quem el-rei por esse tempo deu o titulo de conde-duque, era ser amimado, e eu, acarinhando-o, logrei ser tão predilecto seu como o primeiro secretario Carneiro; confidente este dos negocios, e eu dos casos pessoaes.

Repartições separadas, como é facil calcular.

Elle, Carneiro, todo gabinete...

E eu, para o resto!

Viviamos, assim, á maravilha.

Nunca houve dois homens, que se déssem melhor.

Não tinhamos inveja, nem ciumes.

E, o que tambem é bom, não tinham amizade nenhuma um ao outro.

Com o conde-duque conversava muito.

Tão susceptivel e tão desconfiado como era, fiava-se em mim.

Via que eu era sincero para com elle. É tão raro e tão bom o ser sincero! Equivale a andar por caminho direito. Facil, simples, e digno.

Valeria a pena ser homem de bem... por especulação! Quanto mais deixar-se ser boa uma pessoa, quando o seja devéras, para não se torcer.

Abria-se commigo como com um irmão.

—Sou mais feliz que o duque de Lerma, disse-me n'um dia. Em seu filho duque de Uceda e no confessor de Filippe III tinha elle dois inimigos. E a mim ninguem me faz sombra, que eu o não destrua logo. Serás meu confidente, amigo!

Na volta de Scipião, e dispondo-me eu a erguer novos altares á fortuna, disse-me elle:

—Breves palavras tenho para lhe dar. Os fidalgos de Leiva estimam muito a boa acolhida que el-rei lhe dispensou e os favores do conde de Olivares.

—Nem tu imaginas, caro Scipião, acudi eu, interrompendo-o, o pé em que me acho actualmente com sua excellencia...

Chega a ser prodigioso!

Ganho todos os dias, consideravelmente, no coração do conde-duque!

—Se Deus quizer, ainda nos esperam algumas prosperidades... Tenho este palpite! Nem tudo hão de ser desgraças.

—E minha mãe? Como está ella, conta-me!

—Seja feita a vontade de Deus... Más novas trago.

—Morreu... minha mãe?

—Ha seis mezes, que Deus a tem; e o seu tio Gil Peres, tambem Deus o chamou a si.

Comquanto em pequeno não houvesse tido nunca os carinhos de que os filhos guardam lembrança, a morte de minha mãe cortou-me o coração;

e chorei não poucas lagrimas tambem pelo bom do conego, a lembrar-me dos cuidados que tivera em me dar educação.

Já se vê, com o tempo essa afflicção passou; transmudando-se na ternura dôce e amarga das saudades.

CAPITULO IX

DO CASAMENTO DA FILHA DO CONDE DUQUE

ANDO inquieto, Gil Braz, disse-me n'uma tarde o conde-duque. Está minha filha Maria na edade de casar, e os pretendentes são muitos. O conde de Niebla, primogenito do duque de Medina-Sidonia, e D. Luiz de Haro, filho do marquez del Carpio, afiguram-se-me serem os mais dignos de preferencia; o ultimo, principalmente. Entretanto, o marquez de Toral, por certos motivos, tem de ser o escolhido, e para os filhos que vierem hão de passar os meus bens e titulos. Minha irmã casada com o Carpio resentir-se-ha de que não seja preferido o filho, mas, não ha que vêr; quero o D. Ramiro: de todos, o mais de meu gôsto, é elle.

Dispensando-se el-rei de dar parecer para a escolha, o ministro deu-se pressa em casar a filha com o Toral.

Era tambem esse, para quem el-rei, por complacencia com o ministro, se mostrou, de algum modo, mais inclinado, sem o declarar abertamente.

—Parece-me bom, o D. Ramiro; entretanto, vê lá; quem tu escolhêres será sempre para mim bem agradavel.

O conde-duque não queria o ramo Sidonia por haver usurpado ao de Abrados o direito de morgadio com os titulos que lhe pertenciam. Quando expunha as qualidades dos differentes fidalgos, dava sempre a entender ser o Toral o que mais lhe sorria.

Tinha de ser o Toral.

Foi o Toral.

A grande regra da vida e um dos bons preceitos de que até se fez proverbio, é o seguinte:

O que se não pode haver, dá-se pelo amor de Deus.

Porque os despeitados ponderassem de si para si ser-lhes impossivel levantar obstaculo áquella união, affectaram celebral-a de boa feição.

Foi uma comedia.

A marqueza del Carpio e os Gusman...

Faça-se idéa!

Ficáram enraivecidos, mas fingiram-se contentissimos, e viram em breve, cruelmente, vingado o seu desgosto; porque, decorridos dez mezes D. Maria deu á luz uma menina que morreu á nascença sendo victima a mãe logo depois do parto.

Afflicto do golpe, e vendo assim desvanecidos os projectos que formára de tirar o direito de primogenitura do ramo de Medina-Sidonia, o conde ficou como louco; e agradeceu tanto mais a tristeza que observou em mim, quanto ella era tão sincera e profunda, que provinha de eu me recordar da semelhança no desenlace de destinos de minha mulher e da marqueza de Toral.

Ainda no meu peito a chaga estava mal fechada.

Que funda e amarga exasperação se apossou de mim, e em que abandono, em que isolamento, me considerei n'este mundo! Ai! que saudades, que pungir de saudades, n'aquelles dias!

O conde-duque attribuia toda a minha tristeza á dedicação de sentimento com que eu participasse a sua dôr de pae.

— Ainda é, pelo menos, uma consolação para mim a fina sensibilidade com que participas da minha dôr!

CAPITULO X

ENCONTRA GIL BRAZ CASUALMENTE O POETA NUNES; VANTAGENS DE HAVER CAHIDO NUMA PEÇA QUE ELLE FIZERA

'uma tarde, indo eu de carruagem, encontrei o poeta das Asturias, muito bem vestido, e convidei-o a irmos passear juntos até ao prado de S. Jeronymo.

— Desculpa não te haver procurado! disse-me elle. Desculpas, sim? Em te eu contando... Envergonhei-me. Prometteras-me um bom emprego, para eu me deixar da poesia, e deram-me outro ainda melhor para fazer versos; subsidiado pelo D. Beltrão Gomes del Ribero, thesoureiro da marinha! Um personagem riquissimo. Escrevo-lhe cartas para as bellas, cartas em prosa, cartas em verso. Duzentos dobrões de ordenado, e boas propinas.

— Mas, entende de lettras, esse figurão?

— É tolo. Fala muito, grita, teima, decide, critica, e decreta; é um toleirão. Digo-lhe, a tudo, que sim. Embirrou em que eu escrevesse uma tragedia, á vista d'elle. Que te parece! Lá a escrevi: *El Conde de Saldaña.*

Vae á scena no theatro do Principe, d'aqui a tres dias.

— Deus lhe ponha a virtude!

Emfim, ha de agradar, estou persuadido, tu tens talento...

— Pois, tenho; mas, isso, não basta; quasi nunca é por isso que as peças agradam...

— Que idéa! Então pelo que ha de ser?

— Por varias e differentes causas; mas, a que menos tem que vêr n'isso, por via de regra, é o talento!

Não pude eu ir vêr a peça, n'essa noite, por ter que trabalhar para o ministro, mas mandei-lhe pedir noticias.

— Uma borracheira! contou-me elle depois do espectaculo. Não a peça em si, mas tudo o mais, desempenho e reprovação, artistas e publico. Fortes bêbedos!

— Toda a culpa é tua, Nuñes! Gostas de levar pateada,— é bem feito que te regalem, já que não queres outro emprego!

Já é contumacia!

Gostas d'isso, glorioso auctor dramatico!

Gostas de que te batam os pés. A essa razão de juros te chegou o juizo!

E queres então que eu me ralle, não te dando isso cuidado a ti!

Não tens vergonha, diabo de Nuñes! Isso, tambem, é descaramento! Ora, com effeito! Não tens amor ao teu nome!

Passam-se mais dois dias, e entra-me elle no quarto, muito risonho:

— Olha que a tragedia foi o que me valeu! Se não me pateiam a peça, não arranjava a minha vida. Auspiciosa quéda!

— Essa, é nova!

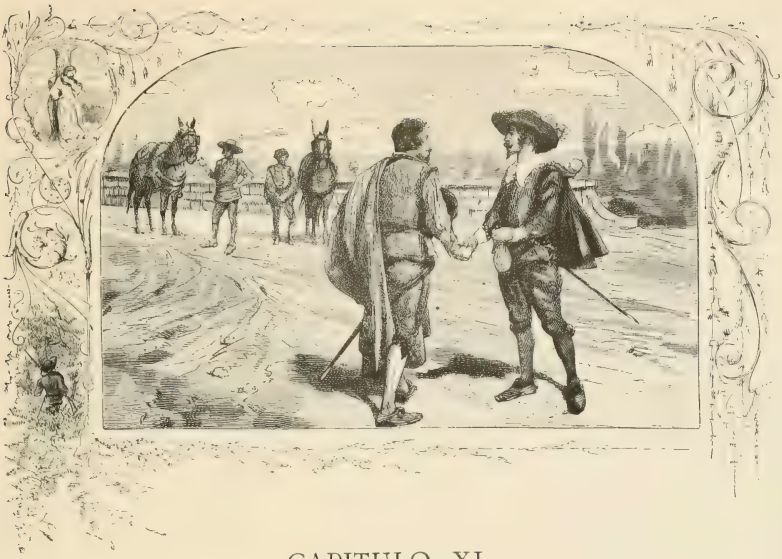
— D. Beltrão, meu collaborador, picou-se de que não se désse apreço á obra. *Victrix causa 'Diis placuit, sed victa Catoni.* Se elles não gostaram, gosto

eu, disse-me elle. Considera-a premiada com uma pensão de dois mil escudos, vitalicia, sobre os meus bens.

Fomos lavrar escriptura, e já recebi o primeiro anno adeantado. É como tenho a honra de t'o estar referindo.

Dei mil parabens ao Nuñes de ter feito uma peça, que parecia não prestar para nada, e que de tal proveito lhe sahira.

— Olha, se elles m'a não pateiam! Se a bossa da asneira do publico lhe tem dado para m'a applaudir, hein?! Terme-hia rendido aquillo uma bagatella! Ora, vê tu!



CAPITULO XI

CONSEGUE SANTILHANA EMPREGAR SCIPIÃO

Fez arregalar os olhos ao meu secretario a inesperada fortuna do Nuñes.

— É quasi sempre assim! disse-me elle uma vez e outra. Quanto peor escrevem, melhor se arranjam! Chega a aborrecer, a sorte, com o que é de tôla. Só não lhe dá para ser tôla em meu beneficio!

— Talvez a esta hora as cousas vão em bom caminho; cala-te; convem não falar antes de tempo!

Estás no templo da fortuna!

Nem outro nome póde dar-se á casa de um ministro!

Aqui se concedem graças, que ubitamente enriquecem.

O que é necessario, é ter paciencia...

Saber esperar, é tudo, na vida.

Socega!

Póde ser, que estejas em vespera de fortuna!

Effectivamente, relatando-me o mordomo D. Romão Caporis as grandes sommas, que o conde-duque tirava da India quando iam barcos de Sevilha ou de Lisboa, com o vinho, o azeite, e o trigo, do seu condado, empregando os lucros em especiarias e drogas, que vinham não só a render-lhe milhões, mas ainda lhe chegavam para enriquecer os que andassem n'esse giro, sem aliás deteriorar nunca os interesses de el-rei muito embora elle não tolhêsse ninguem de commerciar á sua sombra:

—Estava eu bom para esse trafico! disse o filho da Coscolina. Gosto de viajar que me pélo! Proteja-me n'esta pretenção, senhor Caporis!

—Pela minha parte, com muito gôsto! disse D. Romão. Se o senhor de Santilhana se não oppõe!

—Até responderia por elle como por mim proprio! acudi eu. Ha de portar-se com honra, o meu Scipião!

—Basta! Dentro de um mez hão de fazer-se de véla os navios para a India; dar-lhe-hei carta para um individuo que o auxilie, sem prejudicar os interesses de sua excellencia, e póde marchar desde já para Sevilha, respondeu o mordomo.

Os navios hão de partir, se Deus quizer, d'aqui a um mez.

Negoceie sem prejudicar os interesses de sua excellencia, é no que insisto: considere-os sagrados; no resto, faça pela vida, que é a obrigação de cada um.

Ficou contentissimo o secretario com esta commissão.

Não tratou de mais nada, nem quiz pensar n'outra cousa senão em partir para Sevilha.

Fervilhavam-lhe no pensamento os tres empregos do conde-duque, gentil-homem da camara, estribeiro-mór, chanceller das provincias do ultramar,

—e, não ser nada, tudo isso, em comparação dos gordos proventos que tirava de negociar para a America em mercadorias vendidas pelo quadruplo do seu valor! E toca a comprar drogas, e a ganhar este mundo e o outro!

Negociar! Negociar!

Não tinha outra palavra na bôcca.

Com mil escudos que lhe dei para comprar vinho e azeite, foi Scipião negociar para a India, custando-nos a ambos não poucas lagrimas o separarmos-nos.

CAPITULO XII

CHEGA A MADRID D. AFFONSO DE LEIVA: ANGUSTIAS E ALEGRIAS DE GIL BRAZ

Pede ao senhor de Santilhana um de seus melhores amigos o favor de o procurar na hospedaria de S. Gabriel, na rua de Toledo — dizia-me um bilhete que recebi logo depois de Scipião partir.

Fui, sem perda de tempo, ao sitio que se me indicava, e encontrei D. Affonso de Leiva, o que me causou a mais viva admiração.

— Demittiram-me do governo de Valencia, e o ministro mandou chamar-me. Attribuo isto a haver visitado o cardeal duque de Lerma! disse-me elle.

— Nem era preciso mais, querido amigo! Ir vêr o duque!

— Irei para Leiva com a minha familia; o que me custa, é ter de apresentar-me ao soberbão ministro; mas, que hei de fazer?

— Deixe-me ir eu primeiro: queira permittir-me que disponha as cousas a meu modo.

Então não ha mais do que isso!?

Bem sei, que lhe faltou a prudencia excepcionalmente... Mas, é indispensavel procurar ainda remediar o que possa ter remedio.

— O mal está feito! disse elle.

Costuma dizer-se que o bom juizo é considerar remediado o que remedio não tem.

Isto não me parece têl-o!

— Deixe tudo por minha conta.

Não ha mal irremediavel; e, quando o houver, tambem para isso se ha de achar curativo!

Fui procurar o Carneiro, e d'elle me informei no que podesse haver de verdade, a haver-se tirado o governo da cidade de Valencia a D. Affonso de Leiva.

— Certo é! respondeu-me elle. A causa, porém, ignoro-a.

Depois d'esta resposta resolvi saber do proprio ministro os motivos de queixa, que tivesse contra o filho de D. Cesar.

Quando sua excellencia ouviu de mim a narrativa dos favores que devia aos fidalgos de Leiva, e de como fôra que d'aquelle ministro eu havia alcançado o governo para o cavalleiro D. Affonso, cortou a afflicção em que eu estava com o dizer-me:

— O teu amigo era apenas governador de Valencia: faço-o vice-rei de Aragão.

Auctorisado a apresentar-lhe D. Affonso n'esse mesmo dia, fui buscal-o á hospedaria, e, espantado de que se dessem vice-reinados por minha influencia, levei-o a casa do conde-duque, que lhe elogiou o bom governo, que fizera em Valencia: pelo que el-rei lhe dava um cargo mais elevado, não superior aliás á categoria do seu nascimento.

Vieram a Madrid D. Cesar e sua filha, logo que receberam a noticia,

agradecendo-me como a um irmão; e D. Affonso, logo que recebeu o despacho e prestou o juramento do costume, partiu de Madrid com a sua familia, indo fixar residencia em Saragoça, onde os aragonezes testemunharam por suas acclamações o encanto em que estavam de que lhes houvesse dado a sorte um vice-rei ao gôsto d'elles.

CAPITULO XIII

ENCONTRA GIL BRAZ NO PALACIO D. GASTÃO DE COGOLLOS E D. ANDRÉ DE TORDESILLAS; QUE FORAM TRES; UM DA HISTORIA DE D. GASTÃO E DE D. HELENA DE GALISTEO; QUE SERVIÇO PRESTOU SANTILHANA A TORDESILLAS

Estava a pular de jubilo por haver feito um vice-rei de um governador demittido, o que nem aos proprios Leivas deu maior alegria do que a mim me deu, tão differente Gil Braz eu estava sendo do Gil Braz que alcançava empregos por dinheiro. Achei-me de uma occasião na antecamara de el-rei, conversando com varios gentis-homens, que me tratavam á maravilha por eu ser querido do ministro, e, vendo entre a multidão D. Gastão Cogollos, com o Tordesillas, corri a abraçal-os, puxando-me elles e insistindo em me levarem comsigo na carruagem de D. Gastão, até á praça Maior, onde era a residencia d'elle, para alli conversarmos largamente.

— Outra vez na côrte, senhor Gil Braz!?! dizia-me o D. André, admiradissimo.

— Quiz vêr se o novo rei se lembraria ainda de mim; e, conhecia-me tão bem, que me recommendou ao primeiro ministro, e estou nas graças.

— Pois o conde-duque demittiu-me, julgando-me partidario do Lerma! disse D. André.

— E a mim, soltou-me, por amor de ter sido o outro que me prendêra, disse D. Gastão; tanto mais seguro da minha innocencia, por não se achar em culpa o marquez de Villa Real, de quem me suppunham cumplice, e nomeando-me agora el-rei capitão tenente da guarda.

No uso de uma licença para ir visitar minha tia a Coria, encontro na estrada um cavalheiro a defender-se de tres homens mascarados; atravessei um, que logo cahiu do cavallo, e, os tres, fugiram.

Ficámos, porém, feridos.

O cavalheiro, era Cambados, o marido de D. Helena.

— Se eu morrer, do ferimento, disse-me elle, que a minha morte te aproveite!

— Estou bem pago, se Helena tiver de ser-me grata por te ter salvo a vida! respondi-lhe.

Quando o meu lacaio tirou a mascara ao cavalheiro, que se achava estirado no chão, Cambados reconheceu n'elle o seu primo Caprara, que de ha muito procurava occasião para dar cabo d'elle.

Mesmo feridos, como estavam, e alagados em sangue, nos arrastámos até ao logar de Villarejo, a dois tiros de espingarda.

Na primeira estalagem, mandámos chamar um cirurgião.

Veiu a correr.

Achou as feridas graves; fez o primeiro curativo; e, na manhã immediata, declarou mortaes as de D. Braz.

Mandou Cambados um proprio chamar sua esposa.

Apresentou-se D. Helena em Villarejo, agitadissima pelo perigo que a

vida de seu marido estava correndo, e como que medrosa de que, o tornar a vêr-me, pudesse reaccender em seu peito um fogo mal apagado.

— Ainda bem que chegas a tempo de que, ao menos, eu possa despedir-me de ti; disse D. Braz.

A minha morte é o castigo de te haver roubado a D. Gastão.

Agora lhe será restituido, e, sem me queixar, louvo a Deus por isso, o coração que lhe usurpei...

Chorava ella perdidamente, sem que dissesse uma palavra.

Morreu Cambados em menos de tres dias.

A viuva fez trasladar o seu corpo para Coria, e para alli voltou, informando-se antes de sahir de Villarejo do estado em que eu me achava.

Segui-a logo; em Coria acabei de restabelecer-me.

Minha tia D. Leonor e D. Jorge de Gabiten determinaram casar-nos secretamente, em attenção á recente morte de D. Braz, e d'alli a poucos dias voltei a Madrid com D. Helena, acceitando o ministro as minhas desculpas de haver excedido um pouco o tempo da licença.

— Eu então, bradou D. André, até me vejo sem o emprego que me dava de comer!

— Alto ahi, disse-lhe eu; já lhe vali em tempo, graças ao arcebispo de Granada, e só por amores se deixou ficar em Alicante; agora, felizmente, ainda melhor poderei...

N'esse momento entrou D. Helena, que era realmente uma mulher encantadora, e Cogollos apresentou-me:

— O senhor de Santilhana, meu companheiro de prisão e que tão boa companhia me fez!

— Agradava-lhe a minha conversação, accrescentei, porque falavamos sempre de si, minha senhora! Era condão, do assumpto.

Respondeu ella modestamente ao meu comprimento; despedi-me dos noivos, e do Tordesillas, a quem perguntei pela sua morada; e querendo o conde-duque d'alli a dias dar-me o logar de governador do carcere real de Val-

ladolid, insisti em não me afastar de sua excellencia, e pedi aquelle cargo para o ex-alcaide do alcazar de Segovia, como gratidão ao muito bem que me havia tratado.

— E o que te rende isso a ti, dize lá?

— Quando no tempo do ultimo ministerio tudo se vendia, conformei-me com os usos; hoje, que não se vende o que só é para ser dado, recobrei a integridade de caracter.

Provido em D. André Tordesillas o governo das prisões reaes de Valladolid, poz-se elle a caminho, tão contente, como eu fiquei por me haver desempenhado das obrigações que lhe devia.

CAPITULO XIV

GIL BRAZ EM CASA DO NUÑES

De uma occasião fui a casa do senhor D. Beltrão Gomes del Rivero, perguntar onde vivia o Nuñes.

—Já cá não mora. Está acolá n'aquelle casinholo.

Fui á tal barraquita, e achei o Nuñes sentado á mesa, a jantar com cinco ou seis amigos, n'uma algazarra tremenda.

— O senhor de Santilhana, valído do primeiro ministro! exclamou elle.

Fizeram-me um brinde, sentei-me, e pedi-lhes que continuassem na conversação em que estavam.

—Era a respeito da *Iphigenia*, do Euripides, disse Fabricio.

Estavam a acabar de jantar, e, por consequencia, no principio da argumentação.

Calaram-se um boccado, por cortezia, ou não sei porque, mas o Nuñes obrigou-me a acceitar um copo e fazer razão á saude com que me haviam brindado, logo que elle lhes disse quem eu era.

— O bacharel Villegas, não entende como D. Jacintho Romarate, e o nosso licenciado D. Gabriel de Leão, que o perigo em que se encontra a heroina seja a grande *situação* do drama; porém, sim, o vento!

D. Jacintho retorquiu; D. Belchior replicou; e, o velho licenciado Gabriel de Leão, timbrou no empenho de levar a sua opinião por deante. A companhia, por sério que se falasse, tudo, para ella, era de riso. Foi a qual haveria de apresentar idéas mais extravagantes e de fazer maior gritaria. Não se entendiam uns aos outros, e ninguem os entendia a elles. Gargalhada brava por qualquer cousa.

— O vento é o protagonista na peça da *Iphigenia*. Chama-se *Iphigenia*, mas devia chamar-se *O vento*, essa composição!

— Um exercito para sitiar Troya; impacientes os capitães e os soldados por acabarem com isso e voltarem para a Grecia: n'isto, vento contrario, que os detem na Aulida. Interesse da tragedia? O vento. Importa lá a Iphigenia!

Por mim, confesso-o, tomo o partido dos gregos.

Interesso-me pelo designio d'elles.

Todo o meu empenho é vêr partir a armada.

O que é a morte da Iphigenia?

Quanto mais, o perigo que ella possa correr!

A morte de Iphigenia é o meio para alcançar dos deuses um vento favoravel. Nada mais se não mudasse o vento; não poderiam ir cercar a cidade de Priamo, impacientes como estavam de acabar com aquella semsaboria e voltarem para a Grecia, pobres chefes e pobres soldados!

Gargalhada geral; o Nuñes a disfructar a galhofa, e eu a vêr quando se

pegavam á unha todos elles; mas, não: acabado o jantar, puzeram-se a andar, e perguntei ao Nuñes:

— Então brigaste com o thesoureiro? Que diacho houve?

— Deus me livre d'isso! Pedi-lhe para viver só, e receber quem quizesse. Liberdade plena, e sempre amigos em casa, para a conversinha; é do que eu gosto, e não empobreço por isso.

— As oitocentas peças do Lope de Vega não lhe renderam a quarta parte do que te rende a ti o *Conde de Saldaña!* Assim é que é: e deixa-os lá!

LIVRO DUODECIMO

CAPITULO I

ENVIA O MINISTRO GIL BRAZ A TOLEDO

'UMA companhia de theatro de Toledo está uma actriz celebre, lindissima; vae vêl-a. El-rei gosta de theatro, talvez não seja mau que ella venha a Madrid. Fiar-me-hei no teu discernimento! disse-me o conde-duque.

Parti com um lacaio, sem libré, para melhor disfarce, e fui hospedar-me n'uma estalagem de Toledo, logo adeante do alcazar.

—Vossa senhoria vem assistir á augusta cerimonia do auto de fé, que se celebra ámanhã em Toledo; ía apostar! perguntou-me o estalajadeiro.

Disse-lhe que sim.

—Vae ser uma linda procissão! Esta é das melhores, que se tem visto.

Mais de cem sentenciados! Hão de ser queimados mais de dez!

No dia seguinte, antes do sahir do sol, ouvi tocar todos os sinos da cidade, a darem signal de ir principiar o auto de fé. Vesti-me á pressa e encaminhei-me para a inquisição. Havia, nas ruas onde a procissão passava, palanques armados, e aluguei logar para vêr á minha vontade.

Iam os padres com a bandeira do Santo Officio; os réos, de mitra ignominiosa; tendo chammas pintadas na carocha os que estavam condemnados á fogueira... N'isto, que vejo eu! entre os que levavam mitra simples, o padre Hilario e o irmão Ambrosio! O céo, cançado do excesso de crimes d'estes dois malvados, entregára-os á inquisição. Logo me lembrou Chelva, como estando a sentir que outro tanto me podia ter acontecido a mim!

A tremer fiquei, e custou-me a cobrar animo para tratar da incumbencia do meu amo n'essa noite ainda. Fui ao theatro, onde um espectador meu vizinho de platéa me falou logo da actriz Lucrecia, que, ao apparecer, teve uma salva de palmas. Que quatorze annos gentilissimos de talento e de graças!

—Isto declama, isto canta, isto dança! dizia-me o tal vizinho.

—Ditoso aquelle, que...! ponderei.

— Não consta. Só se a tia d'ella..., a tia Estella...

—Tambem do theatro?

—Boa comica, sim; é tia d'ella. Uma lacaia, que a sabe toda!

Fui ao palco, no fim da peça, e quem havia de ser a tia Estella?—a Laura! que estava cavaqueando com uns mirones, e fez que não me conhecia para se vingar de eu haver fugido de Granada.

Já planeava tambem vingança, quando recebi, na manhã immediata, um bilhetinho: «Não estejas zangado por não haver falado comtigo no theatro; pódes cá vir agora com esse homem.»

Estava ella ao toucador, e abraçou-me mal eu lhe entrei em casa.

—Ó Laurinha, como te livraste da embrulhada em que me vi obrigado a deixar-te, em Granada? Minha querida linda!

— Teimei com o Marialva em como eras meu irmão. Ai! desculpe se-

QUE VEJO EU! O CEU CANÇADO DO EXCESSO DE CRIMES D'ESTES DOIS MALVADOS
ENTREGUE-OS Á JUSTIÇA DA INQUISIÇÃO

nhor Santilhana, tratal-o d'este modo... É o costume de outro tempo... Neguei tudo; nega-se sempre: tudo está em negar,—negar! e o portuguez foi continuando commigo, até que voltou para a sua terra. Depois, desfez-se a companhia, foram uns para Sevilha, outros para Cordova, e eu vim para Toledo, onde estou ha dez annos com a minha sobrinha Lucrecia.

—Não tens irmão nem irmã, como é então que és tia? Estou a dizer-te, não te faças caixinha; contemos um ao outro o que nos tem succedido, isso é o que tem galanteria!

Queres?

Não achas graça a estarmos de novo aqui, conversando, depois de tanta historia que se tem seguido áquelle memorando dia... Ia a dizer, de juizo: mas, de loucura, é que elle foi! Dia, que não me esquece por nenhum de seus pormenores, dia historico da minha fuga de Granada, receoso de que o marquez me mandasse, com a ajuda de alguns vis sicarios, pôr em lençoes de vinho.

Deixei-te em talas, coitada!

—Ui! Grande cuidado te dava isso!

—Bem sei que o espirito salva tudo; essa idéa é que me tranquillisou mais... Por te conhecer.

—Nem é preciso espirito, meu querido!

Espirito para que?!

Presumidos, que sois! Isto, só visto.

Para os enganar, a vocemecês, não é preciso espirito. Fica sabendo.

Os homens são tão tolos,—desculpa, menino, mas a verdade é esta—são tão fracos, tão nescios, tão vaidosos, tão tontos, que até poupam ás mulheres, pela maior parte das vezes, o trabalho de se desculparem e o vexame de pedirem perdão.

Tudo vae em gritar mais do que elles.

E negar.

Negar tudo!

Negar sempre! Não ha mais nada.

Emfim, estou aqui. Vês-me? Sou eu. A Lucrecia é a Lucrecia, minha sobrinha, quer o queiras crer quer não; escusas de sorrir-te.

— Deitando a conta ao tempo,—... e pelo que são de parecidas... Então digo mal? Tive esta lembrança... Não te vejo ha tempo sufficiente para que já pudesse ser... Hein?

— Como és esperto!

Pois é minha filha, sim, e do marquez de Marialva.

— É uma joia! disse-lhe eu.

Deves leval-a a Madrid, que eu te respondo que ha de entrar para o theatro do Principe.

Encarrego-me, de que, uma ordem real, lhe annulle a escriptura.

Verás!

Não é para Toledo uma artista de tão genial encanto!

Era o que faltava!

Appareceu a pequena, n'essa occasião, na sala.

Que formosa Hebe!

Verdadeira deusa, me pareceu, n'aquelle momento!

— Entra, minha sobrinha...

Vem cá, menina! disse-lhe a mãe. Entra!

Agradece a este senhor todo o favor que nos faz...

Ai! Muito obrigada lhe estou! Não tenho expressões, realmente, para corresponder a esta prova de amizade.

Sempre é amigo velho, emfim!

Nunca ouviu dizer que amizades novas não prestam para nada?

Pois, é a verdade pura.

Imagina tu, menina, que, este senhor, quer que entremos ambas para o theatro do Principe...

Olha, que, isto, é fortuna, é ou não?

— Mas a tia sempre tem dicto, que não ha cousa eor do que mudar de

theatro, e que ha actores e actrizes que brilham n'um dado palco, e n'outro não fazem figura...

Quanto mais irmos de uma terra para outra!

E, para que terra, tia!

Para Madrid!

Sempre é ir para a côrte, minha tia!

—Sabe qual é o maior perigo? disse-lhe então eu.

—Eu, não sei!

—É o dos partidos, que vão crear-se por seu respeito...

—O receio d'ella é mais bem fundado do que o seu, acudiu a tia; espero, porém, que serão vãos tanto um como outro. Não será de incendiar fanaticos, por seus encantos de formosura; mas representa bem.

—Não sejam tão modestas! tornei-lhe eu.

A pequena, verdadeiramente linda, sem preparos, áquella hora, ria, baixava os olhos, mostrava-se contente, porém, medrosa da scena do theatro do Principe, com a timidez especial caracteristica, do talento verdadeiro.

Maravilhado da superioridade d'ella, assegurei-lhes, ao despedir-me, que muito breve receberiam da côrte ordem formal de irem para Madrid.

CAPITULO II

LUCRECIA EM MADRID

— Então? perguntou-me impaciente o conde-duque, tão depressa voltei.

— Extraordinaria!

— Conta-me bem isso, tudo, tudo!

— É optima.

— Vale a pena, na tua opinião...

— De que?

— De dar ordem terminante a chamal-a á côrte?

— A fama exaggera sempre n'estes assumptos...

— Pois, ahi está!

— D'esta vez, porém...

— Ah! D'esta vez...?

— Não diz metade do que é.

— Deveras?

— Belleza rara, e talento peregrino!

Brilhavam-lhe os olhos, quando me ouviu dar-lhe estas informações, ao bom do conde-duque; com uma intensidade tal lhe brilharam aquelles olhos, de uma vivacidade singular, que chegou a passar-me pela cabeça que o homem me houvesse mandado a Toledo por seu proprio respeito.

— Ai! ai! scismava eu. Temos paixão de instincto, ou como é isto!?

Vêl-a-hia elle já?

— Prudencia, cautela, discreção, segredo. Sabes? é inutil recommendar-t'o mais vezes... Mas, conta-me tudo, avia-te!

Até lhe narrei em todos os pormenores a historia da Laura, e ser, a pequena, filha do Marialva.

Recommendou-me, que, para esta diligencia, só figurasse eu, sem se falar no seu nome.

Indo ter com o Carneiro, deu-me este, devidamente auctorisado, ordem de admissão, para a companhia do theatro real, de Estella e Lucrecia, actrizes de Toledo, e riu-se.

— Viva! Anda mettido em boas embaixadas! Ora pois, vamos a isso, aqui tem a ordem; faça-a expedir!

Passados oito dias, já ellas estavam na hospedaria, que fica ao lado do theatro.

Fui visital-as e offerecer-lhes os meus serviços. Bem annunciadas e recommendadas com muito bons empenhos, estrearam-se com uma peça do seu repertorio, que tinham representado duzias de vezes em Toledo, applaudidissimas ambas, e festejada a Lucrecia como uma maravilha.

Estava o theatro cheio n'aquella noite; foi uma recita memoravel.

O conde-duque, mais empenhado do que eu pensava na estreia da actriz, perguntando-lhe eu:

—Excellentissimo senhor, gostou da Marialvita?

Respondeu-me, sorrindo-se:

—Muito difficil seria de contentar, realmente, a minha excellencia, se não fôsse da opinião do publico, e tenho fé que el-rei será da opinião de nós ambos!

CAPITULO III

NAMORA-SE EL-REI DA LUCRECIA

A representação fez época.

Foram todas as conversações do dia, mais d'áquem ou mais d'além, bater n'aquelle ponto.

— As novas comicas...

— A actriz nova...!

Porque os fidalgos não falassem senão da Lucrecia, perguntou el-rei ao conde-duque:

— Que Lucrecia é esta?

Logo se lhe apresentou d'ella retrato mais do que vantajoso, seductor.

Explicou o conde a sua magestade que a pequena viera de Toledo, que se havia estreado na vespera em Madrid, e que era minha recommendada.

—É uma Lucrecia... conhecida do Gil Braz.

Riu el-rei muito, por se lembrar talvez da Catharina, quando ouviu o nome da minha pessoa com applicação protectora a uma pequerruxa de theatro.

— Galante historia!

O Santilhana empresario de Lucrecias!

E Lucrecias de tablado...

Magnifico!

Quiz ir vêl-a representar.

Dizia elle ao conde-duque:

— Tens graça! Effectivamente esse nome de Lucrecia...

—É muito proprio das pessoas da sua profissão.

—E o Santilhana?

—O Santilhana falou-me d'ella, teceu-me mil encomios ao seu talento peregrino, e tantos hymnos entoou em favor da bella, que resolvi fazel-a escripturar para o theatro de vossa magestade.

Sorriu-se el-rei.

— Irei vêl-a.

Podem até dizer-lh'o.

Sim, digam-lh'o...

Não será mau avisal-a!

Irei vêl-a...

—Ella representa ámanhã.

—Irei ámanhã mesmo.

O conde-duque contou-me tudo.

Disse-me elle:

—Trata d'isto.

Não te descuides.

Não descances um momento!

Corri a avisar Laura e a participar-lhe a agradavel nova, de que, o soberano deliberára assistir á recita do dia seguinte.

— Não é mau espectador, me parece!?

É o ministro quem me encarrega de vir dar-lhes esta noticia.

Pondera bem! que honra!

Que honra, ó Laura!

Estás nas grandezas.

Vamos a vêr o que se arranja. A sorte está lançada. Aproveita-a... sabiamente para a pequena. D'isto, não vem muito.

Escolham uma peça que corresponda á honra que recebem do monarcha.

Deixa brilhar a rapariga.

Tudo depende d'isso.

— Acceito todos os conselhos, e hei de fazer, havemos de fazer nós ambas, quanto em nossas forças caiba para que o monarcha fique satisfeito, mas, no que eu insisto, é...

A Lucrecia, apparecendo, em traje de levantar da cama, fresca como uma flôr, cahiu, n'este momento, na conversação como a sopa no mel:

— Ora se ao rei não havia de agradar, esta deidade! exclamei.

Os fatos de theatro por mais ricos, que sejam, não conseguirão ficar-lhe melhor ao parecer do que o roupão matinal, que ella traz vestido!

Feliz edade!

E feliz de quem nasce bella!

O que el-rei quer é dança e musica...

Vae ficar tonto de gôsto!

Tens rei, menina, já pódes contar com elle.

— Contar com o que!? retorquiu Laura.

Que não se lembre elle de...

É muito poderoso, mas, n'este mundo, ninguem póde tudo.

Teria que vêr, bem imagino o espanto que isto faz — encontrar el-rei obstaculo aos seus desejos, sejam que desejos forem; mas, póde encontrar...

Póde! digo-lh'o eu.

Nunca fiando!

— Vamos nós a saber uma cousa!

— Qual é?

— Se elle se namorasse d'ella?

— E então?

— Se a preferisse...

— Que mais?

— Se d'ella fizesse escolha para ser o objecto de sua ternura, a sua bem amada, como a gente diz...

— Vamos!

— Seria tão barbara, seria deshumana ao ponto de o deixar suspirar, de o deixar soffrer...

— Soffrer!

— Soffrer! Pois os reis não soffrem, exactamente como os amantes mais ordinarios, como os namorados mais triviaes...?

— E se assim fôsse! balbuciou a pequena.

Cada um tem o seu orgulho.

— Bem sei, e é por isso mesmo que...

— N'esse ponto se engana.

Qual considera maior ufania:

Resistir á paixão d'el-rei, ao seu capricho, a um devaneio de suas distracções?

Ou succumbir, ceder? Responda!

Eu estava pasmado.

— Como ella fala! dizia entre mim.

Como ella pensa!

Que discipula, que a Laura engendrou...

Que discipula, com dez mil bombas!

— Que lhe dê palmas! tornava a Laura, com grandes ares theatraes.

Não se quer mais nada d'elle.

Apesar de rei... Pois que!

Apesar de magnanimo...!

Que lhe dê palmas, e é ao que a pequena aspira, ficando satisfeita com isso.

—Pensa excellentemente! ponderei.

Se todas as actrizes fôssem de tão exemplar virtude...

Bella educação recebe esta menina.

Isso é o que não offerece duvida!

Educação primorosa, que, desafogadamente, admiro e louvo!

Apertando a mão á Laura:

—Os meus comprimentos!

São trophéos para si, minha boa amiga!

Faz-lhe honra, este procedimento decoroso.

Isto para si são glorias, e para o mundo é um exemplo.

Até á vista, minha senhora! Mil e mil felicitações, e os meus votos sinceros de que tudo corra á maravilha, como é de esperar!

No dia immediato, foi, effectivamente, el-rei, ao theatro.

Representou-se uma peça em que a Lucrecia tinha bom papel.

Cantava...

Declamava...

Dançava...

Que mais poderia querer-se?

Accrescendo que dançava, declamava, e cantava admiravelmente.

Não tirava eu os olhos do camarote real.

El-rei, n'aquella noite, era o que mais me entretinha.

Em toda a representação, observei-o sempre, sempre...

Queria vêr se por algum movimento, por algum signal, elle daria a conhecer quaes as intenções, quaes os designios, que sentimentos seriam os que lhe fervilhassem lá por dentro...

Mas,—nada.

Illudia a penetração mais fina, aquelle maganão!

Elle serio...

Elle magestoso...

Como havia de eu fazer para entrar no conhecimento da impressão, que a pequerruxa lhe houvesse suscitado?

É o que me dava cuidado...

No dia immediato consegui os meus fins!

O ministro disse-me:

— Santilhana?

— Meu senhor...

— Não sei se sabes, que estive agora com el-rei!

— Sim?

— Calculas do que falariamos...?

— Da...?

— *Da*. Exactamente. *Da*.

Está namorado.

— El-rei?

— Namoradissimo. Perdido. O que se diz propriamente apaixonado.

— Com effeito, meu senhor!

— Lá lhe disse que eram conhecidos... Que eras tu o seu homem...

— O seu homem!?

— Grandemente relacionado com a viuva de D. Antonio; recebido por ella em Toledo com as demonstrações de estreita amizade que os prende desde os tempos de Granada, das rivalidades da mulher do Zapata, da discordia entre os comicos e da tua mordomia na casa do Marialva durante a estada d'este fidalgo em Hespanha...

Que fôste tu, por teu empenho e conselhos, que tiraste aos toledanos a estrella Lucrecia.

Que eras o tudo para ellas.

Como familiaridade...

Como trato.

Como entrada em casa a toda a hora.

Pódes lá fazer idéa!

Deu-lhe que entender, esta actriz!

Nem me admiro d'isso; sempre é de raça fidalga, a pequena.

Se o marquez de Marialva não se tivesse demorado em Granada, não haveria talvez Lucrecia no mundo, vês!?

É de raça apurada.

Conhece-se isso bem.

El-rei está encantado, como que de magia.

Quer falar-te...

Quer abrir-se comtigo.

Tem muito que te contar, e quer que tu lhe contes muito mais ainda.

Questão de falar d'ella, meu caro; que é o que sua magestade verdadeiramente quer.

Ficou contentissimo de eu te conhecer tanto e tão bem.

Vae tu á porta do quarto de el-rei.

Já está dada a ordem, com o fim de que, tão depressa alli chegues, logo te façam entrar.

Digo-te isto.

Vae lá á porta do quarto, vae.

Depois volta a contar-me o que passares com sua magestade.

Não percas tempo.

É andar, Gil Braz!

Fui effectivamente ao paço, sem querer saber de mais nada.

Encontrei el-rei a passear no quarto.

Estava á minha espera.

Nem mais, nem menos.

Sósinho, como que a scismar, e, positivamente, á minha espera.

Mil perguntas.

—Então a Lucrecia...?

Conta-me com miudeza a historia d'essa actriz.

Ha quem a requeste?

É muito solicitada?

Tentam-a, desafiam-a, pretendem-a muito?

— Para alli, as provocações não obteriam um feliz resultado, meu senhor.

É requerida de muitos, mas posso assegurar a vossa magestade...

Quando ia dizendo isto, estremeci.

Que segurança poderia eu ter?

Diacho! Já era temeridade.

A noticia parecia, todavia, dar-lhe tal gôsto, que, insisti em affirmar, que ainda nenhum requerimento fôra deferido, e que por mais que fizessem no empenho de alcançar despacho á petição, ainda nenhum porfiára com exito nem lucrára em tornar á requesta.

— Ninguem!? exclamou el-rei.

— Ninguem, meu senhor.

— Nem em Toledo?

— Em nenhures.

— Visto isso, escolho-te para meu embaixador.

É isto.

Quero que sejas tu quem vá participar-lhe a sua victoria galante.

— Meu senhor...

— Levar-lhe-has este cofre.

Entregou-me uma caixinha.

— São joias.

Simples lembrança, emquanto lhe não dou testemunho mais solido.

Explica-lhe isto bem.

Que é uma lembrança, apenas.

O meu amor lhe dará, signal mais vivo de quanto lhe quero.

Antes de cumprir aquella missão, fui contar fielmente, ao conde-duque, tudo o que havia passado com el-rei.

Estaria, tambem, elle, apaixonado pela Lucrecia?

É o que se ia vêr.

Teria de affligir-se com um rival tão poderoso, e combater a todo o transe que um tal campeão sahisse a campo de bastidores de theatro, sem repto possivel de outros combatentes?

Historias!

Ficou contentissimo.

Exclamou jubiloso:

— Agora, sim.

Tenho-te seguro, meu reisinho.

Vaes crear medo aos negocios, por amor... dos amores.

Conheci então, por essa apostrophe, todo o alcance da manobra.

O conde-duque temia-se de que o soberano se occupasse de cousas sérias.

Queria entretel-o.

E para isso, o melhor meio seria effectivamente o recorrer aos prazeres proprios do genio especial d'el-rei.

— Tudo vae bem! accrescentou.

Ah! Philippe, Philippe!

Tem de ser, seja. Nada de recuar nem de hesitar.

Na sua alegria o conde-duque nem sequer, para commigo, disfarçava.

— Quantos fidalgos, dizia-me elle, desejariam ser encarregados d'esta missão delicada!

Quantos, quantos!

Lembra-te, continuou elle, que não tens nenhum conde de Lemos que te dispute a gloria...

Não ha Lemos, d'esta vez, a arrebatar-te o melhor quinhão...

A parte maior na honra de um serviço d'estes!

Na honra, e no proveito...

No proveito!

Quantos fidalgos quereriam isto, fazes lá idéa!

Assim me doirou elle a pilula.

Não a achei dôce, entendâmos-nos.

Mas, sua excellencia, doirava-m'a d'aquella maneira, — que remedio havia senão engulil-a!?

O tempo cruel da prisão tinha-me formado o caracter.

Habituára-me a vêr as cousas pelo lado moral.

Divergia da tal aspiração de alguns fidalgos . . .

Não se me afigurava tão honroso como queriam dizer-me, o alto emprego de Mercurio-chefe!

Nem estava corrompido de todo, nem tinha, tão pouco, a força e a tempera de animo, necessarias para recusar funcções de tal cargo . . .

Sempre lhe obedeci.

Não era tanto obedecer a el-rei . . . A quem eu dedicava, n'isso, obediencia, propriamente, era ao ministro.

Ao ministro é que eu me propunha agradar.

A Laura, com quem me fui entender, disse-me haver recusado já dois fidalgos para a Lucrecia; emfim, e bem considerado, visto os fidalgos, não serem reis, tinha alguma esperança de que a pequena não olharia taes honras como baixezas; promettendo-me que, no dia immediato, me daria resposta definitiva.

O melhor foi, que, teve tanta difficuldade em exhortar a pequena a prestar-se á paixão d'el-rei, e encaminhar a filha para o mal, como outras mães em darem bom caminho ás suas.

A Lucrecia, depois de algumas entrevistas mysteriosas com o monarcha, arrependeu-se d'isso em tanta maneira, que se recolheu a um convento, ahi adoeceu logo, e lá morreu de vergonha e de dôr.

Inconsolavel pela perda da filha, a Laura metteu-se no recolhimento das Arrependidas, onde passou o resto da sua vida, chorando com a tristeza dos remorsos, o gôsto amargo dos prazeres da mocidade.

El-rei consolou-se, divertindo-se, e logrando por este modo esquecer-se d'ella.

O conde-duque mostrou-se indifferente, mas não deixou de sentir aquella desgraça; e bem póde comprehender-se isso.

CAPITULO IV

NOVO EMPREGO DE SANTILHANA

FIQUEI triste ao ponto de pedir ao ministro, que não tornasse a fazer de mim caduceador, pela repugnancia que tinha a taes embaixadas. Pedi-lhe que me empregasse em outro mestér.

— Ouve.

Gosto da finura do teu pedido: e vaes vêr que occupação te dou. Escuta-me:

Vi, de uma vez, uma mulher lindissima, Margarida Spinola, uma genoveza, que vivia em Madrid á cata de aventuras.

Disseram-me logo que D. Francisco de Valcárcel, o Valcárcel alcaide, rico, velho, e casado, gastava mundos com ella.

Não quiz saber d'isso, e fui tratando de entender-me com a bella Margarida o melhor que pudesse.

Entendêmos-nos.

E o melhor possivel.

Informações de tal ordem deveriam ser funestas para os caprichos amorosos. Mas, nem sempre d'ellas, deriva esse resultado. Em vez de tornarem desprezivel a creatura por quem um homem se interesse e de quem ande namorado, parece que é peor ainda: excitam-se os desejos, aviva-se o capricho, o fogo do amor ateia-se. É uma condição tristemente baixa do vicio humano.

Eramos só nós, elle e eu?

Eram ainda outros?

A poder dos presentes com que a obsequiavamos, eramos tratados á maravilha, todos, por egual, ou nós dois apenas, se, devéras, eramos só dois.

N'um bello dia, a Margarida deu á luz um menino.

Quiz, attribuindo-o a cada um de nós, regalar-nos com as honras da paternidade.

Na duvida, nenhum acceitou.

Creou-o ella conforme poude até aos dezoito annos, e morreu a pobre Margarida, deixando-o sem bens e sem educação.

Aqui tens o que eu desejava confiar-te. Agora, o resto.

Quero fazêl-o gente e reconhecêl-o por meu filho, a esse infeliz rapaz. Interesso-me por elle. Desejo tiral-o do pó.

E desejo, tambem, não ter por herdeiros os meus collateraes.

Trata-se de educar D. Henrique Philippe de Gusmão.

É o nome com que figurará no mundo. Serás tu que te occupes de procurar-lhe mestres... Não! não me digas que extranhas, ou que alguem possa extranhar, esta resolução.

Confio-o á tua amizade.

Serás tu quem o dirijas.

Debalde tentei explicar-lhe não poder tomar sobre os meus hombros uma

missão d'essa ordem, que eu nunca exercêra, e que pedia mais illustração e muito maiores talentos do que eu tinha.

Tapou-me a bôcca com o dizer-me que conhecia a delicadeza do meu espirito e que havia de ser eu o aio do seu filho adoptivo, destinado aos primeiros logares do estado.

CAPITULO V

É RECONHECIDO O FILHO DA GENOVEZA SOB O NOME DE D. HENRIQUE FELIPPE DE GUSMÃO

Pouco tardou, effectivamente, que o conde-duque reconhecesse por seu filho o de D. Margarida Spinola, por escriptura publica e approvação de el-rei, como herdeiro do condado de Olivares e do ducado de S. Lucar.

Pasmo nas côrtes e espanto publico.

Puz casa, tomei creados e foi-me entregue o pequeno; gentil mocinho.

Era, como se diz, de raça.

Escolhi mestres para o ensinarem.

Não lhe produziu abalo de nenhuma especie a mudança repentina de condição e de destinos, que se déra na sua existencia.

Olhou para os creados, para o palacio, para a riqueza, como se tudo lhe fôra devido e lh'o dessem porque cumprisse ser-lhe dado.

Dir-se-hia, haver tido desde que nascêra os mimos de educação, com que o tratavam agora.

Fil-o entrar com o latim, historia, esgrima, grego.

Coitado, elle não sabia mais do que ler e escrever.

Informado de que eu andasse escolhendo mestres para D. Henrique, appareceu-me, n'uma certa manhã, um figurêlho aparamentado, pintalegrête exotico.

Era o Martin Ligero, professor de dança do duquesinho de Medina-Sidonia.

Perguntei-lhe o que mandava elle d'este seu creado.

Principiou em cortezias.

Continuou em cortezias.

E ia concluir, talvez, todo o seu negocio por cortezias, proprias da arte de dançarino, quando, de inspiração, se resolveu a falar:

—Venho offerecer os meus serviços.

Sou o afamado professor Martin!

D. Martin Ligero! *Hombre!*

A minha reputação é notoria o quanto possivel.

Não sou dos que andam a mendigar discipulos. A mim, quem me quizer, procura-me!

Mestre do duque de Medina-Sidonia, D. Luiz de Haro, e de muitos fidalgos da casa de Gusman!

—E quanto, por mez?

—Quatro dobrões de oiro, disse-me elle. Preço corrente, e não dou mais de duas licções por semana.

—Puxadinho! para apprender a dançar!

—Mas, aposto, que, não se queixa, quando dá um dobrão por mez, a um mestre de philosophia?

Torci-me a rir.

—Pois! Somos cem vezes mais uteis á sociedade. Veja agora!

Diga-me uma cousa: o que são os homens antes de passarem pelas nossas mãos?

Somos nós, cathedraticos de pé de dança, que lhes dâmos fórmas regulares, ensinando-lhes, a pouco e pouco, attitudes de nobreza e de gravidade.

Eram razões solidas, as d'aquelle mestre de dança, e acceitei-o pelos quatro dobrões ao mez, preço corrente entre os grandes mestres d'aquella arte sublime e philosophica.

CAPITULO VI

SCIPIÃO EM CASA DE D. HENRIQUE ; CASAMENTO D'ESTE

Voltou do Mexico, o Scipião, em bom pé de negocio.

Andava eu a esse tempo dando as voltas necessarias, para acabar de ordenar devidamente a casa de D. Henrique.

Perguntei-lhe se vinha contente.

— Venho. Foi boa viagem.

Venho contente.

Dobrei a parada entre a ida e a volta.

Para lá um tanto em dinheiro; para cá duas vezes isso, em generos. Não perdi o tempo, nem o trabalho.

— Ainda bem, meu rapaz, disse-lhe eu. Póde dizer-se que principiaste a carreira, e que tens a tua fortuna começada.

O mais difficil na vida, meu caro amigo, é isso.

O resto agora vae suavemente.

Para o anno, nova viagem; e é assim que os bens se augmentam.

Elle ficou sério, como se não quizesse dizer-me que sim, nem que não.

—Isto é, accrescentei: se preferisses empregar-te por cá...

—Em Madrid?

—Em Madrid.

Em vez de ires tão longe, anno por anno, procurar fortuna.

—E haveria occupação para mim?

—Dar-t'a-hia eu.

O filho da Coscolina sorriu-se.

—Era bom.

Oh! se era bom!

Comtanto que não tivesse eu de me afastar muito de si.

Aliás,—para que e de que me serviria!? Longe por longe...!

No mesmo vinha a importar, expor-me de novo ás incertezas e perigos de uma navegação!

Haveria mil vantagens para os meus interesses em intentar segunda viagem.

Mas, faz-me falta a sua companhia, meu amo.

Expliquemos-nos...

Que emprego poderia ser esse?

Que fortuna destina a este seu creado?

Para que elle comprehendesse bem o meu intento:

—Tenho uma historia para te contar, meu caro Scipião.

—Historia alegre?

—Poderia ser mais triste.

—A saber?

—Eil-a.

Contei-lhe a historia do fidalgo, que o conde-duque introduzira na casa de Gusmão.

Elle esbugalhava os olhos.

—Admiras-te?

Ahi vae mais.

Sabes quem é o aio de D. Henrique?

Imaginas quem o ministro nomeou, aio d'esse mocinho?

Estás a vêl-o.

Sou eu.

Agora,—aqui vae o emprego—o guarda roupa do menino adoptado, serás tu.

—Realmente?

—Pois, realmente, sim.

Todo o meu receio consistia em que a edade do filho da genoveza, fôsse já um boccadinho adeantada.

—Já não se póde dizer tenrinho! scismava de mim para mim.

E para apprender...

Principalmente para se sujeitar.

O que sahirá d'aqui?

É preciso decorar as licções...

É preciso entendel-as...

O que sahirá d'aqui?

O cavalheirinho em tres ou quatro dias deixou-se inclinar de sympathia pelo Scipião, que se desempenhava á maravilha das obrigações do seu officio.

Os mestres estimavam o talento do pequeno e agradaram-se d'elle em muita maneira.

—É o meu sangue, é, dizia-me o conde-duque, quando lhe dei esta noticia; encantado de que o rapaz tivesse memoria e penetração, e considerando-o tanto como se o houvesse tido da condessa de Olivares.

Os Gusman detestavam o rapaz, mas figuravam-se seus amigos, por politica, e até se davam ares de solicitarem a sua amizade com especial affecto,

Visitavam-o os embaixadores, e os grandes em Madrid prestavam-lhe todas as honras, tratando-o com o mesmo respeito e com attenção egual á que teriam de dar-lhe, se fôra filho legitimo do conde-duque.

O ministro, lisonjeado de vêr com que extremos incensavam o seu idolo os cortezãos, tratou de o ajoujar de dignidades.

Pediu sem demora ao rei:

Primeiro:

A commenda de Alcantara, com os competentes dez mil escudos.

Segundo:

A chave de gentil-homem da real camara.

E, querendo casal-o, pensou nas senhoras mais nobres de Hespanha.

Poz os olhos em D. Joanna de Velasco.

Era a filha do duque de Castella.

E, apesar de se oppôr a isso o duque, e os parentes todos se oppôrem, conseguiu o seu intento.

Dias antes da boda, mandou que me chamassem.

Entregando-me um papel:

—Aqui tens, Gil Braz!

Uma carta de fôro de fidalgo, que pedi para ti.

Ès nobre, agora!

Fiquei attonito.

— Vossa excellencia sabe, respondi, que sou filho de gente humilde.

Aggregar-me á nobreza... Não será ir profanal-a?

E, depois de tantas graças, que el-rei póde conceder-me,—a que eu menos mereço, e a que eu menos desejo, meu senhor, é esta. Positivamente; é esta!

O ministro replicou:

—Obstaculo facil de vencer, esse, do nascimento.

Estiveste nos negocios do estado...

Serviste no ministerio do duque de Lerma...

E estiveste no meu . . .

Depois, sorrindo-se:

— Sem falarmos nos teus serviços . . . ao monarcha. Já me entendes?

Serviços proprios de obterem boa recompensa: é inutil explicação mais demorada.

N'uma palavra, Santilhana, és perfeitamente credor, da honra, que se te concede.

Ha ainda mais:

É que, o emprego que exerces junto de meu filho, exige que sejas nobre.

Tal qual! È por isso, que solicitei para ti, o fôro de fidalgo.

Ri-me.

Foi mais forte do que eu; não pude deixar de me rir.

— Visto como vossa excellencia assim o quer . . .

E metti na algibeira a carta de camarista.

— Cá estou fidalgo, disse a mim mesmo, quando me apanhei na rua.

Nobre! sem ter de o agradecer a meus paes. Illustre . . . á moderna.

D. Gil Braz!

É o que eu passo a ser.

D. Gil Braz!

Se alguem que me conheça, se rir de mim, sáco do bolso a carta de nomeação e metto-lh'a á cara . . .

É lêl-a!

E isso vou eu proprio fazer agora, para observar como n'ella se apaga, de raspão, o ser plebeu.

Li.

A sustancia da cousa vinha a ser esta:

Que, attendendo el-rei ao zêlo com que eu o servíra e as conveniencias do estado, houvera por bem, recompensar-me com a carta de fôro de fidalgo.

Fiquei na mesma.

A verdade é esta, e em minha honra a digo.

Deu-me pouco abalo aquella grandeza.

Pelo contrario até.

Mais me fez lembrar a humildade do meu nascimento.

Em vez de desvanecer-me com aquelle distinctivo, senti-me mais pequenino; tão pequenino que fui guardar a carta n'uma gaveta e não disse a ninguem que possuia semelhante cousa; — quanto mais gabar-me, de a haver alcançado!

CAPITULO VII

TORNA GIL BRAZ A ENCONTRAR FABRICIO; ULTIMA CONVERSAÇÃO QUE TIVERAM; E CONSELHO IMPORTANTE QUE O NUÑES DEU AO SANTILHANA

O POETA das Asturias, como se haverá observado, esquecia-se de mim com facilidade.

Não me visitava, e eu pouco tempo tinha para o procurar a elle.

Não tornára a vêl-o desde o dia em que se discutira em sua casa a *Iphigenia,* do grande Euripides.

Na porta do Sol, encontrei-o casualmente sahindo de uma imprensa.

—Olá! Olá, seu Nuñes! Vem da imprensa?

Anda obra na forja?

Ameaças a gente com alguma composição nova?

—Um livrito.

— Boa cousa, hein?

— Ha de fazer sua bulha, se me não engano.

— Bulha, ha muita cousa que a faz, e que não presta para nada; nem antes nem depois do motim.

Quantas obras de fancaria, a desacreditarem os auctores em vez de lhes darem credito, apparecem todos os dias!

— É certo.

N'isso convenho eu.

Ha gente que diz a isso, que tudo se lê.

Perdem o tempo a seu modo...

E o seu modo de perderem o tempo, é lêr tolices.

Mas tambem ha livros bons, por entre os mil e um que apparecem...

Cá está em mim o exemplo, meu velho!

Ainda que feito á pressa, porque a fome é o que faz sahir os lobos da moita, não ficou mau de todo este meu ultimo parto litterario, se não te incommoda os nervos que lhe chame assim.

— O que! repliquei, admirado. Os lobos... Essa agora!

Que estás a dizer? A fome...?

É o auctor do *Conde de Saldanha* quem falou?! Ouviria eu bem!

Um litterato que tem dois mil escudos de renda?!

— Vamos devagar, imterrompeu o Nuñes.

Já não sou o venturoso poeta, que fruía e gosava d'essas regalias.

Boa pensão, era ella...

E paga em dia! Mas, o thesoureiro D. Beltran dissipou por tal maneira o dinheiro de el-rei, que lhe confiscaram tudo.

É o que te digo. Confiscaram-lhe de repente todos os bens.

E lá se foi o meu bem com elles.

Querida pensão! Tive de dizer-lhe adeus!

— Mau é isso, mau é isso...

E nem sequer tens esperança?

— Qual, respondeu-me, encolhendo os hombros. Isso, sim!

Nem sombra de esperança.

Se o Gomes del Rivero está pobre!

Se está tão pobre como o seu poeta, coitado! Se cahiu á agua sem que possa mais levantar cabeça, segundo é voz publica!

Repliquei-lhe:

— Estás bonito! Fizeste-a boa!

Vejo-te em termos de ter eu de procurar-te algum emprego para não ficares para ahi sem pão.

— Não te incommodes, disse-me elle.

Dispenso-te d'esse trabalho.

Ainda que me offerecesses um emprego de tres mil ducados, bastaria ser de secretaria, para me fazer cuspir!

Não convêem repartições publicas, aos que se crearam entre as musas.

Distracções: e lida, mas litteraria.

Que queres! Isto é assim. Ás musas qualquer cousa lhes faz mal! Nasci para viver e morrer poeta.

Cumpra-se o fado. Encha-se o meu destino.

Não nos julgues tão infelizes, ainda assim, como poderias calcular. Fome é um modo de dizer. É a independencia, sem cuidados.

A grande independencia, que não ha nada que a pague, nem que valha tanto como ella.

E sempre temos de comer sem grandes cuidados; é bom que fiques sabendo isto.

E comida saborosa e delicada.

Não á Democrito, como muita gente pensa!

Qual Democrito nem qual diabo!

Comer fino e abundante!

Não ha um só dos meus collegas, sem exceptuarmos os auctores de almanachs, que não tenha, sempre, convite para jantar aqui e acolá.

Por mim, tenho duas casas certas onde me recebem com immenso gôsto. Immenso gôsto!

A de um director geral, a quem dediquei uma novella...

E a de um cavalheiro rico de Madrid, que faz gala em ter sempre litteratos á mesa.

Então, que queres!? Gosta d'isso! Não é muito pichoso na escolha: não o será, não!

E é o que lhe vale.

Tem effectivamente quantos queira á sua disposição. Dos d'aquella tempera e usança, já se vê.

Fartura de litteratos comilões!

—N'esse caso, disse eu ao poeta asturiano, já não tenho dó de ti.

Porque haveria de lastimar-te?

Estás contente com a tua sorte; é o que se quer.

Viver satisfeito, é tudo.

Nem ha riqueza egual!

Agora, deixa-me dizer-te: Terás sempre em Gil Braz um amigo, apesar de te haveres descuidado de cultivar esta amizade.

Entendeste talvez, que não valeria a pena! Emfim! Se precisares da minha bolsa, fala-me claro.

Não tenhas acanhamento. Não és preso nem captivo.

É procurar-me.

Em qualquer genero de acção, quem me procura acha-me!

Seria privares-te de um auxilio que não te faltará nunca, e negares-me o prazer de ser-te util, o entrares agora de cerimonias commigo.

Bolsa franca! Aquelles são ricos, que têem amigos.

—És tu, és sempre tu! exclamou o Nuñes.

A generosidade das tuas expressões o diz.

Reconhecer-te-hia n'isso, ainda que não te estivesse a vêr.

Obrigado, meu caro, muitas vezes obrigado!

Em testemunho da minha gratidão a essa fineza, ainda quero dar-te um conselho.

Repara bem n'isto, ó Gil Braz!

Olha que é de amigo!

Emquanto dura o poder do conde-duque, e emquanto possues o seu valimento, vê se tratas de enriquecer, hein?

Que te parece esta? O mal alheio dá conselho.

O ministro dizem que está tremido.

É o que te digo.

Asseguram-me que está tremido.

Se o está muito ou pouco... é o que não tirei a limpo...

Em todo o caso, não tens tempo a perder; aproveita-te d'esta informação e trata de ti.

Perguntei ao Fabricio:

— Sabes isso de boa parte, — que elle esteja tremido, como dizes?

— Sei que os rasgos da linha não vão direitos, e sim como a que faz quem tem a mão tremula.

Asseguraram-m'o!

Disse-m'o um cavalleiro de Calatrava, homem de grande talento, que percebe as crises á legua.

Um adivinho dos momentos criticos da nação.

Um oraculo, para farejar ministerios dissolvidos sem que outros estejam formados!

Desharmonias, embaraços difficeis de vencer, elle adivinha tudo!

Eis o que hontem me disse: vou repetir-t'o fielmente.

— «O conde-duque lucta com inimigos diabolicos, que conspiram para o perder.

«Fia-se demasiadamente no ascendente, que logrou ter no animo d'el-rei.

«Mas o monarcha, ao que se diz, já principiou a dar ouvidos ás queixas que lhe vão chegando.»

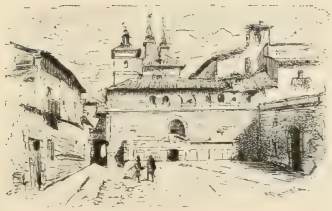
—Ahi tens!

O tempo dá remedio onde falta o conselho; mas já que te é dado, aproveita-o de coração determinado e firme!

Agradeci ao Nuñes o favor do seu aviso.

—São de boa opinião as tuas palavras, Nuñes! Sou-te grato por ellas.

Não fiz maior caso, porém, e voltei para casa na idéa pouco convencial de que a auctoridade do ministro estava cada vez mais segura como as velhas arvores enraizadas profundamente na terra e que o vento não póde abalar...



CAPITULO VIII

SAE CERTO O QUE O FABRICIO DISSE ; VIAGEM D'EL-REI A SARAGOÇA

Não deixava de ter seu fundamento o que o poeta asturiano me dissera.

Tratava-se de pôr em acção algum designio secreto e perverso.

Conspirava-se, pelos modos ; mas, quem tecia a ordidura ?

Quem!?

Era no palacio mesmo, que se formulava a conjuração.

Alli se tramavam os projectos, alli se ligavam por juramento os descontentes.

Á frente da revolta, estava a rainha.

Dizia-se ser ella quem presidia á união de conjurados...

Sabia-se que o conluio, a cabala, a intriga, vinham d'ella.

Mas não transpirava no publico nenhuma das medidas que, entre si, tomavam os confederados, para derrubarem o ministro; por muito que urdissem contra elle.

Ainda decorreu mais de um anno sem que eu percebesse que o valimento do Olivares houvesse diminuido um apice.

O levantamento, porém, da Catalunha, sustentado pela França, e os desgraçados successos da guerra contra os rebeldes, excitaram as murmurações do povo e queixas contra o governo.

Foi isso o que deu motivo ás grandes exaltações, — decisivas e ameaçadoras.

Foi tambem isso o que deu causa a uma reunião do conselho de estado, a que el-rei quiz que assistisse o marquez de la Grana, embaixador da côrte de Vienna, em Madrid, por essa occasião.

Tratava-se de vêr se convinha que o monarcha continuasse em Castella ou passasse a Aragão a mostrar-se ás tropas.

— Seria bom que o exercito o visse! dizia-se.

— É indispensavel que o exercito o veja!...

O conde-duque, que não desejava que el-rei lá fôsse, insistiu na conveniencia de que sua magestade não sahisse do centro dos seus estados, e sustentou esse parecer com quantas boas razões a eloquencia lhe suggeriu.

Todo o conselho approvou aquelle modo de vêr, com excepção do marquez de la Grana, que, no seu zêlo pela casa de Austria, fez opposição ao parecer do ministro, contradizendo, impugnando, oppondo-se, contrariando-o nos seus sentimentos.

Achou el-rei poderosas as razões d'elle a estorvarem, a embaraçarem, a impedirem os projectos do conde-duque!

Abraçou a opinião que elle expendia, comquanto adversa a todos os votos do conselho, e logo determinou o dia em que devia partir.

Era a primeira vez, que o soberano deixava de seguir o conselho do seu valido.

O conde, viu, n'isso, uma affronta.

Sentiu-se d'ella, amarga e pezarosamente.

Quando sahia do conselho e ía a entrar no seu gabinete, chamou-me para me contar o que se havia passado no conselho.

—Assim é, Santilhana! continuou elle; el-rei, que, ha mais de vinte annos não fala senão pela minha bôcca, nem vê senão pelos meus olhos, preferiu, á minha opinião, a do marquez de la Grana.

Do la Grana!

E de que modo ostentoso!

De que modo ridiculo!

Louvando-o pelo seu zêlo pela casa de Austria, como se aquelle allemão fôsse mais zeloso que eu.

Vês tu!

Dize,—sinceramente—que te parece isto?!

Ha um partido formado contra mim, ou não ha!?

É inquestionavel que sim.

E sabes quem o dirige, a esse partido, que se formou contra mim?

Vaes ficar pasmado, Santilhana, tu vaes ficar pasmado...

A rainha!

—E dá isso cuidado a vossa excellencia?

Ha doze annos que a rainha está costumada a vêl-o dirigir os negocios, sem nunca el-rei a consultar.

Que mal póde fazer-lhe a rainha?

Emquanto ao embaixador allemão, é possivel que el-rei se inclinasse ao parecer d'elle pelo muito empenho em que está de querer vêr o exercito e fazer uma campanha.

—Dize tu, que, os meus inimigos, tudo esperam de rodear el-rei de gente que me seja adversa.

Desacreditarem o ministerio, é o intento.

E figura-se-lhes isso tanto mais facil, pelo descontentamento dos nobres.

Talvez se enganem, apesar de tudo, e não deixaria de ter graça, frustrar-lhes os planos.

É muito possivel que eu saiba dispor as cousas por modo, que, durante a jornada, el-rei se torne inaccessivel aos fidalgos.

E se elles não conseguirem vêl-o, nem falar-lhe, o caso embrulha-se.

Assim o fez, se bem o disse.

E de um modo que merece ser contado!...

Curiosa historia!

Quando chegou o dia designado para a sahida d'el-rei, e depois d'este haver encarregado do governo a rainha, para todo o tempo que podesse durar a sua ausencia, partiu para Saragoça.

Tendo querido passar por Aranjuez, gostou tanto d'aquelle sitio que alli se deteve perto de tres semanas.

Em Aranjuez disse-lhe o ministro:

—Se vossa magestade aproveitasse o ensejo e désse agora uma saltada a Cuenca?

—A Cuenca!

—Não era bem lembrado? Ida por volta... Chegar, vêr, caçar, marchar! Vamos?

—Vamos, sim!

E lá tinha disposto as cousas por tal modo, que em divertimentos e festas o entreteve por um pouco de tempo.

—Molina de Aragão é celebrada no que respeita a caça! Lá é que era bem ido agora!

—A Molina?

—Certamente!

Faz-nos caminho!

—Sim, isso, é perfeitamente como tu dizes; faz-nos caminho.

E outra vez mais dias, passados em Molina de Aragão. Caçadas e mais caçadas. Excellentes dias!

Chegou, finalmente, a Saragoça.

Havia de chegar alguma vez.

O exercito estava a pequena distancia d'essa cidade.

Já elle se dispunha a ir para lá, quando o conde-duque o dissuadiu de estabelecer-se muito ahi para perto.

— É perigoso, meu senhor! Por nenhum modo faça tal cousa. É muito perigoso!

E fez-lhe crer que se arriscaria a cahir nas mãos dos francezes, que occupavam as planicies de Monzon.

— Estão senhores das planices de Monzon! repare vossa magestade bem no que vae fazer!

El-rei, com medo, não se mexeu.

Ficou espantado, sem saber bem do que...

Guardou-se em casa como n'uma prisão.

Quando o ministro o viu bem aterrado, pelos receios que lhe incutiu no animo, figurou velar pela sua segurança.

Foi como que uma sentinella á vista.

Não havia falar-lhe mais ninguem, senão elle.

Depois das enormes despesas que tinham feito para acompanharem o soberano com a decencia devida, nem uma só audiencia lograram obter de el-rei, os fidalgos.

Imagine-se!

Que decepção!

Tudo o que quizessem; — falar-lhe, em particular, era impossivel. Não havia modo algum de o conseguir.

Ficaram furiosos e em arrebatamentos de espirito e de paixão.

El-rei estava aborrecidissimo da sua vida.

Má casa...

Maus commodos...

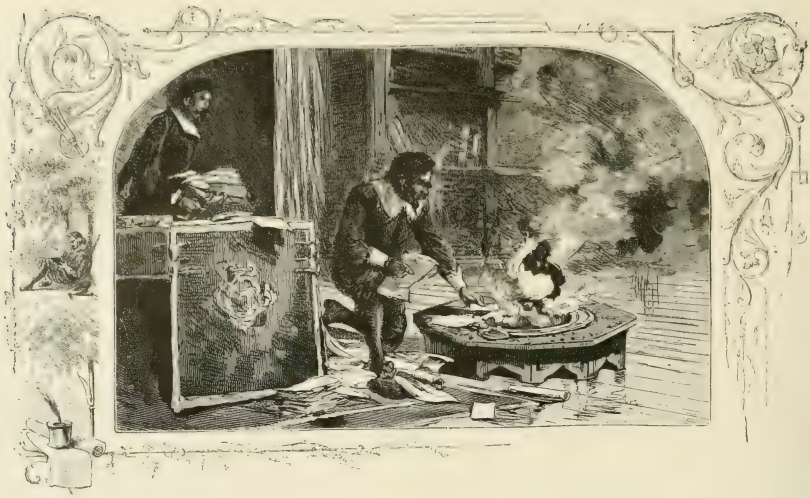
Mutismo forçado...

—Que alojamento! Que passadio! Que vida, fóra das marcas! exclamava elle a miudo.

Farto e moído de estar preso, quiz voltar para Madrid.

—Já não posso, sinceramente, verdadeiramente, já não posso mais!

Acabou a campanha encarregando o marquez de los Velez, general das tropas, de sustentar dignamente a honra das armas hespanholas.



CAPITULO IX

DA REVOLUÇÃO DE PORTUGAL; DESGRAÇA DO CONDE-DUQUE

ALGUNS dias depois do regresso d'el-rei, espalhou-se em Madrid uma má noticia.

Soube-se que, os portuguezes, vendo na revolta da Catalunha um acontecimento auspicioso e a occasião mais opportuna para sacudirem o jugo da Hespanha, haviam tomado as armas e acclamado o duque de Bragança.

Que estavam na resolução firme de o manterem no throno, e que não se receavam de que a Hespanha podesse servir de estorvo.

A Hespanha, que estava a vêr-se quente com inimigos por todos os lados!

Inimigos na Allemanha...

Na Italia...

Em Flandres...

Na Catalunha...

O ensejo era bello, effectivamente.

Nem poderia havel-o mais favoravel, para se libertarem de uma dominação que detestavam.

A noticia correu por algum tempo no publico, sem que el-rei soubesse de tal cousa.

É incrivel...

Mas, é assim!

Quando, porém, e isto foi o mais curioso, a côrte estava em maior consternação por uma tal novidade, quiz o conde-duque divertir el-rei á custa do duque de Bragança.

Foi magnifico.

O expediente, que adoptou, foi, o de metter o caso a bulha.

Diminuir-lhe a importancia...

Quasi rir-se d'aquillo.

Pediu-lhe alviçaras de uma nova, que ia dar-lhe.

E que nova!

— A saber? perguntou o rei.

— Nem mais nem menos do que engrossar o Erario com os bens dos conjurados portuguezes.

— É então isso?! retorquiu Philippe.

E, por não estar nada disposto a brincar, poz-se tão sério, que o fez mudar de rumo com o avistar quéda imminente no desagrado com que foi tratado.

Viu-se perdido, o ministro.

Era desgraça certa.

Chegára a hora da perseguição da sorte.

O desandar da roda.

E mais perdido, quando soube que a rainha se manifestára abertamente contra elle, e, publicamente, disséra haver sido a sua má administração que originára a revolução de Portugal.

Tão depressa os fidalgos,—notavelmente aquelles que haviam acompanhado a el-rei na viagem a Saragoça—, conheceram a tempestade que se ia levantando contra o conde-duque, uniram-se á rainha.

Accusavam-o todos, como a rainha o accusava.

A rainha balbuciava, elles gritavam de raiva e de colera...

A nuvem formava-se cada vez mais negra...

Veiu então o golpe decisivo.

Valimento, adeus!

Adeus para sempre, mando, jurisdicção, vigor, alto poder!

A duqueza, viuva, de Mantua, que estivera governadora de Portugal, partiu de Lisboa.

Essa retirada da governadora foi de grande e serio damno.

Chegando a Madrid, evidenciou ao rei que havia sido o seu primeiro ministro, e unicamente elle, por seu deploravel governo, que, de mânha em mânha, perdêra tudo.

Que o sentimento da rainha era o da justiça e o da razão!

Que só o Olivares tinha a culpa da revolução de Portugal.

Elle!

Só elle!

Origem de todos os males...

—A rainha, meu senhor, a rainha é que o conheceu! Não perde parte, senão todo, quem faz bem ao astroso. Certo e bem certo é.

Tal impressão causaram no animo do monarcha, as palavras d'aquella princeza, que el-rei ficou convencido logo.

Ahi se apagou para o valido o resto dos affectos, que ainda lhe eram dados.

Quando o ministro soube, sem que podesse restar-lhe duvida nem espe-

rança, que el-rei dava ouvidos ás murmurações dos seus inimigos, escreveu-lhe uma carta.

Uma carta extensa; das que são escriptas por esse modo, porque falte o tempo... de poder ser breve.

N'essa carta, elle pedia-lhe licença para se demittir do ministerio.

E, não só para se demittir, mas, pará se retirar da côrte.

Dava um motivo grave para isso; o mais grave que para a estimação de si proprio poderia allegar.

O motivo era, a injustiça com que se lhe attribuiam todas as desgraças do estado; todos os revezes, que durante o tempo do seu governo, haviam succedido á monarchia.

Cuidava elle, que, esta supplica, produziria grande effeito no coração de el-rei.

Não ha contar, de seguro para cousas d'essas.

E com principes, que sempre se julgam servidos por escravos captivos!

Considerava-se querido ainda.

Dôce engano!

Ainda lhe parecia impossivel que el-rei lhe não conservasse já a inclinação antiga, aquella immensa sympathia, a dedicação, a estima profunda que mostrava ter por elle.

Consentir que elle se afastasse...

Não.

Seria impossivel!

O peor, porém, é que o não foi.

El-rei respondeu.

Concedia-lhe a licença que elle lhe pedia para abandonar a côrte e deixava-o ir para onde bem lhe parecesse.

Foram para elle de terrivel effeito essas palavras, escriptas pelo proprio punho d'el-rei.

Não as esperava.

Estava longe de deitar contas a isso.

Pobre conde-duque!

Assim se lhe desvaneciam as esperanças todas!

Entretanto, por maior impressão que aquelle amargo desapêgo lhe fizesse, affectou um grande ar de tranquillidade, o que a gente do campo chama constancia.

— O que farias no meu logar? perguntou-me.

Pensa bem!

O que farias tu, Santilhana, n'estas circumstancias...?

— O que faria eu?

Não é difficil a resposta, meu senhor.

Tomaria uma resolução prompta, frustrando o intento dos que desejassem vêr-me prostrado.

Deixaria a côrte, para sempre, e iria passar tranquillamente o resto dos meus dias n'alguma das minhas terras.

— Tens razão, replicou.

Sou do mesmo parecer.

Irei para Loeches.

Antes d'isso, porém, quero falar com el-rei.

Uma vez, que seja.

Uma vez só!

É indispensavel, considero isso indispensavel!

Quero explicar-lhe bem, que diligenciei, quanto cabe no poder de um homem, sustentar o peso dos negocios de que estive encarregado.

Não foi minha a culpa nos acontecimentos de que me accusaram.

Tambem o piloto faz quanto póde e vae-se-lhe o barco no embate das ondas e dos ventos...

Não lhe basta saber nautica...

E é em vão muitas vezes, que, pela sua derrota, procura dirigir o navio ao porto aonde se destina.

De que serve o leme?

E os calculos...?

E o sondar?

Que braço ha bastante esperto, para dirigir o timão e fazer-se na volta, haja o que houver? A politica vive de velhacadas e de fraudes vis.

Entretanto esperava ainda, o conde-duque.

Tinha, de si para si, a idéa, de que, se falasse a el-rei, as cousas voltariam a estar como estavam d'antes, e ganharia a confiança perdida.

Não poude, todavia, lograr n'aquelle intento.

Foi-lhe impossivel conseguir audiencia.

Mais ainda, e peor:

Mandaram-lhe pedir a chave, de que se servia para entrar no quarto de sua magestade, sempre que quizesse.

Conheceu então que era perdida a esperança, e, de boa mente, se resolveu a retirar-se.

Examinou os papeis...

Queimou uns poucos...

Queimou muitos; requerimentos, documentos, despachos...

No que obrou com prudencia; papeis inuteis, papeis perigosos.

Escolheu os creados, que devessem acompanhal-o; e, em seguida, deu ordem para que tudo estivesse prompto com o fim de marcharem no dia immediato.

Receou-se do populacho.

Lembrou-lhe que seria possivel que o insultassem na occasião de sahir do palacio.

Levantou-se de noite fechada.

Um pouco antes de amanhecer sahiu pela porta das cozinhas.

Metteu-se n'uma velha carruagem com o seu confessor e commigo.

—Para Loeches! disse.

Era elle o grande proprietario, o verdadeiro senhor d'aquelles sitios.

A condessa sua mulher havia instituido alli um convento de freiras de S. Domingos.

Achámos-nos lá em menos de quatro horas; e o caminho pareceu-nos ainda mais rapido, pela celeridade e presteza com que nos dava gôsto a marcha.

Pouco tempo depois, chegou o resto da comitiva.

CAPITULO X

CUIDADOS DO CONDE-DUQUE; SOCEGO QUE SOBREVEIO; VIDA NOVA

Deixou, a condessa de Olivares, ir seu marido para Loeches.

Ella, ficou.

Ficou uns dias mais, na côrte, com o fim de vêr, se, por suas supplicas e lagrimas, conseguiria que outra vez o chamassem.

Deitou-se aos pés d'el-rei, que não fez caso da vivacidade de taes demonstrações.

A rainha, do mesmo modo, mostrou-se indifferente a isso.

Aborrecia-a de morte e deu-lhe gôsto vel-a chorar.

Não se mostrou desenganada, a condessa; não se deu por vencida, todavia, a esposa do ministro!

Cuidou de tudo, coitada, n'um ferver ancioso...

Attendeu a tudo!

Procurou tudo na diligencia de dar remedio ao que era incuravel.

Humilhou-se a ponto de ir implorar a protecção das damas da rainha.

Baldado empenho de pedidora impertinente.

E que porfia mal empregada,—n'ellas!

O abaixar-se perante essas carochas excitou-lhes o menosprezo; foi do que serviu.

A piedade, não.

Não é susceptivel qualquer, d'essa virtude, que move e incita a servir e honrar.

Eram inferiores de mais, e de presumpçosa soberba, para isso.

Desconsolada de tantos passos que dera, humilhantes, penosos, para o seu orgulho, foi juntar-se ao marido, para com elle se lamentar e se affligir da perda de um governo, que, no reinado de Philippe IV, era considerado o primeiro da monarchia.

Quando a condessa lhe contou em que estado deixára as cousas em Madrid, cresceram de ponto as angustias do conde-duque.

Disse-lhe ella chorando:

—Os teus inimigos, o duque de Medinaceli e os fidalgos, todos, que te detestam, não se cançam de louvar el-rei por elle haver demittido o ministerio.

Celebra o povo a tua desgraça.

Ha em tudo isto uma insolencia de alegria.

Como que parecem dizer que acabassem as desgraças do estado com o sahires tu do governo.

Dão-se ares de entrarem a viver!

É como se lhes chegasse agora a liberdade...

O respirar do povo!

O conde-duque disse-lhe sorrindo:

—Faze como eu, minha boa e querida...

Que remedio?

É preciso soffrer com paciencia, dôce companheira!

Quando se não póde acalmar a tempestade, o que se lucra em teimar obstinadamente, ridiculamente, em não lhe querer ceder?

Não cuidava que succederia tudo isto, não.

Quem haveria de lembrar-se . . .

Eu, então, que tanto mando e influencia tive!

Sempre julguei que o meu valimento iria durando como a minha vida.

Tudo levava a calcular que assim devesse ser, e que as cousas estivessem firmes . . .

Certas . . .

Livres de todo o perigo e risco . . .

Idéa de ministro.

Idéa de homem feliz! . . .

Quem adivinha o arrepender das cousas?

Sonho de valído.

Julgava tudo constante . . .

Infallivel . . .

Confiado á guarda, á minha guarda e defensão, ao meu amparo . . .

Quanto maior é a ventura, menos segura está.

Esquece-se a gente de que não tem sorte, senão a que a vontade d'el-rei lhe armar; esquece-se a gente d'isso, quando é ministro.

Quem corre pelo mundo . . .!

E então, por exemplo, o duque de Lerma?

Não foi tudo tambem, para esse, casual, fortuito?!

Variavel é tudo.

Sempre!

Vê lá se elle se enganou ou não, o Lerma? Tamanha força parecia ter a sua fortuna e não amansou os revezes.

Enganou-se, como eu me enganei.

É isto!

É o que é!

E mais estava persuadido de que a purpura que o resvestia lhe garantisse a auctoridade e a duração do poder.

Cuidados incertos, filha, que, emquanto não descançam, nem esperança certa permittem!

Mas, tudo passa!

Tudo cança. É o que vale, assim mesmo, para que um homem não blaspheme como o que não crê em Deus!

Isto dizia o conde á condessa, para a socegar, porque, vendo um espirito tão aggressivo em todos, temia algum desastre a sua esposa, na pouca quietação que a fortuna lhe dava.

Elle, porém, inquietava-se, não tinha descanço um momento, na interna angustia que procurava encobrir.

Pobre conde-duque!

Como era differente, agora, d'aquelle ministro, de quem o José Navarro havia dado tão curiosos signaes da indole e do animo.

—Espirito vivacissimo, dizia então o Navarro.

Aquillo é que é penetração.

Que homem para ter idéas!

Que homem para formar projectos!

Universal! Assim se póde dizer em boa verdade.

Homem universal, e que o sabe, e n'essa subida conta se tem, mercê de que, sciencia por sciencia, arte por arte, malicia por malicia, de tudo tenha, o que o povo diz, boa tintura.

Para aquelle sujeito não ha difficuldades.

Decide de tudo.

Subjuga tudo.

A si proprio se estima como um profundo jurisconsulto.

Considera-se, a si proprio, como um grande capitão.

Conhece-se, e a si mesmo se aprecia, como um finissimo politico que é.

Não ha no mundo inteiro, para elle, senão uma voz...

Uma opinião.

Uma auctoridade.

A d'elle.

Ter deferencias para com as luzes de outrem, é-lhe defeso pelo seu proprio orgulho.

É isto um bem?

Virá a ser um mal...?

É um defeito, em todo o caso.

Defeito que póde crescer e avultar em grau subido...

Se póde!

Que não tenham de dizel-o ainda a seu tempo, funestas consequencias para a monarchia!

Para a monarchia! repara bem no que te digo.

Nem mais nem menos.

Para a monarchia!

Assim se descrevia então, o conde-duque.

E, logo, a condessa...

E D. Maria de Gusmão, sua filha unica...

Da condessa, dizia-se:

— O peor mal do marido!

A desgraça d'elle, desgraça que ha de vir...

Inevitavelmente.

Ha de vir!

A paixão do luxo, o gôsto pelos deslumbramentos; essa D. Ignez de Zuniga e Velasco...

A grande condessa de Olivares! ou a arte de furtar... pelo marido! e de lucrar, a todo o transe, com as condecorações e as honras.

Vender a peso de oiro,— vender! — os habitos, os titulos, as dignidades, os empregos, os despachos, que obtem do marido.

Pobre, porém, da pequena! Pobre da filha!

É d'essa, que convem ter dó!

Nem admiração nem inveja se deve ter d'ella.

Piedade, apenas.

É boa...

E virtuosissima, essa pobre creança!

Mas, mal fadada...

Mal fadada, a innocente, lealissima, a casta e digna D. Maria de Gusmão!

Iam longe e apagados para sempre aquelles tempos.

Havia sido essa a época florida, em que o conde zombava da opposição.

Não havia então opposição, para elle.

Calculava, de si para si, no apreço que dava ás cousas, ser impossivel, opposição, para um ministro de tão extraordinario poder.

Derrubava-a com razões de tal ordem, e sophismas em tanta maneira subtis, que os hespanhoes tremiam.

Fôra o homem d'aquelle tempo de ventura.

Tudo então havia sido tirar partido das circumstancias lastimosas do Estado...

A dissipação do erario...

As rendas reaes empenhadas...

Os monopolios!

O diacho dos monopolios!

Uff!

E tudo era denegrir o Lerma. Attribuir-lhe os males. Tornal-o responsavel das contrariedades que sobreviessem. Assentar-lhe bem a espada. Bater no morto.

Augmentavam a agitação de animo do conde-duque as cartas que recebia todas as manhãs de D. Henrique.

Com o haver permanecido na côrte para observar tudo quanto se passasse, dava-lhe informações circumstanciadas; e pontualmente, se occupava d'isso com um cuidado extremo.

Era Scipião, o portador d'essas cartas.

Havia ficado em casa do filho adoptivo do ministro, da qual, eu, logo depois do casamento d'elle com D. Joanna, tinha sahido.

Traziam, as cartas d'esse moço, desagradaveis novas.

Nem de outras havia a esperar por aquelles tempos.

Sempre vicissitudes. . .

Alternativas constantes, mas de mudança em peor.

Escarneos e revezes da fortuna.

Dizia n'umas, que, não contentes os fidalgos com o celebrarem publicamente a quéda do conde-duque, ainda faziam quanto em seu poder coubesse para que, todos os que fôssem considerados creaturas suas, pessoas por elle nomeadas para desempenharem quaesquer funcções, ficassem exonerados dos cargos e empregos que occupavam.

Mais ainda.

Que fôssem substituidos pelos inimigos d'elle n'esses mesmos empregos.

Verdadeiro revez de espada.

O ferir da direita para a esquerda.

N'outras cartas, vinha escrevendo que D. Luiz de Haro, principiava a entrar nas graças.

Affirmava que havia decidido favor para elle.

Estava seguro, de que, em breve, segundo todas as apparencias, seria, esse, o primeiro ministro.

Uma noticia, sobre todas o magoou, ao conde-duque, molestando-o, picando-o, pungindo-o.

Essa, chegou-lhe ao intimo.

Foi a da mudança, que se fez no vice-reinado de Napoles. O tempo, que tudo roe, não poderia consumir isso na sua indignação e na sua lembrança.

Para o desairarem — simplesmente para o desairarem, e por nada mais, foi demettido o duque de Medina de las Torres que o conde-duque apreciava muito.

E, já se calcula, nomeado, sem perda de tempo, o almirante de Castella, que elle nunca podéra vêr nem tragar.

O gôsto de o mortificarem; os villões!

Passou tristemente então os tres primeiros mezes do seu isolamento.

Um religioso de S. Domingos, que era confessor d'elle, homem eloquentissimo e exemplar, logrou consolal-o.

Com tanta energia lhe representou não dever pensar mais, fôsse no que fôsse, senão em se salvar, que, com o auxilio da divina graça, obteve a ventura de o afastar da côrte.

Não quiz sua excellencia saber mais de Madrid, privando-se d'ella para sempre, sem olhar para traz nem se recordar d'isso.

Tudo foi dispôr-se, como a gente diz, a bem morrer; morto já ás paixões humanas!

Desenganada a condessa, pela sua parte, aproveitou-se das circumstancias para fazer bom uso do retiro em que ía ser obrigada a viver.

Não havia ella fundado um convento de freiras?

Que melhor consolação poderia desejar?

Ella propria o declarava.

— Não! dizia. Não me queixo, nem tenho de que queixar-me. Que melhor mercê poderia conceder-me a providencia divina?

Havia entre aquellas religiosas algumas de singular virtude.

Suavemente converteram n'uma existencia dulcissima, por suas conversações, as tristezas d'aquella vida.

Á medida que o conde-duque diligenciava esquecer-se do mundo, ía ficando mais tranquillo.

Ensaiou vida nova.

Distribuiu as horas da maneira seguinte, para regular devidamente o dia:

De manhã, ouvir missa.

E, n'isto, a manhã quasi inteira...

Missas sobre missas, no convento das freiras...

Missa calada, baixa, rezada, recitando-se as orações com entranhada devoção; missa ao amanhecer, a chamada primeira, logo ao ser dia; missas votivas, que o sacerdote ás vezes dizia fóra da ordem do calendario, por alguma intenção especial...

Diz-se que ouvil-as não gasta tempo.

Assim será.

A verdade, porém, é que elle levava-o, todo, n'isso, até á hora de ir jantar; jantava cedo sempre.

Em seguida, entretinha-se duas horas commigo e com os creados de sua mais particular affeição.

Jogavamos a espada.

Conversavamos.

Entretinhamos-nos conforme podiamos. Elle, ás vezes, ria.

Depois, retirando-se para o seu gabinete, calado, sósinho, ahi se deixava estar até ao pôr do sol.

Pela fresca, ia para o jardim, de umas vezes; de outras dava um passeio de carruagem.

N'uns dias, acompanhava-o o confessor.

N'outros, eu.

De uma occasião em que iamos sós, e em que eu admirava a serenidade do seu semblante:

— Dá vossa excellencia licença que eu lhe diga uma cousa? perguntei-lhe.

É da minha alegria que nasce o que vou dizer, meu senhor.

Ao vêr o ar de satisfação que vossa excellencia mostra, estou propenso a crer que já se vae familiarisando com a solidão!?

— É assim; é!

Vou-me costumando! respondeu-me elle.

É-me indifferente agora procurar patria e morada aqui ou além.

Já me andava cançando a lida.

Aquelle pelejar constante para conseguir, e para não perder...

Que de luctas!

Acredita n'isto: de dia para dia vou creando maior amor á vida suave e pacifica, que estou gosando aqui!

CAPITULO XI

EXTRAORDINARIA PRIMEZA DO CONDE DUQUE, E NO QUE ISSO VEIO A DAR

ENTRETINHA-SE tambem o conde-duque, por não deixar de fazer alguma cousa, em cultivar o seu jardim.

Disse-me n'um dia, alegremente, estando eu a vêl-o trabalhar.

— Que te parece, Santilhana?

Aqui tens um ministro desterrado da côrte...

Ministro, emigrado em Loeches!

Ministro, hortelão!

Que é, o que eu sou, meu rico, uma personagem banida, e reduzida a ser jardineiro!

Respondi-lhe eu no mesmo tom:

—A mim figura-se-me estar a vêr, Dionysio Syracusano!

O grande Dionysio!

É como se o estivesse contemplando a ensinar a ler e a escrever as creanças em Corintho.

Tambem elle dictara leis!

Esse, da Syracusa!

Na Sicilia, que homem não foi aquelle, tambem!

O conde-duque riu-se da minha resposta.

Mas, percebi que a comparação lhe não desagradava.

Pudera!

Não é Dionysio, qualquer!

Estava contentissima a familia toda, apesar dos acontecimentos não nos irem de feição.

E, não só contente, mas admirada, de vêr o conde, tão superior ás desgraças que o opprimiam, comprazendo-se n'uma vida tão differente da que havia tido sempre.

Ia, n'isso, para o seu modo de vêr, o unico, o verdadeiro encanto.

A variedade!

Principiamos, logo depois, porém, a observar n'elle uma grande mudança subita.

A alegria foi a fugir, de repente.

Augmentava, de dia em dia, singular differença n'aquelle animo, que tão seguro affectára estar.

Principiou a assaltar-nos uma grandissima inquietação.

Vimol-o taciturno...

Pensativo...

Como que absorto em melancholia profunda e irremediavel.

Nada o entretinha já.

Não havia causar-lhe impressão, fôsse o que fôsse que dissessemos para o alegrarmos.

Já não conversava comnosco.

Já nem ria, por mais que ouvisse alguma cousa gracejadora e engraçada: em acabando de jantar, ia para o seu quarto, e ficava alli, sósinho, até á noite.

Ainda chegou a afigurar-se-nos, que, pudesse nascer, aquella tristeza, de se recordar da grandeza antiga.

A amarga lembrança dos bens de outro tempo; as saudades, enteadas do engano; o recordar saudoso, da felicidade, que se esvahiu!

Com o pensarmos n'isto, deixavamos o conde-duque sósinho por um pouco de tempo. Mandavamos-lhe então para lá, o padre dominicano.

Que se entendesse com elle, conforme pudesse!

Debalde. Nem a eloquencia do frade poude triumphar da melancholia do conde-duque; em vez de diminuir, augmentava de dia para dia, aquella tristeza dilacerante.

O povo tem uma phrase para isso:

— Desgostos a mais!

A mais d'aquelles com que uma pessoa possa.

Lembrou-me, que, aquelle estado, derivasse d'algum pesar occulto.

Culpas secretas... O erro, quasi crime ás vezes, que se não queira confessar, e que elle timbrasse em calar como segredo vergonhoso...

Ou, que o não fôra, de causar vergonha, mas, de uns, que ninguem ousa manifestar a outrem.

Foi o que me deu a idéa de lhe arrancar, do que elle não quizesse divulgar, a communicação importante e suspirada. Era difficil conseguil-o.

E, então, d'elle! Se tinha o proposito firme de não dar som de si, baldadas seriam as curiosidades e pesquisas.

Sabia,—se sabia!—que, a quem disseste teu segredo, fizestel-o senhor de ti! Seria isso, o que o obrigava a calar-se?

Esperei; fui sempre esperando: sempre, como que a lembrar-me, tambem, de que se diz que teu amigo é trefo, se te encobre seu segredo.

Quando chegou o momento de lhe falar sem testemunhas:

—Senhor, disse-lhe, respeitosa e carinhosamente, quererá vossa excellencia permittir-me que eu me atreva a uma pergunta?

—O que quizeres, meu pesquisador.

O que vem a ser? Indaga. Faze o teu interrogatorio!

Dize! Quem pergunta não erra.

—O que foi feito da alegria, em que vossa excellencia andava?

Perderia, porventura, o poder que havia ganho, de saber dominar a sorte, mitigando e abrandando as tristezas!?

Dar-se-ha o caso, de que seja a idéa de irremediavel desgraça, que excite a inquietação em que o vemos?

Piedoso Deus! Quererá vossa excellencia, submergir-se de novo no abysmo de amarguras, de que, por seu valor, soube libertar-se?

—Não! respondeu o ministro. Graças a Deus, não!

A recordação do papel importante em que figurei, como um representante de palco, no theatro da côrte, não me atormenta.

Esqueci tudo.

Esqueci, principalmente, os favores que alli me dispensavam; demonstrações, mais ou menos sinceras, mas, dôces. As lisonjas, os mimos, adulações e complacencias. Pois, até d'isso me esqueci!

Ajoelhei-me deante d'elle.

—Que segredo? Que pesar o devora?

Quererá, vossa excellencia, fazer d'isso um mysterio para o Santilhana?

—Pois bem! Vivo n'um estado de languidez e desassocego.

Vejo, a cada instante, phantasmas, espectros... Formas vagas, medonhas, que se levantam deante de mim.

Diligenceio, quanto posso, persuadir-me de que sejam sonhos acordados... Mais phantasma, menos phantasma...

Visões. Tudo visões... Atormenta-me o demonio n'alma, com cousas que me mostra. Perturbam-me, amedrontam-me, exasperam-me, essas apparições. Bem sei que não é verdade, que não póde ser, que é, tudo,

pesadêlo, aquillo! Tenho a cabeça em soffrivel estado ainda, creio eu. Sei que não estou vendo o que se me figura vêr. Entretanto, por um estado de fraqueza exotico, a visão põe-me confuso de medo e de pavor.

Obrigaste-me a confiar-te isto, accrescentou: faze agora idéa, se eu tenho razão para esconder, de todos, o verdadeiro motivo da minha melancholia!

Escutei, aterrado e attonito, aquella singular narrativa.

Vi, que estava doente, o conde-duque, vi que estava um pouco louco.

—Senhor, disse eu ao ministro, quem sabe se tudo isso provém de vossa excellencia se alimentar tão pouco?

Um homem precisa nutrir-se, prover-se dos alimentos indispensaveis á vida. E vossa excellencia não come quasi nada!

—Já sei, respondeu-me. Para experimentar se o mal viria d'ahi, ha uns poucos de dias que estou comendo mais do que costumava. É inutil, porém. O phantasma não se esvae.

—Ha de desapparecer! repliquei eu, para o consolar.

E se vossa excellencia quizesse distrahir-se, e continuasse a entreter-se, a conversar, a rir, a jogar, com os seus fieis creados, estou bem persuadido que não haveria de tardar muito que se visse livre do negrume d'essas apparições.

Poucos dias depois d'esta conversação cahiu doente o conde-duque.

Conhecendo elle mesmo que a doença era grave, mandou buscar dois tabelliães a Madrid.

Quiz fazer testamento.

Mandou chamar tambem tres medicos.

Tres professores, que costumavam ter a honra de tratar pessoas grandes, promettendo-lhes sempre fazerem-as viver. No derradeiro extremo da vida já nem d'elles se desconfia... Tres charlatães de muita presumpção, que haviam cobrado fama e dinheiro, pedanteando; e que, chamados sempre para vêr fidalgos, eram medicos ordinarios das casas ricas e das casas illustres, ordinarios a valer, de serem consultados por costume, e, tambem, porque o

seu talento nada tivesse de distincto: eram, porém, os melhores, e passavam por curarem, lá de uma vez ou outra, os seus doentes.

Quando constou no palacio da chegada d'estes figurões, não se ouviram senão ais e gemidos. Todos julgaram proxima a morte do amo. Tinham vindo os medicos acompanhados de um boticario e de um cirurgião. Executores ordinarios das ordens fataes. Deixaram primeiro entrar os tabelliães para fazerem o seu officio, e entraram elles depois para o rabisco. Como seguiam os principios do doutor Sangrado, logo á primeira consulta entraram a receitar sangrias. Seis dias depois haviam reduzido o conde-duque á ultima extremidade: no setimo livraram-o da visão.

A morte do ministro acordou viva e sincera dôr.

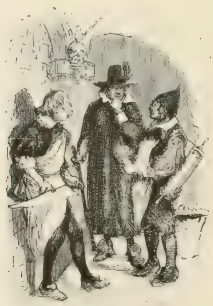
Choraram amargamente os seus creados; e, longe de se consolar de o perderem pelo que elle lhes deixasse no testamento, não houve, um só, que, de bom grado, não fôsse capaz de renunciar voluntariamente o legado que lhe pertencia, pelo gôsto, que teria, se pudesse restituir-lhe a vida.

Amava-o eu mais do que todos.

Sympathia de homem para homem, inclinação e admiração pelas suas qualidades e pelo seu talento.

Ninguem mais sentiu a morte d'elle do que eu.

Quasi não sei se a Antonia me custou mais lagrimas do que o conde-duque.



CAPITULO XII

DO QUE SE PASSOU NO PALACIO DE LOECHES DEPOIS DA MORTE DO CONDE-DUQUE: RESOLUÇÃO QUE TOMOU GIL BRAZ

Conforme a determinação do ministro, foi elle enterrado sem ostentação nem pompa, no convento das religiosas.

Acompanharam-o os nossos ais.

A condessa de Olivares, depois do enterro, mandou fazer leitura do testamento.

Foi aberto e lido deante dos creados.

Todos foram contemplados nas disposições do que elle testou.

Cada um com o seu legado, conforme o logar que desempenhavam.

O minimo foi de dois mil escudos.

Coube-me a mim o maior.

Sua excellencia deixou-me dez mil dobrões, como um testemunho da affeição que me concedia.

Não se esqueceu dos hospitaes.

Doou, largamente, uns poucos de conventos.

Por essa occasião, mandou a condessa de Olivares todos os creados a Madrid para receberem os legados.

Era o procurador D. Ramon Caporis quem tinha ordem de os embolsar, do que coubesse a cada um.

Não pude eu ir com os outros. Enfermei de repente.

Manifestou-se o achaque pela febre, originada por aquelle desgosto, e durante sete ou oito dias para alli estive no palacio sem poder mexer-me.

O frade de S. Domingos, em todo esse tempo, não se apartou nunca de junto da cabeceira de meu leito.

Queria-me bem.

Interessando-se em que a minha carreira se não estragasse, e que a ruim fortuna me não deitasse tudo a perder, perguntou-me, tão depressa me viu melhor, quaes eram as minhas idéas, e que tenciomava eu fazer.

—Não sei ainda, reverendo padre, não sei ainda o que farei, respondi.

Não estou bem em mim por emquanto.

Ha momentos em que me sinto meio tentado a recolher-me n'um convento.

Uma simples cella...

Fazer penitencia dos meus peccados...

E quiéto!

—Momentos preciosos são esses! exclamou o frade.

O que faria de bem, senhor de Santilhana, se lhes aproveitasse a inspiração!

Quer um conselho?

Entre para o nosso convento de Madrid.

Não deixa por isso de ser secular.

Mas, recolha-se alli.

É conselho de amigo.

Mediante algumas doações piedosas dos seus bens, póde expiar os estravios de uma vida occupada em prazeres e trafegos mundanos. Quantas pessoas ha, que assim têem terminado suavemente os seus dias.

Na disposição em que eu me encontrava, não levei a mal o conselho do religioso.

Respondi a sua reverendissima, que eu pensaria com o vagar requerido; que me désse tempo para refleccionar.

Pelas duvidas, fui consultar o Scipião, para vêr o que elle me dizia.

Encontrei-o, quando acabava de estar com o padre, e aproveitei o ensejo de falar-lhe d'isso.

Oppoz-se vigorosamente.

Ficou espantado d'aquella idéa.

Olhou-me de observação, e como que desconfiado de que eu estivesse doido.

— É possivel, senhor de Santilhana!? disse-me elle.

N'um convento, para que!? Olhem, que designio celebrorio!

E então a quinta de Liria?

Pois não será isso tambem retiro?

E, com a breca, não será mais agradavel?

Tanto se namorou em tempos d'aquella vivenda, como se n'ella se vissem as virtudes da terra e a morada de Deus!

Pois maior razão para a estimar, agora, que se encontra em edade adequada de dar apreço aos attractivos da natureza.

Não lhe custou muito, ao filho da Coscolina fazer-me mudar de opinião.

— Amigo! disse-lhe eu. Quem póde és tu.

Já estou sem fazer caso do que me disse o padre.

Tu é que dizes bem.

É positivo.

O melhor é ir para a quinta. Não ha mais que falar sobre isto. Caso decidido. É irmos para Liria.

Espera-se mais um pouco, para que o estado da minha saude permitta que eu me ponha a caminho, o que não póde tardar muito.

A febre já me deixou, e a jornada não é estirada. Está isto, quasi, prompto.

Mais dois dias, e toca a andar por ahi fóra; fica certo!

Partimos para Madrid, effectivamente, d'alli a uns dias, Scipião e eu.

Já então Madrid não me alegrou tanto como me alegrára n'outro tempo.

Bastava-me a idéa de que n'aquella terra toda a gente detestava o ministro de quem eu guardava lembrança tão fagueira para não poder olhal-a com agrado. Não parei alli, mais que uma semana.

E, isso mesmo, foi porque o Scipião precisava dispôr as cousas methodicamente para irmos para Liria sem que lá nos faltasse cousa alguma.

Emquanto elle cuidava d'isso, fui-me eu á cata do Caporis.

Cheguei lá, fiz-lhe os meus cumprimentos, e annunciei-lhe que alli ia com o fim de receber o legado. De prompto m'o satisfez.

Dobrões excellentes, a que não havia nada que dizer.

Do mesmo modo procedi para com as thesourarias, onde tivesse dinheiro.

Expliquei-me com os que tinham os cofres a seu cargo, sobre qual fôsse a melhor maneira de ir recebendo os pagamentos. Tratei das minhas cousas, emfim. Puz, como se chama, os negocios, a direito.

Depois, na vespera da partida, perguntei ao filho da Coscolina:

—Olha lá, ó Scipião, despediste-te de D. Henrique?

—Sim, senhor; respondeu-me.

Separámos-nos esta manhã, como bons amigos.

Disse-me, por signal, que sentia bastante que eu o deixasse.

Era preciso, porém; chegára o momento. Não havia outro remedio. Se elle estava contente commigo, eu é que... não o estava não, com elle.

Meu rico, digâmos a verdade, não basta que o creado agrade ao amo...

É preciso tambem que o amo agrade ao creado.

— O papel, que elle faz na côrte, é triste. Pelas ruas apontam-o a dedo, para o desprezarem por maneira que dê na vista. Tudo é chamarem-lhe o filho da genoveza, em lembrança da catita, airosa e bella, que vivia em Madrid do que os amores lhe rendessem.

A Margarida! A Spinola! A do alcaide velho! A genoveza, emfim! Eu já andava de birra com isso. O senhor gostaria? Por mim, não gosto.

Pessoa, que tenha vergonha, não se presta a servir quem não tiver d'isso.

Por fim, sahimos de Madrid, n'uma manhã, ao romper do dia, e seguimos pela estrada de Cuenca. Fez-se a jornada por esta maneira:

O confidente e eu n'uma caleça de duas mulas, e o competente caleceiro. Atraz: tres machos com roupa e dinheiro, guiados por dois moços.

Ainda em seguida a isso, dois lacaios robustos, escolhidos pelo Scipião, montados em duas bellas mulas, e armados, como diz o outro, até aos dentes!

Os moços, levavam cada um a sua espada, e o caleceiro um par de pistolas no arção da sella. Como eramos sete homens, e, seis, dos mais valentes e resolutos, puz-me a caminho sem susto de ser roubado.

Quando passavamos por algum logarejo, o tenir dos guizos e das campainhas dos machos faziam correr o povo ás portas para vêr passar este acompanhamento, que lhes parecia dever ser, pelo menos, o de algum grande de Hespanha, que fôsse de governador para qualquer cidade.

CAPITULO XIII

GIL BRAZ NO CASAL OUTRA VEZ; ALEGRIA QUE TEVE DE JÁ ENCONTRAR CRESCIDA A SUA AFILHADA SERAFINA; GIL BRAZ NAMORADO

QUINZE dias gastei para chegar a Liria.

Não tinha pressa.

E depois, estimava fazer a jornada com socego, e, como se diz, com o rosto ao oriente. Tudo correu bem.

Quando avistei, porém, a minha casa, entristeci.

Lembrei-me da Antoninha.

Fiz por distrahir-me, entretendo a imaginação com cousas que me alegrassem.

Não foi difficil isso.

Vinte annos havia já que ella me morrêra. O tempo cura o enfermo: — a maior força do meu sentimento estava extincta.

Quando entrei na quinta, vieram pressurosas, a Beatriz e a filha, a Serafina, dar-me os bons dias.

Largaram em tantos abraços, o pae, a mãe, e a filha, que pareciam apostados a qual houvesse de apertar-me mais ao peito.

Passado isso, olhei com attenção para a minha afilhada.

E disse-lhe:

— Ó pequenêta, és, porventura, tu, aquella Serafina que eu deixei no berço, quando me fui embora de Liria?

Estou pasmado.

Tão bonita!

Tão crescida!

Agora, vamos a saber, ó senhora mãe, vae ser presiso casal-a!

A afilhada, a sorrir-se:

— Ai! meu padrinho! exclamou. Que idéa é essa!? Ainda mal me viu, e já está a pensar em me atirar para longe...!

— Não, querida, respondi.

Não se trata de te afastar.

Dar-te marido, não é querer-te a uma grande distancia.

Tudo está, no consentir, em viver comnosco, quem te quizer para noiva.

A Beatriz:

— Ha um, disse, que pretende a menina como quem deseje fazer voar ao céo um globo! E está no caso. É cavalheiro d'estes sitios.

Por occasião da missa na egreja do logar, viu a Serafina e namorou-se d'ella.

Já por cá tem apparecido, mostrando-se inopinadamente.

Declarou-me as suas intenções.

Pediu-me muito, que lhe désse o meu consentimento..

— «Eu, o que tenho com isso?! returqui. Não é necessaria licença minha, creio eu.

A Serafina depende do pae e do padrinho.

São os unicos que podem dispôr da sua mão. Quem a requeste, quem a solicite, tem de pedir-lh'a a elles.

O mais que eu posso fazer, como mãe, é informal-os do favor que o senhor faz á minha filha na diligencia que mostra de a alcançar.

É que estava já para lhe escrever.

Uma vez que os vejo, melhor é.

Vocemecês determinarão o que haja de responder-se.

O Scipião, com grandes ares ponderativos:

—Que fidalgo é esse?

É dos da suecia, tafues pomposos?

É como quasi todos?

Inchado da nobreza imaginaria do nascimento, e a fazer-se amo com os plebeus?

—Nada d'isso, respondeu Beatriz.

É moço muito affavel.

Urbano e attencioso com todos.

E bem parecido!...

Lindo mocetão!

Um bello homem, vamos, vae nos trinta annos. Nem rapazête, nem rapazóla!

—O retrato é bom, disse eu á Beatriz.

E o nome?

—D. João de Antella, respondeu a mulher do Scipião.

Herdou do pae ha pouco tempo, um bem bom senhorio de predios rusticos.

É fazendeiro.

Tem terras suas, bem tratadas, e de grande extensão. Umas poucas de courelas separadas. Algumas ainda d'aqui se avistam.

E boas. Montado, pastagem, terras lavradias.

Ficam a uma legua quasi do sitio.

Vive em companhia de uma irmã ainda menina.

—Já sei.

Tenho ouvido citar, ouvi falar muitas vezes n'outro tempo da familia d'esse fidalgo.

É uma das mais nobres do reino de Valencia.

O Scipião a dar geitos ao corpo.

—Isso, é o que eu aprecio menos.

A fidalguia!

O que se quer, e o que merece estimação verdadeira, é quem tenha qualidades solidas.

Se fôr homem de bem, poderá convir-nos, esse D. João.

Se não, não.

—Fama de homem muito capaz, tem elle, disse Serafina entremettendo-se na conversação.

Toda a gente em Liria o conhece.

Toda a gente o gaba.

Quando ouvi a minha afilhada dizer-me aquellas cousas, sorri-me disfarçadamente para o pae.

Tal qual como eu, conheceu elle, logo, que o galanteador era do agrado da pequena.

Pouco depois do cavalheiro saber da nossa chegada, e passados apenas dois dias, apresentou-se na quinta.

Boas maneiras tinha.

Longe de desmentir pela sua presença as informações que Beatriz nos dera, confirmou-nos na opinião de que estivessemos tratando com um homem conceituado e de quem devessem esperar-se grandes cousas.

Disse que ia a nossa casa apresentar-nos os seus cumprimentos.

Recebemol-o com a maior attenção e o melhor agrado.

Simples cerimonia, todavia.

Cumprimentos reciprocos.

Etiqueta amavel.

Do seu amor por Serafina, nem palavra.

Retirou-se o D. João pedindo-nos licença para repetir as suas visitas.

Dizia elle que com isso aproveitaria uma vizinhança em tanta maneira agradavel.

Elle a ir-se embora e a Beatriz a perguntar-nos que tal nos havia parecido o fidalgo.

— Muito bem! respondemos.

É sympathico.

Tem ar de bom rapaz.

Que melhor poderia querer a Serafina?

No dia immediato, depois de jantar, sahi com o filho da Coscolina para irmos pagar a visita, que deviamos, ao conquistador.

Tomamos pela estrada, que ia direita ao logar onde elle vivia, guiados por um aldeão que nos disse haver caminhado tres quartos de legua:

— Aquella é a quinta de D. João de Antella.

Percorremos com a vista todos aquelles campos sem vermos quinta nem herdade.

Por fim, quando a avistámos no sopé de um monte, mettida entre arvoredo, dissemos logo:

— Ella alli!

Tinha um ar de ruinas.

Moradia nobre, de opulencia antiga, cahida em miseria.

Uma vez lá dentro a determinação do edificio, era compensada pela elegancia da mobilia que guarnecia e adornava a casa.

Recebeu-nos D. João n'uma sala grande e de bom adereço; e ahi nos apresentou a uma senhora, que disse ser sua irmã Dorothea.

Menina, de dezenove a vinte annos.

Vestida com grande elegancia, como se estivesse á espera da nossa visita e caprichasse em nos parecer bem.

Acordou-me uma impressão muito semelhante á que me havia despertado a Antoninha.

Fiquei perturbado.

Soube, porém, dissimular ao ponto, que nem sequer o Scipião chegou a dar por isso.

Conversámos, como na vespera, a respeito do grande gôsto, perfeitamente reciproco, que teriamos em convivermos como bons vizinhos.

Nem se falou de Serafina, nem nos atrevemos a dizer qualquer cousa que pudesse dar-lhe motivo a elle de declarar o seu amor.

O que tivesse de chegar, viria.

De quando em quando, durante a conversação, iam-se-me os olhos para Dorothea, e todavia olhava para ella, o menos vezes que podia.

Quando as nossas vistas se encontravam, era como se outras tantas flechas viessem ferir-me o coração.

Ella não era perfeitamente bonita.

Branca, sim, e de beiços mais vermelhos que as rosas, mas o nariz era um boccadinho largo e os olhos eram pequenos.

Entretanto eu gostava d'ella.

O caso é esse.

Gostava d'ella.

— Que é lá isso, ó meu amo? disse-me o Scipião olhando para mim, pasmado.

A mana d'este cavalheiro, a modo que...

Temos amores?

— Estou namorado, sim.

Então o que queres, estou namorado.

Quantas mulheres bonitas tenho visto desde que morreu a Antonia, sem querer saber de nenhuma?

Vou para velho e sinto-me namorado sem poder resistir a isto.

O filho da Coscolina:

- - Isso é que é bom.

O que o meu amigo deve, é celebrar essa aventura.

Queixar-se!?

Queixar-se de quê?

Essa edade ainda não é de todo má.

Não ha ridiculo por emquanto em um homem gostar de uma mulher; não o maltratou ainda bastante o tempo, no grau de tirar-lhe de todo a esperança de poder agradar.

Creia no que lhe digo.

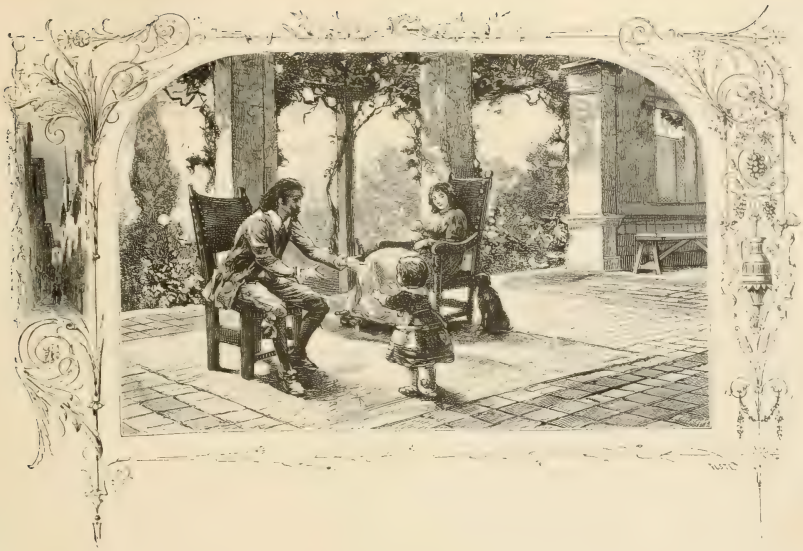
A primeira vez que vir o D. João, peça-lhe a irmã.

Não tenha medo que elle a negue a um homem no seu caso.

Grande fidalgo que elle pretendesse, que mais poderia querer?

Basta o fôro de fidalguia, que el-rei lhe deu, para serem tambem fidalgos os seus filhos.

O tempo, para isso, é tudo. Em essa historia se embrulhando no véo espesso, que cobre a origem das familias, a descendencia dos Santilhanas virá a dar, d'aqui a quatro ou cinco gerações, n'uma das mais illustres.



CAPITULO XIV

FODAS NA QUINTA DE LIRIA' FIM DA HISTORIA DE GIL BRAZ DE SANTILHANA

FEZ-ME crear animo o Scipião para requestar Dorothea, sem pensar sequer que me expuzesse a uma recusa.

Um boccado depois, todavia, sempre crcei certo receio. Não obstante parecer eu mais moço do que era, e dar-me toda a gente dez annos menos do que eu tinha, nem por isso deixava de desconfiar de mim tratando-se de agradar ainda a uma mulher moça e bonita.

Apesar de tudo, resolvi correr-lhe os riscos e pedil-a em casamento ao irmão na primeira vez que nos vissemos.

O melhor é que elle, da sua parte, não estava tambem muito seguro de poder dispôr da minha afilhada.

Acabava eu de me vestir, quando, no dia immediato, elle me appareceu na quinta.

— Senhor de Santilhana, disse-me, venho hoje a Liria para tratarmos de um assumpto sério.

Pedi-lhe que entrasse para o meu gabinete.

Elle principiou logo:

— Creio, disse-me, que não lhe será extranho o negocio que aqui me traz. Quero muito a Serafina, e tudo que não seja aspirar á sua mão, tanto monta como se não tivesse vontade. O senhor de Santilhana é quem tudo póde para com o pae d'ella. Venho rogar-lhe um favor.

É o de dignar-se favorecer a minha pretenção, a fim de que eu logre alcançar o objecto do meu amor.

Desejo dever-lhe a felicidade da minha vida.

— Meu caro D. João, respondi-lhe eu, assim como o meu amigo foi direito ao ponto principal, não extranhe que eu imite o seu exemplo.

Pelo que respeita a prometter-lhe os meus bons officios para com o pae da minha afilhada, isso, fica dicto e ajustado. Tem a minha palavra.

Queira, da mesma maneira, dar-me licença de que eu implore a boa disposição do seu valimento em meu favor, para com sua irmã e minha senhora.

— Ai! exclamou elle.

É possivel que a Dorothea á primeira vista conquistasse de tão prompto o seu coração?

— É assim que a gente se namora, meu amigo, returqui.

Namorei-me d'ella, e julgar-me-hei o mais feliz dos homens se fôr acceita a minha solicitação de pretendente.

— Póde estar seguro d'isso, replicou elle.

Não é fidalgo, como nós, mas estimamos a sua alliança.

— É-me agradavel ouvir-lhe isso, disse eu.

Bom é que não tenha difficuldade em acceitar por cunhado um plebeu.

Dá n'isso prova que tem juizo.

Quero, porém, dizer-lhe, que ainda quando mesmo a sua vaidade o induzisse a não consentir, que sua irmã désse a sua mão a quem não fôsse nobre, eu poderia talvez satisfazer, n'essa parte, as suas exigencias.

Vinte annos trabalhei no gabinete do ministro, e el-rei agraciou-me com uma carta de fôro, que vou ter o gôsto de mostrar-lhe, significando por essa maneira o haver querido recompensar os meus serviços.

Dizendo isto, tirei os diplomas de uma gaveta onde os tinha guardado e entreguei-os ao fidalgo que, attentamente, os leu com ar de grande satisfação.

— Perfeitamente, disse elle, entregando-me os papeis; Dorothea é sua.

— E Serafina sua vae ser.

Assim ficaram determinados estes dois casamentos, restando apenas saber se as noivas dariam o seu consentimento: porque nem D. João nem eu quereriamos alcançal-as contra vontade d'ellas.

Voltou o fidalgo para a quinta de Antella, com o fim de propôr o meu casamento a sua irmã.

Por minha parte chamei o Scipião, a Beatriz, e a minha afilhada, para lhes participar a conversação, que tivera com D. João.

Foi Beatriz do parecer de que se désse desde logo o consentimento; e Serafina, calando-se, foi como se dissesse pelo seu silencio que o mesmo que sua mãe pensava, pensava ella tambem.

O pae foi do mesmo voto; mostrando apenas algum receio de que o dote que lhe parecia necessario dar, não correspondesse ao que melhor conviria a um fidalgo como aquelle, que, de mais a mais, tinha uma propriedade rural precisadissima de grandes reformas.

Fechei a bôcca ao Scipião com o dizer-lhe que isso ficava por minha conta.

— Deixa. Isso é commigo. Quatro mil dobrões offereço, de dote, á minha afilhada.

Fui n'aquella mesma tarde procurar D. João.

— O pedido do meu amigo foi acceito com a maior alegria, desejo que o meu se ache em bom caminho.

— Não póde ir melhor.

Não me foi preciso usar de auctoridade para obter o consentimento de Dorothea. Engraça comsigo verdadeiramente.

Receava o meu amigo não ser do gôsto d'ella, e, ella, com maior razão se teme de que não tendo para offerecer-lhe senão o seu coração e a sua mão...

— E que mais poderia eu desejar?

Que mais devo querer? exclamei eu com alegria. Uma vez que a encantadora Dorothea se presta a unir a sua sorte á minha, nada mais peço.

Sou bastante rico para casar sem ter a mira no dote; e, para ser feliz, basta-me tel-a por mulher.

Ficámos, D. João e eu, por egual contentes do bem que as cousas haviam caminhado. Resolvêmos dispensar nas cerimonias a parte superflua.

Para que, e de que servem as formulas ostentosas a que se apegam os tontos e os vaidosos do mundo? Uma vez ajustado, uma vez decidido o casamento, toda a graça era a de não retardar as bodas.

Meu futuro cunhado entendeu-se com os paes de Serafina; ficaram estabelecidas todas as condições, e, uma vez feita a regulamentação do matrimonio, muita festa para a festa, abraço cá, abraço lá, despediu-se o homem de nós, promettendo voltar no dia immediato em companhia de sua irmã Dorothea.

O meu grande empenho foi parecer-lhe bem a ella.

Gastei mais de tres horas a arranjar-me.

Lavagens e mais lavagens, e toca a pentear-me a capricho, e a escolher o fato que me ficasse melhor; vestia, despia, punha, tirava...

Nunca houve Adonis em tanta maneira meticuloso para ficar gentil.

E mesmo assim, nem por isso fiquei a meu gôsto.

Não estava mal. Poderia dizer com afoiteza que estava soffrivel.

Entretanto... eu mesmo o conhecia, — faltava alli alguma cousa.

Não fiquei satisfeito com a minha figura, e, era o mesmo empenho ex-

cessivo, em que eu estava, pela minha esbelteza, o que n'aquella hora me prejudicou.

Ai vida!

O que faltava era a mocidade.

O tempo que se gasta a amar e a enfeitar-se a gente para ir vêr uma amante ou uma namorada, é prazer e delicia para quem é moço.

Nem ha cousa que mais entretenha.

Quando, porém, já se vae para velho... Ai, ai! É uma occupação; é um trabalho sério, que rala um homem.

Fui todavia mais feliz, do que merecia.

E não só do que merecia, porém, do que eu esperava.

Com que amavel carinho, com que doçura, com que meiguice extrema de dedicação e de sympathia, me tratou a irmã de D. João!

Ia ficando tolo, de desvanecimento. Julguei-me um heroe irresistivel.

Conversámos largamente, encantado eu do caracter e do juizo d'ella.

Entrei na persuasão de que pelo bem que a tratasse, pela ternura que lhe désse, viria a merecer que ella me quizesse deveras muito.

Todo eu era esperança. Não havia na minha alma senão alegrias.

Mandei buscar a Valencia dois tabelliães.

Queriam-se aquellas duas escripturas lavradas a preceito e o melhor que desde que o mundo é mundo houvessem sido lavradas escripturas nupciaes.

Concluidos esses preliminares, recorri ao parocho de Paterna.

Veiu a Liria esse bom padre e casou-nos, ao D. João e a mim, muito bem casados.

Pela segunda vez accendi o facho do hymeneu e não tive nunca motivos para me arrepender. Dorothea, de um natural meiguissimo e dotada de qualidades sãs e solidas, era propriamente uma mulher virtuosa.

Para ella, coitada, não havia maior gôsto do que cumprir a sua obrigação.

Tinha acima de tudo o sentimento do dever.

Uma mulher séria.

E, como eu lhe adivinhava os desejos e fazia quanto podia para lhe agradar, gostava de mim como se eu fôra moço ainda.

D. João e a minha afilhada ardiam de amores um pelo outro, e o mais curioso foi, que as duas cunhadas travaram logo tambem estreita e sincera amizade.

Meu cunhado era muito bom rapaz. Vim a ser grandemente amigo d'elle, e é justo dizer que nunca se me mostrou ingrato.

Davamo'-nos tão bem e era tão intima a união fraternal que reinava entre nós, que, de cada vez que nos despediamos, á noite, para nos tornarmos a vêr no dia immediato, causava-nos saudades aquella separação.

Foi isso que nos determinou a formar das duas familias uma só, e vivermos sempre juntos, de umas vezes na quinta de Liria, de outras na de Antella, onde, para este fim, fizemos grandes melhoramentos, mercê dos bellos dobrões de sua excellencia.

Ha já tres annos, leitor amigo, que passo uma vida deliciosa na companhia d'estas pessoas queridas.

Vivo contente.

Por que tudo me esteja correndo excellentemente, até o céo houve por bem presentear-me com dois filhos, e, educal-os, vae ser o entretimento da minha velhice.

INDEX

DO SEGUNDO TOMO

LIVRO SEXTO

CAPITULO I—Do que fizeram Gil Braz e os seus companheiros depois de se separarem do conde de Polan; do importante projecto que formou Antonio, e da maneira por que o executou 7

» II—Da deliberação que D. Affonso e Gil Braz tomaram depois d'esta aventura 15

» III—Cumulo de alegria de D. Affonso; e de como o acaso valeu a Gil Braz 20

LIVRO SETIMO

CAPITULO I—Amores de Gil Braz com Lourença Sefora 27

» II—Do que succedeu a Gil Braz depois de sahir da casa de Leiva, e das felizes consequencias que tiveram seus malaventurados amores 33

» III—Gil Braz secretario do arcebispo de Granada e dispensador das graças episcopaes . . 40

» IV—Dá uma apoplexia no arcebispo.—Embaraço em que se encontra Gil Braz e de como elle se sae d'este lance critico 47

» V—Do partido que Gil Braz tomou logo que o arcebispo o despediu; como foi que, por acaso, se encontrou com o licenciado Garcia, e dos agradecimentos que este lhe deu 51

CAPITULO VI Vae Gil Braz vêr representar os comicos de Granada; da grande admiração em que ficou por certa actriz, e do que se passou entre elles 53
» VII Historia de Laura. 63
» VIII—Da maneira pela qual os comicos de Granada receberam Gil Braz 79
» IX—Do extraordinario homem com quem Gil Braz ceou n'aquella noite, e do que foi passado entre elles 84
» X—Da commissão de que o marquez de Marialva encarregou Gil Braz, e da maneira pela qual este fiel secretario se desempenhou d'ella 88
» XI—Da noticia que teve Gil Braz, e do golpe que lhe ella deu. 93
» XII—Vae Gil Braz alojar-se n'uma casa de hospedes onde toma conhecimento com o capitão Chinchilla; que qualidade de homem era este official, e a que havia elle ido a Madrid 97
» XIII—Encontra Gil Braz em Madrid o seu amigo Fabricio; da grande alegria de ambos; onde foram estes dois, e da curiosissima conversação d'elles. 106
» XIV—Accommoda Fabricio o seu amigo Gil Braz em casa do conde Galiano, nobre fidalgo da Sicilia 117
» XV—Em que foi que o conde Galiano empregou Gil Braz 122
» XVI—Do que aconteceu ao macaco do conde Galiano, e da grande magua que o fidalgo teve. Cae doente Gil Braz. O que então se passou 129

LIVRO OITAVO

CAPITULO I—Toma Gil Braz um conhecimento bom, e obtem um emprego, que o consola da ingratidão do conde Galiano; historia de D. Valerio de Luna 141
» II—E Gil Braz apresentado ao duque de Lerma, que o acceita para secretario, indicando-lhe o trabalho para que o destina, e ficando logo satisfeitissimo com elle 149
» III—Sabe Gil Braz que no seu emprego nem tudo são flores. Da inquietação que lhe dá uma tal noticia, e do comportamento que elle se vê obrigado a seguir. 155
» IV—Consegue Gil Braz que o duque de Lerma lhe confie um segredo de importancia . . 160
» V—Onde se vae vêr Gil Braz no cumulo da alegria, das honras e da miseria. 163
» VI—Porque modo deu Gil Braz a conhecer ao duque a miseria em que se achava; e de como se portou com este ministro 169
» VII—Em que empregou os mil e quinhentos ducados; primeiro negocio em que se metteu; proveito que tirou d'isso 176
» VIII Historia de D. Rogerio de Rada. 180
» IX—De como Gil Braz enriqueceu de repente, e dos ares de importancia que tomou . . 189
» X—Corrompem-se na côrte os costumes de Gil Braz; encargo que lhe deu o conde de Lemos; intriga em que os dois se envolveram 197
» XI—Visita secreta; presentes que o principe fez a Catharina 206
» XII—Quem era Catharina; perplexidade de Gil Braz; precauções que tomou 211
» XIII - Continua Gil Braz no seu papel de homem importante; chegam-lhe noticias da familia; desaguisado com o Fabricio 215

LIVRO NONO

CAPITULO I—Quer Scipião fazer o casamento a Gil Braz com a filha do seu afamado ourives; passos que para esse fim se deram 223

» II—Porque acaso se lembrou Gil Braz de D. Affonso de Leiva, e do serviço que por vaidade lhe prestou 229

» III—Dos preparativos que se fizeram para o casamento de Gil Braz, e do grande acontecimento que os inutilisou 233

» IV—Do modo por que Gil Braz foi tratado na torre de Segovia, e de como veiu a saber a causa da sua prisão 235

» V—Do que elle passou antes de adormecer, do ruido que o despertou 240

» VI—Historia de D. Gastão de Cogollos e de D. Helena de Galisteo 243

» VII—Vae Scipião vêr Gil Braz á torre de Segovia, e alli lhe dá muitas noticias. 253

» VIII—Da primeira viagem que fez Scipião a Madrid; doença de Gil Braz 255

» IX—Volta Scipião a Madrid; quaes as condições por que alcançou a liberdade de Gil Braz; onde foram os dois depois de sahirem da torre de Segovia. Conversação que tiveram 258

» X—Do que fizeram ao chegar a Madrid; quem foi que Gil Braz encontrou na rua, e do que a este encontro se seguiu 261

LIVRO DECIMO

CAPITULO I—Passa Gil Braz por Valladolid onde visita o seu antigo amo o doutor Sangrado, e casualmente se encontra com Manuel Ordonez, administrador do hospital. 269

» II Continúa Gil Braz a sua jornada e chega de saude a Oviedo; em que estado encontrou a familia; morte de seu pae. 275

» III—Toma Gil Braz o caminho de Valencia, e chega finalmente a Liria; descreve-se a sua quinta; de como foi lá recebido; que pessoas lá encontrou 282

» IV—Vae Gil Braz a Valencia visitar os senhores de Leiva; da conversação que com elles teve, e da maneira por que o acolheu D. Serafina 286

» V—Vae Gil Braz ao theatro; peça nova; o publico. 290

» VI—Passeando Gil Braz pelas ruas de Valencia, encontra um religioso que se lhe afigura ser seu conhecido; que sujeito era esse religioso 293

» VII—Regressa Gil Braz a sua quinta de Liria; da noticia agradavel que Scipião lhe deu, e da reforma que fizeram no pessoal menor 300

» VIII—Amores de Gil Braz e da linda Antonia 305

» IX—Casamento de Gil Braz com a Antoninha; os festejos 311

» X—Depois da boda; principio da historia de Scipião 314

» XI—Continúa a historia de Scipião. 320

» XII—Fim da historia de Scipião 432

LIVRO UNDECIMO

CAPITULO I De como Gil Braz teve a maior alegria de sua vida; contrariedade que sobreveiu; mudanças na côrte 335

» II — Vae Gil Braz para Madrid; vê o el-rei, e recommenda-o ao primeiro ministro 337

» III Porque não partiu; favor que lhe fez José Navarro 340

» IV — Conquista Gil Braz ser pessoa de confiança do Olivares 343

» V — Conversação secreta que teve Gil Braz com José Navarro; primeira missão que o conde de Olivares lhe deu 345

» VI Dos tresentos dobrões, e da incumbencia dada ao Scipião; a memoria 348

» VII — Em que estado tornou Gil Braz a encontrar o seu amigo Fabricio; conversação dos dois 351

» VIII — Volta Scipião de Madrid; que noticias traz 354

» IX Do casamento da filha do conde-duque 357

» X — Encontra Gil Braz casualmente o poeta Nuñes; vantagens de haver cahido n'uma peça que elle fizera 360

» XI — Consegue Santilhana empregar Scipião 363

» XII — Chega a Madrid D. Affonso de Leiva; angustias e alegrias de Gil Braz. 366

» XIII — Encontra Gil Braz no palacio D. Gastão de Cogollos e de D. André de Tordesillas; onde foram estes tres; fim da historia de D. Gastão e de D. Helena de Galisteo; que serviço prestou Santilhana a Tordesillas 369

» XIV — Gil Braz em casa do Nuñes 373

LIVRO DUODECIMO

CAPITULO I — Envia o ministro Gil Braz a Toledo 379

» II — Lucrecia em Madrid 384

» III — Namora-se el-rei da Lucrecia 387

» IV — Novo emprego de Santilhana 398

» V — É reconhecido o filho da genoveza, sob o nome de D. Henrique Philippe de Gusmão. 401

» VI — Scipião em casa de D. Henrique; casamento d'este 404

» VII — Torna Gil Braz a encontrar Fabricio; ultima conversação que tiveram, e conselho importante que o Nuñes deu ao Santilhana 410

» VIII — Sae certo o que o Fabricio disse; viagem de el-rei a Saragoça 416

» IX — Da revolução de Portugal; desgraça do conde-duque 422

» X — Cuidados do conde duque; socego que sobreveiu; vida nova 429

» XI — Extraordinaria tristeza do conde-duque, e no que isso veiu a dar 439

» XII — Do que se passou no palacio de Loeches depois da morte do conde-duque; resolução que tomou Gil Braz 445

» XIII — Gil Braz no casal, outra vez; alegria que teve de já encontrar crescida a sua afilhada Serafina; Gil Braz namorado 450

» XIV — Bodas na quinta de Liria; fim da historia de Gil Braz de Santilhana 457

COLLOCAÇÃO

DAS

OLEOGRAPHIAS

Não é isso o que digo, illustrissimo senhor! interrompi 49
Dictou o boticario uma receita, sempre a vêr-se ao espelho 131
Faz lá idéa! Não falam de outra cousa senão de nós! 170
E cahindo-lhe aos pés, banhado em lagrimas, lhe disse 174
Que é isso? que mal fiz eu? qual é o meu crime 183
Que o principe cahiu a seus pés como que louco de amor e de felicidade 208
Apresentou-me a sua mulher, a senhora Eugenia, e á menina Gabriella sua filha 226
Subiu commigo o principal d'elles, e disse ao cocheiro que seguisse pela estrada de Segovia 234
Seguimos para Madrid alegremente 259
Caminhou para nós com passo firme, e perguntou-nos o que pretendiamos 272
Offereci lhes a minha protecção e dei-lhes viate dobrõesitos 284
Repetiram-se successivos brindes á saude de ambos 313
Eu, disse o Scipião, seria filho de um grande de Hespanha de primeira classe 314
Ou os meus olhos se enganam ou eu estou a vêr o Fabricio 351
Que vejo eu! o céo cançado do excesso dos crimes d'estes dois malvados, entregou-os á justica da inquisição 380
Olá! olá seu Nuñes! vem da imprensa 410

SCIENCIAS LETRAS E ARTES
CASA EDITORA
LISBOA

PQ
1997
G6P7
1885
t.2

Le Sage, Alain René
Histoire de Gil Braz de
Santilhana

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

SCIENCIAS LETRAS E ARTES
CASA EDITORA
LISBOA